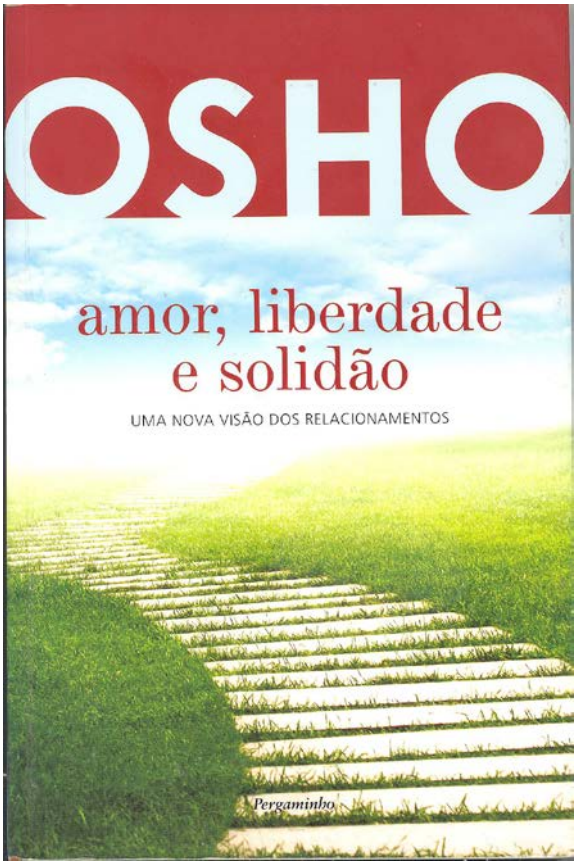

AMOR, LIBERDADE E SOLIDÃO

Uma Nova Visão dos Relacionamentos

SÍNTESE

Por que será que tantas pessoas vivem sozinhas hoje em dia? O modelo da família tradicional está a desfazer-se; os jovens iniciam a sua vida sexual cada vez mais cedo, metade dos casamentos no mundo ocidental acaba em divórcio. O que aconteceu ao amor? Ao longo destas páginas, Osho analisa o fenómeno do amor no Ocidente e explica como a crescente tendência para a solidão pode ser vista como um fator positivo no desenvolvimento espiritual. É bem sabido que as pessoas que são felizes sozinhas têm mais hipóteses de ser felizes num relacionamento. Quem não souber aprender a viver consigo mesmo e para si mesmo, não será capaz de encontrar a felicidade com outra pessoa. Com o estilo mordaz que o carateriza, Osho oferece, neste livro, um guia sensato e divertido para encontrar o amor na complexidade da vida moderna

Reptiliano Grey

Digitalizado e Adaptado

OSHO

Amor, Liberdade e Solidão

Uma Nova Visão dos Relacionamentos

Índice

Prefácio

PARTE UM - Amor

Capítulo 1 - Amorzinho

Capítulo 2 - Real e Irreal - O Primeiro Passo

Capítulo 3 - As Virtudes do Egoísmo

Capítulo 4 - Preso a Nada

QUESTÕES

- Amor-Próprio e Orgulho Egoísta

- Amor Doloroso

- Conhece-te a Ti Mesmo e Ama-te a Ti Mesmo

- Amar Melhor

PARTE DOIS - Da Relação à Ligação

Capítulo 5 - A Lua-de-Mel sem Fim

Capítulo 6 - Do Desejo de Amar ao Amar

Capítulo 7 - Mas Que Haja Espaços...

Capítulo 8 - O *Koan* da Relação

QUESTÕES

- O Amor É Um Jogo

- O Amor Não Pode Ser Ensinado

- Diferença entre Gostar e Amar

- O Amor É Compromisso

- O Amor Tem de se Erguer do Desejo

- Seja Verdadeiro no Amor

- Quanto Mais Distantes se Encontram, Mais Atraentes se Tornam

PARTE TRÊS - Liberdade

Capítulo 9 - Tábua Rasa

Capítulo 10 - A Escravidão Básica

Capítulo 11 - Cuidado com os Papas

Capítulo 12 - Existe Vida Depois do Sexo?

Capítulo 13 - É Necessário uma Cidade

QUESTÕES

- Amor e Apego

- O Amor Pode Florescer sem Sexo

- O Sexo tem de Desaparecer num Júbilo Calmo e Brincalhão

- Distanciamento e Indiferença

- Interdependência

PARTE QUATRO - Solidão

Capítulo 14 - A Solidão é a Sua Natureza

Capítulo 15 - Estranhos a Nós Mesmos

Capítulo 16 - Solitários e Eleitos

Capítulo 17 - O Leão e a Ovelha

QUESTÕES

- Não Pertencer é a Grande Experiência da Transcendência

- Tristeza Profunda e Felicidade Superficial

- Tornar-se Um Imperador

Uma Chamada de Atenção - Duas Mulheres e Um Monge

Epílogo - Abarcar o Paradoxo

Prefácio

No Banquete de Platão, Sócrates diz:

Um homem que pratica os mistérios do amor estará em contato não com um reflexo, mas com a própria verdade. Para conhecer essa bênção da natureza humana, não se pode encontrar melhor auxílio que o amor.

Toda a minha vida tenho comentado o amor em milhares de modos diferentes, mas a mensagem mantém-se. Só um aspeto fundamental tem de ser lembrado: este não é o amor que você crê que é amor. Nem Sócrates se refere a esse amor nem eu estou aqui a analisá-lo.

O amor que você conhece não é mais do que um impulso biológico; depende da sua própria química e hormonas. É facilmente mutável - uma mudança na sua química e o amor que considerava uma "verdade absoluta" simplesmente desaparece. Você chamou "amor" ao desejo. Importa recordar esta distinção.

Sócrates diz: "Um homem que pratica os mistérios do amor… " O desejo não tem mistérios. É um simples jogo biológico; cada animal, pássaro, árvore conhece-o. Certamente que o amor que contém em si mistérios será totalmente diferente do amor com que você lida normalmente.

Um homem que pratica os mistérios do amor estará em contato não com um reflexo, mas com a própria verdade.

Este amor que pode permitir o contato com a verdade só pode emergir da sua consciência - não do seu corpo, mas do mais recôndito do seu ser. O desejo surge do seu corpo, o amor da sua consciência. Mas as pessoas não conhecem a sua consciência e o equívoco continua - o desejo físico é entendido como amor.

Muito pouca gente no mundo conheceu o amor. Esses são aqueles que se tornaram silenciosos, pacíficos… e nesse silêncio e nessa paz tocaram o âmago do seu ser, a sua alma. Uma vez tocada a sua alma, o seu amor torna-se não uma relação, mas simplesmente uma sombra. Para onde quer que vá, com quem quer que esteja, você ama.

Neste momento, você chama amor àquilo que é dirigido a alguém, limitado a alguém. E o amor não é um fenómeno que possa ser circunscrito. Pode tê-lo nas suas mãos abertas, mas não nos seus punhos fechados. No momento em que as suas mãos se fecham, elas ficam vazias. No momento em que se abrem, toda a existência está disponível para si.

Sócrates tem razão: quando se conhece o amor, conhece-se a verdade, porque ambos são dois nomes para uma mesma experiência. E, se nunca conheceu a verdade, lembre-se de que nunca conheceu o amor.

Para conhecer essa bênção da natureza humana, não se pode encontrar melhor auxílio que o amor.

Parte 1

A M O R

É, com certeza, uma surpresa para si saber que a palavra inglesa love provém do sânscrito lobha; lobha significa cobiça. Poderá ser somente uma coincidência o facto de o inglês love ter a sua raiz numa palavra sânscrita que significa cobiça, mas acredito que não se trata de uma mera coincidência. Deve existir algo misterioso subjacente, deve existir um motivo alquímico por trás disso. De facto, a cobiça, quando purificada, digerida, torna-se amor. É a cobiça, lobha, que, quando bem assimilado, se torna amor.

Amor é partilhar, cobiça é arrecadar. A cobiça é avara e nunca oferece, o amor só conhece a dádiva e nunca espera retorno, é a partilha incondicional. Deve existir uma razão alquímica para que lobha se tenha tornado love no léxico inglês. Lobha torna-se amor no que diz respeito a processos alquímicos internos.

Capítulo 1

Amorzinho

Amor não significa o que, normalmente, entendemos como tal. O amor comum é um simples fingimento; há algo oculto por trás dele. O verdadeiro amor é um fenómeno totalmente diferente. O amor comum é exigente, o verdadeiro amor é partilha. Nada conhece de imposição; só a alegria da dádiva.

O amor comum vive de aparências. O verdadeiro amor é autêntico; simplesmente, é. O amor comum é quase doentio, adocicado, escorre, é o que chamamos "amorzinho". É enjoativo, nauseante. O verdadeiro amor é alimento, fortalece a alma. O amor comum só alimenta o seu ego – não o seu verdadeiro eu, mas o seu eu ilusório. Lembre-se de que o irreal alimenta sempre o ilusório, mas o autêntico alimenta o verdadeiro.

Torne-se um servidor do verdadeiro amor - e isto significa tornar-se um servo do amor na sua pureza última. Dê, distribua o que tem, reparta e goze a partilha. Não o faça como se fosse um dever - senão toda a alegria desaparece. E não se sinta obsequioso em relação aos outros, nunca, nem por um único momento. O amor nunca é constrangimento. Pelo contrário, quando alguém recebe o seu amor, você sente-se obsequiado. O amor é grato quando recebido.

O amor nunca espera ser recompensado ou mesmo agradecido. Se o agradecimento surge do outro lado, o amor surpreende-se sempre – é uma surpresa agradável, visto não ter expectativas.

Não se pode frustrar o verdadeiro amor, visto não existirem quaisquer expectativas inicialmente. E não se pode satisfazer o amor irreal, porque este está tão enraizado em expectativas que, independentemente do que se faça, a sua realização fica sempre aquém do que se esperava. As expectativas são demasiado elevadas e ninguém as consegue satisfazer. Assim, o amor irreal traz consigo frustração e o verdadeiro amor, satisfação.

Quando digo “seja um servo do amor”, não pretendo que se torne um escravo de alguém que ame, não, nada disso. Não pretendo que seja cativo de um amor. O que quero dizer é que seja servo do *amor*. O conceito puro de amor deve ser venerado. O seu amado é somente uma das formas deste conceito e toda a existência contém milhões de formas desta ideia perfeita. A flor é uma ideia, uma forma, a Lua outra, o seu amado ainda outra... o seu filho, a sua mãe, o seu pai, todos são formas, ondas no oceano do amor. Mas nunca se torne servo de um amor. Lembre-se sempre de que o seu amado é só uma minúscula manifestação.

Sirva o amor através do amado, para que nunca fique prisioneiro dele. E quando alguém não é prisioneiro do amante, o amor atinge o seu auge. No

momento em que se deixa prender, a queda leva-o para baixo. Devotar-se é semelhante a gravitar – desligar-se é a graça. O amor irreal é um sinónimo de devoção; o amor verdadeiro é muito desprendido.

O amor irreal demonstra muita preocupação – está sempre preocupado. O verdadeiro amor é ponderado, mas não tem preocupações. Se ama verdadeiramente um homem, deverá estar atenta às suas verdadeiras necessidades mas não demonstrar qualquer preocupação desnecessária com as suas estúpidas e loucas fantasias. Deverá ter em atenção todas as suas necessidades, mas não estar junto dele para satisfazer os seus desejos fictícios. Não satisfará nada que na realidade irá magoá-lo. Por exemplo, não irá alimentar o seu ego, ainda que o seu ego o exija – isto significa que está a envenenar o seu amado. Apreço significa que será capaz de perceber que esta não é uma necessidade real, mas do ego; e não irá satisfazê-la.

O amor conhece a compaixão, mas não a preocupação. Por vezes é difícil, porque por vezes é necessário ser-se duro. Por vezes é muito reservado. Se o distanciamento ajudar, afaste-se. Por vezes é muito frio; se for necessário ser frio, seja-o. Qualquer que seja a necessidade, o amor é atento – mas não preocupado. Não satisfará qualquer necessidade fantasiosa; não satisfará nenhuma ideia venenosa no outro.

Procure, medite no amor, experimente-o. O amor é a maior experiência da vida, e aqueles que vivem sem experimentar a energia do amor nunca conhecerão o que é viver. Permanecerão na superfície, nunca conseguido alcançar a sua essência.

O meu ensino é orientado para o amor. Posso abdicar facilmente da palavra *Deus* – não há qualquer problema -, mas não posso esquecer a palavra *amor*. Se tiver de escolher entre as palavras *amor* e *Deus*, escolho a primeira; esquecerei tudo sobre Deus, porque todos os que conhecem o amor estão destinados a conhecer Deus. Mas o inverso não acontece: os que teorizam acerca de Deus e filosofam acerca de Deus poderão nunca conhecer o amor – e, igualmente, não conhecerão Deus.

Capítulo 2

Real e Irreal - O Primeiro Passo

Ama-te a ti mesmo e observa - hoje, amanhã, sempre.

Iniciamos com um dos mais profundos ensinamentos de Gautama, o Buda:

Ama-te a ti mesmo.

Precisamente o oposto do que lhe tem sido ensinado em todas as tradições do mundo todas as civilizações, todas as culturas, todas as Igrejas. Todas dizem: Ama os outros, não te ames a ti próprio. E existe uma certa estratégia astuciosa subjacente a este ensinamento.

O amor é alimento para a alma. Tal como a comida é para o corpo, assim o amor é para o espírito. Sem comida o corpo enfraquece, sem amor a alma enferma. E nenhum Estado, nenhuma Igreja, nenhum interesse investido quis gente com almas fortes, pois alguém com energia espiritual tem necessariamente de ser rebelde.

O amor torna-o rebelde, revolucionário. O amor dá-lhe asas para se elevar. O amor confere discernimento perante as situações, para que ninguém possa enganá-lo, explorá-lo, oprimi-lo. E os padres e os políticos sobrevivem unicamente à custa do seu sangue; sobrevivem unicamente explorando-o.

Todos os padres e políticos são parasitas. Para o enfraquecerem espiritualmente encontraram um método seguro, cem por cento eficaz, que é ensinar-lhe a não se amar a si mesmo. Se um homem não se amar a si mesmo, não poderá amar ninguém. A lição é ardilosa - dizem "ama os outros"... porque sabem que, se não se amar a si mesmo, nunca será capaz de amar. Mas prosseguem dizendo: ''Ama os outros, ama a Humanidade, ama Deus. Ama a Natureza, ama a tua mulher, ama o teu marido, ama os teus filhos, ama os teus pais." Mas nunca ama-te a ti mesmo - porque, na sua perspetiva, amar-se a si próprio é egoísmo. Condenam mais o amor-próprio do que qualquer outra coisa.

E souberam fazer o seu ensinamento parecer muito lógico. Dizem: "Se te amares a ti mesmo tornas-te egoísta, se te amares a ti mesmo comas-te narcisista." Isso não é verdade.

Alguém que se ame a si mesmo descobre que não tem ego em si. É no amor aos outros, sem se amar a si próprio mas a tentar amar os outros, que o ego desperta. Os missionários, os reformadores sociais, os servidores públicos têm os maiores egos do mundo - naturalmente por acreditarem ser seres humanos

superiores. Não são pessoas comuns – gente comum ama-se a si mesma. Eles amam os outros, amam grandes ideais, amam Deus.

E todo o seu amor é falso, porque todo o seu amor é desprovido de raízes.

Alguém que se ame a si mesmo dá o primeiro passo na direção do amor verdadeiro. É como atirar um seixo num lago sereno: imediatamente se cria uma onda circular a partir da pedra, junto ao ponto de impacto - naturalmente, de onde poderia surgir? E, então, esta começa a espalhar-se atingindo as margens mais longínquas. Se interromper a onda de impacto junto ao seixo, deixa de haver agitação, deixa de haver ondulação. Então não pode esperar que as ondas atinjam margens distantes; é impossível.

Os sacerdotes e os políticos estão conscientes do fenómeno: impedindo as pessoas de ter amor-próprio, terão eliminado a sua capacidade de amar. Então, aquilo que acreditarem ser amor será um sucedâneo. Será um dever, mas não amor - e amor é uma palavra sórdida de quatro letras. Os pais cumprem o seu dever em relação aos filhos e estes, em compensação, cumprem os seus deveres em relação aos pais. A mulher é atenciosa com o marido e o marido atencioso com a mulher. E o amor onde fica?

O amor desconhece o dever. A obrigação é um fardo, uma formalidade. Amor é alegria, partilha; o amor é informal. O amante nunca sente ter feito o suficiente; o amante sente que poderia ter feito mais. O amante nunca sente "Ele é-me devedor". Pelo contrário, sente: "Visto o meu amor ter sido aceite, eu tenho responsabilidades. Ele favoreceu-me recebendo a minha dádiva, não a rejeitando."

O homem respeitável pensa: "Eu sou mais elevado, espiritual, extraordinário. Vejam como sirvo os outros!" Estes servos da comunidade são os maiores mitómanos do mundo e, igualmente, os mais maldosos. Se nos conseguirmos livrar dos servidores públicos, a humanidade ficará livre da opressão, sentir-se-á mais leve, poderá dançar de novo, cantar uma vez mais.

Mas há séculos as suas raízes foram cortadas, envenenadas. Foi desenvolvendo o medo a cada ser com amor-próprio - que é o primeiro passo para o amor e a sua primeira experiência. Um homem com amor-próprio respeita-se a si mesmo. E aquele que se ama e respeita a si mesmo, respeita os outros porque sabe: "Tal como sou, também são os outros. Tal como desfruto do amor, respeito e dignidade, também os outros o fazem." Ele ganha consciência de que não divergimos no que diz respeito a aspetos fundamentais: somos unos. Estamos sob a mesma lei. Buda diz: Vivemos sob a mesma lei universal - *aes dhammo sanantano*. Se nos pormenores somos um pouco diferentes dos outros - o que traz em si diversidade, o que é belo -, na nossa génese fazemos parte de uma mesma natureza.

Aquele que tem amor-próprio desfruta tanto do amor, torna-se tão bem-aventurado, que o amor começa a transbordar, alcançando outros. Ele *tem* de alcançar! Se vive o amor, tem de o partilhar. Não pode viver amando-se para sempre, porque algo ficará claro para si: se amar exclusivamente alguém, você próprio, sente-se tão extraordinariamente arrebatado e belo que o êxtase o aguarda se começar a partilhar o seu amor com muita, muita gente!

Lentamente a ondulação vai chegando mais e mais longe. Ame outras pessoas e começará a amar animais, aves, árvores, rochas. Poderá preencher todo o universo com o seu amor. Um indivíduo é suficiente para preencher o Universo com amor, tal como um único seixo pode provocar ondulação em todo um lago - um pequeno seixo.

Só um Buda pode dizer Ama-te a ti mesmo. Nenhum sacerdote, nenhum político concordará, porque será destruir todo o edifício, toda a sua estrutura de exploração. Se a uma pessoa não for permitido ter amor-próprio, o seu espírito, a sua alma, enfraquecerá diariamente. O seu corpo pode desenvolver-se, mas não terá crescimento interno porque não tem alimento interior. Torna-se um corpo quase sem alma ou com uma possibilidade potencial de uma alma. A alma permanece como semente - e permanecerá semente se não encontrar o solo de amor para germinar. E não o encontrará se alimentar a ideia, absurda: "Não te ames."

Eu também o ensino a amar-se primeiro. Nada tem a ver com o ego. Aliás, o amor é uma luz tal que as trevas do ego não podem continuar a existir. Se amar outros, se o seu amor for dirigido para outros, viverá na escuridão. Primeiro, dirija a sua luz para si próprio, ilumine-se totalmente. Deixe a luz afastar a sua escuridão interior, as suas fraquezas. Deixe o amor inundá-lo com um tremendo poder, uma força espiritual.

E, uma vez que a sua alma se torna poderosa, saberá que não vai morrer, você é imortal, é eterno. O amor dá-lhe o primeiro vislumbre da eternidade. O amor é a única experiência que transcende o tempo - daí que os amantes não receiem a morte. O amor não conhece a morte. Um único momento de amor é maior do que a eternidade.

Mas o amor tem de ter um início. O amor tem de começar com este primeiro passo:

Ama-te a ti mesmo.

Não se recrimine. Já foi demasiado recriminado e aceitou todas essas censuras. Agora só se magoa a si mesmo. Ninguém acredita ser totalmente merecedor, ninguém pensa em si como uma bela criação de Deus; ninguém pensa ser imprescindível. Estas são ideias envenenadas, mas você foi

envenenado. Foi envenenado com o leite materno - e assim foi todo o seu passado. A Humanidade tem vivido sobre uma nuvem escura, escura de autocondenação. Condenando-se a si mesmo, como pode crescer? Como pode amadurecer? E, condenando-se a si mesmo, como pode adorar existir? Se não conseguir adorar a existência dentro de si, tornar-se-á incapaz de adorar a existência nos outros; ser-lhe-á impossível.

Poderá tornar-se parte do todo se tiver grande respeito pelo Deus que habita em si. Você é o hospedeiro, Deus é o seu convidado. Ao amar-se a si mesmo, saberá isto: Deus escolheu-o como veículo. Escolhendo-o como veículo já o respeita, ama-o. Ao criá-lo já demonstra o Seu amor por si. Não o fez por acidente; fê-lo com um destino próprio, com um potencial determinado, com a promessa de uma glória que deverá alcançar. Sim, Deus criou o homem à Sua imagem. O homem tem de se tornar um Deus. Se o homem não se tornar um Deus, não se realizará, não terá satisfação.

Mas como poderá associar-se a Deus? Os seus sacerdotes dizem que você é um pecador. Os seus sacerdotes dizem que está condenado, destinado ao inferno. E fazem com que tenha muito medo de se amar a si mesmo. Este é o seu truque, cortar a própria raiz do amor. E são pessoas muito astutas. A profissão mais astuciosa do mundo é o sacerdócio. Então, dizem: "Ama os outros." Mas agora essa afirmação será plástica, sintética, uma pretensão, uma encenação.

Dizem: ''Ama a humanidade, a tua pátria, a tua terra, a vida, a existência, Deus." Belas palavras, mas completamente sem sentido. Alguma vez se cruzou com a humanidade? Sempre se cruzou com seres humanos - e condenou o primeiro ser humano que encontrou, ou seja, você.

Não se respeitou, não se amou. Agora toda a sua vida é desperdiçada condenando os outros. Por isso as pessoas são excelentes críticos das fraquezas alheias. Encontram falhas em si próprias - como podem evitar encontrar falhas nos outros? De facto, encontram-nas e ampliam-nas, tornam-nas o maior possível. Parece ser a única saída; o único modo para salvar a face, você tem de o fazer. Por isso há tanta crítica e tanta falta de amor.

Digo-lhe que este é um dos mais profundos sutras[1] de Buda, e só uma pessoa desperta pode dar-lhe este conhecimento.

———————————————————

1 Sutras – Termo sânscrito que define a unidade básica das escrituras budistas. Referência à reflexão de Buda acerca de um determinado tema. (N. do T.)

Ele diz Ama-te a ti mesmo... Isto pode ser o fundamento de uma transformação radical. Não receie amar-se a si mesmo. Ame-se totalmente, e ficará surpreendido: no dia em que se conseguir livrar de toda a

autocondenação, de toda a autodesconsideração - no dia em que se livrar da ideia de pecado original, no dia em que se sentir digno e amado por existir - esse será um dia abençoado. A partir desse dia começará a ver os outros com a sua verdadeira luz e terá compaixão. E não será uma compaixão cultivada, será uma corrente natural e espontânea.

Uma pessoa com amor-próprio pode facilmente tornar-se meditativa, pois a meditação significa estar consigo próprio. Se não gostar de si - como agora, como lhe disseram para fazer e como tem feito religiosamente -, se se detestar, como pode estar bem consigo? E meditação nada mais é do que apreciar a sua maravilhosa solidão. Celebre-se; é sobre isso que é a meditação.

Meditação não é relação; o outro não é necessário, cada um é autossuficiente. Cada um envolve-se na sua própria glória, envolve-se na sua própria luz. É simplesmente feliz por estar vivo, porque é.

O maior milagre do mundo é o que você é, o que eu sou. Ser é o maior milagre - e a meditação abre as portas a este grande milagre. Mas só um homem que tenha amor-próprio pode meditar; de outro modo, estará sempre a escapar-se de si mesmo, a evitar-se. Quem quer encarar uma cara feia e quem quer assimilar um ser feio? Quem quer mergulhar profundamente na sua própria lama, na sua própria escuridão? Quem quer entrar no inferno que acredita ser ele próprio? Você quer manter tudo isto coberto com belas flores e escapar sempre de si mesmo.

Daí que as pessoas estejam sempre em busca de companhia. Como não conseguem estar consigo próprias, querem estar com os outros. As pessoas procuram qualquer tipo de companhia; se conseguirem evitar-se, qualquer um serve. Sentam-se em cinemas durante três horas, a ver qualquer coisa absolutamente estúpida. Leem um romance policial durante horas, desperdiçando o seu tempo. Leem o mesmo jornal várias vezes para se manterem ocupados. Jogam às cartas e ao xadrez só para matar o tempo - como se tivessem assim tanto tempo!

Temos pouco tempo. Temos muito pouco tempo para crescer, para ser, para nos regozijarmos.

Mas este é um dos problemas básicos criados por uma educação errada: evitar-se a si mesmo. As pessoas sentam-se em frente ao televisor, coladas às suas cadeiras, durante quatro, cinco, mesmo seis horas. O americano médio vê televisão durante cinco horas diariamente e esta doença tem-se vindo a espalhar pelo mundo. E o que vemos? O que estamos a conseguir? Queimar os olhos...

Mas isto foi sempre assim; mesmo que não existisse televisão, existiriam outras coisas. O problema é o mesmo: como evitar-se por se sentir tão feio. E o que o tornou tão feio? A sua autodenominada gente de religião, os seus papas,

os seus *shankaracharyas*. Eles são responsáveis pela distorção dos vossos rostos - e conseguiram-no; tornaram toda a gente feia.

Cada criança nasce bela e começam logo a distorcer a sua beleza, aleijando-a de diversos modos, paralisando-a de muitas maneiras, distorcendo as suas proporções, desequilibrando-a. Mais cedo ou mais tarde, ela desgosta-se tanto de si mesma que procura estar com qualquer um. Poderá procurar uma prostituta só para se evitar.

Ama-te a ti mesmo, disse Buda. Mas isso pode transformar o mundo. Destruir todo um passado feio. Pode anunciar uma nova era, o começo de uma nova humanidade.

Daí a minha insistência no amor - mas no amor-próprio, que só então se pode expandir. Expandir-se harmoniosamente, não precisa de fazer nada para o disseminar.

Ama-te a ti mesmo, disse Buda, e imediatamente acrescentou: *e está atento*. Isto é meditação - ou a forma de Buda designar a meditação. Mas o primeiro requisito é o amor-próprio e, então, observar. Se não se amar a si mesmo e se, em seguida, não estiver atento, poderá sentir que está a cometer um suicídio! Muitos budistas sentem que se suicidam, porque não prestam atenção à primeira parte do sutra. Eles passam imediatamente para a segunda: “Observa-te a ti mesmo”. De facto, nunca encontrei um único comentário do *Dhammapada*[2] acerca destes sutras de Buda, apesar de ter estado atento à primeira parte: Ama-te a ti mesmo.

———————————————————

2 Dhammapada – Livro do cânone budista, memorizado pelos monges. Consta de 423 estrofes, cada uma das quais é um provérbio ou sentença sobre a vida de Buda (N. do T.)

Sócrates disse: "Conhece-te a ti mesmo." Buda disse: ''Ama-te a ti mesmo", e Buda tem maior verdade, porque, a menos que se ame a si mesmo, nunca se conhecerá - o conhecimento só vem depois. O amor prepara o terreno. O amor é a possibilidade de se autoconhecer; o amor é o caminho certo para se conhecer.

Estive uma vez com um monge budista, Jagdish Kashyap, já falecido. Era um bom homem. Estávamos a comentar o *Dhammapada* e deparámo-nos com este sutra, ele começou a falar acerca de observar como se não tivesse lido a primeira parte. Nenhum budista tradicional presta atenção à primeira parte; passam-na à frente.

Eu disse então a Bhikshu Jagdish Kashyap: "Espere! Não está a prestar atenção a algo essencial. Observar é o segundo passo e está a torná-lo o primeiro passo. Ele não pode ser o primeiro passo."

Então ele leu o sutra de novo e disse, com um olhar desconcertado: "Tenho lido o *Dhammapada* toda a minha vida e devo ter lido este sutra milhares de vezes. É a minha oração diária ler o Dhammapada, posso repeti-lo de memória, mas nunca pensei que 'ama-te a ti mesmo' fosse o primeiro passo para a meditação e que observar fosse a segunda parte."

E o mesmo se passa com milhares de budistas por todo o mundo – e o mesmo acontece com os neobudistas, porque no Ocidente o budismo está a disseminar-se. O tempo de Buda chegou ao Ocidente - agora o Ocidente está pronto para compreender Buda, e o mesmo erro aconteceu aqui. Ninguém pensa que amar-se a si mesmo tem de ser o fundamento de conhecer-se a si mesmo, de estar atento a si mesmo... porque, a menos que tenha amor-próprio, não pode enfrentá-lo. Evitá-lo-á. A observação pode ser um meio de se evitar.

Primeiro: *Ame-se a si mesmo e observe - hoje, amanhã, sempre.*

Crie uma energia de amor à sua volta. Ame o seu corpo, ame a sua mente. Ame todo o seu mecanismo, todo o seu organismo. Por "amor" entenda aceitar-se como é. Não se reprima. Só nos reprimimos quando detestamos algo, só nos reprimimos quando estamos contra algo. Não se reprima, porque, reprimindo-se, como irá observar? E não podemos olhar nos olhos do nosso inimigo; só conseguimos olhar nos olhos dos nossos amados. Se não se amar a si mesmo, não poderá olhar-se nos seus próprios olhos, no seu próprio rosto, na sua própria realidade.

Observar é meditar, esta é a palavra de Buda para meditação. *Observa* é o lema de Buda. Ele diz: acautela-te, está alerta, não sejas inconsciente. Não te comportes como um sonâmbulo. Não funciones como uma máquina, como um *robot*. É assim que as pessoas estão a funcionar.

Mike tinha-se mudado para um apartamento e decidiu que devia travar conhecimento com o vizinho da frente. Quando a porta se abriu, teve a agradável surpresa de ver uma jovem loura lindíssima cujas curvas se distinguiam num robe curto, transparente.

Mike olhou-a de frente e titubeou: "Olá! Sou o seu novo açúcar da frente - pode emprestar-me uma chávena de vizinha?"

As pessoas vivem de modo inconsciente. Não têm consciência do que estão a dizer, do que estão a fazer - não estão atentas. As pessoas procuram adivinhar, não procuram ver; não têm qualquer discernimento, não *podem* ter. O discernimento surge unicamente através de uma grande vigilância; então poderá ver com os olhos fechados. Neste momento você nem consegue ver com eles abertos. Você adivinha, você infere, você ilude-se, você projeta.

Grace está deitada no divã do psiquiatra.

"Feche os olhos, relaxe", diz o psiquiatra, "e tentarei uma experiência".
Ele tira um chaveiro de couro do bolso, abre-o e agita as chaves. "O que é que este som lhe lembra?", pergunta.
"Sexo", murmura ela.
Então ele fecha o chaveiro e toca na palma da mão da rapariga. O seu corpo fica rígido.
"E isto?", pergunta o psiquiatra.
"Sexo", murmura Grace, agitadamente.
"Agora abra os olhos", instrui o médico, "e diga-me o que fiz que fosse sexualmente evocativo para si."
Hesitante, com as pálpebras abertas e trémulas, Grace viu o chaveiro na mão do psiquiatra e corou profundamente.
"Bom... aah... para começar", gaguejou, "pensei que o primeiro som era o abrir do fecho das suas calças..."

A sua mente está constantemente a projetar - a projetar-se. A sua mente está constantemente a interferir com a realidade, colorindo-a, moldando-a e formando-a de modo próprio. A sua mente nunca lhe permite ver a realidade; permite-lhe ver somente o que você quer ver.

Os cientistas pensavam que os olhos, os ouvidos, o nariz e os outros sentidos, bem como a nossa mente, não eram mais do que portais para a realidade, pontes para o real. Mas hoje já não pensam assim. Hoje dizem que todos os nossos sentidos e mente não se encontram abertos ao real, ao invés defendem-nos dele. Somente dois por cento da realidade consegue ultrapassar estas defesas; noventa e oito por cento do real é mantido de fora. E os dois por cento que atingem a sua mente e o seu ser não são o mesmo real. Ao passar por tantas defesas, tem de se confrontar com tantos processos mentais que, quando finalmente o atingem, já não é o mesmo.

Meditação significa pôr a mente de lado para que não interfira com a realidade e para que você possa ver as coisas como elas são.

Mas por que é que a mente interfere? Porque a mente foi criada pela sociedade. É um agente da sociedade dentro de si; lembre-se de que não está ao seu serviço! É a sua mente, mas não está ao seu serviço, ela conspira contra si. Foi condicionada pela sociedade; a sociedade inculcou muitas coisas nela. É a sua mente, mas já não funciona para o servir, funciona como um agente da sociedade. Se for cristão, funciona como um agente da Igreja cristã, se for hindu, a sua mente é hindu, se for budista, a sua mente é budista. E a realidade nunca é cristã, hindu ou budista; a realidade é simplesmente ela própria.

Tem de colocar estas mentes de lado: a mente comunista, a mente fascista, a mente católica, a mente protestante... Existem trezentas religiões na Terra - grandes religiões e pequenas religiões e pequeníssimas seitas e seitas dentro de seitas - trezentas ao todo. Assim, existem trezentas mentes, trezentas mentalidades - e a realidade é só uma, a existência é única, a verdade é única!

Meditar significa pôr a mente de lado e observar. O primeiro passo - *ame-se a si mesmo* - ajudá-lo-á espantosamente. Por se amar a si mesmo terá destruído muito do que a sociedade inculcou em si. Libertar-se-á da sociedade e dos seus condicionalismos.

E o segundo passo é *observar* - simplesmente observar. Buda não diz o que deve ser observado - tudo! Caminhar, observe o seu caminhar. Comer, observe-se a comer. Tomar um duche, observe a água, a água fria que cai sobre si, o toque da água, a frescura, o arrepio que percorre a sua coluna - observe tudo, *hoje, amanhã, sempre*.

Virá um momento em que conseguirá observar-se a dormir. Esse será o derradeiro passo na observação. O corpo adormece e permanece um observador desperto, observando silenciosamente o corpo a adormecer. Este será o derradeiro passo na observação. Neste momento, o que acontece é precisamente o oposto: o seu corpo está desperto, mas você está adormecido. Nessa altura, *você* estará desperto e o seu corpo adormecido.

O corpo precisa de descanso, mas a sua consciência não precisa de dormir. A sua consciência *é consciente*; está alerta, esta é a sua verdadeira natureza. O corpo cansa-se, porque vive sob a lei da gravidade. É a gravidade que o cansa - por isso andar depressa cansa-o facilmente, subir escadas cansa-o rapidamente, porque a gravidade pesa sobre si. De facto, estar de pé é cansativo, estar sentado é cansativo - quando se deita, direito, na horizontal, só então você dá algum descanso ao seu corpo, porque está sintonizado com a lei da gravidade. Quando está de pé, vertical, está em desacordo com esta lei; o coração tem de bater com mais força.

Mas a consciência não funciona sob a lei da gravidade; ela nunca se cansa. A gravidade não tem qualquer poder sobre a sua consciência; não é um rochedo, não tem peso. Ela funciona por leis completamente diferentes: a lei da graça, ou, como é conhecida no Oriente, a lei da levitação. Gravidade significa atrair para baixo, levitar significa elevar-se.

O corpo é constantemente atraído para a terra - por isso chega o momento em que se deita na sepultura. Este será o verdadeiro descanso para ele, cinzas às cinzas. O corpo voltou às suas origens, o turbilhão cessou, agora não há conflitos. Os átomos do seu corpo só terão realmente descanso na sepultura.

A alma eleva-se cada vez mais alto. À medida que se for tornando mais vigilante, começará a ganhar asas - então o firmamento será seu.

O homem é uma confluência entre a terra e o céu, entre corpo e alma.

Capítulo 3

As Virtudes do Egoísmo

Lembre-se: se você não for egoísta não poderá ser altruísta. Lembre-se: se você não for egoísta nunca poderá ser generoso. Só uma pessoa profundamente egoísta pode ser altruísta. Mas isto tem de ser clarificado, pois parece um paradoxo.

Qual é o significado de ser egoísta? A forma mais básica é ser egocêntrico. A segunda é procurar sempre a sua felicidade pessoal. Se você for egocêntrico, será egoísta, independentemente do que faça. Poderá servir os outros, mas fá-lo-á porque lhe dá prazer, porque gosta de o fazer, porque se sente feliz e afortunado por o fazer - porque se sente *você próprio* fazendo-o. Não está a cumprir nenhum dever; não está a servir a humanidade. Não é um grande mártir; não está a fazer um grande sacrifício. Estes são termos absurdos. Você é feliz à sua maneira - é-lhe agradável. Vai para um hospital e auxilia os doentes aí internados, ou procura os pobres para os auxiliar, mas você *ama* o que faz. É assim que cresce. No seu interior sente-se afortunado e silencioso, feliz consigo próprio.

Uma pessoa egocêntrica procura sempre a sua própria felicidade. E aqui está a beleza, quanto mais procurar a sua felicidade mais facilmente poderá auxiliar os outros a serem felizes. Porque esta é a única forma de ser feliz no mundo. Se todos à sua volta forem infelizes, você não pode ser feliz, porque um homem não é uma ilha. É parte de um vasto continente. Se deseja ser feliz, deverá ajudar os que o rodeiam a serem felizes. Então - e só então -, você poderá ser feliz.

Você tem de criar a atmosfera de felicidade à sua volta. Se todos estão infelizes, como consegue ser feliz? Ficará afetado. Você não é uma pedra, você é um ser muito delicado, muito sensível. Se todos à sua volta forem infelizes, a sua infelicidade afetá-lo-á. A infelicidade é tão infeciosa como qualquer doença. A felicidade é tão infeciosa como qualquer doença. Se ajudar os outros a serem felizes, em última análise está a ajudar-se a ser feliz. Alguém que esteja interessado na sua felicidade está sempre interessado na felicidade alheia - mas não por eles. Bem no fundo está interessado em si, é por isso que auxilia. Se no mundo todos forem ensinados a ser egoístas, todos serão felizes. Não haverá espaço para a infelicidade.

Se deseja ser saudável não poderá viver entre pessoas doentes. Como poderá ser saudável? Será impossível, é contra as leis da natureza. Você tem de ajudar os outros a serem saudáveis. Na saúde, a sua saúde será possível.

Ensine todas as pessoas a serem egoístas - a generosidade desenvolver-se-á depois. A generosidade é, em última análise, egoísmo – pode parecer

altruísmo, inicialmente, mas finalmente irá *preenchê-lo*. E então a felicidade pode multiplicar-se; quanto mais pessoas felizes o rodearem, maior felicidade cairá sobre si. Poderá tornar-se supremamente feliz.

E uma pessoa feliz é tão feliz que quer ficar só para ser feliz. Quer preservar a sua privacidade. Quer viver com as flores, a poesia, a música. Para que haveria de maçar-se a ir para guerras, ser morto e matar? Para quê ser homicida ou suicida? Só pessoas generosas fazem isto, porque nunca conheceram a felicidade que podem alcançar. Nunca tiveram nenhuma experiência do que é *ser*, do que é celebrar. Nunca dançaram, nunca respiraram vida. Nunca tiveram nenhum vislumbre do divino; esses vislumbres provêm de uma profunda felicidade, de uma profunda saciedade, de felicidade.

Uma pessoa generosa está desenraizada, desconcentrada. Está numa neurose profunda. É contra a natureza; não pode ser saudável e una. Luta contra a corrente da vida, do ser, da existência- tenta ser generosa.

Quando se é feliz pode-se partilhar; quando não se tem, como se partilha? Em primeiro lugar, para partilhar, deve-se ter. Uma pessoa altruísta é sempre séria, profundamente doente, angustiada. Perdeu-se da sua própria vida. Lembre-se: sempre que se perde da sua vida, você torna-se homicida, suicida. Sempre que alguém vive na infelicidade, gostará de destruir.

A infelicidade é destrutiva, a felicidade é criativa. Só existe uma criatividade e essa provém da bem-aventurança, da alegria, do encantamento. Quando se está encantado quer-se criar algo - talvez um brinquedo para crianças, talvez um poema, um quadro, algo. Sempre que está muito encantado com a vida, como o deve exprimir? Criando algo – uma coisa ou outra. Mas, quando está infeliz, quer esmagar, destruir algo. Você quer ser político, quer ser soldado – quererá criar uma situação onde possa ser destrutivo.

Daqui provêm todas as guerras que eclodem algures no planeta. É uma grave doença. E todos os políticos que continuam a falar de paz preparam-se para a guerra e falam de paz. De facto, dizem: "Estamos a preparar-nos para a guerra para preservar a paz." Irracional! Se você se preparar para a guerra, como pode preservar a paz? Para preservar a paz, devemos preparar-nos para a paz.

Por isso, em todo o mundo, a nova geração é um perigo tão grande para o sistema. Estão unicamente interessados em ser felizes. Estão interessados no amor, estão interessados na meditação, estão interessados na música, na dança... Os políticos estão alerta em todo o mundo. A nova geração não se interessa por política - esquerda ou direita. Não, estão completamente desinteressados. Não são comunistas; não pertencem a nenhum *ismo*.

Uma pessoa feliz pertence a si própria. Por que há-de pertencer a alguma organização? Esse é o caminho de alguém infeliz: pertencer a uma organização,

pertencer a alguma multidão. Porque não tem raízes dentro de si, não pertence - e isso dá-lhe uma grande, grande ansiedade: ele deve pertencer a alguma coisa. Ele cria um enquadramento substituto. Torna-se membro de um partido político, de um partido revolucionário, de uma religião. Agora sente-se parte de alguma coisa: o grupo está lá onde ele cria raízes.

Cada um deveria criar raízes em si mesmo, porque o caminho para si mesmo mergulha profundamente na existência. Se pertence a um grupo, encontra-se num impasse: daí, nenhum futuro crescimento é possível. Vem o fim, o beco sem saída.

Assim, eu não ensino a ser generoso porque sei que, se for egoísta, serei automaticamente generoso, espontâneo. Se não for egoísta, você perdeu-se de si mesmo; agora não pode estar em contacto com o outro - o Contacto básico perdeu-se. Faltou-lhe o primeiro passo.

Esqueça o mundo e a sociedade, as utopias e Karl Marx. Esqueça tudo isso. Você está cá por poucos anos. Desfrute, delicie-se, seja feliz, ame e dance; e, para lá do seu amor e da dança, para lá do seu profundo egoísmo, começará a surgir uma crescente energia. E então será capaz de a partilhar com os outros.

O amor, afianço-lhe, é uma das manifestações mais egoístas.

Capítulo 4

Preso a Nada

"O amor é a única liberdade na união. Quando você ama não está ligado a nada.

... O homem aprisionado pelo amor de uma mulher e a mulher aprisionada pelo amor de um homem são inadequados para a preciosa coroa, da liberdade. Mas homem e mulher, unos no amor, inseparáveis, indestrinçáveis, têm verdadeiramente direito a um prémio. "

The Book of Mirdad, Mikhail Naimy

The Book of Mirdad é o meu livro preferido. Mirdad é uma figura fictícia, mas cada uma das suas atitudes e opiniões são importantíssimas. Não deve ser lido como uma novela, deve ser lido como uma escritura sagrada - talvez a única escritura sagrada.

E pode observar nestes excertos um vislumbre da perspicácia, consciência e compreensão de Mirdad. Ele diz: Amor é a única liberdade na união... e você sempre ouviu que o amor é a única ligação. Todas as religiões concordam neste ponto, que o amor é a única ligação.

Eu concordo com Mirdad:

O amor é a única liberdade na união. Quando você ama não está ligado a nada.

De facto, temos de entender o próprio fenómeno de união. Por que é que você se prende a algo? Porque receia perdê-lo. Porque alguém o pode roubar. Receia que o que está disponível para si hoje, poderá não estar amanhã.

Quem sabe o que irá acontecer amanhã? A mulher ou o homem que ama - qualquer movimento é possível: você pode aproximar-se, você pode distanciar-se. Podem tornar-se estranhos novamente ou podem unir-se de tal modo que, dizer que são dois indivíduos, poderá não ser totalmente correto; evidentemente, existem dois corpos, mas o coração é único, o som do coração é uno e o êxtase rodeia-os como uma nuvem. Você desaparece nesse êxtase; você não é você, eu não sou eu. O amor torna-se tão total, o amor torna-se tão grande e esmagador que você não pode continuar o mesmo; tem de submergir e desaparecer.

Nesse desaparecimento, quem fica ligado e a quem? Tudo é. Quando o amor floresce na sua totalidade, tudo simplesmente é. O medo do amanhã não aparece, logo não se colocam questões como ligação, união, casamento ou qualquer tipo de contrato, servidão.

O que são os vossos casamentos senão contratos de negócios? "Comprometemo-nos um perante o outro perante um magistrado" - estão a insultar o amor! Estão a seguir a lei, que é a coisa mais baixa da existência e a mais feia. Quando se traz o amor perante a lei está-se a cometer um crime que não pode ser perdoado. Você compromete-se perante um magistrado dizendo: "Queremos casar-nos e continuaremos casados. É a nossa promessa, feita perante a lei: não nos separaremos e não nos enganaremos mutuamente." Não acha que este é um grande insulto ao amor? Não estarão a pôr a lei acima do amor?

A lei é para os que não sabem amar. A lei é para os cegos, não para os que veem. A lei é para os que esqueceram a linguagem do coração e apenas conhecem a linguagem da mente. A afirmação de Mirdad é de tal modo valiosa que tem de ser entendida profundamente - não só intelectualmente, não só emotivamente, mas na sua totalidade. Todo o seu ser deve absorvê-la:

O amor é a única liberdade na união... porque quando você ama não consegue pensar em mais nada. *Quando você ama não está preso a nada*. Cada momento surge com novo esplendor, nova glória, novas canções; cada momento traz novas danças à dança. Talvez os parceiros possam mudar, mas o amor permanece.

Ligação é o desejo de que o parceiro nunca mude. Por isso se compromete perante a lei, perante a sociedade - tudo formalidades absurdas. E se for contra essas formalidades, perde o respeito e a honra aos olhos daqueles com quem tem de viver.

O amor nada conhece de ligação, porque o amor desconhece a possibilidade da perda de dignidade. O amor é a própria honra, a própria respeitabilidade; nada pode fazer contra ele. Não estou a dizer que os parceiros não possam mudar, mas isso não tem significado: se os parceiros mudam, mas o amor permanece, será como um rio, fluindo, e então o mundo terá, de facto, muito mais amor do que hoje. Hoje é como uma torneira - pinga, pinga, pinga. Não é o suficiente para saciar a sede.

O amor precisa de ser um oceano, não o pingo de uma torneira pública. E todos os casamentos são públicos.

O amor é universal. O amor não convida algumas pessoas para o celebrar, o amor convida as estrelas e os sóis e as flores e os pássaros; toda a existência é convidada a celebrar.

O amor não precisa de nada - uma noite estrelada, que mais pode querer? Alguns amigos; e todo o universo é amigável. Nunca encontrei uma árvore que estivesse contra mim. Estive em muitas montanhas, mas nunca nenhuma montanha me antagonizou. Toda a existência é amigável.

Uma vez que o seu entendimento do amor floresça, não haverá qualquer aspeto de ligação. Poderá mudar os seus parceiros, o que não significa que

esteja a desertar de alguém. Poderá voltar para o mesmo parceiro não havendo qualquer preconceito. O homem deve ver-se como uma criança brincando na praia, colecionando conchas, pedras coloridas e apreciando-as imensamente, como se tivesse encontrado um grande tesouro. Se uma pessoa conseguir apreciar as pequenas coisas da vida, pode viver em liberdade e permitirá aos outros viver em liberdade, e o mundo pode tornar-se um lugar completamente diferente. Terá então uma qualidade de beleza, graça; terá grande luminosidade, o coração em chamas. E uma vez conhecido o fogo, as chamas aumentarão. As chamas do amor crescem tal como as árvores; as chamas do amor trazem flores e frutos, tal como as árvores.

Mas o que pensa ser o amor não é amor. Por isso acontecem experiências tão estranhas. Alguém diz: "Que bonita estás! Amo-te muito, não existe outra mulher como tu no universo." E você não objeta, não diz: "Não tens o direito de dizer essas coisas, porque não conheces todas as mulheres do universo." Quando estas belas palavras são ditas, esquecemo-nos completamente da sua irracionalidade.

Estas coisas aprendem-se nos filmes, nas novelas - estes diálogos não significam nada. Significam simplesmente: "Vem para a cama!" Mas como somos civilizados, sem fazer uma introdução, um pequeno prefácio, não se pode dizer frontalmente a alguém: "Vamos para a cama!" A mulher iria a correr para a esquadra mais próxima dizer: "Este homem está a propor-me uma coisa muito feia!" Mas se proceder de forma civilizada, oferecendo-lhe um gelado primeiro - que arrefece o coração -, trazendo algumas rosas, sussurrando-lhe palavras doces... Então ambos entendem que finalmente irão terminar com uma ressaca matutina, uma dor de cabeça, uma enxaqueca; e de manhã olharão um para o outro como para desconhecidos: o que estiveram a fazer na cama? Um esconder-se-á atrás do jornal, como se de facto o estivesse a ler, e o outro irá preparar o chá ou o café, só para, de algum modo, esquecer o que se passou.

E mais tarde Mirdad dirá:

O homem aprisionado pelo amor de uma mulher e a mulher aprisionada pelo amor de um homem são inadequados para a preciosa coroa da liberdade.

No momento que o amor se torna ligação, o amor torna-se uma relação. No momento que o amor se torna exigente, é uma prisão. Destruiu a sua liberdade; você não pode voar no céu se estiver numa gaiola. E ainda se surpreende... Eu particularmente surpreendo-me. As pessoas perguntam-se acerca de mim, o que faço eu, sozinho, no meu quarto. E eu pergunto-me acerca delas - o que fazem aqueles dois juntos? Sozinho estou, pelo menos, à vontade. Se estiver alguém, há problemas: algo irá acontecer. Se o outro lá estiver, o silêncio não pode permanecer; irá perguntar algo, dizer algo, fazer algo, ou forçá-lo a fazer algo. Além do mais, se a mesma pessoa continua, dia após dia...

O homem que inventou a cama de casal foi um dos maiores inimigos da humanidade. Mesmo na cama não há liberdade! Não se consegue mover; o outro está ao seu lado. E, normalmente, os outros ocupam a maior parte do espaço. Se você consegue arranjar um pequeno espaço pode dar-se por feliz - e, lembre-se, o outro continuará a crescer. É um mundo muito estranho, onde as mulheres crescem e os homens encolhem. E a culpa é toda do homem - ele faz as mulheres engordarem, engravidarem. Mais problemas se avizinham. Uma vez que coloque duas pessoas juntas, um homem e uma mulher, rapidamente um terceiro chega. Se não chegar, os vizinhos começam a ficar ansiosos: "O que é que se passa? Porque é que não chega nenhuma criança?"

Este é um problema difícil. Não está nas suas mãos: a criança pode chegar ou não chegar - e chegará no tempo devido. Mas as pessoas irão persegui-lo... "Um lar não é um verdadeiro lar sem uma criança." É verdade - porque um lar parece um templo silencioso sem uma criança; com uma criança, o lar parece um manicómio! E com muitas crianças os problemas multiplicam-se.

Estou sentado, silencioso no meu quarto, toda a minha vida. Não incomodo ninguém, nunca perguntei a ninguém: "Porque não te casas, porque não tens filhos?" Porque penso que não é educado fazer essas perguntas, fazer esses inquéritos: é interferir com a liberdade individual.

E as pessoas continuam a viver com as suas mulheres, com as suas crianças - e porque a presença de cada novo membro que entra na sua família irá perturbar muitas coisas, você tornar-se-á cada vez menos sensitivo. Ouvirá menos, verá menos, cheirará menos, saboreará menos.

Não estará a usar todos os seus sentidos com intensidade. Por isso, quando alguém se apaixona pela primeira vez, você pode ver que a sua face resplandece. Você pode ver que o seu caminhar tem uma nova frescura, uma dança subjacente; pode ver que a sua gravata está rigidamente apertada, a sua roupa está bem passada. Algo aconteceu. Mas não dura muito. Numa semana ou duas, o aborrecimento instala-se; pode ver a poeira a instalar-se novamente. A luz foi-se; ele arrasta-se outra vez, não dança. As flores continuam a florir, mas ele não vê nelas nenhuma beleza. As estrelas continuam a provocá-lo, mas ele nem olha para o céu.

Há milhões de pessoas que nunca olharam para cima; os seus olhos continuam presos à terra como se receassem que alguma estrela caia sobre elas. Há muito poucas pessoas que gostassem de dormir sob o céu com todas as suas estrelas - o medo da vastidão, da solidão, da escuridão.

E milhões de pessoas continuam a pensar, interiormente acham que, se tivessem ficado sós, se nunca se tivessem preocupado com o amor e o casamento... Mas agora não se pode fazer nada. Não se pode voltar atrás; não pode ficar solteiro de novo. De facto, pode ter-se habituado tanto à prisão que não consegue libertar-se dela. É uma espécie de segurança; é aconchegante,

ainda que miserável. O cobertor está roto, mas há uma cama de casal - pelo menos não está só na sua infelicidade, alguém a partilha. De facto está só, alguém está a criar infelicidade para si e você está a criá-la para alguém.

O amor deve ser do tipo que dá liberdade, que não crie algemas para si; um amor que dá asas e assegura o seu voo tão longe quanto possível.

Mas homem e mulher, unos no amor, inseparáveis, indestrinçáveis, têm verdadeiramente direito a um prémio.

The Book of Mirdad é um daqueles livros que viverá eternamente, enquanto um único ser humano viver na Terra. Mas o homem que o escreveu está completamente esquecido. Mirdad é ficção, Mirdad é o nome de um herói. O homem que escreveu o livro... O seu nome era Mikhail Naimy, mas o seu nome não interessa. O seu livro é tão grandioso, maior do que ele. Ele próprio tentou o resto da vida criar algo similar outra vez, mas falhou. Escreveu muitos outros livros, mas *The Book of Mirdad* é o Evereste. Os outros são pequenos morros, não Interessam muito.

Se o amor é entendido como a união de duas almas - e não apenas como a união sexual ou biológica das hormonas masculinas e femininas -, então o amor pode dar-lhe grandes asas, pode fornecer-lhe grandes vislumbres da vida. E os amantes podem tornar-se, pela primeira vez, amigos. De outro modo, terão sido sempre inimigos disfarçados.

As religiões e os seus, ditos, santos que fugiram do mundo, cobardes que nunca enfrentaram nem encontraram a vida, envenenaram toda a ideia de amor como sendo unicamente espiritual. Condenaram o sexo, e na sua condenação do sexo condenaram o amor, porque agora as pessoas pensam que amor e sexo são sinónimos. Não são. O sexo é uma pequena parte da sua energia biológica. O amor é todo o seu ser, o amor é a sua alma. Tem de aprender que o sexo é simplesmente uma necessidade social, da raça, da preservação da espécie - pode participar se quiser. Mas não pode evitar o amor. No momento em que evitar o amor, toda a sua criatividade morre e os seus sentidos tornam-se insensíveis; uma grande quantidade de poeira juntar-se-á à sua volta. Tornar-se-á um morto-vivo.

Sim, você respira, come, fala e vai para o escritório todos os dias, até que a morte chega e o liberta do aborrecimento que transportou toda a vida.

Se o sexo é tudo o que tem, então não tem nada; então é somente um instrumento da biologia, do universo, para se reproduzir. É somente uma máquina, uma fábrica. Mas se conseguir conceber o amor como o seu ser real, e amar outra pessoa com amizade profunda, como numa dança onde dois corações unidos em sincronia se tornam quase um, não precisa de qualquer outra espiritualidade. Encontrou-a.

O amor conduz à última experiência - chame-lhe Deus, chame-lhe Absoluto, chame-lhe Verdade. São meras palavras. De facto, a última experiência não tem nome; é inominável, mas o amor conduz a ela.

Se você pensa só no sexo e nunca ficou consciente do amor, então perdeu. Sim, terá filhos e viverá infeliz e jogará às cartas e irá ao cinema, e verá desafios de futebol e terá grandes experiências fúteis, maçadoras, de guerra, e uma contínua impressão de ansiedade, denominada pelos existencialistas como angst[3]. Mas nunca conhecerá a beleza real da existência, o verdadeiro silêncio e a paz do cosmo.

———————————————————

3 Angst – Medo, temor. (N. do T.)

O amor torna-o possível.

Mas lembre-se: o amor não conhece prisões. O amor não pode ser ciumento, porque o amor não possui. A própria ideia de que possui alguém, porque ama, é feia. Você possui alguém - significa que matou alguém e a transformou num bem.

Só os objetos podem ser possuídos. O amor dá liberdade. O amor é livre.

QUESTÕES

Amor-Próprio e Orgulho Egoísta

- ***Poderia comentar a diferença entre o amor-próprio saudável e o orgulho egoísta?***

Há uma grande diferença entre ambos, ainda que pareçam muito semelhantes. O amor-próprio saudável é um grande valor espiritual. A pessoa que não se ama a si própria jamais poderá amar os outros. A primeira agitação do amor tem de crescer no seu coração. Se não cresceu para si não pode crescer para mais ninguém, porque todos os outros estão demasiado afastados de si.

Devemos amar o nosso próprio corpo, devemos amar a nossa própria alma, devemos amar-nos na totalidade. E isto é natural; de outro modo, não poderá sobreviver. E é belo porque o embeleza. A pessoa que tem amor-próprio torna-se graciosa, elegante. A pessoa que se ama está destinada a tornar-se mais silenciosa, mais meditativa, mais piedosa do que aquele que não se ama.

Se não amar a sua casa, não a limpará; se não amar a sua casa, não a pintará; se não a amar, não a rodeará de um bonito jardim com um lago de nenúfares. Se se amar a si mesmo, criará um jardim em torno de si. Tentará

fazer crescer o seu potencial, tentará exprimir tudo o que em si existe para ser expresso. Se se amar, você continuará a regar-se, você continuará a alimentar-se.

E se você se amar ficará surpreendido: outros irão amá-lo. Ninguém ama alguém que não se ama. Se não se amar a si mesmo, quem se dará ao trabalho de o fazer?

E a pessoa sem amor-próprio nunca poderá ser neutra. Lembre-se de que na vida não há neutralidade. O homem que não se ama a si mesmo, odeia - tem de odiar; a vida não conhece neutralidade. A vida é sempre uma escolha. Se você não amar, isso não significa que possa ficar, simplesmente, num estado de não-amar. Não, você odiará. E a pessoa que se odeia torna-se destrutiva. A pessoa que se odeia irá odiar toda a gente - tornar-se-á agressiva e violenta e estará continuamente enraivecida. Como pode a pessoa que se odeia esperar que outros a amem? Toda a sua vida pode ser destruída. Amar-se a si mesmo é um grande valor espiritual.

Eu ensino o amor-próprio. Mas lembre-se de que amor-próprio não significa orgulho egoísta, nada disso. De facto, significa precisamente oposto. A pessoa que se ama a si própria descobre que não existe um eu nela. O amor dissolve sempre o eu - este é um dos segredos alquímicos a ser aprendidos, compreendidos, experimentados. O amor dissolve sempre o eu. Sempre que amar, o eu desaparece. Quando ama uma mulher, pelo menos nos poucos momentos em que existe amor real por essa mulher, não existe eu em si, não existe ego.

Ego e amor não podem coexistir. Eles são como luz e trevas: quando a luz surge, a escuridão desaparece. Se se amar a si mesmo ficará surpreendido - amor-próprio significa o desaparecimento do eu. No amor-próprio nunca se encontra o eu. Esse é o paradoxo: o amor-próprio é totalmente desprovido do eu. Não é egoísta - porque onde há sempre luz não há escuridão e onde há amor não há eu. O amor dissolve o gélido eu. O eu é como um cubo de gelo, o amor é como o sol da manhã. Sob o calor do amor... o eu começa a derreter-se. Quanto mais se amar a si mesmo, menos encontrará o eu em si, e isto torna-se uma grande meditação, um grande salto na divindade.

E você sabe! Poderá não saber no que diz respeito ao amor-próprio, porque ainda não se amou a si mesmo. Mas amou outros; vislumbres dele devem ter ocorrido. Devem ter ocorrido raros momentos quando, por um instante, subitamente, você não estava lá e somente estava o amor. Só a energia do amor a fluir, sem nenhum centro, de nenhum lado para lado nenhum. Quando dois amantes estão sentados, juntos, estão dois nadas sentados, juntos, dois zeros sentados, juntos - e essa é a beleza do amor, o que o torna completamente vazio do eu.

Lembre-se: o orgulho egoísta nunca é amor-próprio. O orgulho egoísta é precisamente o oposto. A pessoa que não conseguiu amar-se torna-se egoísta. O orgulho egoísta é o que os psicanalistas definem como um padrão de vida narcisista, como narcisismo.

Já deve ter ouvido a história de Narciso; ele apaixonou-se por si mesmo. Olhando para um espelho de água, silencioso, apaixonou-se pelo seu próprio reflexo.

Agora veja a diferença: o homem que se ama a si mesmo não ama o seu reflexo, ama-se simplesmente a si mesmo. Não necessita de nenhum espelho; conhece-se profundamente. Você não se conhece como é? Precisa de provas do que é? Precisa de um espelho para provar que existe? Se não existe um espelho, tem suspeitas acerca de si?

Narciso apaixonou-se pelo seu reflexo - não por si próprio. Isto não é o verdadeiro amor-próprio. Ele apaixonou-se pelo reflexo; o reflexo é o outro. Ele transformou-se em dois, ficou dividido. Narciso dividiu-se. Ele estava num estado de esquizofrenia. Ele tornou-se dois - o amante e o amado. Tornou-se o seu próprio objeto de amor - e isso é o que acontece a muitas pessoas que pensam estar apaixonadas.

Quando se apaixona por uma mulher, observe, esteja alerta – pode não ser senão narcisismo. O rosto da mulher, os seus olhos e as suas palavras podem funcionar simplesmente como um lago no qual você se vê refletido. A minha observação é de que, em cerca de 100 relações amorosas, 99 são narcisistas. As pessoas não amam as mulheres que estão ali. Amam o apreço que essas mulheres dão de si próprios, a adulação que a mulher exprime ao homem. A mulher lisonjeia o homem, o homem adula a mulher - é uma adulação mútua. A mulher diz: "Não existe, ninguém tão belo como tu. És um milagre! És a maior criação de Deus. Mesmo Alexandre, *o Grande*, nada era comparado contigo." E você incha, o seu peito aumenta, a sua cabeça dilata - nada disto é senão palha, mas você começa a inchar. E você diz à mulher: "És a maior criação de Deus. Mesmo Cleópatra nada era comparada contigo. Não acredito que Deus consiga fazer melhor do que tu. Nunca existirá mulher tão bela."

Isto é o que você chama amor! Isto é narcisismo - o homem torna-se o lago e reflete a mulher, e a mulher torna-se o lago e reflete o homem. De facto não só refletem a verdade mas decoram-na, de mil e uma maneiras procuram torná-la mais e mais atraente. Isto é o que as pessoas chamam amor. Não é; isto é mútua satisfação egotística.

O verdadeiro amor não conhece nada do ego. O verdadeiro amor começa no amor-próprio.

Naturalmente, você tem este corpo, este ser está ligado a ele - goze-o, estime-o, celebre-o! E não há lugar para orgulho ou ego, porque não se está a

comparar com ninguém. O ego surge com a comparação. O amor-próprio não conhece comparação - você é você, é tudo. Não está a dizer que alguém é inferior a si; não se está a comparar. Sempre que surge a comparação, saiba que não é amor; é um pequeno truque, algures, uma subtil estratégia do ego.

O ego vive da comparação. Quando diz a uma mulher "Eu amo-te" é uma coisa, quando diz a uma mulher "Cleópatra não era nada comparada contigo" é outra - completamente diferente, precisamente o oposto. Porquê meter Cleópatra nisto? Não pode amar a mulher sem envolver Cleópatra? Cleópatra surge para dilatar o ego. Ama este homem – porquê trazer Alexandre, *o Grande*?

O amor não conhece comparação; o amor simplesmente ama sem comparação.

Assim, sempre que há comparação, lembre-se, é orgulho egoísta. É narcisismo. E sempre que não existe comparação, lembre-se, é amor, seja por si ou pelo outro.

O verdadeiro amor não tem divisões. Os amantes dissolvem-se um no outro. No amor egoísta existe grande divisão, divisão entre amante e amado. No amor verdadeiro não existe relação. Deixe-me repetir: no verdadeiro amor não existe relação, porque não existem duas pessoas que se relacionem. No amor verdadeiro só há amor, um florescimento, uma fragrância, uma fusão, uma amálgama. Só no amor egoísta há duas pessoas, amante e amado. E, sempre que há amante e amado, o amor desaparece. Sempre que há amor, o amante e o amado, ambos desaparecem no amor.

O amor é um fenómeno grandioso; não se pode sobreviver nele.

O verdadeiro amor existe sempre no presente. O amor egoísta existe sempre no passado ou no futuro. No verdadeiro amor há uma frieza apaixonada. Poderá parecer paradoxal, mas todas as grandes realidades da vida são paradoxais; assim eu chamo-lhe frieza apaixonada: há calor, mas não há ardor. O calor está certamente presente, mas existe igualmente frieza, um estado muito contido, calmo, frio. O amor torna-nos menos febris. Mas se não for amor verdadeiro, mas amor egoísta, então há um grande ardor. Então a paixão está aí como uma febre, sem qualquer frieza.

Lembrando-se disto terá critérios para julgar. Mas devemos sempre começar por nós próprios, não há outro caminho. Temos de começar onde nos encontramos.

Ame-se a si mesmo, ame imensamente e, nesse mesmo amor, o seu orgulho, o seu ego e todos esses disparates desaparecerão. E quando desaparecerem, o seu amor chegará aos outros. E não será uma relação, mas uma partilha. Não será uma relação sujeito/objeto, mas uma fusão, uma união. Não será febril, mas uma paixão contida. Será quente e frio simultaneamente. Dar-lhe-á o primeiro travo do paradoxo da vida.

Amor Doloroso

- ***Por que motivo é o amor tão doloroso?***

O amor é doloroso porque abre caminho à bem-aventurança. O amor é doloroso porque transforma; o amor é mutação. Cada transformação será dolorosa porque o hábito tem de dar lugar ao novo; O hábito é familiar, seguro, fiável, o novo é absolutamente desconhecido. Irá navegar sem mapas num oceano. Você não pode usar a sua mente com o novo; com o habitual, a mente é habilidosa. A mente pode funcionar somente com o habitual; com o novo, a mente é totalmente inútil.

Assim, o medo cresce. Ao deixar o mundo habitual, confortável e seguro, o mundo das conveniências, a dor cresce. É a mesma dor que a criança sente quando sai do interior do ventre materno. É a mesma dor que o pássaro sente quando sai de dentro do ovo. É a mesma dor que o pássaro irá sentir quando tentar, pela primeira vez, usar as asas. O medo do desconhecido, a segurança do conhecido, a insegurança do desconhecido, a imprevisibilidade do desconhecido, torna-nos muito inquietos.

E porque a transformação será do eu para um estado de ausência do eu, a agonia será profunda. Mas não poderá alcançar o êxtase sem passar pela agonia. Para purificar o ouro, este tem de passar pelo fogo.

O amor é fogo.

Mas é por causa da dor do amor que milhões de pessoas vivem uma vida sem amor. Também sofrem, e o seu sofrimento é fútil. Sofrer com amor não é sofrer em vão. Sofrer com amor é criativo; eleva-o a níveis mais altos de consciência. Sofrer sem amor é um desperdício completo; não leva a lado nenhum, mantém-no no mesmo círculo vicioso.

O homem que está sem amor é narcisista, está fechado. Ele só se conhece a si mesmo. E, se não conhece o outro, o que pode conhecer de si? Porque só o outro pode funcionar como espelho. Nunca se conhecerá a si mesmo sem conhecer o outro. O amor é, igualmente, fundamental para o autoconhecimento. Aquele que não conhece o outro num amor profundo, em paixão intensa, em êxtase completo, não será capaz de conhecer quem ele é, pois não terá um espelho para ver o seu próprio reflexo.

A relação é um espelho e, quanto mais puro for o amor, quanto mais elevado for o amor, melhor será o espelho, mais límpido será o espelho. Mas o amor elevado precisa que você esteja disponível. O amor elevado precisa que você seja vulnerável. Tem de deixar cair a sua armadura; isso é doloroso. Não precisa de estar constantemente na defesa. Tem de viver perigosamente. O outro pode magoá-lo; esse é o medo de ser vulnerável. O outro pode rejeitá-lo; esse é o medo de estar apaixonado.

O reflexo de si mesmo que poderá ver no outro pode ser feio - isso é ansiedade; evite o espelho! Mas evitando o espelho não ficará mais bonito. Mas evitando a situação também não irá crescer. O desafio tem de ser aceite.

Devemos ir até ao amor. Esse é o primeiro passo para Deus, e não pode ser ultrapassado. Os que tentam ultrapassar esse passo para o amor nunca atingirão Deus. Isto é absolutamente necessário, porque só quando foi provocado pela presença do outro é que você se torna consciente da sua totalidade, quando a sua presença foi engrandecida pela presença do outro, quando saiu do seu mundo narcisista e fechado sob o céu aberto.

O amor é um céu aberto. Estar apaixonado é voar nele. Mas, certamente, um céu sem limites, sem fronteiras, cria medo.

E perder o ego é muito doloroso porque lhe incutiram que cultivasse o ego. Pensamos que o ego é o nosso único tesouro. Temo-lo protegido, temo-lo decorado, temo-lo polido continuamente. E quando o amor bate à porta, tudo o que é necessário para se apaixonar é pôr o ego de lado. É, certamente, doloroso. É o trabalho de toda uma vida, é tudo o que você criou - este ego feio, esta ideia "Eu sou desligado da existência'.

Esta ideia é feia porque é falsa. Esta ideia é ilusória, mas a nossa sociedade existe, baseia-se na ideia de que cada pessoa é uma pessoa, não uma presença.

A verdade é que não existe nenhuma pessoa no mundo; há somente presenças. Você não é - não como ego, separado do todo. Você é parte do todo. O todo penetra em si, o todo respira em si, pulsa em si, o todo é a sua vida.

O amor dá-lhe a primeira experiência de sintonia com algo que não é o seu ego. O amor dá-lhe a primeira lição de que pode conseguir deixar-se levar pela harmonia com alguém que nunca fez parte do seu ego. Se pode estar em harmonia com uma mulher, se pode estar em harmonia com um amigo, com um homem, se pode estar em harmonia com o seu filho ou com a sua mulher, porque não pode estar em harmonia com todos os seres humanos? E se estar em harmonia com uma só pessoa lhe dá tanta alegria, qual poderá ser o resultado se estiver em harmonia com todos os seres humanos? E se conseguir a harmonia com todos os seres humanos, por que não estar em harmonia com animais, pássaros e árvores? Então um degrau leva a outro.

O amor é uma escada. Começa com um indivíduo, termina na totalidade. O amor é o início, Deus é o fim. Recear o amor, recear as dores crescentes do amor é permanecer encerrado numa cela escura. O homem moderno vive numa cela escura. É narcisista - o narcisismo é a maior obsessão da mente moderna. E então surgem problemas sem significado. Há problemas que são criativos, porque conduzem-no a uma consciência mais elevada. Há problemas que não o levam a parte nenhuma; simplesmente mantêm-no constrangido, mantêm-no nos embaraços do costume. O amor cria problemas. Você não pode evitar esses

problemas por evitar o amor - mas estes são problemas essenciais! Têm de ser enfrentados, encontrados; têm de ser vividos, ultrapassados e deixados para trás. E, para os deixar para trás, o caminho faz-se através deles. O amor é a única coisa que vale realmente a pena. Tudo o resto é secundário. Se favorece o amor, é bom. Tudo o resto é um meio, o amor, um fim. Assim, independentemente da dor, avance no amor.

Se não mergulhar no amor, como muita gente decidiu, então fica preso a si mesmo. Então a sua vida não é uma peregrinação, então a sua vida não é um rio em direção a um oceano; a sua vida é um charco estagnado, sujo, e, rapidamente, nada haverá senão sujidade e lama. Para o manter limpo, precisamos de nos manter a fluir. Um rio mantém-se limpo porque continua a fluir. Fluir é o processo de se manter continuamente virgem.

Um amante permanece virgem - todos os amantes são virgens. Todos os que não amam não podem permanecer virgens; adormecem, estagnam; começam a empestar mais cedo ou mais tarde - e será mais cedo que mais tarde - porque não têm para onde ir. A sua vida está morta.

É onde o homem moderno se encontra a si mesmo e, devido a isto, todo o tipo de neuroses, todo o tipo de demências cresceram. As doenças do foro psicológico tomaram proporções epidémicas. Não se trata só de alguns indivíduos psicologicamente doentes; na realidade, toda a terra se tornou um manicómio. Toda a humanidade sofre de um tipo de neurose e essa neurose provém do narcisismo estagnado. Todos estão presos à sua ilusão de um eu independente; então as pessoas enlouquecem. E esta loucura não tem sentido, é estéril, sem criatividade. Ou então as pessoas começam a suicidar-se. Estes suicídios são igualmente estéreis, não são criativos.

Você poderá não se suicidar por tomar veneno ou saltar de um precipício ou por disparar sobre si mesmo, mas pode suicidar-se por um processo mais lento e isso é o que, normalmente, acontece. Muito poucas pessoas se suicidam repentinamente. Outros decidem-se por um suicídio lento; gradual, lentamente, morrem. Mas a tendência para se ser suicida tornou-se quase universal.

O que não constitui uma forma de viver. E a razão, o motivo fundamental é que esquecemos a linguagem do amor. Não temos coragem suficiente para embarcar na aventura chamada amor.

Por isso as pessoas estão interessadas em sexo, porque o sexo não é arriscado. É momentâneo, não precisa de envolvimento. O amor é envolvimento; é compromisso. Não é momentâneo: mal ganhe raízes pode ser para sempre. Pode ser um compromisso para a vida. O amor precisa de intimidade, e só quando tiver intimidade é que o outro se torna espelho. Quando conhece sexualmente uma mulher ou um homem, simplesmente não os conheceu; de facto, você evitou a alma da outra pessoa. Só usou o corpo e

escapou, e o outro usou o corpo e escapou. Não chegou a haver intimidade suficiente para revelar a face original de cada um.

O amor é o maior *koan*[4] *Zen*[5].

———————————————————

4 - Koan - Exercício dirigido por um mestre Zen para permitir ao discípulo perder as suas limitações intelectuais e alcançar a intuição que permitirá a iluminação. Existem cerca de 1700 coleções de koan empregues nos mosteiros chineses e japoneses. (N. do T.)

5 - Zen - Movimento budista japonês que afirma a possibilidade de uma experiência direta da realidade através do amadurecimento da experiência interior da pessoa. Busca a iluminação espiritual interior e fomenta a prática da meditação e da contemplação. (N. do T.)

É doloroso, mas não o evite. Se o evitar, terá evitado a maior oportunidade de crescer. Vá até ele, sofra de amor, porque através do sofrimento vem um grande êxtase. Sim, há agonia, mas da agonia nasce o êxtase. Sim, terá de morrer enquanto ego, mas, se morrer enquanto ego, terá nascido como um Deus, como um buda.

O amor dar-lhe-á o primeiro sabor do Taoísmo[6], do Sufismo[7], do Zen. O amor dar-lhe-á a primeira prova de que a vida não é desprovida de sentido. Aqueles que dizem que a vida não tem sentido são aqueles que ainda não conheceram o amor. Tudo o que dizem é que a sua vida perdeu o amor.

———————————————————

6. Taoísmo - Religião originária da China que procurava a felicidade perfeita acima de tudo, o que era obtido pela união do Tao com a prática da humildade, quietude, ausência de violência e do orgulho e o amor em si mesmo. (N. do T.)

7. Sufismo - Iniciado como forma de vida ascética, evoluiu (século um) convertendo-se num movimento sincretista. (N. do T.)

Deixe que haja dor, deixe que haja sofrimento. Vá pela noite escura e alcançará um belo pôr-do-sol. É só no ventre da escuridão noturna que o Sol se desenvolve. É só após a escuridão noturna que a manhã vem.

Toda a minha abordagem é a do amor. Ensino o amor, só o amor e nada mais que o amor. Pode esquecer Deus; esta é somente uma palavra oca. Pode esquecer as preces, porque são rituais que lhe são impostos pelos outros. O amor é a prece natural que não é imposta por ninguém. Nasceu com ela. O amor é o verdadeiro Deus - não o Deus dos teólogos, mas o Deus de Buda, Jesus, Maomé, o Deus dos sufis. O amor é um mecanismo, um método para o matar, enquanto indivíduo, e ajuda-o a tornar-se infinito. Desapareça enquanto gota e torne-se um oceano - mas terá de passar pela porta do amor.

E, certamente, quando alguém começa a dissolver-se como uma gota e quando se viveu muito tempo como uma gota, dói, porque se pensa: "Eu sou isto, e isto está a ir-se. Estou a morrer." Você não está a morrer, mas a ter a

ilusão de que está a morrer. Identifica-se com a ilusão, realmente, mas a ilusão é ainda uma ilusão. E, somente quando a ilusão se vai, você será capaz de ver quem é. E esta revelação traz consigo um pico de alegria, contentamento, celebração.

Conhece-te a Ti Mesmo e Ama-te a Ti Mesmo

- ***Por que é que a inscrição no templo grego de Delfos diz "Conhece-te a ti mesmo" e não "Ama-te a ti mesmo"?***

A mente grega é obcecada pelo conhecimento. A mente grega pensa em termos de conhecimento, como conhecer. Por isso, os Gregos têm a maior tradição de filósofos, pensadores, lógicos - grandes mentes racionais, mas a paixão é conhecer.

No mundo, como eu o vejo, há somente dois tipos de mentes: a grega e a hindu. A mente grega tem a paixão do conhecimento e a Hindu, a paixão de ser. A paixão hindu não está muito direcionada para conhecer, mas para ser. *Sat*, ser, é a própria pesquisa - quem sou eu? Não conhecer de uma maneira lógica, mas mergulhar na sua própria existência, saboreando-a, até se converter nela - porque, realmente, não há outra maneira. Se perguntar aos Hindus, eles dirão que não existe outro modo de conhecer do que ser. Como pode conhecer o amor? A única maneira é tornar-se amante. Seja amante e conhecerá. E se tentar estar fora da experiência e ser somente um observador, então poderá conhecer acerca do amor, mas nunca conhecerá o amor.

A mente grega produziu todo o desenvolvimento científico. A ciência moderna é um produto da mente grega. A ciência moderna insiste em ser desapaixonada, manter-se à margem, observar sem preconceitos. Seja objetivo, seja impessoal- estes são os requisitos básicos, se quiser ser um cientista. Seja impessoal, não deixe as suas emoções colorirem nada; seja desapaixonado, quase desinteressado de qualquer das hipóteses. Observe os factos - não se envolva neles, mantenha-se de fora. Não seja um participante. Esta é a paixão grega: uma busca desapaixonada do conhecimento.

Ajudou, mas ajudou numa única direção: a direção da matéria. Este é o caminho para conhecer o material. Deste modo nunca poderá conhecer a mente, só a matéria. Deste modo nunca poderá conhecer a consciência. Poderá conhecer o exterior, nunca conhecerá o interior - porque no interior você já está envolvido. Não há maneira de permanecer fora disso, você já lá está. O interior é você - como pode sair dele? Posso observar uma pedra, um rochedo, um rio, desapaixonadamente, porque estou à margem. Como posso observar-me desapaixonadamente? Estou envolvido nisso. Não posso estar fora de mim. Não

posso reduzir-me à condição de objeto. Eu serei o assunto e serei sempre o assunto - o que quer que faça, sou o conhecedor, não o conhecido.

Então a mente grega modifica-se, a pouco e pouco, até ao material. A frase, a inscrição no templo de Delfos, *Conhece-te a Ti Mesmo*, torna-se a fonte de todo o progresso científico. Mas, progressivamente, a própria ideia de conhecimento desapaixonado levou a mente ocidental para longe do seu próprio ser.

A mente hindu, o outro tipo de mente no mundo, foi noutra direção. A direção do ser. Nos *Upanishads*[8], o grande mestre Udallak diz ao seu filho e discípulo Swetketu: ''Aquele que tu és" - *Tatwamasi*, Swetketu. Aquele que tu és - não existe distinção entre *aquele* e *és*. *Aquele* é a sua realidade; *és* é a realidade - não há distinção. Não há possibilidade de o conhecer como conhece outras coisas; só pode *ser*.

———————————————————

8. Upanishads - Textos que formam a última secção dos Vedas (800 a 400 a. C.). A sua finalidade é ajudar a entender o significado profundo das complexas ações rituais da religião védica. (N. do T.)

No templo de Delfos estava escrito, claro, *Conhece-te a ti mesmo*. É característico da mente grega. Porque o templo se encontra na Grécia, a inscrição é grega. Se o templo se encontrasse na índia, então a inscrição teria sido *Sê Tu Mesmo* - porque tu és aquele. A mente hindu aproximou-se mais e mais do ser de cada um - por isso se tornou não científica. Tornou-se religiosa, mas não científica. Tornou-se introvertida, mas então perdeu todas as amarras com o mundo exterior. A mente hindu tornou-se interiormente rica, mas o exterior ficou muito pobre.

Uma grande síntese é necessária, uma grande síntese entre as mentes hindu e grega. Poderá ser a maior bênção para a Terra. Até agora não foi possível, mas, hoje, as bases, os requisitos básicos estão cá e uma síntese é possível. O Este e o Oeste encontram-se de uma forma subtil. Os Orientais vêm para o Ocidente para aprenderem a ciência, para se tornarem cientistas, e os pesquisadores ocidentais dirigem-se para o Oriente para conhecer o que é a religião. Uma grande fusão, associação e amálgama está a acontecer.

No futuro, o Oriente não será o Oriente e o Ocidente não será o Ocidente. A Terra será uma aldeia global - um pequeno lugar onde todas as distinções desaparecerão. E então, pela primeira vez, a grande síntese surgirá, a maior de sempre - que não pensará em extremos, que não pensará que se você for para fora, se for um pesquisador em busca de conhecimento, então perde as raízes do seu ser; ou, se buscar em si, perderá as raízes no mundo no domínio científico. Ambos podem estar juntos e, sempre que tal acontece, o homem tem ambas as asas e pode voar até ao céu mais longínquo. De outro modo, só terá uma asa.

Como eu o vejo, os Hindus estão em desequilíbrio, tanto quanto a mente grega está em desequilíbrio. Ambos são parte da realidade. A religião é metade; a ciência é metade. Algo tem de acontecer, algo que consiga Juntar religião e ciência num todo global, onde a ciência não negue a religião e onde a religião não condene a ciência.

"Por que é que a inscrição no templo grego de Delfos diz *Conhece-te a Ti Mesmo e não Ama-te a Ti Mesmo*?" *Ama-te a Ti Mesmo* só é possível se você se tornar você mesmo, se for você mesmo. De outro modo, não é possível. De outro modo, a única possibilidade é tentar ir-se conhecendo, e isto também vem do exterior; observar quem você é a partir do exterior e isto também de um modo objetivo, não de um modo intuitivo.

A mente grega desenvolveu uma capacidade lógica prodigiosa. Aristóteles tornou-se o pai de toda a lógica e de toda a filosofia. A mente oriental parece ilógica - é. A própria insistência na meditação é ilógica, porque a própria meditação só é possível quando a sua mente é afastada, quando o pensamento é afastado e você se funde totalmente no seu ser, de tal modo que nem um único pensamento surge para o distrair. Só então pode conhecer. E a mente grega diz que só pode conhecer quando o pensamento é claro, lógico, racional, sistemático. A mente hindu diz: quando o pensamento desaparece completamente, só então há qualquer possibilidade de conhecer. São totalmente diferentes, movem-se em direções diametralmente opostas; mas existe uma possibilidade de as sintetizar.

Uma pessoa pode usar a sua mente quando trabalha a matéria; então a lógica é um grande instrumento. E a mesma pessoa pode pôr de lado a mente, quando se move no seu quarto de meditação deslocando-se na inconsciência. Porque mente não é você - é só um instrumento como a minha mão, como as minhas pernas. Se eu quero caminhar uso as minhas pernas, se não quero caminhar não uso as minhas pernas. Do mesmo modo, você pode usar a sua mente lógica se estiver a tentar conhecer a matéria. É perfeitamente correto, encaixa aí. E sempre que se mover intimamente, coloque-a de lado. Agora as pernas não são necessárias; o pensamento não é necessário. Agora precisa de um estado profundo, silencioso, sem pensamentos.

E ambas as situações podem acontecer numa mesma pessoa - quando eu o digo, digo-o baseado na minha experiência. Experimentei ambas. Quando é necessário, posso ser tão lógico como qualquer grego. Quando não é necessário, posso tornar-me tão absurdo e ilógico como qual quer hindu. Quando o digo, digo-o, e não é uma hipótese. Experimentei-o desse modo.

A mente pode ser usada e pode ser colocada de lado. É um instrumento, um belíssimo instrumento; mas não há necessidade de nos tornarmos obcecados por ele. Não há necessidade de ficarmos tão fixos, tão fixados por ele. Então

torna-se uma doença. Pense num homem que se quer sentar, mas não se pode sentar porque diz: "Eu tenho pernas - como me sento?" Ou pense num homem que se quer manter sossegado e silencioso e não consegue sossegar e ficar silencioso porque diz: "Eu tenho uma mente." É o mesmo.

Devemos tornar-nos tão capazes que mesmo o instrumento mental mais consciente possa ser colocado de lado ou ativado. Pode ser feito, já foi feito, mas não foi feito em larga escala. Mas mais e mais será feito - isso é o que eu estou aqui a tentar fazer consigo. Eu falo consigo, eu discuto os problemas consigo - isso é lógico, isso é usar a mente. E então eu digo-lhe: "Desligue a mente e fique em profunda meditação. Se você dança, dance tão completamente que não fique um único pensamento em si, que toda a sua energia se torne dança. Ou cante, então cante. Ou sente-se, sente-se simplesmente - fique em Zazen[9], não faça mais nada. Não permita que um único pensamento o atravesse. Fique imóvel, absolutamente imóvel." Estes aspetos são contraditórios.

———————————————————

9. Zazen - Forma de meditação do budismo Zen, acompanhada de uma postura aprovada pela tradição budista. O seu objetivo é alcançar um estado de grande quietude e gozo. (N. do T.)

Cada manhã você medita e todas as manhãs vem e ouve-me. Cada manhã você ouve-me e então vai e medita. Isto é contraditório. Se eu fosse grego, falaria consigo, estabeleceria uma comunicação lógica consigo, mas então não diria para meditar. Isso é absurdo. Se fosse hindu, não haveria qualquer necessidade de lhe falar. Posso dizer: "Vá e medite, qual a necessidade de falar? Devemos ficar em silêncio." Eu sou ambos. E esta é a minha esperança: que você se torne ambos - porque então a vida ficará enriquecida, tremendamente enriquecida. Então, não perderá nada. Então, tudo é absorvido; então, você torna-se uma grande orquestra. Então, todas as polaridades se encontram em si.

Para os Gregos, a própria ideia de "ama-te a ti mesmo" teria sido absurda, porque eles diriam - e diriam logicamente - que o amor só é possível entre duas pessoas. Você pode amar outra pessoa, pode até amar o seu inimigo, mas como pode amar-se a si mesmo? Somente você está lá, só. O amor pode existir numa dualidade, a polaridade; como se pode amar a si mesmo? Para a mente grega, a própria ideia de amar-se a si mesmo é absurda: para amar, é necessário outro.

Para a mente hindu, nos *Upanishads*, é dito que ame a sua mulher, não pelo amor da sua mulher; ame a sua mulher por si mesmo. Você ama-a - mas, bem no fundo, você ama o seu próprio prazer. Você ama o seu filho, você ama o seu amigo, não por eles, mas por si. Bem no fundo o seu filho fá-lo feliz, o seu amigo consola-o. É isso que você anseia. Então os *Upanishads* dizem que verdadeiramente você ama-se a si mesmo. Mesmo que diga que ama outros,

que é só um caminho intermédio para se amar a si mesmo, um longo desvio para se amar a si mesmo.

Os Hindus dizem que não há outra possibilidade: só pode amar-se a si mesmo. E os Gregos dizem que não há possibilidade de se amar a si mesmo, porque, para isso, são necessários pelo menos dois.

Se me perguntar a mim, eu sou ambos, hindu e grego. Se me perguntar, direi que o amor é um paradoxo. É um fenómeno muito paradoxal. Não procure reduzi-lo a um pólo: ambas as polaridades são necessárias. O outro é necessário, mas, num amor profundo, o outro desaparece. Se observar dois amantes, eles são um par e um só, simultaneamente. Esse é o paradoxo do amor e essa é a sua beleza - eles são dois, sim, eles são dois; e no entanto eles não são dois, são um. Se esta unicidade não tiver ocorrido, então o amor não é possível. Poderão estar juntos, em nome do amor. Se ainda são dois e não um, então o amor não aconteceu. E se for só um e não houver outro, então também o amor não é possível.

O amor é um fenómeno paradoxal. São precisos dois, inicialmente, e no final são precisos dois para existir como um. É o maior dos enigmas; é o maior dos *puzzles*.

Amar Melhor

- ***Como posso amar melhor?***

O amor é autossuficiente. Não precisa de melhorias. É perfeito como é; não pode de modo nenhum ser mais perfeito. O próprio desejo mostra um incorreto entendimento acerca do amor e da sua natureza. Você pode ter um círculo perfeito? Todos os círculos são perfeitos; se não são perfeitos não são círculos. A perfeição é intrínseca aos círculos e a mesma lei aplica-se ao amor. Não pode amar menos e não pode amar mais - porque não é uma quantidade. É uma qualidade, é imensurável.

A própria questão demonstra que você nunca provou o amor e está a procurar camuflar a sua insensibilidade no desejo de conhecer "como amar melhor". Ninguém que conheça o amor colocará essa questão.

O amor não pode ser entendido como um entusiasmo biológico - isso é luxúria. Isso existe em todos os animais; não tem nada de especial; ocorre mesmo nas árvores. É a forma que a natureza encontrou para se reproduzir. Não tem qualquer espiritualidade nem nada de particularmente humano. Então, a primeira coisa é fazer uma distinção nítida entre luxúria e amor. Luxúria é uma paixão cega; amor é a fragrância de um coração silencioso, pacífico, meditativo. O amor nada tem a ver com biologia, química ou hormonas.

O amor é o voo da sua consciência para reinos superiores, para lá da matéria e do corpo. No momento em que entender o amor como algo transcendental, então o amor não será uma questão fundamental. A questão fundamental é como transcender o corpo, como conhecer algo em si que está para lá - para lá de tudo o que é mensurável. Esse é o significado da palavra "*matéria*". Tem origem numa raiz sânscrita, *matra*, que significa medida; significa aquilo que pode ser medido. A palavra "*medidor*" provém da mesma raiz. A questão fundamental é como ir para lá do que se pode medir e entrar no imensurável. Por outras palavras, como ir para lá da matéria e abrir os seus olhos para uma maior consciência. E não há limite para a consciência - quanto maior for a sua consciência, melhor você se apercebe de quanto é possível avançar. Quando atinge um patamar, logo outro patamar surge diante de si. É uma peregrinação eterna.

O amor é o subproduto de uma consciência elevada. É como a fragrância de uma flor. Não a procure nas raízes; não se encontra aí. A sua biologia é a sua raiz; a sua consciência é o seu florescimento. À medida que a sua consciência se torna mais e mais como o desabrochar de um lótus, ainda mais ficará surpreendido - levado para trás - por uma experiência esmagadora, que só pode ser chamada amor. Encontra-se tão pleno de alegria, tão cheio de beatitude, que cada fibra do seu ser dança em êxtase. É como uma nuvem de chuva que quer chover e salpicar.

No momento em que você se encontra a transbordar com felicidade, um fortíssimo desejo surge em si, partilhar. Essa partilha é o amor.

O amor não é algo que possa conseguir de alguém que não tenha atingido a bem-aventurança. E esta é a desgraça do mundo; todos procuram ser amados e todos dizem amar. Você não pode amar porque não sabe o que é a consciência. Não conhece o *satyam*, o *shivam*, o *sudram*; não conhece a verdade, não conhece a experiência do divino e não conhece a fragrância da beleza. O que tem para oferecer? Está tão vazio, está tão oco... Nada cresce no seu ser, nada é verde. Não existem flores em si a sua primavera ainda não chegou.

O amor é um subproduto. Quando a primavera chegar e você, subitamente, começar a florir e começar a libertar a sua fragrância potencial - partilhar essa fragrância, partilhar essa graça e partilhar essa beleza é amor.

Não o quero magoar, mas não tenho solução, tenho de lhe dizer a verdade: você não sabe o que é o amor. Não pode saber porque não aprofundou a sua consciência. Ainda não o vivenciou por si próprio, você não sabe nada do que ele é. Nesta cegueira, nesta ignorância, nesta inconsciência, o amor não cresce. Isso é o deserto em que você vive. Nessa escuridão, nesse deserto, não há possibilidade de o amor florescer.

Primeiro tem de estar pleno de luz e pleno de prazer - tão pleno que comece a transbordar. Essa energia transbordante é o amor. Este amor é conhecido como a maior perfeição do mundo: não é nada menos, não é nada mais.

Mas a nossa própria educação é tão neurótica, psicologicamente tão doentia que destrói todas as possibilidades de crescimento interior. Você é ensinado desde o início a ser um perfeccionista e, naturalmente, prossegue a sua vida aplicando ideias de perfeccionismo a tudo, até ao amor.

Ainda no outro dia li o seguinte: *um perfeccionista é alguém que assume grandes dores e dá dores ainda maiores aos outros*. E o resultado é um mundo infeliz!

Toda a gente está a tentar ser perfeita. E no momento em que alguém começa a tentar ser perfeito, começa a esperar que toda a gente seja perfeita. Começa a condenar os outros, começa a humilhar os outros. É o que todos os seus, ditos, santos têm feito ao longo dos tempos. É tudo o que as suas religiões fizeram por si - envenenaram o seu ser com a ideia de perfeição.

E porque não pode ser perfeito, você começa a sentir-se culpado, perde o respeito por si mesmo. E o homem que perde o respeito por si mesmo perde toda a dignidade de ser humano. O seu orgulho foi esmagado, a sua humanidade foi destruída por belas palavras, como perfeição.

O homem não pode ser perfeito. Sim, há algo que pode experimentar, mas que está para lá da conceção comum do homem. A menos que o homem experimente também algo do divino, ele não pode conhecer a perfeição.

A perfeição não é como uma disciplina; não é algo que possa praticar. Não é algo por que deva ir a ensaios. Mas isso é o que está a ser ensinado a toda a gente e o resultado é um mundo de hipócritas, que sabem perfeitamente que são ocos e vazios, mas que continuam a fingir todos os tipos de qualidades que são só palavras vazias.

Quando você diz a alguém ''Amo-te'', alguma vez pensou no que disse? É só um entusiasmo biológico entre os dois sexos? Então, uma vez satisfeito o seu apetite animal, todo o dito amor desaparecerá. Era só um acesso de fome, saciou a sua fome e está satisfeito. A mesma mulher que parecia a mais bela do mundo, o mesmo homem que parecia Alexandre, *o Grande* - deixa de lhe interessar e você começa a pensar numa maneira de se livrar dessa pessoa!

Será muito esclarecedor entender esta carta escrita por Paddy à sua amada Maureen:

> Minha querida Maureen,
> Por ti, eu subiria à maior montanha e nadaria no mar mais revolto.
> Aguentaria quaisquer dificuldades para passar um momento ao teu lado.
> O teu sempre apaixonado, Paddy.
> P.S. Irei ter contigo na sexta-feira à noite se não chover.

No momento em que você diz a alguém ''Amo-te'' não sabe o que está a dizer. Não percebe que é só a luxúria escondendo-se atrás de uma palavra bonita, amor. Desaparecerá. É momentânea.

O amor é algo eterno. É a experiência dos budas, não da gente inconsciente que enche o mundo. Poucas pessoas sabem o que é o amor e essas mesmas pessoas são as mais despertas, as mais esclarecidas, os picos mais elevados da consciência humana.

Se realmente deseja conhecer o amor, esqueça o amor e lembre-se da meditação. Se quiser trazer rosas para o seu jardim, esqueça as rosas e cuide da roseira. Alimente-a, regue-a, cuide dela para que receba as quantidades certas de sol e água. Se tudo for feito na altura certa, as rosas vingarão. Não as pode obrigar a crescer, não pode forçá-las a desabrochar mais cedo. E não pode pedir a uma rosa que seja mais perfeita.

Alguma vez viu uma rosa que não seja perfeita? Que mais quer? Cada rosa na sua especificidade é perfeita. Dançando ao vento, à chuva, ao sol... Não vê a enorme beleza, a alegria absoluta? Uma pequena rosa comum irradia o esplendor secreto da existência.

O amor é uma rosa no seu ser. Mas prepare o seu ser - afaste a escuridão e o inconsciente. Esteja mais e mais alerta e consciente, e o amor chegará por si mesmo, no seu próprio tempo. Não precisa de se preocupar com ele. E quando chega é sempre perfeito.

O amor é uma experiência espiritual - nada tem a ver com os sexos e nada tem a ver com os corpos, mas tem algo a ver com o nosso ser mais profundo. Mas ainda não chegou a entrar no seu templo. Não sabe nada de quem você é e está a tentar descobrir como amar melhor. Primeiro, seja você próprio; primeiro, conheça-se a si mesmo e o amor chegará como uma recompensa. É uma recompensa de outro mundo. Chove sobre si como flores... enche o seu ser. E continuará a chover sobre si e trará com ele uma enorme vontade de partilhar.

Na linguagem humana essa partilha só pode ser indicada pela palavra *amor*. Não diz muito, mas indica a direção certa.

O amor é uma sombra de alerta, de consciência. Seja mais consciente, e o amor virá à medida que se tornar mais consciente. É um convidado que vem, que chega inevitavelmente para aqueles que estão preparados e prontos para o receber. Você ainda não está pronto para o reconhecer! Se o amor chegar à sua porta, não o reconhecerá. Se o amor bater à sua porta, encontrará mil e uma desculpas; poderá pensar que é algum vento forte, ou uma outra desculpa qualquer; não lhe abrirá as portas. E, mesmo que lhe abra as portas, não reconhecerá o amor, porque nunca viu o amor antes; como pode reconhecê-lo?

Você só pode reconhecer algo que já conhece. Quando o amor chega pela primeira vez, e preenche o seu ser, você fica absolutamente esmagado e surpreendido. Não sabe o que está a acontecer. Só sabe que o seu coração dança, sabe que está rodeado de música celestial, conhece fragrâncias que nunca experimentou antes. Mas demora algum tempo a reunir todas estas experiências e a lembrar-se de que talvez isto seja o amor. Lentamente, lentamente, afunda-se no seu ser.

Só os místicos conhecem o amor. Para além dos místicos, não existe nenhuma outra categoria de seres humanos que alguma vez tenham experimentado o amor. O amor é o monopólio absoluto do místico. Se quer conhecer o amor, terá de entrar no mundo do místico.

Jesus diz: "Deus é amor." Ele fez parte de uma escola de mistérios, os Essénios[10], uma antiga escola de místicos. Mas talvez não se tenha formado nesta escola de mistérios, porque o que ele diz não está totalmente correto. Deus não é amor, o amor é Deus - e a diferença é substancial; não se trata meramente de uma alteração de palavras. No momento em que você diz: Deus é amor, está simplesmente a dizer que o amor é simplesmente um atributo de Deus. Ele é também sabedoria, ele é também compaixão, ele é também perdão, ele pode ser um milhão de outras coisas para além de amor; o amor é só um dos atributos de Deus.

———————————————————

10. Essénios - Seita judaica ascética (século II a. C. - 66 a 70 d. C.), organizada de forma monástica. Era detentora da tradição cabalística que aplicava na interpretação dos livros sagrados. (N. do T.)

E, de facto, mesmo torná-lo um atributo de Deus é ilógico e irracional, porque, se Deus é amor, ele não pode ser "justo". Se Deus é amor, então ele não pode ser suficientemente cruel com os pecadores atirando-os para a eternidade infernal. Se Deus é amor, então Deus não pode ser a lei. Um grande místico sufi, Omar Khayyam, demonstra mais com- preensão que Jesus quando diz: "Eu continuarei a ser somente eu mesmo. Não irei ter em atenção os sacerdotes e pregadores, porque confio que o amor de Deus é suficientemente grande; eu não posso cometer um pecado que seja maior do que o seu amor. Então, porquê preocupar -me? As nossas mãos são pequenas e os nossos pecados são pequenos o nosso alcance é pequeno; como podemos cometer pecados que o amor de Deus não possa perdoar? Se Deus é amor, então não poderá estar presente no dia do Juízo Final para separar os santos e atirar os restantes milhões e milhões de pessoas para o inferno por toda a eternidade."

O ensino dos Essénios era precisamente o oposto; Jesus cita-os incorretamente. Talvez ele não tivesse enraizado profundamente os seus conhecimentos. O seu ensino era: "O amor é Deus." A diferença é enorme. Assim, Deus é simplesmente um atributo do amor; assim, Deus torna-se

somente uma qualidade da poderosa experiência que é o amor. Assim, Deus não é somente uma pessoa, mas uma experiência daqueles que conheceram o amor. Assim, Deus torna-se secundário face ao amor. E eu digo-lhe, os Essénios tinham razão. O amor é o valor último, o florescimento final. Nada há para além dele; para além disso, você não pode aperfeiçoá-lo.

De facto, mal se aperceba dele, você terá de desaparecer. Quando o amor surgir, você não estará lá.

Um grande místico oriental, Kabir, tem uma afirmação muito significativa - uma afirmação que só pode ser feita por alguém que experimentou, que compreendeu, que entrou no interior do santuário da realidade fundamental. A afirmação é: "Eu andei em busca da verdade, mas é estranho dizer que, enquanto o pesquisador estava lá, a verdade não era encontrada. E quando a verdade era encontrada, olhava em volta... e eu estava ausente. Quando a verdade era encontrada, o pesquisador não estava; e quando o pesquisador estava, a verdade não surgia."

A verdade e o pesquisador não podem existir em simultâneo. Você e o amor não podem existir em simultâneo. Não há coexistência possível: ou você ou o amor, pode escolher. Se estiver disposto a desaparecer, fundir-se e imergir, deixando para trás somente uma consciência pura, o amor florescerá. Não o pode aperfeiçoar, porque você não estará presente. E, em primeiro lugar, não precisa de perfeição; ele é sempre perfeito.

Mas «amor» é uma daquelas palavras que toda a gente usa e ninguém entende. Os pais dizem aos filhos "Nós amamos-te" - e eles são as pessoas que destroem os seus filhos. São as pessoas que ensinam aos seus filhos todo o tipo de preconceitos, todo o tipo de superstições mortas. São as pessoas que sobrecarregam os filhos com toda uma carga de disparates que as sucessivas gerações carregam e que cada geração transfere para a geração seguinte. A loucura continua... tornando-se gigantesca.

Todos os pais pensam que amam os filhos. Se os amassem de verdade, não os encorajariam a ser a sua imagem, porque assim só vão ser infelizes. Qual é a experiência que têm da vida? Pura miséria e sofrimento... a vida não é urna bênção para eles, mas antes uma maldição. E, mesmo assim querem que os filhos sejam como eles.

> Fui convidado por uma família para passar uns dias na sua casa. Estava sentado no seu jardim, uma noite. O Sol punha-se e estava um anoitecer belo e silencioso. Os pássaros regressavam às árvores, e a criança mais pequena da família estava sentada ao meu lado. Perguntei-lhe: "Sabes quem tu és?" E as crianças são claras, mais compreensivas que os adultos, porque os adultos já estão estragados, corrompidos, poluídos com todos os tipos de ideologias, religiões. E essa pequena criança olhou -me e respondeu: "Estás a fazer-me uma pergunta muito difícil."
> Eu perguntei: "Qual é a dificuldade?"

Ele respondeu: "A dificuldade é que sou o único filho dos meus pais, e, tanto quanto me lembro, sempre que vêm pessoas cá a casa, alguém diz que os meus olhos são como os do meu pai, outros dizem que o meu nariz é parecido com o da minha mãe, outros ainda dizem que a minha cara é parecida com a do meu tio. Por isso não sei quem sou, porque ninguém diz que alguma coisa se parece comigo."

Isto é o que é feito a todas as crianças. Você não deixa as crianças em paz para se conhecerem a si mesmas e você não deixa os seus filhos serem eles mesmos. Você continua a sobrecarregar os seus filhos com as suas ambições não satisfeitas. Todo o pai quer que o filho seja a sua imagem.

Mas uma criança tem o seu próprio destino; se ele se tornar a sua imagem, nunca conseguirá ser ele próprio. E não conseguindo ser ele mesmo, nunca conseguirá sentir felicidade; nunca estará à vontade com a existência. Estará sempre numa situação em que sente que lhe falta algo.

Os seus pais amam-no e também lhe dizem que tem de os amar porque eles são os seus pais, elas são as suas mães. É um fenómeno estranho e ninguém parece ter consciência dele: só porque você é mãe não significa que o seu filho tenha de a amar. Você tem de ser afetiva; o facto de ser mãe não é suficiente. Você pode ser pai, mas isso não significa que automaticamente se torne amado. Só pelo facto de ser pai, não cria um grande sentimento de amor no seu filho. Mas é esperado... e a pobre criança não sabe o que fazer. Começa a fingir; é a única via possível. Começa a sorrir quando não existe nenhum sorriso no seu coração; começa a mostrar amor, respeito, gratidão - e tudo é falso. Desde o início, torna-se um ator, um hipócrita, um político.

Vivemos todos num mundo onde pais, professores, sacerdotes - todos o corromperam, deslocaram-no, afastaram-no de si mesmo. O meu esforço é devolvê-lo a si mesmo. Chamo a este processo "meditação". Quero que seja simplesmente você mesmo, com grande respeito por si próprio, com a dignidade de saber que a existência precisa de si – e então poderá começar a busca de si mesmo. Primeiro centre-se em si e depois vá em busca de si mesmo.

Conhecer o seu verdadeiro rosto é o começo de uma vida de amor, uma vida de celebração. Você será capaz de dar tanto amor – porque não é nada que seja passível de ser esgotado. É imensurável, nunca pode esgotar-se. E quanto mais der, mais será capaz de dar.

A maior experiência na vida é quando você dá sem quaisquer condições, sem quaisquer expectativas de receber, mesmo um simples "Obrigado". Pelo contrário, o amor autêntico, o verdadeiro, sente-se obrigado em relação à pessoa que aceitou o seu amor. Ele poderia tê-lo rejeitado.

Quando você começa a dar amor com um sentimento profundo de gratidão por todos aqueles que o aceitam, ficará surpreendido por se tornar um imperador - já não é um pedinte implorando amor com uma lata vazia, batendo de porta em porta. E aqueles em cujas portas você bate não lhe podem dar amor; eles são também pedintes. Pedintes que pedem amor a outros pedintes

e sentem-se frustrados, zangados, porque o amor não chega. Mas isto era inevitável. O amor pertence ao mundo dos imperadores, não ao dos pedintes. E um homem é um imperador quando está tão pleno de amor, pois pode dá-lo sem quaisquer condições.

E então surge uma surpresa ainda maior: quando você começa a dar o seu amor a qualquer pessoa, mesmo a desconhecidos - a questão não é a quem você o dá -, só a própria alegria de o dar é tal que não importa quem o recebe. Quando este entra no seu ser, você continua a dar a todos e a qualquer um - não só a seres humanos, mas a animais, árvores, estrelas longínquas, porque o amor é algo que pode ser transferido até à estrela mais distante só pelo olhar do seu amor. Só pelo seu toque, o seu amor pode ser transferido para uma árvore. Sem dizer uma palavra... pode ser transmitido em silêncio absoluto. Não precisa de ser dito, declara-se por si. Tem os seus métodos próprios de alcançar as profundezas do seu ser.

Primeiro esteja cheio de amor, então a partilha acontece. E então a grande surpresa... à medida que você dá, começa a recebê-lo de origens desconhecidas, de lugares desconhecidos, de gente desconhecida, de árvores, de rios, de montanhas. De todos os cantos e recantos da existência, o amor começa a derramar-se sobre si. Quanto mais der, mais recebe. A vida torna-se uma dança total de amor.

Parte 2

D A R E L A Ç Ã O À L I G A Ç Ã O

No momento em que você sente que já não está dependente de ninguém, uma profunda calma e um profundo silêncio instalam-se em si, um deixa-andar relaxado. Isto não significa que tenha deixado de amar. Pelo contrário, pela primeira vez você conhece uma nova realidade, uma nova dimensão do amor - um amor que já não é biológico, um amor que está mais próximo da amizade do que qualquer outra relação. É por isso que não estou a usar a palavra amizade, porque esse "barco"[11] afundou muita gente.

---

11. "Barco" - O autor faz um jogo de palavras entre *friendship* - amizade - e barco - *ship* -, daí referir-se ao facto de este "barco" (*friendship)* ter afundado muita gente. (N.doT.)

Capítulo 5

A Lua-de-Mel sem Fim

O amor não é a relação. O amor relaciona-se, mas não é uma relação. Uma relação tem um fim. Uma relação é um substantivo; a paragem final chegou, a lua-de-mel acabou. Agora não há alegria, não há entusiasmo, agora tudo está terminado. Poderá continuar com ele, só para manter as suas promessas. Poderá mantê-lo porque é confortável, conveniente, acolhedor. Poderá mantê-lo porque nada mais há a fazer. Poderá mantê-lo porque, se o desfizer, trar-lhe-á demasiados problemas... Relação significa algo completo, fechado, terminado.

O amor nunca é uma relação; o amor é relacionar-se. É sempre um rio, fluindo, sem fim. O amor não conhece paragens; a lua-de-mel começa, mas nunca termina. Não é como uma novela que começa num momento e termina noutro. É um fenómeno contínuo. Os amantes passam, o amor prossegue - é contínuo. É um verbo, não um substantivo.

Mas porque reduzimos a beleza de nos relacionarmos com as relações? Porque temos tanta pressa? Porque relacionar-se é inseguro e a relação é segura. A relação tem uma certeza; relacionar-se é só um encontro entre dois desconhecidos, um encontro de uma só noite e na manhã seguinte despedimo-nos. Quem sabe o que irá acontecer amanhã? E temos tanto medo que queremos ter certezas, queremos torná-lo previsível. Gostaríamos amanhã de estar de acordo com as nossas ideias; não lhe permitimos a liberdade de seguir o seu próprio caminho. Então reduzimos imediatamente todos os verbos a substantivos.

Você está apaixonado por uma mulher ou por um homem e imediatamente começa a pensar em casar-se. Fazer um contrato legal. Porquê? Como é que a lei se torna amor? A lei torna-se amor porque o amor não está lá. É só uma fantasia e você sabe que a fantasia desaparecerá. E, antes que desapareça, procura instalar-se, antes que desapareça faz algo de modo a que se torne impossível de separar.

Num mundo melhor, com mais gente meditativa, com mais instrução dispersa sobre a terra, as pessoas amarão, amarão intensamente, mas o seu amor permanecerá um relacionar-se, mas não uma relação. E não quero com isto dizer que o seu amor será fugaz. Há todas as possibilidades de esse amor durar mais do que aquilo que você chama relação, que consiga durar. Mas não será garantido pela lei, pelo tribunal, pela polícia. A garantia será interior. Será um compromisso do coração, será uma comunhão silenciosa.

Se apreciar estar com alguém, irá apreciar cada vez mais e mais. Se aprecia a intimidade, irá gostar de explorar a intimidade mais e mais. E existem algumas flores do amor que só desabrocham após uma longa intimidade. Há também

flores sazonais: após cerca de seis semanas ao sol elas surgem, mas em outras seis semanas desaparecem para sempre. Há flores que demoram anos a aparecer e há flores que demoram muitos anos a aparecer. Quanto mais tempo leva, mais profundo é. Mas tem de existir um compromisso de um coração para outro coração. Não tem de ser verbalizado, porque verbaliza-lo é profana-lo. Tem de ser um compromisso silencioso; olho no olho, coração a coração, ser a ser. Tem de ser entendido, não dito.

Esqueça as relações e aprenda a relacionar-se.

Logo que tem uma relação, começa a encarar o outro como garantido – é isto que destrói os casos de amor. A mulher pensa que conhece o homem, o homem pensa que conhece a mulher. Mas ninguém se conhece! É impossível conhecer o outro, o outro permanece um mistério. E considerar o outro seguro é insultuoso, desrespeitoso.

Pensar que conhece a sua mulher é muito, muito ingrato. Como pode conhecer a sua mulher? Como pode conhecer o seu marido? Eles são sistemas, não são coisas. A mulher que conhecer ontem não está aqui hoje Passou tanta água pelo Ganges; ela é outra pessoa, completamente diferente. Relacione-se de novo, comece de novo, não pense nela como uma certeza.

E o homem com quem dormiu ontem à noite, olhe para o seu rosto de novo, de manhã. Já não é a mesma pessoa, tanta coisa mudou. Tanta coisa, incalculavelmente tanto mudou. Essa é a diferença entre uma objeto e uma pessoa. A mobília do quarto é a mesma, mas o homem e a mulher já não são os mesmos. Explore novamente, comece de novo. É isto que quero dizer com relacionar-se.

Relacionar-se, significa estar sempre a começar, estar continuamente a tentar familiarizar-se. Estar a apresentar-se ao outro, sempre e sempre.

Você está a tentar ver as muitas facetas da personalidade do outro. Está a tentar penetrar mais profundamente, cada vez mais profundamente, no reino dos sentimentos profundos, nos abismos profundos do seu ser. Está a tentar desvendar um mistério que não pode ser desvendado. Esta é a alegria do amor: a exploração da consciência.

E se você se relaciona e não se reduz a uma relação, então o outro torna-se um espelho de si. Explore-o, sem saber estará a explorar-se a si mesmo. Aprofundando o outro, conhecendo os seus sentimentos, os seus pensamentos, as suas pulsões mais íntimas, conhecerá as suas próprias pulsões. Os amantes tornam-se espelhos, um do outro e, então, o amor torna-se uma meditação.

A relação é feia, relacionar-se é belo.

Na relação ambos se tornam cegos relativamente ao outro. Pense, há quanto tempo olhou a sua mulher olhos nos olhos? Há quanto tempo olhou para

o seu marido? Talvez há anos. Quem olha para a sua própria mulher? Já tem como certeza que a conhece; que mais existe para olhar? Você está mais interessado nos estranhos do que nas pessoas que conhece - você conhece toda a topografia dos seus corpos, sabe como respondem, sabe como tudo o que aconteceu acontecerá outra e outra vez. É um ciclo repetitivo.

Mas não é assim, não é realmente assim. Nada se repete; tudo é novo todos os dias. Só os seus olhos envelhecem, os seus pressupostos envelhecem, o seu espelho ganha poeira e você torna-se incapaz de refletir o outro.

Por isso eu digo: relacione-se. Ao dizer relacione-se, quero dizer permaneça continuamente em lua-de-mel. Busquem e procurem-se mutuamente, encontrando novos meios para se amarem, encontrando novos meios para estar com o outro. E cada pessoa é um mistério infinito, inesgotável, insondável, e não é possível que alguma vez você diga: "Eu conheci-a" ou "Eu conheci-o". No máximo poderá dizer: "Esforcei-me ao máximo, mas o mistério permanece um mistério."

De facto, quanto mais conhecer, mais misterioso o outro se torna. Então o amor será uma aventura permanente.

Capítulo 6

Do Desejo de Amar ao Amar

O amor é quase impossível no estado normal da mente humana. O amor é possível quando alguém alcança o ser, não antes. Antes disso é sempre outra coisa. Continuamos a chamar-lhe amor, mas por vezes é absurdo chamar-lhe amor.

Alguém se apaixona por uma mulher porque lhe agrada a forma como ela caminha, ou a sua voz, ou o modo como ela diz "Olá", ou os seus olhos. Não há muito tempo, li o que uma mulher disse acerca de um homem: "Tem as sobrancelhas mais bonitas do mundo." Não há nada de errado nisto - as sobrancelhas podem ser bonitas - mas, se você se apaixona por sobrancelhas, mais cedo ou mais tarde ficará desapontado porque as sobrancelhas não são uma parte essencial da pessoa.

E por estes aspetos secundários as pessoas podem apaixonar-se! A forma e os olhos são aspetos secundários. Porque quando você vive com uma pessoa, não está a viver com a proporção de um corpo, não está a viver com umas sobrancelhas nem com uma cor de cabelo. Quando vive com alguém, uma pessoa é algo enorme, vasto..., quase indefinível, e estas pequenas coisas periféricas, mais cedo ou mais tarde, tornam-se insignificantes. Mas subitamente ficamos surpreendidos: O que fazer?

Cada amor começa de um modo romântico. Quando a lua-de-mel chega ao fim, acaba tudo porque ninguém consegue viver sem romance. Cada um de nós tem de viver com a realidade - e a realidade é totalmente diferente. Quando você vê alguém, não vê a sua totalidade; só a vê superficialmente. É semelhante a uma pessoa que se apaixonou por um carro por causa da sua cor. Ainda não viu o que há debaixo do *capot*; poderá nem existir motor, ou alguma coisa estar defeituosa. Em suma, a cor não vai ajudar.

Quando duas pessoas se encontram, as suas realidades interiores chocam e os aspetos externos tornam-se insignificantes. O que fazer com as sobrancelhas, com o cabelo ou com o penteado? Praticamente, você esquece-os. Quase já não o atraem, porque estão lá. E quanto mais conhece a pessoa, mais começa a recear, porque então começa a aperceber-se da sua loucura e a outra pessoa começa a conhecer a sua loucura. Então ambos sentem-se enganados e ambos ficam zangados. Ambos começam a tentar vingar-se do outro, como se o outro o tivesse iludido ou enganado. Ninguém enganou ninguém, apesar de serem todos enganados.

Um dos aspetos básicos a reter é que quando você ama alguém ama-a porque a pessoa não está disponível. Agora que a pessoa está disponível, como pode o amor existir?

Você queria ser rico porque era pobre - todo o desejo de ser rico era devido à sua pobreza. Agora que é rico, não se importa. Ou encara-o de outro modo. Você tem fome, está completamente obcecado por comida. Mas quando se sente bem e com o estômago cheio, já nem se lembra? Quem pensa em comida?

O mesmo acontece com o seu chamado amor. Você anda a perseguir uma mulher e ela afasta-se, fugindo-lhe. Você fica cada vez mais ardente e, então, persegue-a ainda mais. E isso faz parte do jogo. Cada mulher sabe intrinsecamente que tem de fugir, assim a caça mantém-se continuamente. Claro que ela não deve fugir demasiado, senão você será tentado a esquecê-la - ela tem de permanecer à vista, encantadora, fascinante, apelativa, convidativa, mas ainda assim fugindo.

Inicialmente, o homem corre atrás da mulher e a mulher tenta escapar-lhe. Logo que o homem captura a mulher, a situação modifica-se. Então o homem procura fugir e a mulher começa a persegui-lo - "Onde vais? Com quem estavas a falar? Porque é que vens tarde? Com quem estiveste?"

E o problema é que ambos se sentiam atraídos um pelo outro, por que eram mutuamente desconhecidos. O desconhecido tem atração, o que não é familiar atrai. Agora ambos se conhecem bem. Fizeram amor tantas vezes que se tornou quase repetitivo - na melhor das hipóteses tornou-se um hábito, um sossego, mas o romance desapareceu. Então ambos se sentem aborrecidos. O homem torna-se um hábito, a mulher torna-se um hábito. Eles não podem viver um sem o outro devido ao hábito, e não podem viver juntos porque não existe romance.

Este é o verdadeiro momento em que cada um deve entender se isto é ou não amor. E você não pode enganar-se a si mesmo; deve ser claro. Se era amor, ou se alguma parte era amor, este passará. Então deve entender que estes são aspetos naturais. Não há necessidade de se zangar por isso. E você ainda ama a pessoa. Ainda que a conheça, ainda a ama.

De facto, se o amor estiver presente você ama mais o outro porque sabe. Se existe amor, sobrevive. Se não estiver presente, desaparece. Ambos são bons.

Para um estado mental comum, o que eu chamo amor não é possível. Só acontece se tiver uma personalidade bem integrada. O amor é a função de um ser integrado. Não é romance, não tem nada a ver com esses aspetos disparatados. Encontra-se no mais profundo do ser do outro - mas então é totalmente diferente. Cada amor pode crescer nele, deverá crescer nele, mas noventa e nove em cada cem amores não atingem este ponto. As desordens e os problemas são tão grandes que podem destruir tudo.

Mas não estou a dizer que cada um se deve manter preso ao outro. Devemos estar alerta e atentos. Se o seu amor consiste nestes aspetos

absurdos, ele desaparecerá. Não vale a pena preocupar-se. Mas se for real, então, apesar do tumulto, sobreviverá. Esteja atento...

O amor não é a questão. A sua percepção é que é a questão. Esta pode ser uma situação na qual a sua percepção crescerá e você ficará mais atento a si mesmo. Talvez este amor desapareça, mas o próximo amor será melhor; a sua escolha será feita com maior consciência. Ou este amor com maior consciência mudará a sua qualidade. Então devemos manter-nos atentos ao que quer que aconteça.

O amor tem três dimensões. Uma é quase animal: é só luxúria, um fenómeno físico. A outra é humana: é superior à luxúria, à sexualidade, à sensualidade. Não é só exploração, a exploração do outro como um meio. O primeiro é uma exploração; no primeiro, o outro é usado como um meio. No segundo, o outro não é usado como um meio, o outro é igual a si. O outro é tanto um fim em si mesmo como você e o amor não é uma exploração, mas uma partilha mútua do seu ser, das suas alegrias, da sua música, da sua pura poesia de vida. É partilhado e é mútuo.

O primeiro é possessivo, o segundo é livre. O primeiro cria dependência, o segundo liberta-o. E a terceira dimensão do amor é sublime, divina: quando não existe objeto para amar, quando o amor não é uma relação, quando o amor se torna um aspeto do seu ser. Você ama simplesmente - não ama alguém em particular, mas simplesmente está a amar, assim, o que quer que faça, faz com amor; quem quer que conheça, conhece a amar. Mesmo quando toca numa pedra, toca-lhe como se o fizesse à sua amada; mesmo quando olha as árvores, os seus olhos estão cheios de amor.

O primeiro usa o outro como um meio; para o segundo, o outro já não é um meio; no terceiro, o outro desapareceu totalmente. O primeiro cria prisões, o segundo dá-lhe liberdade e o terceiro ultrapassa-o: transcende todas as dualidades. Não há amante, não há amado, só há amor.

Este é o último estádio do amor e este é o objetivo de vida a atingir. A maioria das pessoas mantém-se limitada ao primeiro. Somente poucos alcançam o segundo e raríssimo é o fenómeno que ocorre com o terceiro. Somente Buda, ou Jesus... Poucas pessoas, aqui ou ali, encontraram esta terceira dimensão do amor, podem contar-se pelos dedos. Mas se mantiver os olhos fixos numa estrela distante, é possível. E quando se torna possível, você sente-se preenchido. Então nada falta à vida e nessa plenitude está a alegria, a eterna alegria. Nem a morte a pode destruir.

Capítulo 7

Mas Que Haja Espaços...

Em *O Profeta* de Kahlil Gibran, Al-Mustafá diz:

Mas que na vossa união haja espaços.
E deixai, entre vós, dançar os ventos dos céus.
Amai-vos um ao outro, mas não façais do amor uma prisão:
Que seja antes um mar em movimento entre as margens das vossas almas.

Se a vossa união não se deve ao desejo, o vosso amor irá aprofundar-se diariamente. O desejo encurta tudo, a biologia não está interessada em que permaneçam juntos ou não. Interessa-se pela reprodução; para isso, o amor não é necessário. Poderá continuar a fazer filhos, sem qualquer amor.

Tenho vindo a observar todo o tipo de animais. Vivi em florestas, em montanhas, e sempre fiquei intrigado: sempre que fazem amor eles parecem muito tristes. Nunca vi animais a fazer amor alegremente; é como se uma força desconhecida os pressionasse a fazê-lo. Não é por escolha própria; não é a sua liberdade, mas a sua prisão. Isto entristece-os.

Observei o mesmo nos homens. Alguma vez viu um casal na rua? Poderá não saber se são marido e mulher, mas, se ambos estão tristes, pode ter a certeza que são.

> Eu viajava de Deli para Srinagar. No meu compartimento com ar condicionado só existiam dois lugares e um estava-me reservado. Então chegou um casal, uma bela mulher e um homem jovem e elegante. Os dois não podiam ficar acomodados num assento tão pequeno, assim ele deixou-a e foi para outro compartimento. Mas a cada paragem voltava, trazendo doces, frutos, flores.
>
> Eu observava a cena. Perguntei à mulher: "Há quanto tempo estão casados?"
>
> Ela respondeu: "Há sete anos."
>
> Eu disse: "Não me minta! Pode enganar quem quiser, mas não a mim. Vocês não são casados."
>
> Ela ficou chocada. De um estranho, com quem nunca falara... que simplesmente observara. Então perguntou: "Como é que se apercebeu?"
>
> Respondi: "Não tem nada de especial, é simples. Se ele fosse seu marido e se, depois de ter saído, só voltasse na estação em que deviam apear-se, poderia considerar-se afortunada!"
>
> Ela respondeu: "Não me conhece, eu não o conheço. Mas o que diz é verdade. Ele é meu amante.

É amigo do meu marido."

Eu respondi: "Então tudo faz sentido... "

O que vai mal entre maridos e mulheres? Não é amor, e toda a gente o aceita como se soubesse o que é o amor. É pura luxúria. Rapidamente estão fartos uns dos outros. A biologia enganou-os para que se reproduzam e, rapidamente, não há nada de novo - o mesmo rosto, a mesma geografia, a mesma topografia. Quantas vezes a explorou? Toda a gente fica triste com o casamento e o mundo continua alheio à causa.

O amor é um dos fenómenos mais misteriosos. É acerca desse amor que Al-Mustafá fala. Você nunca se cansa dele, porque não é luxúria.

Al-Mustafá diz: *Mas que na vossa união haja espaços.*

Estejam juntos, mas não tentem dominar-se, não tentem possuir e não destruam a individualidade do outro.

Quando vivem juntos, *que haja espaços*... O marido chega a casa tarde; não há necessidade, nenhuma necessidade, por parte da mulher de perguntar onde ele esteve e porque chegou tarde. Ele tem o seu próprio espaço, ele é um indivíduo livre. Dois indivíduos livres que vivem juntos e ninguém invade o espaço de cada um. Se a mulher chega tarde, não há necessidade de perguntar: "Onde estiveste?" Quem é você para perguntar? Ela tem o seu próprio espaço, a sua própria liberdade.

Mas isto acontece diariamente, em todas as casas. Sobre pequenos assuntos há grandes querelas, mas, no seu âmago, a questão é que não estão preparados para dar ao outro o seu próprio espaço.

Com os gostos é diferente. O seu marido pode gostar de algo e você não. Isso não corresponde ao princípio de uma luta, só porque são marido e mulher os vossos gostos não têm de ser os mesmos. E todas estas questões... cada marido que regressa a casa é recriminado: "O que é que ela vai perguntar? Como vou responder?" E a mulher sabe o que vai perguntar e o que ele vai responder, e todas essas respostas são falsas, fictícias. Ele engana-a.

Que amor é este em que tudo é sempre suspeito, sempre atemorizado pelos ciúmes? Se a sua mulher o vê com outra - rindo, conversando - é o suficiente para destruir a sua noite. Você arrepender-se-á: isto é de mais, é só por umas gargalhadas. Se o homem vê a sua mulher com outro homem e ela parece mais alegre, mais feliz, isso é o suficiente para criar agitação.

As pessoas não se apercebem de que não sabem o que é o amor. O amor nunca suspeita, o amor nunca tem ciúmes. O amor nunca interfere na liberdade

do outro. O amor nunca se impõe ao outro. O amor dá liberdade e a liberdade só é possível se existir espaço na união.

Esta é a beleza de Kahlil Gibran... profundamente perspicaz. O amor deve ser feliz por ver que a sua mulher está feliz com outra pessoa, porque amar é querer que a sua mulher seja feliz. O amor quer que o seu marido seja feliz. Se ele estiver somente a falar com outra mulher e se sente feliz, a sua mulher deve ficar feliz, não há lugar a discussões. Eles estão juntos na vida para serem mutuamente felizes, mas é precisamente o oposto que sucede. Parece que maridos e mulheres estão juntos simplesmente para tornarem as suas vidas mutuamente tristes, arruinadas. A razão é não entenderem o significado do amor.

Mas que na vossa união haja espaços... Isto não é contraditório. Quanto mais espaço derem um ao outro, mais tempo ficarão juntos. Quanto mais liberdade se concederem mutuamente, mais intimidade conseguirão. Não sejam inimigos íntimos, mas amigos íntimos.

E deixai, entre vós, dançar os ventos dos céus.

É uma lei básica da existência: estarem demasiado juntos, sem deixarem espaço para a liberdade, destrói a flor do amor. Você esmaga-a, não lhe deu espaço para crescer.

Os cientistas descobriram que os animais têm um imperativo territorial. Já deve ter visto cães urinar neste poste, naquele poste - pensa que é inútil? Não é. Eles estão a criar uma fronteira - "Este é o meu território". O cheiro da sua urina evitará que outro cão atravesse esta área. Se outro cão se aproximar demasiado do limite, o cão que estabeleceu o território não prestará atenção. Mas se ele entrar no território do outro, vai haver luta.

Todos os animais selvagens fazem o mesmo. Mesmo o leão, se você não atravessar o seu território, ele não o atacará - você é um cavalheiro. Mas se, quem quer que você seja, atravessar a fronteira, ele matá-lo-á.

Temos ainda de descobrir os imperativos territoriais dos seres humanos. Já os deve ter sentido, mas ainda não foram estabelecidos cientificamente. Viajar num comboio local, numa cidade como Bombaim, com o comboio tão cheio... todas as pessoas de pé, muito poucas arranjam lugares sentados. Mas observe as pessoas que estão de pé - ainda que estejam muito próximas, tentam por todos os meios não se tocar.

À medida que o mundo se torna sobrepovoado, mais e mais gente vai enlouquecendo, suicidando-se, assassinando, pela simples razão de não ter espaço para si. Mas ao menos os amantes devem ter essa sensibilidade, a sua mulher precisa do seu próprio espaço tanto quanto você precisa do seu.

Um dos livros que mais estimo é de Rabindranath Tagore - *Akhari Kavita*, "O último poema". Não é um livro de poesia, é um romance - mas um romance estranho, muito profundo.

> Uma jovem mulher e um homem apaixonam-se e, quando isso acontece, eles decidem casar-se imediatamente. A mulher diz: "Só com uma condição... " Ela é muito culta, muito sofisticada, muito rica.
>
> O homem responde: "Qualquer condição é aceitável, mas não posso viver sem ti."
>
> Ela diz: "Primeiro ouve a condição; e depois reflete. Não é uma condição vulgar. A condição é que não vivamos na mesma casa. Eu tenho uma terra vasta, um belo lago rodeado por árvores, jardins e relvados. Farei para ti uma casa no outro lado, oposto àquele onde eu vivo."
>
> Ele responde: "Mas, então, qual é o interesse do casamento?"
>
> Ela diz-lhe: "Casar não é destruirmo-nos mutuamente. Estou a dar -te o teu espaço. De vez em quando, passeando no jardim, poderemos encontrar-nos. De vez em quando, passeando de barco no lago, poderemos encontrar-nos - acidentalmente. Ou, por vezes, posso convidar-te a tomar chá comigo, ou tu podes convidar-me."
>
> O homem responde-lhe: "Essa ideia é simplesmente absurda."
>
> A mulher responde-lhe: "Então esquece os planos de casamento. Esta é a única ideia correta - só assim o nosso amor pode crescer, porque seremos sempre jovens e novos. Nunca tomaremos o outro como certo. Tenho todo o direito de recusar os teus convites, assim como tu tens todo o direito de recusares os meus; de modo algum a nossa liberdade será perturbada. Entre estas duas liberdades desenvolve-se o belo fenómeno que é o amor."

Obviamente que o homem não entendia e não concordou com a ideia. Mas Rabindranath tem a mesma perspicácia que Kahlil Gibran... e ambos escreveram mais ou menos na mesma época.

Se isto é possível- juntar espaço e união - *deixai, entre vós, dançar os ventos dos céus.*

Amai-vos um ao outro, mas não façais do amor uma prisão. Deverá ser uma dádiva livre, oferecida ou recebida, mas não deve ser exigida. Se não, em breve, vocês estarão juntos mas tão distantes como as estrelas longínquas. Nenhuma compreensão consegue estabelecer pontes entre vocês; não deixaram espaço nem para essa ponte.

Que seja antes um mar em movimento entre as margens das vossas almas.

Não o tornem estático. Não o tornem uma rotina. *Que seja antes o mar em movimento entre as margens das vossas almas...*

Se a liberdade e o amor juntos podem ser vossos, não precisam de nada mais. Vocês já o têm - é por isso que a vida vos é dada.

Capítulo 8

O *Koan* da Relação

O melhor *koan* que existe é o amor, é a relação. É assim que é usado aqui. Uma relação é um puzzle sem pistas. Qualquer que seja o modo como tenta compô-lo, nunca o conseguirá compor. Ninguém conseguiu até hoje compô-lo. Foi criado de tal modo que permanece sempre intrigante. Quanto mais o tentar desmistificar, mais misterioso ele se torna. Quanto mais procurar entendê-lo, mais esquivo é.

É um *koan* maior que os koan que os mestres Zen fornecem aos seus discípulos, pois os seus *koan* são meditativos - neles está-se só. Quando lhe é dado o *koan* das relações é muito mais complexo, porque você é dois - de modo diferente, diferentemente condicionado, com pólos opostos entre si, puxando em diferentes direções, manipulando-se mutuamente, tentando possuir, dominar... existem mil e um problemas.

Quando medita, o único problema é como ficar silencioso, como não ser preso por pensamentos. Na relação existem mil e um problemas. Se ficar silencioso, é um problema. Sente-se em silêncio ao lado da sua mulher e verá - ela salta imediatamente sobre si: "Porque estás em silêncio? O que queres dizer?" Ou você fala e, então, fica em apuros - o que quer que diga, será sempre mal interpretado.

Nenhuma relação pode chegar a um ponto em que não haja um problema. Ou se, por vezes, você vê uma relação chegar a esse estádio em que não há problemas, isso significa que já não é uma relação. Ela desapareceu - os lutadores estão cansados, começaram a aceitar as coisas como elas são. Eles estão desinteressados; não querem lutar mais. Eles aceitaram-no, mas não querem aperfeiçoar-se a partir dela.

No passado, as pessoas tentaram criar uma forma forçada de harmonia. Por isso, ao longo dos tempos, as mulheres foram reprimidas – era uma maneira de resolver as coisas. É simples, force a mulher a seguir o homem, e não haverá problemas. Mas não é, igualmente, uma relação.

Quando a mulher não é um indivíduo independente, o problema desaparece - mas a mulher também desapareceu. Então ela é só algo para ser usado; portanto não há alegria, e o homem começa a procurar outra mulher.

Se alguma vez encontrar um casamento feliz, não se fie na aparência. Vá um pouco mais além e ficará surpreendido. Ouvi falar de um casamento feliz...

> Um lavrador rústico decidiu que era tempo de se casar, então arreou a sua mula e dirigiu-se à cidade para procurar uma mulher. Com o tempo, ele conheceu uma mulher e casaram-se. Montaram ambos a mula e dirigiram-se de volta à quinta. Passado um pouco, a mula parou e

recusou mover-se. O lavrador desceu, procurou um pau grande e bateu na mula até que esta começou de novo a andar.

"É a primeira", disse o lavrador.

Algumas milhas à frente, a mula parou outra vez e toda a cena se repetiu. Após bater-lhe, e quando a mula se movia de novo, o lavrador disse: "É a segunda."

Alguns quilómetros adiante, a mula parou pela terceira vez. O lavrador desmontou, tirou a mulher de cima do animal, pegou numa pistola e abateu o animal atingindo-o no olho, matando-o instantaneamente.

"O que fizeste foi uma estupidez!", gritou a mulher. "Ele era um animal capaz e só porque te aborreceu mataste-o! Que coisa tão estúpida e criminosa... " E continuou assim durante algum tempo. Quando ela parou para retomar o fôlego, o lavrador disse: "É a primeira."

Diz-se que depois disto viveram felizes para sempre!

Este é um método de resolver as questões, foi assim que foi feito no passado. No futuro, o reverso vai ser tentado - o marido deve acompanhar a mulher. Mas é a mesma coisa.

Uma relação é um *koan*. E a menos que tenha resolvido aspetos fundamentais em si, não conseguirá resolvê-lo. O problema do amor pode ser resolvido quando o problema da meditação for resolvido, não antes. Porque são duas pessoas não meditativas que estão a criar o problema. Duas pessoas que não sabem quem são, que estão confusas - naturalmente multiplicam a confusão mútua, ampliam-na.

A menos que a meditação seja alcançada, o amor permanece uma angústia. Uma vez que tenha aprendido a viver sozinho, uma vez que tenha aprendido a apreciar a sua existência simples, sem problemas específicos, então há a possibilidade de resolver o segundo problema, mais complicado, de conjugar duas pessoas. Somente duas pessoas que meditam podem viver em amor - e então o amor não será um *koan*. Mas então não será, igualmente, uma relação no sentido que você a entende. Será simplesmente um estado de amor, não um estádio da relação.

Eu entendo o problema da relação. Mas encorajo as pessoas a procurarem esses problemas, porque eles torná-lo-ão consciente da questão fundamental - que você, bem no âmago do seu ser, é um enigma. E o outro é simplesmente um espelho. É difícil conhecer os seus próprios problemas diretamente, é mais fácil conhecê-los através de uma relação. Um espelho torna-se disponível: você pode observar o seu próprio rosto no espelho e o outro pode ver o seu rosto no seu espelho. E ambos ficam zangados porque ambos veem rostos feios. E naturalmente ambos gritam um com o outro, porque a lógica natural é: "Este

espelho que me estás a fazer parecer tão feio és *tu*. De outro modo, eu sou uma pessoa bonita."

Este é o problema que os amantes tentam resolver, e não conseguem. o que eles estão continuamente a dizer é isto: "Sou uma pessoa tão bonita, mas fazes-me parecer tão feio."

Ninguém está a torná-lo feio - você é feio. Desculpe-me, mas esta é a verdade. Seja grato ao outro, seja grato ao outro porque o ajuda a ver o seu rosto. Não se zangue. E aprofunde-se, aprofunde a meditação.

Mas o que acontece é que sempre que alguém está apaixonado esquece tudo acerca da meditação. Olho continuamente à minha volta - sempre que vejo algumas pessoas desaparecerem, sei o que lhes aconteceu. O amor aconteceu-lhes. Agora não acreditam serem precisos aqui. Voltarão apenas quando o amor criar muitos sarilhos e se tornar impossível para elas resolvê-los. Então virão e perguntarão: "Osho, o que devo fazer?"

Quando você estiver apaixonado, não esqueça a meditação. O amor não irá resolver nada. O amor só irá mostrar quem você é, onde você está. E é bom que o amor o faça ficar alerta - alerta para toda a confusão e caos que existem dentro de si. Agora é tempo para meditar! Se amor e meditação andam juntos, você terá as duas asas, você terá equilíbrio.

E o oposto também acontece. Sempre que uma pessoa começa a aprofundar a meditação, começa a evitar o amor, porque pensa que se avançar no amor a sua meditação ficará perturbada - isso também é um erro. A meditação não ficará perturbada, a meditação será auxiliada. Por que será auxiliada? Porque o amor continuará a mostrar-lhe onde ainda existem problemas, onde se encontram. Sem amor, você torna-se inconsciente dos seus problemas. Mas tornar-se inconsciente dos problemas não significa que os resolveu. Se não existe um espelho, isso não significa que você não tenha rosto.

Amor e meditação devem andar a par. Esta é uma das principais mensagens que gostaria de partilhar consigo. Amor e meditação devem caminhar a par. Ame e medite, medite e ame - e lenta, lentamente você verá uma nova harmonia surgir diante de si. Só essa harmonia lhe dará satisfação.

QUESTÕES

O Amor é um Jogo

- ***Como posso saber se uma mulher se apaixonou verdadeiramente, e não está a fingir?***

Isto é difícil! Nunca ninguém conseguiu sabê-lo porque, de facto, o amor é um jogo. Esta é a sua realidade! Portanto, se você está à espera, observa, pensa e analisa se esta mulher que está apaixonada por si está simplesmente a fazer um jogo ou o ama verdadeiramente, nunca será capaz de amar nenhuma mulher - porque o amor é um jogo, o jogo supremo.

Não há necessidade de lhe pedir que seja real. Jogue, essa é a sua realidade. E se é alguém que procura demasiado a realidade, então o amor não é para si. É um sonho, é uma fantasia, é uma ficção - é romance, é poesia. Se procura demasiado a realidade, se é obcecado pela realidade, então o amor não é para si. Então medite.

Mas eu sei que quem faz a pergunta não é desse tipo – nenhuma meditação é possível para ele, pelo menos nesta vida! Ele tem demasiados karmas[12] a saldar com mulheres. Então ele pensa continuamente em meditação e continuamente prossegue relações com esta ou aquela mulher. Agora as mulheres com que se relaciona também vêm ter comigo e dizem: "Ele está de facto apaixonado por nós? O que devemos fazer?" E então ele vem com uma pergunta!

———————————————————

12. Karma - Termo hindu, que também surge no budismo e no jainismo, e que designa a lei que rege as obras enquanto estas são capazes de desencadear ações subsequentes, nesta e noutras existências. (N. do T.)

Mas este problema surge a toda a gente de vez em quando, porque não há forma de avaliar. Somos todos tão estranhos - nós somos estranhos e os nossos encontros são meramente acidentais. Na estrada, subitamente passamos um pelo outro, sem saber quem somos, sem saber quem é o outro. Dois estranhos que se encontram no caminho, sentindo-se sós, segurando as mãos um do outro - e pensando que estão apaixonados.

Eles estão a precisar um do outro, certamente, mas como ter a certeza de que há amor?

Estive a ler uma anedota engraçada, ouçam-na com atenção:

Já a noite ia avançada quando uma mulher chegou a uma pequena cidade do Midwest. Dirigiu-se ao hotel e descobriu que não existia um único quarto vago. "Peço desculpa", disse o rececionista, "mas o último quarto que tínhamos foi ocupado por um italiano."

"Qual é o número?", perguntou a mulher desesperada. "Talvez eu consiga negociar com ele."
O empregado do balcão disse-lhe o número do quarto e a mulher subiu e bateu à porta. O italiano deixou-a entrar.

"Olhe", disse. "Eu não o conheço e o senhor não me conhece, mas preciso desesperadamente de um lugar para dormir. Eu não o incomodo. Prometo-lhe, deixe-me ficar naquele pequeno sofá, ali."
O italiano pensou um momento e disse: "Está bem." A mulher enroscou-se no sofá e o italiano voltou para a cama. Mas o sofá era muito desconfortável e, após alguns minutos, a mulher, em bicos de pés, aproximou-se da cama e bateu no braço do italiano. "Desculpe", disse ela. "Eu não o conheço, o senhor não me conhece, mas naquele sofá é impossível dormir. Poderia dormir aqui, na beira da cama?"

"Está bem', disse o italiano. "Deite-se na borda da cama."

A mulher deitou-se na cama, mas alguns minutos depois sentiu muito frio. De novo, abanou o italiano.

"Olhe", disse ela. "Eu não o conheço e você não me conhece, mas está muito frio aqui. Posso usar o seu cobertor?"

"Está bem", disse o italiano. "Ponha-se debaixo do cobertor."

A mulher enroscou-se debaixo dele, mas a proximidade do corpo masculino começou a agitá-la e ela começou a sentir-se excitada. De novo, abanou o italiano.

"Desculpe", disse ela. "Eu não o conheço e você não me conhece, mas que tal fazermos aqui uma festinha?"

Exasperado, o italiano virou-se na cama. "Olhe", gritou ele. "Eu não a conheço e você não me conhece. No meio da noite, quem é que vamos convidar para uma festa?"

Mas é assim que começa: "Você não me conhece, eu não o conheço." É puramente acidental. As necessidades estão lá; as pessoas sentem-se sós; elas precisam de alguém que preencha a sua solidão. Chamam-lhe amor. Eles demonstram amor porque essa é a única maneira de prender o outro. O outro também lhe chama amor porque é o único meio de o prender a si. Mas quem pode saber se há ou não amor? De facto, o amor é só um jogo.

Claro, há a possibilidade de ser amor verdadeiro, mas isso só acontece quando você não precisa de ninguém - essa é a dificuldade. Está na mesma linha das operações bancárias. Se você for a um banco e precisar de um empréstimo, eles não lho dão. Mas se você não precisar de dinheiro, se tiver o suficiente, vêm

ter consigo e estarão sempre disponíveis para lho fornecer. Quando não precisa, eles estão disponíveis para lho dar; quando você precisa, eles não estão dispostos a fazê-lo.

Quando você não precisa de ninguém, quando é totalmente autossuficiente e quando pode estar só, está feliz e sente-se bem, então o amor é possível. Mas mesmo então não poderá ter a certeza se o amor do *outro* é ou não real- você só pode ter a certeza de uma coisa: se o seu amor é real. Como pode ter a certeza dos sentimentos do outro? Mas não há necessidade.

Esta permanente ansiedade acerca de saber se o amor do outro é real ou não demonstra simplesmente outra coisa: que o seu amor não é real. Se não, que importa? Para quê estar preocupado? Divirta-se enquanto dura, fiquem juntos enquanto podem ficar juntos! É uma ficção, mas você precisa de ficção.

Nietzsche costumava dizer que o homem não pode viver sem mentiras. Não pode viver com a verdade: a verdade é insuportável. Você precisa de mentiras - mentiras que lubrifiquem o seu sistema, de forma subtil. Elas são lubrificantes - você vê uma mulher e diz: "Que bonita! Nunca tinha visto ninguém tão bonito." Estas mentiras são lubrificantes - você sabe disso! Já disse o mesmo a outras mulheres antes e sabe que irá dizer o mesmo, no futuro, a outras mulheres. E a mulher também diz que você é a única pessoa por quem ela se sentiu atraída. Isto são mentiras. Por trás destas mentiras não existe senão necessidade. Você quer que a mulher esteja consigo para preencher o seu vazio interior; você quer preencher esse vazio interior com a presença dela. Ela também quer o mesmo. Estão ambos a procurar usar-se mutuamente como instrumentos.

É por isso que amantes, ou ditos amantes, estão sempre em conflito - porque ninguém quer ser usado, porque quando você usa alguém essa pessoa torna-se uma coisa, você está a reduzi-la a uma mercadoria. E todas as mulheres se sentem, depois de fazerem amor com um homem, um pouco tristes, enganadas, vigarizadas, porque o homem vira-se para o outro lado e adormece - terminou, está terminado!

Muitas mulheres disseram-me que choram e se lastimam após fazerem amor com um homem - porque, após fazerem amor, ele já não parece interessado. O seu interesse foi só para uma necessidade particular; então ele vira-se e dorme, não estando absolutamente nada preocupado com o que acontece à mulher. E os homens também se sentem enganados. A pouco e pouco, começam a suspeitar que a mulher o ama por outros motivos - por dinheiro, poder, segurança. O interesse pode ser económico, mas não é amor.

Mas é verdade. Isto é como pode acontecer; *só assim* é que pode ser! Pela vossa maneira de ser, a viver quase adormecidos, movendo-se num estupor, sonâmbulos, este é o único caminho possível. Mas não se preocupe se a mulher realmente o ama ou não. Enquanto dorme precisa do amor de alguém - precisa

dele, mesmo sendo falso. Aproveite-o! Não fique ansioso. E tente ficar cada vez mais desperto.

Um dia, quando estiver verdadeiramente desperto, será capaz de amar - mas então só terá a certeza do seu amor. Mas é o suficiente! O que importa? Porque agora você quer usar os outros; quando estiver verdadeiramente feliz por si mesmo, não quererá usar ninguém. Simplesmente quererá partilhar. Você tem tanto para dar, tanto que está a transbordar, que gostaria de ter alguém que o partilhasse. E sentir-se-á grato por alguém estar pronto a recebê-lo. É o fim da história!

Neste momento você está demasiado preocupado em saber se o outro o ama verdadeiramente ou não, porque não está seguro do seu próprio amor. Isto é uma coisa. E não está seguro do seu próprio valor. Não acredita que alguém possa realmente amá-lo; você não vê nada em si. Você não consegue amar-se, como pode alguém amá-lo? Parece irreal, parece impossível.

Você tem amor-próprio? Não colocou a si mesmo essa questão. As pessoas não gostam de si próprias, as pessoas autocondenam-se - e continuam a condenar-se; vão continuar a pensar que são podres. Como pode alguém amá-lo, uma pessoa corrompida. Não, ninguém pode amá-lo verdadeiramente - o outro deve estar a aldrabá-lo, a enganá-lo; deve existir outro motivo. Ela deve andar à procura de outra coisa; ele deve andar à procura de outra coisa.

Uma vez, contaram-me:

> Um velho vagabundo, sujo, malcheiroso, com um aspeto repugnante, sentou-se num banco do parque ao lado de uma rapariga jovem e atraente. A jovem olhou-o e desviou o olhar na direção contrária, com repulsa. Logo a seguir ouviu um ruído e virou a cabeça para ver o que estava a acontecer. Observou com horror que o vagabundo retirara uma sanduiche de um saco castanho e lhe dera uma dentada. A carne estava rançosa, a alface castanha e o pão bolorento.
>
> Sentindo o olhar da rapariga, o mendigo virou-se na sua direção e disse: "A menina desculpe-me, quer dar uma dentada na minha sanduíche? Suponho que fazermos amor esteja fora de questão."

Isto é o que continua a acontecer. Você conhece-se - o amor parece fora de questão. Você conhece a sua podridão, inutilidade - o amor parece fora de questão. E quando surge uma mulher que diz adorá-lo, você não pode confiar. E quando você diz a uma mulher que a adora, e ela se detesta, como pode acreditar em si? É esta falta de amor-próprio que está a criar a ansiedade.

Não há forma de ter quaisquer certezas acerca do outro. Primeiro adquira certezas acerca de si mesmo. E uma pessoa com certezas acerca de si mesma está segura acerca de todos. Uma certeza no âmago mais de si mesma está segura acerca de todos. Uma certeza no âmago mais profundo do seu ser torna-se uma certeza acerca de tudo o que você faz e de tudo o que lhe acontece.

Enraizado, concentrado, ligado a si mesmo, você nunca se preocupa com tais coisas. Você aceita-as.

Se alguém o ama, você aceita-o porque tem amor-próprio. Está feliz consigo mesmo; o outro está feliz - ótimo! Não lhe sobe à cabeça, não o torna loucamente egoísta. Você simplesmente aprecia-se; e a outra pessoa aprecia-o - ótimo! Enquanto dura, viva a ficção tão bela quanto é possível- não durará para sempre.

Isto também cria um problema. Quando um amor termina, você começa a pensar que foi falso - por isso terminou. Não, isso não é assim - não é assim necessariamente. Terá havido algum vislumbre da verdade, mas foram ambos incapazes de manter e consolidar essa verdade. Vocês mataram-no. Estava lá, mas vocês mataram-no. Não foram capazes de amar. Vocês precisavam de amor, mas não foram capazes dele. Assim, você conhece uma mulher ou um homem; as coisas correm bem, muito suavemente, fantasticamente bem - no princípio. No momento em que serenam, as coisas começam a tornar-se azedas, amargas. Quanto mais instalados, maiores conflitos surgem. Isso mata o amor...

Como eu o vejo, cada amor tem no seu início um raio de luz, mas os amantes destroem-no. Saltam sobre essa luz com toda a sua escuridão interior. Saltam sobre ele e destroem-no. Quando está tudo destruído, pensam que foi falso. Eles mataram-no! Não era falso - eles são falsos. O raio era real, verdadeiro.

Não se preocupe com o outro; não se preocupe se o amor é real ou não. Enquanto existir, aproveite-o. Mesmo que seja um sonho, é bom sonhar com ele. E fique cada vez mais alerta e desperto para que o sono se afaste.

Quando você está desperto, um tipo de amor completamente diferente crescerá no seu coração - que é absolutamente verdadeiro, que é parte da eternidade. Mas que não é uma necessidade, é um luxo.

O Amor Não Pode Ser Ensinado

- ***Se o ciúme, possessão, apego, necessidades e expectativas, desejos e ilusões desaparecerem, sobrará alguma coisa do meu amor? Terão toda a minha poesia e paixão sido uma mentira? Terão as minhas dores do amor mais a ver com dor do que com amor? Saberei algum dia como amar?***

O amor não pode ser ensinado, não pode ser cultivado. O amor cultivado não será amor. Não será uma rosa verdadeira, mas uma flor de plástico. Quando

aprende algo, significa que esse algo vem do exterior; não é um crescimento interior. E o amor tem de ser o seu crescimento interior, se quiser que seja autêntico e real.

O amor não é aprendizagem, mas crescimento. Tudo o que é necessário da sua parte não é conhecer os caminhos do amor, mas esquecer os caminhos da antipatia. As dificuldades têm de ser removidas, os obstáculos têm de ser destruídos - então o amor será o seu ser natural, espontâneo. Uma vez removidos os obstáculos, os escolhos afastados, a corrente começa. Está já lá - escondida sobre numerosas rochas, mas já lá está a Primavera. É o seu verdadeiro ser.

É uma dádiva, mas não algo que irá acontecer no futuro; é uma dádiva que já aconteceu aquando do seu nascimento. Ser, é estar a amar. Ser capaz de respirar é suficiente para ter capacidade para amar. Amar é como respirar. O que a respiração é para o corpo físico, o amor é para o ser espiritual. Sem respiração, o corpo morre; sem amor, a alma morre.

Então, a primeira coisa a ter em conta: não é algo que possa aprender. E se aprender é porque perdeu o verdadeiro sentido; aprenderá outra coisa em nome do amor. Será um pseudo, falso. E a moeda falsa pode parecer exatamente como a moeda verdadeira; se não conhece a verdadeira, a falsa pode continuar a enganá-lo. Só conhecendo o real, será capaz de distinguir entre verdadeiro e falso.

E são estes os obstáculos: ciúmes, possessão, ligações, expectativas, desejos... E o seu medo é verdadeiro: "Se todos estes desaparecerem, ficará algo do meu amor?" Nada restará do seu amor. O amor ficará... Mas amor não tem nada a ver com "eu" ou "tu". De facto, quando toda a possessão, todos os ciúmes, todas as expectativas desaparecerem, o amor não desaparecerá - *você* desaparecerá, o ego desaparecerá. Eles são sombras do ego.

Não é o amor que é ciumento. Olhe, observe, repare novamente. Quando sente ciúmes, não é o amor que o faz sentir ciumento; o amor nunca conheceu nada acerca do ciúme. É o ego que se sente magoado, é o ego que se sente competitivo, numa luta constante. É o ego que é ambicioso e deseja ser maior que os outros, que deseja ser alguém em especial. É o ego que começa por se sentir ciumento, possessivo – porque o ego só pode existir com posses.

Quanto mais possuir, mais o ego se fortalece; sem posses o ego não pode existir. Assim, se tiver mais dinheiro, mais poder, mais prestígio, uma bela mulher, um homem atraente, o ego sente-se imensamente alimentado. Quando as posses desaparecem, quando não possui nada, não encontrará ego em si. Não haverá ninguém que consiga dizer "eu".

E se pensa que isto é o seu amor, então certamente o seu amor desaparecerá. O seu amor não é verdadeiramente amor. É ciúme, possessão,

ódio, raiva, violência; são mil e uma coisas, exceto amor. Está disfarçado de amor - porque todas estas coisas são tão feias que não podem existir sem uma máscara.

Uma parábola antiga:

> O mundo foi criado e Deus enviava todos os dias novas coisas para o mundo. Um dia enviou a Beleza e a Fealdade para o mundo. É um caminho longo do Paraíso para a Terra - no momento em que chegaram era madrugada, o Sol estava a começar a elevar-se. Elas chegaram junto de um lago e ambas decidiram banhar-se, pois os seus corpos e as suas roupas estavam cheios de poeira.
>
> Não conhecendo os hábitos do mundo - eles são tão novos -, despiram-se; completamente nuas, mergulharam nas águas do lago. O Sol elevava-se, e começou a chegar gente. A Fealdade prega-lhe uma partida - quando a Beleza se afastou para nadar para longe, no lago, a Fealdade vem para a margem, veste as roupas da Beleza e foge. Quando a Beleza se apercebe de que há gente a chegar e ela estava nua, olha à volta... as suas roupas desapareceram! A Fealdade desaparecera e a Beleza encontra-se nua ao sol, e as pessoas continuam a aproximar-se. Não vendo outra solução, vestiu a roupa da Fealdade e partiu em busca dela para poderem trocar de roupa.

A história conta que ela ainda anda à procura... mas a astúcia da Fealdade faz com que esta continue sempre a escapar-se. A Fealdade continua vestida com a roupa da Beleza, disfarçada de Beleza, e a Beleza desloca-se com a indumentária da Fealdade.

Esta parábola é excecionalmente bela.

Todas estas coisas são tão feias que, se você vir a sua realidade, não pode tolerar estar com elas mesmo por um simples momento. Assim, não lhe permitem ver a realidade. O ciúme pretende ser o amor, a possessão cria a máscara do amor... e então você fica à vontade.

Você não engana ninguém, senão a si mesmo. Estas coisas não são amor. Então o que você conhece como amor, aquilo que até hoje conheceu como amor, desaparecerá. Não contém poesia em si mesmo. Sim, a paixão está lá - mas a paixão é um estado febril, a paixão é um estado inconsciente. A paixão não é poesia. A poesia só é conhecida dos Budas - a poesia da vida, a poesia da existência.

Excitação e febre não são êxtase. Esse é o problema, parecem-se com ele. Na vida muitas coisas são semelhantes e as distinções são muito delicadas, refinadas e subtis. A excitação pode parecer êxtase - não é, porque o êxtase é basicamente frio. A paixão é quente. O amor é frio, não gelado mas frio. O ódio é quente. A paixão e a luxúria são quentes. o amor está exatamente no centro. É frio - nem quente, nem gelado. É um estado de profunda tranquilidade, calma,

serenidade, silêncio. E desse silêncio surge poesia, desse silêncio surge a canção, desse silêncio ergue-se a dança do seu ser.

O que você chama poesia e paixão não são senão mentiras – com belas fachadas. De cerca de cem dos seus poetas, noventa e nove não são realmente poetas, mas somente um estado de turbilhão, emotividade, paixão, calor, luxúria, sexualidade, sensualidade. Somente um em cem dos vossos poetas é realmente um poeta.

E o verdadeiro poeta poderá nunca compor qualquer poema, porque todo o seu ser é poesia. A forma como anda, o modo como se senta, a maneira como come, a forma como dorme - tudo é poesia. Ele existe como poesia. Ele pode criar um poema, ele pode não criar um poema, isso é irrelevante.

Mas aquilo a que você chama poesia não é senão a expressão da sua febre, do seu estado ardente de consciência. É um estado de insanidade. A paixão é insana, cega, inconsciente - e é uma mentira. É uma mentira porque lhe dá a sensação de ser amor.

O amor só é possível quando a meditação acontece. Se você não sabe como centrar o seu ser, se não sabe como relaxar o seu ser, se não sabe como ficar completamente só e feliz, nunca saberá o que é o amor.

O amor parece-se com um relacionamento, mas começa com uma profunda solidão. O amor exprime-se relacionando-se, mas a fonte do amor não é relacionar-se; a força do amor está na meditação. Quando você se encontra absolutamente feliz na sua solidão - quando não precisa do outro, quando o outro não surge como uma necessidade - então é capaz de amar.

Se o outro é uma necessidade, você só pode explorá-lo, manipulá-lo, dominá-lo, mas não pode amá-lo.

A possessão surge porque você está dependente do outro - do medo. "Quem sabe? O outro está comigo hoje; amanhã poderá não estar comigo. Quem sabe o futuro?" A sua mulher pode tê-lo deixado, os seus filhos podem ter crescido e ido embora, o seu marido pode ter-se afastado. Quem sabe o futuro? Por esse medo do futuro, você torna-se muito possessivo. Você cria uma prisão para rodear a pessoa que pensa amar.

Mas o amor não pode criar prisões - se o amor cria uma prisão, nada fica para o ódio fazer. O amor traz liberdade, o amor dá liberdade. É desprendido. Mas isso só é possível se você conheceu uma qualidade completamente diferente de amor, não de necessidade, mas de partilha.

O amor é a partilha de uma alegria transbordante. Você está pleno de alegria; não consegue contê-la, tem de a partilhar. Então há poesia e então há algo profundamente belo que não é deste mundo, algo que vem de outro mundo. Este amor não pode ser aprendido, mas os obstáculos podem ser removidos.

Frequentemente, digo para aprenderem a arte do amor, mas o que quero realmente dizer é: aprendam a arte de remover todos os obstáculos ao amor. É um processo pela negativa. É como escavar um poço: você vai removendo muitas camadas de terra, pedras, rochas e, subitamente, surge água. A água esteve sempre lá; era uma corrente subterrânea. Agora que você removeu todas as barreiras, a água está disponível. Assim é o amor: o amor é a corrente subterrânea do seu ser. Ele flui, mas existem tantas rochas, tantas camadas de terra a ser removidas.

Isto é o que pretendo dizer quando digo para aprenderem a arte do amor. Não é realmente aprender o amor, mas esquecer os modos da antipatia.

Diferença entre Gostar e Amar

- ***Qual a diferença entre simpatizar-se e afeiçoar-se, gostar e amar? Qual a diferença entre o amor comum e o amor espiritual?***

Existe uma enorme diferença entre gostar e amar. Gostar não representa nenhum compromisso, amar é compromisso. Por isso as pessoas não falam muito sobre o amor. De facto, a pessoas começaram a falar de amor em contextos que dispensavam o compromisso. Por exemplo, alguém diz: "Amo gelado." Mas como é possível amar um gelado? Você pode gostar, mas não pode amar. Ou outra pessoa diz: "Amo o meu cão, amo o meu carro, amo isto e aquilo."

De facto, as pessoas têm muito, muito medo de dizer a alguém ''Amo-te''.

Já ouvi dizer: Um homem namorava uma mulher já há alguns meses. E a mulher, obviamente, esperava, esperava - já faziam amor, mas o homem ainda não lhe tinha dito ''Amo-te''.

Veja a diferença - antigamente as pessoas costumavam "amar-se". Agora "fazem amor". Vê a diferença? Amar-se é estar esmagado pelo amor; é passivo. Fazer amor é quase profano; quase destrói a sua beleza. É ativo, como se você estivesse a *fazer* algo; você está a manipular e a controlar. Hoje as pessoas modificaram a sua linguagem - em vez de usarem "amar-se" usam "fazer amor".

> E o homem fazia amor com a mulher, mas nunca lhe dissera uma única vez "Amo-te". E a mulher esperava, esperava, esperava.
>
> Um dia, ele telefonou-lhe e disse-lhe: "Estive a pensar e achei que devia dizer-te. Parece-me que agora chegou o momento. Tenho de te dizer: agora não me posso conter mais." E a mulher ficou arrebatada e manteve-se atenta - pois foi por isto que ela tanto esperara. E ela respondeu: "Diz!

Diz!" E o homem disse: "Tenho de te dizer, agora já não posso mais conter-me: Gosto muito de ti."

As pessoas dizem umas às outras "Gosto de ti". Por que não dizem "Amo-te"? Porque o amor é compromisso, envolvimento, risco, responsabilidade. Gostar é momentâneo - eu posso gostar de si agora e posso não gostar amanhã; não apresenta qualquer risco. Quando diz a alguém ''Amo-te'', você assume um risco. Você está a dizer: "Amo-te, amar-te-ei sempre, amar-te-ei amanhã. Podes contar comigo, é uma promessa."

O amor é uma promessa, gostar não tem nada a ver com qualquer promessa. Quando diz a um homem "Gosto de ti" diz algo acerca de si, não acerca do homem. Você diz: "Eu sou assim, eu gosto de ti. Eu também gosto de gelado e gosto do meu carro. Do mesmo modo, gosto de ti." Você está a dizer algo acerca de si.

Quando diz a alguém "Eu amo-te" está a dizer algo acerca dela e não acerca de si. Você está a dizer "És encantadora'. A seta aponta para o outro. E então há perigo - você está a fazer uma promessa. O amor tem uma qualidade de promessa associada, compromisso e envolvimento. E o amor tem algo de eternidade em si. Gostar é momentâneo; gostar não apresenta riscos, nem responsabilidades.

Você pergunta-me: *Qual a diferença entre simpatizar e afeiçoar-se, gostar e amar? Qual a diferença entre o amor comum e o amor espiritual*?

Gostar e amar são diferentes, mas não existe diferença entre o amor comum e o amor espiritual. O amor é espiritual. Nunca encontrei amor comum: comum é gostar. O amor nunca é comum - não pode ser, é intrinsecamente extraordinário. Não é deste mundo.

Quando diz a uma mulher ou a um homem ''Amo-te'' está simplesmente a dizer "Eu não posso ser enganado pelo teu corpo, eu vi-te. O teu corpo pode envelhecer, mas eu vi o teu eu incorpóreo. Eu vi o teu âmago, o teu núcleo que é divino". Gostar é superficial. O amor penetra e alcança o verdadeiro núcleo da pessoa, toca a verdadeira alma do indivíduo.

Nenhum amor é comum. O amor não pode ser comum, de outro modo não é amor. Designar o amor como comum é não entender todo o fenómeno de amar. Esta é a diferença entre gostar e amar: gostar é material, amar é espiritual.

O Amor É Compromisso

- ***Você confunde-me quando se refere às diferenças entre amar e gostar. Diz que amor é compromisso, mas eu pensava que compromisso era um outro tipo de ligação. Há pessoas que amo nas quais não sinto empenhamento. Como poderei saber se as irei amar amanhã?***

A questão é significativa. Você terá de ser muito, muito compreensivo, porque é muito subtil e simultaneamente complexo.

Quando referi que amor é compromisso, o que quis dizer com isso? Não pretendi dizer que tem de prometer estar lá amanhã, mas a promessa está implícita. Você não tem de prometer, mas a promessa está lá. Esta é a sua complexidade e subtileza. Você não diz "Eu amar-te-ei amanhã também' - mas no momento do amor essa promessa está lá, totalmente presente. Não precisa de expressão.

Quando você ama alguém não o pode conceber de outra forma; não pode pensar que um dia não amará essa pessoa; isso é impossível, não faz parte do amor. E não estou a dizer que você não será capaz de sair desse caso amoroso. Poderá ou não; essa não é a questão. Mas quando você está no momento do amor, quando a energia flui entre duas pessoas, existe uma ponte, uma ponte dourada, e essas duas pessoas estão ligadas por ela. Simplesmente não acontece: a mente não pode conceber e compreender que existirá um tempo em que você não estará com essa pessoa e que essa pessoa não estará consigo. Isto é compromisso. Não que você o exprima, não que você vá a um tribunal e faça uma declaração formal: "Eu ficarei para sempre contigo." De facto, fazer tal declaração formal demonstra inequivocamente que não existe amor; que você precisa de um acordo legal. Se o compromisso está lá, não existe necessidade de um acordo legal.

O casamento é necessário porque o amor está ausente. Se o amor estiver profundamente presente, o casamento não é necessário. Qual é o interesse do casamento? É como pôr pernas a uma serpente, ou pintar de vermelho uma rosa vermelha. É desnecessário. Porquê ir a tribunal? Deve existir algum medo em si que o amor não seja total.

Mesmo quando ama profundamente, você está a pensar na possibilidade de amanhã poder deixar esta mulher. A mulher pensa: "Quem sabe? Amanhã este homem pode deixar-me. É melhor ir ao registo. Primeiro vamos tornar isto legal, porque não podemos ter a certeza." Mas o que é que isto demonstra? Demonstra simplesmente que o amor não é total. Pelo contrário, o amor total tem essa qualidade de compromisso em si mesmo. O compromisso não tem de ser acrescentado, é uma qualidade intrínseca.

E quando você ama, isso surge naturalmente, não é planeado. Estes sentimentos chegam com naturalidade e por vezes são expressos em palavras: "Amar-te-ei para sempre." Esta é a profundidade *deste* momento. Lembre-se, não refere nada acerca do amanhã. Não é uma promessa. Acontece porque a profundidade e a totalidade do amor é tal que lhe ocorre automaticamente dizer: "Amar-te-ei para sempre. Nem a morte será capaz de nos separar." Este é o sentimento de amor total.

E deixe-me repetir - isto não significa que amanhã continuem juntos. Quem sabe? Não é esse o cerne da questão. O amanhã tomará conta de si mesmo. O amanhã nunca entra na mente do amor. O amanhã não é concebido; o futuro desaparece, este momento torna-se eternidade. Isto é compromisso.

E quando amanhã... é possível que já não estejam juntos, mas não estarão a atraiçoar-se. Não estarão a enganar-se, não estarão a mentir. Sentirão tristeza, sentirão pena, mas terão de se separar. E não estou a dizer que vá acontecer - poderá não acontecer. Depende de mil e uma coisas.

A vida não depende unicamente do seu amor. Se dependesse unicamente do seu amor, então você viveria eternamente. Mas a vida depende de mil e uma coisas. O amor tem a sensação que "viveremos juntos para todo o sempre", mas o amor não é o todo da vida. Quando surge, é tão intenso que a pessoa fica embriagada por ele. Mas surgem então mil e uma coisas, por vezes pequenas coisas.

Você pode apaixonar-se por um homem e, nesse momento, você está disposta a ir até ao inferno com ele - e pode dizê-lo que não está a enganá-lo. Está a ser totalmente verdadeira e honesta quando diz: "Se tiver de ir até ao inferno contigo, vou!" - e, repito-o, você está a ser sincera, não está a dizer nenhuma falsidade.

Mas amanhã, vivendo com esse homem, pequenas coisas, como, por exemplo, a casa de banho suja, podem perturbar a vossa relação. O inferno é demasiado distante, não há necessidade de ir tão longe - uma casa de banho suja é o suficiente! Ou um pequeno hábito: o homem ressona à noite e enlouquece-a. E você esteve disposta a ir até ao inferno, isso era verdade, era autêntico naquele momento. Não era uma mentira, você não tinha outra ideia - mas o homem ressona, ou a sua transpiração cheira mal, ou tem mau hálito e quando a beija você sente-se a ser torturada.

Pequenas coisas, pequeníssimas coisas; uma pessoa nunca pensa nelas quando ama. Quem se preocupa com uma casa de banho suja e quem pensa no ressonar? Mas quando você vive com alguém, mil e uma pequenas coisas são envolvidas, e a mais pequena coisa pode tornar-se uma pedra e destruir a flor do amor.

Mas eu não estou a querer dizer que o compromisso tenha em si qualquer promessa. Digo simplesmente que *o momento do amor* é o momento do compromisso. Você está totalmente nele, é totalmente decisivo. E, naturalmente, deste momento surge o seguinte; portanto há todas as possibilidades de que vocês possam ficar juntos. Para além do dia de hoje, nasce o amanhã. Não sairá do nada, nascerá do dia de hoje. Se o hoje foi de grande amor, o amanhã transportará o mesmo amor. Será uma continuidade. Então há todas as possibilidades de você amar – mas é sempre uma possibilidade. E o amor compreende isso.

E se um dia você deixar a sua mulher ou a sua mulher o deixar, não começará a gritar com ela: "O que queres dizer? Disseste-me um dia 'Eu vou viver para sempre contigo'. E agora? Porque te vais embora? "Se você amou, se você conheceu o amor, você compreenderá. O amor tem essa característica de compromisso.

O amor é um mistério. Quando existe, tudo parece divino. Quando desaparece, tudo parece insípido, sem sentido. Você não poderia ter vivido sem esta mulher e agora não pode viver com ela. E ambas são situações autênticas.

Você diz: *"Confunde-me quando me fala das diferenças entre amar e gostar. Disse que amor é compromisso, mas eu pensava que compromisso era outra forma de ligação."*

O significado que eu dou a compromisso e o sentido que você dá a compromisso são diferentes. O seu significado é legal, o meu não é legal. Eu simplesmente descrevi a qualidade do amor, o que acontece quando você está cercado por ele: o compromisso acontece. Compromissos não criam amor, o amor é que os cria. O amor surge primeiro, o compromisso segue-o. Se um dia o amor desaparece, esse compromisso desaparecerá igualmente; era a sua sombra.

Quando o amor desaparece, não fale de compromisso; então você está a ser louco. Era uma sombra do amor. Vem sempre com o amor. E se o amor não existe, vai-se - desaparece. Você não vai insistir nesse compromisso: "E o nosso compromisso?" Não existe nenhum compromisso se não existe amor. O amor é compromisso! O amor desaparece, todo o compromisso desaparece. Este é o seu significado para mim.

E eu entendo o que você quer dizer: quando o amor desaparece, então o que acontece ao compromisso? Este é o seu significado. Você deseja que o compromisso continue quando o amor se foi e deixou de existir. Este significado de compromisso é legal.

Lembre-se: ouça-me, tente seguir o sentido que eu lhe dou. É difícil, mas tem de tentar. Nessa tentativa irá libertar-se melhor dessas orientações. Lentamente, lentamente como uma janela que se abre, você será capaz de ver

o que pretendo dizer. Senão, continuará confuso: eu digo algo e você entende outra coisa.

O Amor Tem de se Erguer do Desejo

- ***Ainda que, por vezes, sentimentos amorosos surjam no meu coração, sinto imediatamente que não é amor, mas sim a necessidade reprimida de sexo e tudo isso.***

Mas que mal há nisso? O amor tem de se erguer do desejo. Se você evita o desejo, estará a evitar toda a possibilidade do amor. O amor não é desejo, é verdade; mas o amor não é desprovido de desejo - isso também é verdade. O amor é mais elevado que o desejo, sim, mas, se destruir o desejo completamente, destruirá toda a possibilidade do florescimento que ocorre na lama. O amor é o lótus, o desejo a lama de onde o lótus se ergue.

Lembre-se: de outro modo nunca atingirá o amor. No máximo, poderá fingir que conseguiu transcender o desejo. Porque, sem amor, ninguém pode transcender o desejo; você pode reprimi-lo. Reprimido, ele torna-se venenoso. Espalha-se por todo o seu sistema, torna-se tóxico, destrói-o. O desejo transformado em amor dá-lhe brilho, esplendor. Você começa a sentir-se leve, como se pudesse voar. Começa a ganhar asas. Com a repressão do desejo, você torna-se pesado, como se transportasse um peso, como se um enorme rochedo estivesse pendente do seu pescoço. Com a repressão do desejo, você perde todas as oportunidades de voar no céu. Com o desejo transformado em amor, você passou o teste da existência.

Foi-lhe fornecido um material tosco para trabalhar, para ser criativo. O desejo é o material em cru.

Contaram-me...

> Berkowitz e Michaelson, que não eram somente sócios mas amigos de longa data, fizeram um pacto: aquele que morresse primeiro voltaria e diria ao outro como era o céu.
>
> Seis meses mais tarde, Berkowitz morreu. Ele era um homem muito reto, quase um santo, um puritano que nunca fizera nada mal, que permanecera sempre afastado do desejo e do sexo. E Michaelson esperou por um sinal de que o seu muito querido amigo voltara à Terra. Michaelson via o tempo a passar, com impaciência, aguardando ansiosamente por uma mensagem de Berkowitz.
>
> Então, um ano após o dia da sua morte, Berkowitz falou a Michaelson. A noite já ia avançada; Michaelson estava deitado.

"Michaelson, Michaelson", ecoou a voz.

"És tu, Berkowitz?"

"Sim."

"Como é isso desse lado?"

"Temos pequeno-almoço e fazemos amor, almoçamos e então fazemos amor, Jantamos e então fazemos amor."

"Mas é assim o céu?", perguntou Michaelson.

"Quem disse que eu estou a falar do céu?", disse Berkowitz. "Eu estou no Wisconsin e sou um touro."

Lembre-se: isto acontece a todos aqueles que reprimem o sexo. Nada acontece porque toda a energia reprimida se torna um peso e puxa-os para baixo. Você desce para estádios mais básicos do ser.

Quando o amor surge do desejo, você começa a ascender para um ser mais elevado. Lembre-se - no que você se quer tornar, um buda ou um touro, só depende de si. Se quiser tornar-se um buda, então não receie o sexo. Mova-se até ele, conheça-o bem, esteja cada vez mais alerta para ele. Seja cuidadoso; é uma energia altamente valiosa. Torne-a uma meditação e transforme-a, a pouco e pouco, em amor. É material tosco, como um diamante em bruto; tem de o cortar, de o polir; então pode tornar-se de grande valor. Se alguém lhe dá um diamante em bruto, sem polimento, sem quaisquer cortes, pode nem reconhecer que é um diamante. Mesmo o Koh-i-noor[13] no seu estado bruto não tinha valor. O desejo é o Koh-i-noor: tem de ser polido, tem de ser compreendido. O inquiridor parece receoso e antagónico: "É a minha necessidade reprimida de sexo e tudo isso." Está implícita uma condenação. Não há nada de errado; o homem é um animal sexual. Isso é o que nós somos. É assim que a vida pretende que sejamos. É assim que nos encontramos hoje aqui. Avance. Sem o fazer, nunca será capaz de o transformar. Não estou a falar por mera indulgência. Digo-lhe que avance com profundidade, energia meditativa para compreender o que é. Deverá ser algo muitíssimo valioso, porque você provém dele, porque toda a existência o celebra, porque toda a existência é sexual.

13. Koh-i-noor - Um dos diamantes mais famosos do mundo; originário da índia, pertence à Coroa britânica desde 1850, o seu nome significa Montanha de Luz. (N. do T.)

O sexo foi o modo que Deus escolheu para estar no mundo, a despeito do que os cristãos dizem, que Jesus nasceu de urna mulher virgem - tudo disparates. Eles pretendem que o sexo não estava envolvido no nascimento de Jesus. São tão receosos do sexo que criam histórias disparatadas como esta, que Jesus nasceu da Virgem Maria. Maria terá sido muito pura, isso é verdade; ela terá sido espiritualmente virgem, isso é verdade - mas não há modo de entrar na vida sem passar pela energia que é o sexo. O corpo não conhece outra lei. E a natureza inclui tudo; não acredita em nenhuma exceção, não permite nenhuma exceção. Você nasceu do sexo, está cheio de energia sexual, mas este não é o fim. Este é o princípio. O sexo é o princípio, mas não o fim.

Existem três tipos de pessoas. Aquelas que pensam que o sexo é também um fim. São aquelas que vivem uma vida de indulgência. Elas perdem, porque o sexo é um princípio, não um fim. Há aquelas pessoas que são contra a indulgência. Assumem o extremo oposto; não querem o sexo mesmo em princípio, portanto começam a dispensá-lo. Ao dispensarem-no, anulam-se a si mesmas. Destruindo-o, destroem-se a si mesmas, secam. Ambas são atitudes absurdas.

Existe uma terceira possibilidade, a possibilidade dos sábios que observam a vida. Que não têm teorias a validar, que tentam simplesmente entender. O sábio começa a entender que o sexo é o princípio, mas não o fim. Sexo é só uma oportunidade para crescer para além dele - mas tem de se passar por ele.

Seja Verdadeiro no Amor

- ***No Oriente, é enfatizado que se deve ter um só parceiro, uma pessoa, numa relação amorosa. Hoje, no Ocidente, as pessoas saltam de uma relação para outra. Qual destes posicionamentos considera mais favorável?***

Eu sou a favor do amor.

Deixe-me explicar: seja verdadeiro no amor e não se preocupe com os parceiros. Quer seja um só ou muitos parceiros, essa não é a questão. A questão é se você é verdadeiro no amor. Se você vive com uma mulher ou com um homem e não os ama, então vive em pecado. Se você está casado com alguém e não ama essa pessoa e continua a viver com ela, a fazer amor com ela, está a cometer um pecado contra o amor.

Estará contra o amor por bem-estar social, conveniências, formalidades. É tão errado como se você violasse uma mulher que não ama. Você viola uma mulher; é um crime - porque você não ama a mulher e a mulher não o ama. Mas o mesmo acontece se você vive com uma mulher e não a ama. Então é uma

violação - aceite socialmente, claro, mas é uma violação - e você age contra o deus do amor.

Assim, no Oriente, as pessoas decidiram viver com um só parceiro para toda a vida; nada tem de errado. Se você se mantiver fiel ao amor, manter-se com uma pessoa é uma das mais belas coisas, porque a intimidade cresce. Mas existem noventa e nove por cento de possibilidades de que não seja amor; vocês vivem simplesmente juntos. E vivendo juntos desenvolve-se uma certa relação, mas que é só uma forma de viverem em conjunto, não é amor. E não o confunda com amor.

Mas se é possível, se você ama alguém e vive toda a sua vida com ele ou ela, uma grande intimidade crescerá e o amor terá revelações cada vez maiores a fazer-lhe. O que não é possível se você mudar continuamente de parceiro. É como se você estivesse a mudar uma árvore de um sítio para outro e outro; então as suas raízes não crescem em lado nenhum. Para as raízes se desenvolverem, a árvore precisa de se manter num lugar. Então torna-se mais profunda, então torna-se mais forte.

A intimidade é boa e manter um compromisso é belo, mas a necessidade básica é o amor. Se uma árvore estiver enraizada num sítio onde só existem rochas e elas estão a matar a árvore, então é melhor removê-la. Então não insista que deve permanecer num só local. Mantenha-se verdadeiro para com a vida - retire a árvore, porque agora está a ir contra a vida.

No Ocidente, as pessoas estão a mudar - demasiadas relações. O amor é morto das duas maneiras. No Oriente é morto porque as pessoas têm medo de mudar. No Ocidente é morto porque as pessoas têm medo de permanecer com um só parceiro demasiado tempo - medo que se torne um compromisso. Antes que se torne um compromisso, mudam, assim continuam autónomas e livres. Deste modo, uma certa licenciosidade está a crescer e, em nome da liberdade, o amor é quase esmagado, morto à fome. O amor sofre dos dois modos: no Oriente, as pessoas juntam-se por segurança, conforto, formalismo; no Ocidente, elas agarram-se à liberdade do seu ego, ao não compromisso. Mas o amor sofre de ambas as formas.

Eu sou a favor do amor. Não sou nem oriental nem ocidental, e não me interessa a que sociedade você pertence. Eu não pertenço a nenhuma sociedade, eu sou a favor do amor.

Lembre-se sempre: se é uma relação amorosa, ótimo. Enquanto o amor durar permaneça nela, e permaneça nela tão profundamente comprometido quanto possível. Permaneça nela tão completamente quanto possível: seja absorvido pela relação. Então o amor será capaz de transformá-lo. Se não existir amor, é melhor mudar. Mas então, não se torne um dependente da mudança. Não a torne um hábito. Não deixe tornar-se um hábito mecânico que você tem de mudar em cada dois ou três anos, como tem de mudar de carro a cada dois

ou três anos, ou mesmo anualmente. Um novo modelo surge, e então o que fazer? Você tem de mudar o seu carro. Subitamente você conhece uma nova mulher - não é muito diferente.

Uma mulher é uma mulher, um homem é um homem. As diferenças são secundárias, porque é tudo uma questão de energia. A energia feminina é energia feminina. Em cada mulher todas as mulheres estão representadas, e em cada homem todos os homens estão representados. As diferenças são muito superficiais: o nariz é um pouco comprido, ou então é muito curto; o cabelo é louro ou castanho - pequenas diferenças, superficiais. Em profundidade, a questão é de energia masculina ou feminina. Então se o amor está presente, agarre-se a ele. Dê-lhe uma hipótese de crescer. Mas, se não está lá, mude antes que se torne dependente de uma relação sem amor.

> Uma jovem mulher num confessionário fez algumas perguntas ao sacerdote acerca de contracetivos. "Você não os deve usar", disse o padre. "Eles são contra a lei de Deus. Tome um copo de água."
>
> "Antes ou depois?", perguntou a mulher.
>
> "Em alternativa!", retorquiu o padre.

Você pergunta-me se deve seguir o caminho oriental ou o ocidental. Nenhum deles; siga o caminho divino. E qual é o caminho divino? Manter-se fiel ao amor. Se o amor está presente, tudo é permitido. Se o amor está ausente, nada é permitido. Se você não ama a sua mulher não lhe toque, porque isso é uma transgressão. Se você não ama uma mulher, não vá para a cama com ela; isso é contra a lei do amor e essa é a lei suprema. Só quando você ama é que tudo é permitido.

> Alguém perguntou a Agostinho de Hipona[14]: "Sou um homem sem educação e não posso ler as Escrituras e os grandes livros de teologia. Dê-me uma mensagem. Sou muito tonto e a minha memória também não é boa, dê-me a essência, para que eu me lembre e a possa seguir." Agostinho era um grande filósofo, um grande santo e fez grandes sermões, mas nunca ninguém lhe tinha perguntado simplesmente pelo fundamental. Fechou os olhos e, diz-se, meditou durante horas. E o homem perguntou-lhe: "Por favor, se encontrou a resposta, diga-me e eu vou-me, porque estou aqui à espera há horas." E Agostinho disse: "Não consigo encontrar nada mais senão isto: ame, e tudo o resto lhe é permitido. Ame somente."

———————————————————

14. Agostinho de Hipona - Conhecido como Santo Agostinho (354-430), um dos Pais da Igreja Católica do Ocidente e um dos maiores teólogos da religião cristã. (N.doT.)

Jesus disse: “Deus é amor.” Eu gostaria de lhe dizer que o amor é Deus. Esqueça tudo acerca de Deus; o amor é suficiente. Mantenha-se suficientemente corajoso para se mover com amor; nenhuma outra consideração deverá ser feita. Se considera que é amor, tudo será possível para si.

Primeiro, não se junte a uma mulher ou a um homem que não ame. Não se junte com base num simples capricho; não se junte com base no desejo. Descubra se a vontade de compromisso com uma pessoa cresceu em si. Você está suficientemente maduro para um contato mais profundo? Porque esse contato irá mudar toda a sua vida.

E quando estabelecer esse contato, faça-o verdadeiramente. Não se esconda do seu amado ou do seu amante - seja verdadeiro. Deixe todas as máscaras que aprendeu a usar. Deixe cair todas as máscaras. Seja verdadeiro. Revele todo o seu coração; fique nu. Entre dois amantes não devem existir segredos, senão não existe amor. Você não deve esconder nada. O que quer que surja no seu coração deverá permanecer transparente para si. Vocês deverão tornar-se dois seres totalmente transparentes um para o outro. Sempre e para sempre, você verá que ambos estão a crescer para uma unidade superior.

Por conhecer a mulher exterior, por realmente a conhecer, amá-la - comprometendo-se com o seu ser, dissolvendo-se nela, fundindo-se com ela - você irá, a pouco e pouco, conhecendo a mulher que está dentro de si; irá conhecendo o homem que está dentro de si. A mulher exterior é só um caminho para a mulher interior; e o homem exterior é só um caminho para o homem interior.

O verdadeiro orgasmo acontece dentro de si, quando o seu homem e mulher interiores se encontram. Este é o significado do simbolismo hindu de *Ardhanarishwar*[15]. Você já deve ter visto estátuas de Shiva[16] meio homem, meio mulher - cada homem é meio homem, meio mulher; cada mulher é meio mulher, meio homem. Tem de ser assim, porque metade do seu ser provém do seu pai e metade do seu ser provém da sua mãe - você é ambos. Um orgasmo interno, um encontro interno, uma união interior é necessária. Mas, para alcançar essa união, você deve encontrar essa mulher que exteriormente corresponde à sua mulher interior, que faz vibrar o seu ser interior, e a sua mulher interior, que se encontra adormecida, desperta. Através da mulher exterior, deverá conhecer a mulher interior; e o mesmo com o homem.

———————————————————————————

15. Ardhanarishwar - o indivisível masculino e feminino, o andrógino primordial, um dos avatares de Shiva. (N.doT)

16. Shiva - o terceiro componente da trindade hindu, juntamente com Brahma e Vixnu. É o deus renovador e modificador, podendo surgir como destruidor. (N.doT)

Assim, se a relação prossegue por um longo período, ficará melhor, - porque essa mulher interior precisa de tempo para ser despertada. Tal acontece no

Ocidente - relacionamentos de toca-e-foge -, a mulher interior não tem tempo, o homem interior não tem tempo para acordar e despertar. No momento em que se agita, a mulher foi-se… Outra mulher com outra vibração, outra oscilação, surgiu. E, claro, se você continua a mudar de mulher ou de homem torna-se neurótico, porque entrarão para o seu ser tantas coisas, tantos sons e tantas qualidades de vibrações que você se perderá na tentativa de encontrar a sua mulher interior. Será difícil. E é possível que você se torne viciado na mudança. Começará a apreciar a mudança. Então estará perdido.

A mulher exterior é só um meio para a mulher interior, e o homem exterior é só um meio para o homem interior. E o ioga fundamental, a união mística primordial acontece dentro de si. Quando tal ocorre, então estará liberto de todas as mulheres e de todos os homens. Então estará livre de masculinidade e feminilidade. Então, subitamente, você irá mais longe; então não será nenhum deles. Isto é o que é a transcendência; isto é o que significa *brahmacharya*[17]. Então você alcançará de novo a virgindade pura; a sua natureza original é de novo reclamada.

———————————————————————————

17. Brahmacharya - Termo budista que serve para designar a "vida santa", que leva o monge à iluminação entendida como objetivo final. (N.doT)

Quanto Mais Distantes se Encontram, Mais Atraentes se Tornam

- ***Ultimamente, tenho vindo a aperceber-me de como o meu amante me é estranho. No entanto, há um desejo ardente de ultrapassar o fosso existente entre nós. É quase como se fôssemos duas linhas a correr paralelas, mas destinadas a nunca se encontrarem. É o mundo da geometria como o mundo do consciente - ou há alguma hipótese de as paralelas se encontrarem?***

É um dos grandes mistérios que cada amante tem de enfrentar: não existe qualquer meio para os amantes perderem a sua estranheza, falta de familiaridade, separação. De facto, todo o funcionamento do amor é que os amantes devem ser pólos opostos. Quanto mais distantes se encontram, mais atraentes se tornam. A sua distância é a sua atração. Eles aproximam-se, aproximam-se muito, mas nunca se tornam um. Aproximam-se tanto que quase se sentem um só, um pequeno passo mais e serão um. Mas esse passo nunca foi dado, nunca pode ser dado sem absoluta necessidade, fora da lei natural.

Pelo contrário, quando se encontram muito próximos, rapidamente começam a separar-se de novo, afastando-se cada vez mais. Porque quando estão muito próximos, a sua atração perde-se; começam a lutar, a resmungar, tornam-se mordazes. Estas são formas de criarem distância novamente. E quando a distância existe, começam imediatamente a sentir-se atraídos. Então

isto prossegue como um ritmo: aproximando-se, afastando-se; aproximando-se, afastando-se.

Existe o desejo de ser uno - mas ao nível da biologia, ao nível do corpo, tornar-se uno é impossível. Mesmo quando fazem amor não são um; a separação a nível físico é inevitável.

Você diz: “Ultimamente comecei a aperceber-me de como até o meu amor se tornou um estranho para mim.” Isso é bom. Isso é parte de uma compreensão crescente. Somente gente infantil pensa que se conhece um ao outro. Você não se conhece a si mesmo, como pode pensar que conhece o seu amante?

Nem o seu amante se conhece a si mesmo nem você se conhece a si própria. Dois seres desconhecidos, dois estranhos que nada conhecem de si, estão a tentar conhecer-se mutuamente - é um exercício de futilidade. Está destinado a ser uma frustração, um fracasso. E por isso todos os amantes estão zangados entre si. Eles pensam, talvez o outro não esteja a permitir-me entrar no seu mundo privado: “Ele está a manter-me à parte, ele está a manter-me um pouco à distância.” E ambos continuam a pensar da mesma maneira. Mas não é verdade, todas as queixas são falsas. Simplesmente não compreendem as leis da natureza.

Ao nível do corpo, você pode aproximar-se, mas nunca pode tornar-se uno. Só ao nível do coração você se pode tornar uno - mas só temporariamente, não permanentemente.

Ao nível do ser, vocês são um. Não há necessidade de se tornarem um; só têm de o descobrir.

Você diz: “No entanto, há um desejo ardente de ultrapassar a separação instalada entre nós.” Se continuarem a tentar a um nível físico, continuarão a falhar. A busca demonstra simplesmente que o amor continua para lá do corpo, que o amor procura algo mais elevado que o corpo, algo maior que o corpo, algo mais profundo que o corpo. Mesmo o encontro íntimo - ainda que doce, ainda que imensamente alegre - é ainda insuficiente, porque ocorre num só momento e de novo os estranhos se tornam estranhos. A menos que descubra o mundo do ser, não será capaz de preencher a sua busca de se tornarem unos. E o facto estranho é: no dia em que se tornar uno com o seu amante, tornar-se-á igualmente uno com toda a existência.

Você diz: “É quase como se fôssemos duas linhas a correr paralelas, mas destinadas a nunca se encontrarem.” Talvez você não conheça a geometria não euclidiana, porque ainda não é ensinada nas instituições educativas. Nós ainda aprendemos a geometria euclidiana, que tem cerca de dois mil anos. Na geometria euclidiana, as linhas paralelas não se encontram. Mas foi descoberto que, se você prosseguir, elas hão-de encontrar-se. As últimas descobertas é que

não existem linhas paralelas; por isso elas encontram-se. Você não pode criar duas linhas paralelas.

As novas descobertas são muito estranhas - você não pode criar uma linha, uma linha reta, porque a terra é redonda. Se você criar uma linha reta aqui, se continuar a desenhá-la, sempre e sempre, finalmente descobrirá que ela se tornou um círculo. E se uma linha reta levada ao limite se torna um círculo, não era uma linha reta em primeiro lugar; era simplesmente parte de um grande círculo, e parte de um grande círculo é um arco, não uma linha. As linhas desapareceram na geometria não euclidiana e quando não existem linhas, o que dizer de linhas paralelas? Não existem linhas paralelas, igualmente.

Assim, se fosse uma questão de linhas paralelas, há uma hipótese de os amantes se poderem encontrar algures - talvez na velhice, quando não podem lutar, quando já não têm energia para tal. Ou ficaram tão habituados…; de que valem as mesmas discussões que tiveram, os mesmos problemas, os mesmos conflitos; eles estão cansados um do outro.

A longo prazo, os amantes deixam de se falar. De que vale? Porque começar a falar é começar uma discussão e é sempre a mesma discussão; não irá mudar. E discutiram tantas vezes que termina sempre do mesmo modo. Mas mesmo então, as linhas paralelas no que diz respeito aos amantes… em geometria poderão vir a encontrar-se, mas no amor não há esperança; eles não podem encontrar-se.

E é bom que não se consigam encontrar porque, se os amantes conseguissem satisfazer a sua ânsia de se tornarem unos ao nível do corpo físico, nunca olhariam para cima. Nunca procurariam encontrar o que existe muito para além do corpo físico - a consciência, a alma, Deus.

É bom que o amor falhe, porque o fracasso do amor destina-se a levá-lo numa nova peregrinação. A ânsia atormentá-lo-á até o trazer ao templo onde o encontro se dá - mas o encontro acontece sempre com o todo…, no qual o seu amante se encontra, mas onde se encontram também as árvores, os rios, as montanhas e as estrelas.

Neste encontro, somente duas coisas não se encontram: o seu ego não estará lá e o ego do seu amante não estará lá. À parte estas duas coisas, toda a existência estará aí. E estes dois egos eram realmente o problema, era o que fazia de vós duas linhas paralelas.

Não é o amor que está a criar problemas, é o ego. Mas a ânsia não será satisfeita. Nascimento após nascimento, vida após vida, a ânsia permanecerá, a menos que você descubra a porta certa para lá do corpo para entrar no templo.

> Um casal de idosos, de noventa e três e de noventa e cinco anos, foi ao advogado e disseram-lhe que se queriam divorciar. “Divorciar!”, exclamou o advogado. “Na vossa idade? Mas certamente

precisam um do outro mais do que nunca e, de qualquer modo, estiveram casados tanto tempo, qual é a necessidade?"

"Bem", disse o marido. "Nós queríamos divorciar-nos há anos, mas pensámos em esperar até que os filhos tivessem morrido."

E realmente esperaram! Agora não há problema, eles podem divorciar-se - ainda não se encontraram, mas divorciaram-se.

Mantenha a sua ânsia aquecida, inflamada; não perca o coração. A sua ânsia é a semente da sua espiritualidade. A sua ânsia é o princípio da união suprema com a existência. O seu amante é só um pretexto.

Não se entristeça, alegre-se. Regozije-se, pois não há qualquer possibilidade de união a um nível físico. De outro modo, os amantes não teriam qualquer via para a transformação. Ficariam presos um ao outro, destruir-se-iam um ao outro.

E não há qualquer mal em amar um desconhecido. De facto, é mais excitante amar um desconhecido. Quando vocês não estavam juntos, a atração era maior. Quanto mais próximos foram ficando, mais a atração se transformou em monotonia. Quanto mais se foram conhecendo, superficialmente, menor a excitação. A vida torna-se rapidamente rotineira.

As pessoas continuam a repetir a mesma coisa, sempre. Se olhar para os rostos das pessoas em todo o mundo, ficará surpreendido: por que é que toda esta gente parece tão triste? Por que é que os seus olhos parecem ter perdido toda a esperança? O motivo é simples; a razão é a repetição. O homem é inteligente; a repetição cria tédio. O tédio traz com ele tristeza, porque nós sabemos o que vai acontecer amanhã e no dia a seguir…; até sermos sepultados, será sempre o mesmo, a mesma história.

Finkelstein e Kowalski estão sentados num bar a ver as notícias na televisão. Nas notícias, mostram uma mulher num parapeito, ameaçando saltar. Finkelstein diz a Kowalski: "Digo-te isto. Aposto contigo: se ela saltar, eu recebo vinte dólares. Se ela não saltar, recebes tu vinte dólares. Certo?"

"É justo", diz Kowalski.

Alguns minutos depois, Finkelstein vira-se para Kowalski e diz: "Olha, não posso receber os teus vinte dólares. Tenho de te confessar: eu vi as notícias hoje cedo. Isto é uma repetição."

"Não, não", diz Kowalski. "Fica com o dinheiro, ganhaste-o de forma justa. Sabes, eu também vi as notícias hoje cedo."

"Viste?", diz Finkelstein. "Então por que é que apostaste que a mulher não saltava?"

"Bem", diz Kowalski. "Não pensei que ela fosse suficientemente estúpida para o fazer duas vezes!"

Mas a vida é assim…

Esta tristeza no mundo, este tédio e esta infelicidade podem mudar se as pessoas souberem que estão a pedir o impossível.

Não peça o impossível.

Descubra a lei da existência e siga-a.

A sua ânsia de ser uno é o seu desejo espiritual, é a sua natureza essencialmente religiosa. Acontece porque você está a observar-se de um ângulo errado.

O seu amante é só uma desculpa. Deixe o seu amante ser só a experiência de um grande amor - o amor de toda a existência.

Deixe a sua ânsia ser uma busca pelo seu ser interior: aí, o encontro já se está a dar, aí, já somos unos.

Ai, já nenhum de nós está separado.

A ânsia é perfeitamente correta; só o objeto dessa ânsia não está correto. Isso é o que cria o sofrimento e o inferno. Mude simplesmente o objeto e a sua vida tornar-se-á um paraíso.

Parte 3

L I B E R D A D E

O homem reduziu a mulher a uma escrava e a mulher reduziu o homem a um escravo. E, claro, ambos odeiam a escravidão, ambos resistem a ela. Estão constantemente em luta, qualquer pequeno pretexto e a luta inicia-se.

Mas a verdadeira luta é muito mais profunda; a verdadeira luta é que ambos clamam pela sua liberdade. Eles não são capazes de o dizer claramente, podem tê-lo esquecido totalmente. Durante centenas de anos esta era a forma de viver. Eles viram que o seu pai e a sua mãe viveram assim, eles viram que os seus avós viveram assim. Esta é a forma das pessoas viverem - eles aceitaram-na. A sua liberdade está destruída. É como se tentássemos voar alto, no céu, só com uma asa. Algumas pessoas têm a asa do amor e outras têm a asa da liberdade - ambas são incapazes de voar. São necessárias as duas asas.

Capítulo 9

Tábua Rasa

Os filósofos acreditaram sempre que a essência precede a existência, que o homem nasce determinado. Tal como uma semente, ele contém todo o programa; agora a questão é simplesmente o manifestar-se. Não existe liberdade - esta tem sido a atitude de todos os filósofos do passado, que o homem tem um fado determinado, um destino. Cada um irá tornar-se uma certa entidade fixa, o argumento já está escrito. Você não tem consciência dele, isso é outra questão, mas o que quer que você faça, você não o está a fazer. É feito através de si pelas forças naturais, inconscientes, ou por Deus.

Esta é a atitude do determinista, do fatalista. Toda a humanidade sofreu imensamente devido a ela, porque este tipo de abordagem significa que não há possibilidade de qualquer mudança radical. Nada pode ser feito para a transformação do homem; tudo irá acontecer na forma que deve acontecer. O Oriente sofreu mais devido a esta atitude. Quando nada pode ser feito, então começamos a aceitar tudo - escravidão, pobreza, fealdade; podemos aceitá-los. Isto não é compreensão, não é entendimento; não é o que Gautama, o Buda, chama similaridade, *tathata*. É só desespero, escondendo-se irremediavelmente atrás de belas palavras.

Mas as consequências serão desastrosas. Você pode observá-las na sua forma mais desenvolvida na índia: a pobreza, os pedintes, a doença, os aleijados, os cegos. E ninguém repara porque a vida é assim, a vida foi sempre assim e será sempre assim. Uma espécie de letargia infiltra-se na sua própria alma.

Mas toda a abordagem é completamente falsa. É um consolo, não uma descoberta que provenha da observação da realidade. É uma forma de esconder as próprias feridas - é uma racionalização. E sempre que a racionalização começa a esconder a sua realidade, você está destinado a cair em domínios cada vez mais obscuros.

Eu gostaria de lhe dizer que a essência não precede a existência; pelo contrário, a existência precede a essência. O homem é o único ser na Terra que tem liberdade. Um cão nasce um cão, viverá como um cão, morrerá como um cão; não existe liberdade. Uma rosa permanecerá uma rosa, não existirá possibilidade de qualquer transformação; não se pode tornar um lótus. Não é uma questão de escolha, não existe qualquer liberdade. É aqui que o homem é completamente diferente. Esta é a dignidade do homem, a sua especificidade na existência, a sua singularidade.

Por isso digo que Charles Darwin não está certo, porque começa a categorizar o homem com os outros animais; ele não teve em conta esta

diferença básica. A diferença básica é que todos os animais nasceram com um programa, só o homem nasceu sem programa. O homem nasceu como uma *tabula rasa*, uma ardósia limpa; nada está escrito em si. Você tem de escrever tudo o que quiser escrever nela; será a sua criação.

O homem não é somente livre. Eu gostaria de dizer que o homem é *liberdade*. Este é o seu núcleo essencial, esta é a sua verdadeira alma. No momento em que você nega a liberdade ao homem, nega-lhe o seu tesouro mais precioso, o seu verdadeiro reino. Então ele torna-se um pedinte e encontra-se numa situação ainda mais desagradável que outros animais, porque pelo menos eles têm um programa certo. Então o homem está simplesmente perdido.

Uma vez isto entendido, que o homem nasceu como *liberdade*, então todas as suas dimensões se abrem para crescer. Então compete-lhe a si o que ser e o que não ser; será a sua própria criação. Então a vida torna-se urna aventura - não uma revelação mas uma aventura, uma exploração, uma descoberta. A verdade não lhe foi dada ainda; você tem de a criar. De certo modo, você está a criar-se a cada momento.

Mesmo que aceite a teoria de destino, isso é igualmente um ato de decisão acerca da sua vida. Ao aceitar o fatalismo, escolheu a vida de um escravo - é a sua escolha! Escolheu entrar para uma prisão, escolheu ser acorrentado, mas continua a ser a sua escolha. Você pode sair da prisão.

Claro que as pessoas têm medo de ser livres, porque a liberdade é um risco. Nós nunca sabemos o que estamos a fazer, para onde estamos a ir, qual será o resultado final de tudo. Se você não é um “pronto a usar”, então toda a responsabilidade é sua. Não pode colocar a sua responsabilidade nos ombros de outro. Em última análise, você coloca-se perante a existência totalmente responsável por si mesmo. O que quer que você faça, o que quer que você seja, você não pode furtar-se; não pode escapar dele - este é o medo. Foi a partir deste medo que as pessoas escolheram todo o tipo de atitudes deterministas.

E é uma coisa estranha: os religiosos e os ateus concordam num só ponto, que não existe liberdade. Discordam em todos os outros pontos, mas num só ponto o seu acordo é estranho. Os comunistas dizem-se ateus, sem religião, mas dizem que o homem é determinado pelas situações sociais, económicas, políticas. O homem não é livre; a consciência do homem é determinada por forças externas. É a mesma lógica! Você pode chamar à força externa a estrutura económica. Hegel chama-lhe “História’ - com H maiúsculo, lembre-se - e os indivíduos religiosos chamam-lhe “Deus’; outra vez a palavra com D maiúsculo, História, Economia, Política, Sociedade - todas forças externas, mas todas concordam numa única coisa, que você não é livre.

Eu digo-lhe, você é absolutamente livre, incondicionalmente livre. Não evite a responsabilidade; evitar não irá ajudar. Quanto mais cedo você aceitar, melhor, porque pode criar-se a si mesmo mais rapidamente. E no momento em

que você se cria, uma grande alegria surge, e quando você se completa, no modo que você queria, surge um grande contentamento. Tal como um pintor quando termina um quadro, a última pincelada, uma grande alegria inunda o seu coração. Um trabalho bem feito traz grande paz. Sente-se que participou com o todo.

A única oração é ser criativo, porque é somente através da criatividade que você participa no todo; não existe nenhum outro modo de participar. Deus não tem de ser pensado, você tem de participar de algum modo. Você não pode ser um observador, só pode ser um participante; só então poderá saborear esse mistério. Criar um quadro não é nada. Criar um poema não é nada, criar música não é nada comparado com criar-se a si mesmo, criar a sua consciência, criar o seu próprio ser.

Mas as pessoas têm tido receio, e há razões para ter medo. A primeira é por ser arriscado, porque só você é responsável. Em segundo lugar, a liberdade pode ser usada incorretamente - porque você pode escolher ser a coisa mais errada. A liberdade significa que pode escolher o certo ou o errado; se é livre para escolher somente o que é certo, não é liberdade. Então será como quando Ford fez os seus primeiros carros - serão todos pretos. E ele levava então os seus clientes à sala de exposição e dizia-lhes: “Pode escolher qualquer cor, desde que seja preto!”

Mas que tipo de liberdade é esta - *sob a condição* que esteja certo, desde que siga os Dez Mandamentos, desde que esteja de acordo com o Gita[18] ou o Corão[19], desde que esteja de acordo com Buda, Mahavira[20], Zaratustra[21]? Então, não é de todo liberdade! Liberdade significa basicamente, intrinsecamente significa que você é capaz de ambas: pode escolher o certo ou o errado.

———————————————————————————

18. Gita - Gita Govinda, poema religioso hindu de carácter erótico que narra a juventude de Krishna sob a forma do pastor Govinda e os seus amores com Radha. (N.doT.)

19. Corão - Livro sagrado do Islão, formado por 114 suras ou capítulos, do qual a doutrina ortodoxa muçulmana afirma ser a palavra eterna de Deus. (N. do T.)

20. Mahavira - Reformador do jainismo, cujo verdadeiro nome era Vardhamana (550 a. c., contemporâneo de Buda, com cuja vida apresenta algumas afinidades. (N.doT)

21. Zaratustra, ou Zoroastro (660-583 a. C.), legislador religioso iraniano, fundador da religião mazdista ou zoroástrica. Recebeu a revelação do deus Ahura Mazda, o poder da luz, que o encarregou de lutar contra a força das trevas. (N.doT)

E o perigo é - daí o medo - que o errado seja mais fácil de fazer. O mal é uma tarefa deslizante e o bem é uma tarefa árdua. Subir é difícil, árduo; e quanto mais alto sobe, mais árduo se torna. Mas descer é muito fácil. Você não precisa de fazer nada, a força de gravidade faz tudo por si. Você pode rolar como um rochedo desde o cume e a rocha atingirá o sopé; não precisa de fazer nada.

Mas se quer elevar-se em consciência, se quer erguer-se no mundo da beleza, verdade, bem-aventurança, então estará a ansiar pelos cumes mais elevados e isso é, certamente, mais difícil.

Em segundo lugar, quanto mais alto você chega, maior o perigo da queda, porque o caminho estreita-se e você está rodeado por todos os lados de vales escuros. Um simples passo mal dado e você cai no abismo, desaparece. É mais confortável e conveniente caminhar em terreno plano, não se preocupando com as alturas.

A liberdade dá-lhe a oportunidade de descer abaixo dos animais ou de ascender acima dos anjos. A liberdade é uma escada. Num dos lados da escada chega ao inferno, o outro toca o céu. É a *mesma* escada; a escolha é sua, a direção tem de ser escolhida por si.

E, para mim, se você não é livre, não pode fazer mau uso da sua escravidão. A escravidão não pode ser mal usada. O prisioneiro não pode fazer mau uso da sua situação - ele está agrilhoado, não está livre de fazer nada. E essa é a situação de todos os outros animais, exceto do homem - eles não são livres; eles nasceram para serem um certo tipo de animal e têm de agir de acordo com esse facto. A própria natureza força-os a ser assim; deles nada mais é exigido. Não existe desafio nas suas vidas. Somente o homem pode enfrentar o desafio, o grande desafio. E muito poucas pessoas escolheram o risco, ascender às alturas, descobrir os cumes mais elevados. Somente poucos - Buda, Cristo -, muito poucos, podem ser contados pelos dedos.

Por que não foi toda a humanidade escolhida para atingir o mesmo grau de felicidade de Buda, o mesmo estado de amor de Cristo, o mesmo estado de celebração de Krishna? Porquê? Pela simples razão que é arriscado aspirar a tais alturas. É melhor não pensar nelas, e a melhor maneira de não pensar nelas é aceitar que não existe liberdade - você está já predeterminado. Existe um argumento prévio que lhe foi entregue antes do seu nascimento e você tem de o cumprir.

Somente a liberdade pode ser mal empregue, a escravidão não pode ser mal empregue. Por isso, você vê tanto caos no mundo de hoje. Nunca existiu antes, pela simples razão que o homem nunca foi livre. Você vê mais caos na América pelo motivo simples que eles gozam de maior liberdade do que em qualquer outro lugar no mundo, em qualquer outro período histórico. Onde quer que exista liberdade, surge o caos. Mas esse caos vale a pena, pois é desse mesmo caos que as estrelas nascem.

Não lhe estou a dar qualquer disciplina, pois qualquer disciplina é uma forma subtil de escravidão. Não lhe dou nenhum mandamento, pois qualquer mandamento que lhe seja dado por quem quer que seja vindo do exterior irá aprisioná-lo, escravizá-lo. Ensino-lhe somente a ser livre e deixo-o a si mesmo, para fazer o que quiser com a sua liberdade. Se quiser descer abaixo dos

animais, essa decisão é sua e é-lhe totalmente permitida, porque é a sua vida. Se se decidir por essa via, então é uma prerrogativa sua. Mas se compreender a liberdade, o seu valor não começará a cair: não descerá abaixo dos animais, você começará a ascender acima dos anjos.

O homem não é uma entidade, é uma ponte, uma ponte entre duas eternidades - o animal e o deus, o inconsciente e o consciente. O crescimento é consciente, o crescimento é liberdade. Dê cada passo por sua própria escolha. Crie-se a si mesmo e assuma toda a responsabilidade por esse facto.

Capítulo 10

A Escravidão Básica

O sexo é o instinto mais poderoso no homem. O político e o sacerdote compreenderam desde o início que o sexo é a energia motriz do homem. Tem de ser truncado, tem de ser cortado. Se for permitida total liberdade ao homem no sexo, então não haverá qualquer possibilidade de o dominar. Fazer dele um escravo será impossível.

Não o viu já ser feito? Quando quer que um touro seja aparelhado a uma carroça, o que faz? Castra-o, destrói a sua energia sexual E já viu a diferença entre um touro e um boi? Que diferença! Um boi é um pobre fenómeno, um escravo. Um touro é a beleza; um touro é um fenómeno glorioso, um grande esplendor. Veja um touro a andar, como ele se move como um imperador! E veja um boi a puxar uma carroça.

O mesmo foi feito ao homem: o instinto sexual foi truncado, cortado, aleijado. Atualmente, o homem não existe como touro, ele existe como boi, e cada homem está a puxar mil e uma carroças. Observe e atrás de si encontra mil e uma carroças, e você está aparelhado a elas.

Por que é que você não aparelha um touro? O touro é demasiado poderoso. Se ele vê uma vaca passar, larga-o a si e à carroça e vai na direção da vaca! Não se preocupará minimamente com quem você é e não ouvirá nada. Será impossível controlar o touro. A energia sexual é a energia da vida; é incontrolável. E os políticos e os sacerdotes não estão interessados em si, estão interessados em canalizar a sua energia noutras direções. Existe portanto um mecanismo por trás - que tem de ser entendido.

A repressão sexual e os tabus sexuais são a verdadeira base da escravidão humana. O homem não pode ser livre se o sexo não for livre. O homem não pode ser livre se não se permitir o desenvolvimento natural da sua energia sexual.

Estes são os cinco estratagemas através dos quais o homem se foi tornando um escravo, um fenómeno feio, um aleijado.

O primeiro é:

Mantenha o homem o mais fraco possível, se quiser dominá-lo. Se o padre quiser dominá-lo ou o político quiser dominá-lo, você tem de estar tão fraco quanto possível. E a melhor maneira de manter um homem fraco é não dar ao amor liberdade total. O amor é alimento. Os psicólogos descobriram agora que se não for dado amor a uma criança, ela encolhe-se e torna-se fraca. Você pode dar-lhe leite, pode dar-lhe medicamentos, pode dar-lhe de tudo, nas não lhe dê amor. Não a abrace, não a beije, não a aperte contra o calor do seu corpo, e a

criança começará a ficar fraca, cada vez mais fraca e frágil. Tem mais hipóteses de morrer do que de sobreviver.

Porquê? É só abraçar, beijar, dar carinho, e de algum modo a criança sente-se alimentada, aceite, amada, necessária. A criança começa a sentir-se útil; a criança começa a dar um certo significado à sua vida.

Agora, desde a infância, nós deixamo-las famintas; não lhes damos tanto amor quanto elas precisam. Depois forçamos os jovens, rapazes e raparigas, a não se amarem senão depois do casamento. Pelos catorze anos tornam-se sexualmente maduros. Mas a sua educação leva ainda algum tempo, cerca de dez anos mais, até terem vinte e quatro, vinte e cinco anos - começam então a ter as suas licenciaturas, ou os seus mestrados ou os seus doutoramentos. Então tentamos que eles não se amem.

A energia sexual atinge o seu clímax perto dos dezoito anos. O homem nunca mais será tão potente, e a mulher nunca mais será capaz de atingir um orgasmo tão forte como próximo dos dezoito anos. Mas nós forçamo-los a não fazerem amor - rapazes e raparigas são mantidos separados, e entre eles encontra-se todo o mecanismo policial, de magistratura, reitores, professores. Todos se mantêm lá, no meio, procurando impedir os rapazes de se aproximarem das raparigas, segurando as raparigas para não se aproximarem dos rapazes. Porquê? Por que se dão a tanto trabalho? Estão a tentar matar o touro e criar bois.

Por volta dos dezoito anos, você está no auge da sua energia sexual, da sua energia amorosa. Hoje em dia as pessoas casam-se cada vez mais tarde, por volta dos vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete anos... Quanto mais desenvolvido é o país, mais tempo você espera, porque mais tem de ser aprendido, tem de se arranjar emprego, mais isto e mais aquilo. Quando você se casa, os seus poderes estão quase em declínio. Então você ama, mas o amor nunca se torna realmente quente; nunca chega ao ponto em que as pessoas se evaporam, elas mantêm-se mornas. E, então, quando você não foi capaz de amar totalmente, você não pode amar os seus filhos porque não sabe como fazê-lo. Quando você não foi capaz de conhecer os cumes do amor, como pode ensiná-lo aos seus filhos? Como pode ensinar os seus filhos a atingir esses cumes?

Através das idades, tem sido negado ao homem o amor, para que ele permaneça fraco.

Segundo:

Mantenha o homem tão ignorante e iludido quanto possível, para que ele possa ser enganado facilmente. E se você quer criar um grupo de idiotas - que é o mais importante para os padres e políticos e a sua conspiração -, então o melhor é não permitir ao homem aproximar-se livremente do amor. Sem amor,

a inteligência do homem decresce. Ainda não o observou? Quando você ama, subitamente todas as suas capacidades estão no seu auge, num crescendo. Há um momento atrás você estava aborrecido e, então, conhece a sua futura mulher e, subitamente, uma grande alegria eclode no seu ser; você está em chamas. Quando as pessoas se amam, atuam no seu melhor. Quando o amor desaparece ou deixa de existir, atuam no mínimo.

As pessoas mais inteligentes são as mais sexuais. Isto tem de ser entendido, porque a energia do amor é basicamente inteligência. Se você não pode amar, está de algum modo fechado, frio: não pode fluir. Quando ama, a pessoa flui. Quando está apaixonado, sente-se tão confiante que acredita poder tocar nas estrelas. Por isso, uma mulher torna-se uma grande inspiração, um homem torna-se uma grande inspiração. Quando uma mulher é amada, ela torna-se mais bela *imediatamente*, instantaneamente! Anteriormente era uma pessoa comum, agora o amor revela-se nela - ela banha-se numa energia totalmente nova, uma nova aura rodeia-a. Ela caminha de modo mais gracioso, como numa dança. Os seus olhos adquiriram agora grande beleza; a sua face irradia, ela é luminosa. E o mesmo acontece com o homem.

Quando se está apaixonado, atua-se no seu melhor. Não permita o amor e as pessoas permanecerão no seu mínimo. Quando permanecem no seu mínimo elas são estúpidas, elas são ignorantes, elas não se preocupam em saber. E quando as pessoas são estúpidas, ignorantes e iludidas, podem ser facilmente enganadas.

Quando as pessoas são sexualmente reprimidas, amorosamente reprimidas, elas começam a ansiar por outra vida. Elas pensam no céu, no paraíso, mas não pensam em criar o paraíso aqui, agora. Quando você ama, o paraíso está aqui, agora. Então não se preocupa; então quem vai para padre? Então quem se preocupa que deva existir um paraíso? Você já está nele e portanto não está interessado. Mas quando a sua energia amorosa é reprimida, começa a pensar: “Aqui não há nada, está tudo vazio. Então deverá existir algures algum objetivo…” Você dirige-se a um padre e pergunta-lhe acerca do céu e ele pinta belas imagens do mesmo. O sexo foi reprimido para que você se possa interessar pela outra vida. E quando as pessoas estão interessadas na outra vida, naturalmente não estão interessadas *nesta* vida.

Esta vida não é a única vida. A outra vida está escondida nesta vida! Não se lhe opõe, não está fora dela; está *nela*. Procure-a - é aqui! - e encontrará, igualmente, a outra. Deus está escondido no mundo, Deus está escondido aqui e agora. Se você ama, será capaz de o sentir.

O terceiro segredo:

Mantenha o homem tão assustado quanto possível. E a forma certa é não lhe permitir o amor, porque o amor destrói o medo - “o amor expulsa o medo”. Quando você ama, não tem medo. Quando você ama, pode lutar contra o mundo

inteiro. Quando você ama, sente-se infinitamente capaz de qualquer coisa. Mas quando você não ama, receia as pequenas coisas. Quando você não ama, interessa-se mais por segurança, por estabilidade. Quando você ama, interessa-se mais por aventura, por exploração. Não foi permitido às pessoas amarem-se, porque esta é a única forma de lhes criar medo. E quando elas têm medo e estão trémulas, ajoelham-se, curvam-se perante os sacerdotes e perante os políticos.

É uma grande conspiração contra a humanidade. É uma grande conspiração contra *si*! Os seus políticos e os seus sacerdotes são seus inimigos, mas denominam-se servidores públicos. Eles dizem: "Estamos aqui para o servir, para o ajudar a alcançar uma vida melhor. Estamos aqui para criar para si uma boa vida." E eles são os destruidores da própria vida.

O quarto:

Mantenha o homem tão infeliz quanto possível - porque um homem infeliz é confuso, um homem infeliz não tem auto-estima, um homem infeliz é autopunitivo, um homem infeliz não tem fundamentos - você pode empurrá-lo daqui para ali, ele pode ser facilmente transformado num destroço à deriva. E um homem infeliz está sempre pronto a ser comandado, a receber ordens, a ser disciplinado, porque ele sabe: "Por mim mesmo sou absolutamente infeliz, talvez alguém possa disciplinar a minha vida." Ele é uma vítima disponível.

E o quinto:

Mantenha os homens tão alienados entre si quanto possível, para que eles não se consigam agrupar com nenhum propósito que os sacerdotes e os políticos possam desaprovar. Mantenha as pessoas separadas. Não lhes permita muita intimidade. Quando as pessoas estão separadas, solitárias, alienadas das outras, não se conseguem agrupar. E existem mil e uma maneiras de as manter afastadas.

Por exemplo: se você segura a mão de um homem - você é um homem e está a segurar a mão de um homem, a cantar enquanto caminha numa rua -, e sentir-se-á culpado porque as pessoas começarão a olhar para si: Será maricas? Homossexual ou quê? Dois homens não podem estar tão felizes juntos. Não lhes é permitido dar as mãos, não lhes é permitido abraçarem-se. São condenados como homossexuais. O medo surge. Se um amigo chega e lhe pega na mão, você olha à volta: "Estará alguém a ver ou não?" E tem pressa de lhe largar a mão.

Você aperta a mão apressadamente. Já reparou? Basta vocês apertarem as mãos e estão acabados. Não deem as mãos, não se abracem; você tem medo. Alguma vez se lembra de o seu pai o abraçar? Lembra-se de a sua mãe o abraçar desde que se tornou sexualmente maduro? Por que não? O medo foi criado. Um homem jovem e a sua mãe abraçarem-se? Talvez o sexo possa surgir entre eles,

que ideia, que fantasia. O medo foi criado: o pai e o filho, o pai e a filha, não. O irmão e a irmã, não; o irmão e o irmão - não!

As pessoas são mantidas em caixas separadas com grandes paredes a rodeá-las. Cada pessoa está classificada e existem mil e uma barreiras. Sim, um dia, após vinte e cinco anos deste treino, você está autorizado a fazer amor com a sua mulher. Mas agora o treino foi demasiado longe dentro de si, e subitamente não sabe o que fazer. Como amar? Não aprendeu essa linguagem. É como se uma pessoa não tivesse sido autorizada a falar durante vinte e cinco anos. Ouça: durante vinte e cinco anos não lhe foi permitido dizer uma única palavra e subitamente você coloca-a num palco e diz-lhe, "Faz uma boa conferência". O que acontece? Ela cai, ali, no momento. Pode desmaiar, pode morrer... vinte e cinco anos de silêncio e, subitamente, agora, esperam que faça uma grande conferência? Não é possível.

Isto é o que está a acontecer! Vinte e cinco anos de anti-amor, de medo, e então, subitamente, é-lhe permitido legalmente - uma autorização é concedida e você pode amar esta mulher. "Esta é a sua mulher, você é o seu marido, e estão autorizados a amar-se." Mas para onde hão-de ir esses vinte e cinco anos de disciplina incorreta? Eles estarão lá.

Sim, você vai "amar"... você vai fazer um gesto. Não irá ser explosivo, não irá ser orgásmico; irá ser quase impercetível. Por isso fica tão frustrado após fazer amor - noventa e nove por cento das pessoas ficam frustradas após fazerem amor, mais frustradas do que se encontravam antes. E elas sentem... "O que é isto? Isto não é nada! Isto não é verdade!"

Primeiro, o sacerdote e o político prepararam-no para que você não seja capaz de amar e depois vêm pregar que não há nada de significativo no amor. E, de facto, os seus sermões parecem corretos, os seus sermões parecem estar em sintonia com a sua experiência. Primeiro criam a sensação de futilidade, de frustração - e depois ensinam. E ambos parecem relacionados logicamente, uma única peça. Este é um enorme estratagema, o maior que já foi apresentado ao homem.

Estes cinco aspetos podem ser geridos a partir de uma única ideia, e esse é o tabu em relação ao amor. É possível alcançar todos estes objetivos conseguindo de algum modo que as pessoas não se amem. E o tabu tem sido manejado de um modo muito científico. Este tabu é uma grande obra de arte - foram utilizadas grande perícia e grande astúcia. É realmente uma obra-prima! Este tabu tem de ser entendido.

Primeiro: é indireto, está escondido. Não é aparente, porque sempre que um tabu é muito óbvio, ele não funciona. O tabu tem de estar bem disfarçado, para que você não saiba como funciona. O tabu tem de estar tão disfarçado que você nem consegue imaginar aquilo contra o que ele se dirige. O tabu tem de

se dirigir para o inconsciente, não para a consciência. Como o tornar tão subtil e tão indireto?

O estratagema é: primeiro ensinar que o amor é ótimo, e assim as pessoas nunca pensam que o sacerdote e o político estão contra o amor. Continuar a ensinar que o amor é ótimo, que o amor é correto, e depois não permitir qualquer situação em que o amor possa ocorrer. Não permitir qualquer oportunidade. Não dar nenhuma oportunidade, e continuar a ensinar que a comida é ótima, que comer é uma grande alegria. “Coma o máximo que puder” - mas não forneça nada para comer. Mantenha as pessoas com fome e continue a falar do amor. E assim todos os sacerdotes continuam a falar do amor. O amor é considerado como algo muito elevado, próximo de Deus, e nega-se qualquer oportunidade para que ele ocorra. Diretamente, encorajam-no; indiretamente, cortam-lhe as suas raízes. Esta é a obra-prima.

Nenhum padre diz como é que fez o mal. É como se você dissesse a uma árvore “Sê verde, floresce, vive” e fosse cortando as suas raízes para que a árvore não fosse verde. E quando a árvore não está verde, você surge e diz “Ouça! Você não ouve. Você não me segue. Estou sempre a dizer ‘Sê verde, floresce, vive, dança... “ e entretanto vá-lhe cortando as raízes.

O amor é tão negado - o amor é a coisa mais rara do mundo; não deve ser negado. Se um homem pode amar cinco pessoas, ele deve amar cinco pessoas. Se um homem pode amar cinquenta, ele deve amar cinquenta. Se um homem pode amar quinhentas, ele deve amar quinhentas. O amor é tão raro que quanto mais se disseminar melhor. Mas estes são grandes estratagemas - você é forçado a confinar-se a uma esquina estreita, muito estreita. Você só pode amar a sua mulher, você só pode amar o seu marido, você só pode amar isto, você só pode amar aquilo - as condicionantes são muitas. É como se existisse uma lei que você pode respirar somente quando está com a sua mulher, você só pode respirar quando está com o seu marido. Então a respiração torna-se impossível! Então você morre e será incapaz de respirar enquanto está com a sua mulher ou com o seu marido. Você tem de respirar vinte e quatro horas por dia.

Seja afetivo.

Então existe outro estratagema: eles falam de “amor elevado” e destroem o básico. Dizem que o básico tem de ser negado; o amor carnal é mau, o amor espiritual é bom.

Alguma vez viu um espírito incorpóreo? Alguma vez viu uma casa sem fundações? O básico é o fundamento do elevado. O corpo é o seu domicílio; o espírito vive no corpo, com o corpo. Você é um espírito encarnado e um corpo onde foi instilada uma alma - eles estão unidos. O básico e o elevado não são separados, são unos - degraus da mesma escada. O básico não tem de ser negado, o básico tem de ser transformado no elevado. O básico é bom - se está preso ao básico o erro é seu, não do básico. Não existe nada de mal no degrau

mais baixo de uma escada. Se você está preso a ela, você está preso: é algo em si.

Mova-se.

O sexo não é errado. Você está errado se ficar preso nele. Vá mais alto. O elevado não está contra o básico; o básico torna possível a existência do elevado.

E estes estratagemas criaram muitos outros problemas. De cada vez que você ama, sente-se culpado de algum modo; a culpa surge. Quando há culpa, você não pode mover-se totalmente em direção ao amor - a culpa impede-o, mantém-no preso. Mesmo fazendo amor com a sua mulher ou com o seu marido, existe culpa: você sabe que isso é pecado, sabe que está a fazer qualquer coisa mal. “Os santos não o fazem” - você é um pecador. Então você não pode agir totalmente, mesmo quando está autorizado, superficialmente, a amar a sua mulher. O padre está escondido atrás de si no seu sentimento de culpa: ele está a arrastá-lo dali, a arrastá-lo pelos seus cordéis.

Quando começa a surgir a culpa, começa a sentir-se mal; perde auto-estima, perde respeito por si próprio. E surge outro problema; quando há culpa, você começa a fingir. As mães e os pais não querem que os seus filhos saibam que eles fazem amor e, portanto, fingem. Fingem que o sexo não existe. Essa farsa será conhecida pelas crianças mais cedo ou mais tarde e perdem toda a confiança. Sentem-se traídas, sentem-se enganadas.

E os pais e as mães dizem que os seus filhos não os respeitam - você é que deu origem a essa falta de respeito. Você enganou-os, foi desonesto e maldoso. Disse-lhes para nunca amarem - “Cuidado!” e você fazendo amor enquanto lhes dava esses conselhos. Virá o dia, mais cedo ou mais tarde, em que eles vão perceber que mesmo o seu pai, mesmo a sua mãe, não foram verdadeiros para com eles. Como podem eles respeitá-lo?

Primeiro, a culpa cria fingimento e o fingimento cria alienação nas pessoas. Mesmo o filho, o seu próprio filho, não se sentirá sintonizado consigo. Existe uma barreira - o seu fingimento. E quando você sabe que toda a gente está a fingir… Um dia irá aperceber-se de que está simplesmente a fingir, tal como os outros. Quando toda a gente está a simular algo, como se pode relacionar? Quando toda a gente é falsa, como pode você relacionar-se? Como pode você ser amigável quando à sua volta só há mentira e falsidade? Você torna-se muito, muito sensível acerca da realidade, você torna-se muito amargo. Você vê-a unicamente como a oficina do diabo.

E toda a gente tem um rosto falso, ninguém é autêntico. Todos usam máscaras, ninguém mostra a sua verdadeira face. Você sente-se culpado, sente que está a representar e sabe que toda a gente está a representar. Toda a gente se sente culpada e toda a gente se tornou uma ferida feia. Agora é muito fácil

fazer destas pessoas escravos - transformá-los em empregados de escritório, chefes de estação, professores, cobradores de impostos, ministros, governantes, presidentes. Agora é muito fácil desviá-los. Você desviou-os das suas raízes.

O sexo é a raiz; daí a palavra *muladhar* na linguagem do tantra[22] e ioga. *Muladhar* significa raiz de energia.

22. Tantra - Forma de ritual sagrado que une elementos esotéricos e mágicos, caraterísticos de determinadas formas de budismo e de hinduísmo. Deriva da ideia "ampliar" ou "estender", reportando-se ao conhecimento. (N.doT.)

Contaram-me...

> Era a sua noite de casamento e a altiva Lady Jane estava a desempenhar os seus deveres matrimoniais pela primeira vez.
>
> "Meu senhor", perguntou ela ao seu noivo, "isto é aquilo a que a gente comum chama fazer amor?" "Assim é, minha senhora", respondeu Lord Reginald, continuando a sua atividade.
>
> Momentos depois, Lady Jane exclamou indignada: "Isto é demasiado bom para a gente vulgar!"

Fazer amor não é ainda permitido à gente vulgar: "É demasiado bom para eles." Mas o problema é que quando você envenena o mundo, você é igualmente envenenado. Se você envenena o ar que a gente comum respira, o ar que o rei respira será igualmente envenenado. Não pode ser separado - é um todo. Quando o sacerdote envenena a gente comum, ele é igualmente envenenado. Quando o político envenena o ar da gente comum, finalmente ele respira o mesmo ar - não existe outro ar.

> Um cura e um bispo estavam em cantos opostos de uma carruagem de comboio numa longa viagem. Quando o bispo entrou, o cura pôs de lado o seu exemplar da *Playboy* e começou a ler The *Church Times*. O bispo ignorou-o e começou a fazer as palavras cruzadas do *Times*. O silêncio prevalecia.
>
> Alguns momentos depois, o cura tentou estabelecer diálogo. E quando o bispo começou a coçar a cabeça e a murmurar, ele tentou novamente. "Posso ajudá-lo?"
>
> "Talvez. Estou preso por uma palavra. O que é que tem quatro letras, sendo as últimas três O-N-A, e a pista é *essencialmente feminino*?"
>
> "Mas", respondeu o cura após uma pequena pausa, "isso só pode ser dona." "Claro, claro!", disse o bispo. "Diga-me jovem, podia emprestar-me uma borracha?"

Quando você reprime superficialmente alguns aspetos, todos acabam por se tornar mais profundos, inconscientes. Ele está lá. O sexo não foi destruído - felizmente. Não foi destruído, foi simplesmente envenenado. Ele *não pode* ser destruído; é a energia vital. Tornou-se poluído, mas pode ser purificado.

Todos os seus problemas podem ser reduzidos, basicamente, aos seus problemas sexuais. Você pode continuar a resolver os seus outros problemas, mas nunca conseguirá resolvê-los, porque eles não são os seus verdadeiros problemas. E se resolver o seu problema de sexo, todos os problemas desaparecerão, porque conseguiu resolver o básico. Mas você tem tanto medo de enfrentar isto.

É simples. Pode colocar de lado as suas condicionantes, é muito simples. Tão simples como esta história.

> Uma solteirona frustrada era uma praga para a polícia. Estava constantemente a telefonar dizendo que tinha um homem debaixo da cama. Finalmente foi internada num hospital para doentes mentais, onde lhe ministraram as drogas mais recentes. Algumas semanas depois um médico veio conversar com ela para determinar se já estaria curada.
>
> "Menina Rustifan", perguntou o médico, "vê um homem debaixo da sua cama, neste momento?" "Não, não vejo", disse ela. Mas no momento em que o médico ia assinar a permissão para lhe dar alta, ela diz: ''Agora vejo dois."
>
> O médico disse ao pessoal do hospital que só havia uma forma de tratamento que poderia curar as suas queixas, a que ele chamava "virgindade maligna" - sugeriu que a deixassem no quarto com Dan, o Matulão, o carpinteiro do hospital.
>
> Chamaram Dan, o Matulão, disseram-lhe qual era a queixa da mulher, e que ele ficaria fechado com ela durante uma hora. Ele disse que não iria precisar de tanto tempo, e um grupo ansioso juntou-se no patamar… e ouviram: "Não, pára, Dan. A mãe nunca me perdoaria!"
>
> "Cala-te, tinha de ser feito alguma vez. Devia ter sido feito há anos atrás!"
>
> "Então fá-lo pela força, seu bruto!"
>
> "Era o que o seu marido deveria ter feito se você tivesse tido um."
>
> Os médicos não conseguiram esperar e entraram.
>
> "Curei-a", disse o carpinteiro.
>
> "Ele curou-me!", disse a Menina Rustifan.
>
> Ele tinha serrado as pernas da cama.

Por vezes a cura é muito simples. E você continua a fazer mil e uma coisas... E o carpinteiro fez bem - foi só cortar as pernas da cama e tudo terminou! Agora, onde poderiam os homens esconder-se?

O sexo é a raiz de quase todos os seus problemas. Tem de ser assim devido a milhares de anos de envenenamento. Uma grande purificação é necessária.

Reclame a sua liberdade para amar. Reclame a sua liberdade para ser e, então, a vida deixará de ser um problema. É um mistério, é um êxtase, é uma bênção.

Capítulo 11

Cuidado com os Papas

Contaram-me que o Papa, ao dirigir-se à juventude da América Latina, disse: “Meus queridos, cuidado com o demónio. O demónio irá tentá-los com drogas, álcool e, particularmente, com o sexo antes do casamento.” Mas digam-me, quem é o demónio? Eu nunca o vi, ele nunca me tentou. Penso que a maioria de vocês nunca viu o demónio ou se apercebeu de que ele os tenha tentado.

O desejo vem da sua própria natureza, não é um demónio que está a tentá-lo. Mas é uma estratégia das religiões atirar com as responsabilidades para uma figura imaginária, o demónio, para que você não se sinta a ser condenado. Você *está* a ser condenado, mas indiretamente, não diretamente. O Papa está a dizer-lhe que *você* é o demónio - mas não tem coragem para o dizer, então diz que o demónio é outra coisa, um agente distinto, cuja única função é tentar as pessoas.

Mas é muito estranho… milhões de anos passaram e o diabo não se cansa, ele continua a tentar. E o que é que ele ganha com isso? Não encontrei em nenhuma escritura qual é o seu prémio para todo este trabalho árduo de milhões de anos. Quem lhe paga? Quem lhe dá emprego? Isto é um aspeto…

O segundo é: não é o seu Deus omnipotente? É o que as suas escrituras dizem, que Deus é todo-poderoso. Se é todo-poderoso, não pode ele fazer uma coisa tão simples? Impedir que o demónio continue a tentar as pessoas! Em vez de ir ter com toda a gente e dizer-lhes “Não caia na tentação do demónio”, por que não acaba com ele? Ou dar-lhe o que quer que ele deseje.

Isto é algo que tem de ser decidido entre Deus e o demónio. Por que é que nós temos de estar a ser desnecessariamente espezinhados entre eles os dois? Deus não foi capaz, em milhões de anos, de convencer o demónio ou de mudar o demónio ou de acabar com o demónio. E se Deus é tão impotente perante o demónio, então como será toda esta pobre gente a quem os representantes de Deus continuam a dizer: “Não sejam tentados pelo demónio”? Se Deus é tão impotente, tão ineficaz perante o demónio, o que podem os seres humanos comuns fazer?

Durante séculos, esta gente tem dito estas mentiras, e nem uma única vez tentaram ser responsáveis. Isto é irresponsabilidade - dizer a gente jovem: “Cautela, o demónio vai tentar-te.” De facto, este homem colocou a tentação na mente destes jovens. Eles poderiam nesse momento não estar a pensar em drogas, álcool e sexo. Eles tinham vindo ouvir o Papa, queriam ouvir um sermão espiritual. Agora, irão para casa a pensar em sexo antes do casamento, como será serem tentados pelo demónio, onde encontrar os traficantes de droga.

Mas o álcool não é certamente uma tentação do demónio, porque Jesus Cristo bebia álcool - não só o bebia como o permitia aos seus apóstolos. O álcool não é contra o Cristianismo - o Cristianismo aceita perfeitamente o álcool, porque negar o álcool seria colocar Jesus em risco. Jesus não era um membro dos Alcoólicos Anónimos. Ele gostava de beber e nunca disse que beber era um pecado - como o poderia fazer? Agora o papa polaco parece ter-se tornado bastante mais religioso que Jesus Cristo.

E certamente que eu consigo visualizar que, se o único filho que gerou bebe, o Pai deve ser um alcoólico e o Espírito Santo também. Estas pessoas podem ser a causa, pois com quem aprendeu Jesus? Certamente, o diabo não o poderia tentar. Sabemos que o diabo procurou tentá-lo e que ele lhe disse: "Afasta-te de mim, eu não serei tentado por ti."

Mas estas pessoas parecem mentalmente doentes. Você nunca encontrou o demónio, e você não fala com o demónio desta maneira: "'Afasta-te de mim, deixa-me seguir o meu caminho. Não me impeças, não procures tentar-me. E se você diz estas coisas e alguém ouve, ele irá informar a esquadra mais próxima de que "Está ali um homem que fala com o diabo, e nós não vemos o diabo em lado nenhum."

Jesus está, também, contaminado pelos rabis e pelos sacerdotes. É a mesma companhia, só que com etiquetas diferentes e outras marcas registadas. Mas o negócio é o mesmo, a companhia é a mesma, o seu trabalho é o mesmo - eles corrompem os seres humanos, destroem a sua inocência. Este papa preocupa-se com o sexo antes do casamento - ele deve estar na sua mente, de outro modo como pode este aviso surgir? E este é o seu ponto mais enfático!

Mas o que há de errado com o sexo antes do casamento? Foi um problema no passado, mas já entrámos no século XXI, ou não? Era um problema no passado, porque o sexo podia levar à gravidez, ao nascimento de crianças, e surgia o problema de quem iria tomar conta dessas crianças. Quem iria então casar com aquela rapariga que tinha um filho? Existiam então complicações e dificuldades. Não há necessidade de as criar - elas só existem na cabeça.

De facto, muitas dificuldades matrimoniais surgem porque o sexo pré-nupcial é negado. É como se lhe dissessem que até ter vinte e um anos não pode nadar: Não seja tentado pelo demónio; a natação é um pecado. Certo, um dia você atinge os vinte e um anos - mas não sabe nadar. E pensando que agora que tem vinte e um anos é autorizado a nadar, você salta para um rio. Você está a mergulhar para a morte! Só porque tem vinte e um anos não há necessidade, não existe nenhuma lei intrínseca que diga que você é capaz de nadar. E quando é que vai aprender? De facto o que estão estas pessoas a dizer? Elas dizem que antes de entrar para um rio, deve aprender a nadar: mas se entra no rio está a cometer um pecado. Mas onde vai então aprender a nadar? No seu quarto, no seu colchão? Para nadar tem de entrar no rio.

Existem tribos aborígenes que são muito mais humanas, naturais, e em que o sexo antes do casamento é apoiado pela sociedade, encorajado, porque esse é o tempo de aprender. Aos catorze anos, a rapariga é sexualmente madura; aos dezoito anos, o rapaz é sexualmente maduro. E a idade para tal está a diminuir - à medida que as sociedades humanas se tornam mais científicas, mais tecnológicas, a alimentação é suficiente e a saúde salvaguardada, essa idade vai diminuindo. Na América, as raparigas ficam maduras mais cedo do que na índia. E, claro, na Etiópia, como é que se pode ficar sexualmente desenvolvido? Morre-se muito antes disso. Na América, a idade diminuiu dos catorze para os treze e doze anos, porque as pessoas têm mais energia física, melhor alimentação, uma vida mais confortável. Tornam-se sexualmente maduras cedo, e poderão funcionar mais tempo do que nos países pobres.

Na Índia, as pessoas simplesmente não acreditam quando leem nos jornais que alguns americanos com noventa anos se vão casar. Os Indianos também não conseguem acreditar - o que se passa com estes americanos? Quando um indiano atinge os noventa anos, já está sepultado há cerca de vinte anos; só o seu fantasma se pode casar, não ele. E mesmo que ainda esteja vivo, um homem de noventa anos casar com uma mulher de oitenta e sete... ótimo! Simplesmente inacreditável! E eles vão em lua-de-mel. Eles já devem ter muita prática, já o fizeram muitas vezes durante as suas vidas, muitas vezes - casarem, irem em lua-de-mel - e foram suficientemente afortunados para numa só vida poderem viver cinco, seis, sete existências.

O sexo antes do casamento é um dos aspetos mais importantes para ser decidido pela sociedade humana.

A rapariga nunca mais estará tão viva, sexualmente, do que quando tinha catorze anos, e o rapaz nunca estará mais desperto sexualmente do que quando tinha dezoito anos. Quando a natureza está no seu apogeu, você impede-os. Quando o rapaz chega aos trinta anos, é-lhe permitido que se case. A sua sexualidade já está em decadência. Na sua energia vital, ele já está em declínio, está a perder interesse. Biologicamente, ele está atrasado cerca de catorze a dezasseis anos - ele perdeu o comboio há muito.

Por isso surgem tantos problemas maritais e tantos conselheiros matrimoniais prosperam, porque ambos os parceiros passaram a sua hora de apogeu e essa hora de apogeu era o momento em que podiam conhecer o que era o orgasmo. Agora leem livros e sonham sobre isso, fantasiam acerca disso - e não acontece. Eles chegaram muito tarde. Os papas encontram-se entre eles.

Gostaria de lhe dizer: não seja tentado pelos papas. Eles são os verdadeiros demónios. Eles estragarão toda a sua vida. Eles destruíram a vida de milhões de pessoas.

Quando você atinge os trinta anos, já não consegue ter aquela qualidade, aquela intensidade, aquele fogo que tinha aos dezoito anos. Mas esse foi o tempo

do celibato, para não ser tentado pelo demónio. Sempre que o demónio o tenta, comece a rezar a Deus, repita um mantra[23], *om mani padme hum*. Isso é o que os Tibetanos fazem.

———————————————————————————————

23. Mantra - Fórmula que se recita ou escreve junto das orações e que se acredita irradiar um poder mágico. Segundo o budismo é um meio para alcançar a iluminação. (N.doT.)

Sempre que vir um tibetano dizer rapidamente "Om mani padme hum", pode ter a certeza de que ele está a ser tentado pelo demónio, porque esse mantra é usado para afastar o demónio. E quanto mais depressa o fizer, mais rapidamente o demónio se afastará.

Na índia existe um pequeno livro, *Hanuman Chalisa*, que é uma prece para o deus macaco, Hanuman, que se acredita ser celibatário e o protetor de todos aqueles que permanecem celibatários. E você pode memorizar este pequeno livro com muita facilidade.

Eles vão repetindo esta prece para que Hanuman continue a proteger o seu celibato, continue a protegê-los do demónio que está sempre próximo, aguardando uma oportunidade de se apropriar deles e de os tentar.

Ninguém o está a tentar. É simplesmente a natureza, não o demónio. E a natureza não está contra si, está por si.

Numa sociedade humana melhor, o sexo antes do casamento deve ser encarado como em algumas tribos aborígenes. A razão é simples. Primeiro: a natureza preparou-o para algo, você não deve negar o seu direito natural. Se a sociedade não está preparada para que você se case, então esse é um problema da sociedade, não seu. A sociedade deverá encontrar uma forma de resolver este problema. Os aborígenes encontraram o caminho. É muito raro uma rapariga ficar grávida. Se uma rapariga engravida, o rapaz e a rapariga casam-se. Não há vergonha, não há nenhum escândalo, não há qualquer condenação. Pelo contrário, os idosos abençoam o jovem casal porque provaram ser ambos vigorosos; a natureza é poderosa neles, a sua biologia está mais desperta do que noutros. Mas isto raramente acontece.

O que acontece é que cada rapaz e cada rapariga se vai treinando. Nas sociedades aborígenes que visitei, existe uma regra em que, após os catorze anos da rapariga e os dezoito anos do rapaz, eles não estão autorizados a dormir nas suas casas. Eles têm um quarto comum no meio da aldeia onde todas as raparigas e todos os rapazes dormem. Assim não há necessidade de se esconderem atrás dos carros ou nas garagens. Isto é feio - isto é a sociedade a forçar as pessoas a agir como ladrões, dissimulados, mentirosos. E as suas primeiras experiências amorosas devem ter acontecido em circunstâncias tão desagradáveis - escondendo-se, com medo, culpa, considerando que é uma

tentação do demónio. Eles não podem desfrutá-la quando são capazes de a gozar ao máximo e aproveitá-la no seu apogeu.

O que eu estou a dizer é que se eles o tivessem experimentado no seu apogeu, o seu domínio sobre eles teria sido perdido. Então não teriam passado toda a sua vida a olhar para revistas como a *Playboy*; não haveria necessidade disso. E eles não andariam a sonhar com sexo e a ter fantasias sexuais. Não andariam a ler novelas de terceira categoria e a ver filmes de Hollywood. Tudo isto acontece, porque lhes foi negado o seu património.

Na sociedade aborígene, eles vivem juntos durante a noite. Só lhes é imposta uma regra: "Não estejas com uma rapariga mais de três dias, porque ela não é tua propriedade, tu não és propriedade dela. Tens de ficar familiarizado com todas as raparigas e ela tem de ficar familiarizada com todos os rapazes, antes de escolherem um parceiro para a vida."

De facto, isto parece absolutamente são. Antes de escolher um parceiro para a vida, é-lhe dada a possibilidade de se familiarizar com todas as mulheres disponíveis, todos os homens disponíveis. Você pode ver por todo o mundo que nem os casamentos arranjados foram bem-sucedidos, nem aquilo a que se denomina casamentos de amor. Ambos falharam, e o motivo básico em ambos os casos é a inexperiência do casal; não foi dada ao casal liberdade suficiente para encontrar a pessoa certa.

Não existe outra maneira de pela experiência se encontrar a pessoa certa. Pequenas coisas podem ser muito perturbadoras. O cheiro do corpo do outro pode ser o suficiente para estragar o seu casamento. Não é muito, mas é o suficiente: diariamente… até quando conseguirá tolerá-lo? Mas para outra pessoa, esse mesmo cheiro pode ser apelativo, pode ser o cheiro que lhe agrada.

Deixe as pessoas adquirirem experiência - e particularmente agora, quando os problemas de gravidez não ocorrem. Estes aborígenes foram corajosos ao fazerem-no há milhares de anos - e mesmo então, não ocorreram muitos problemas. Uma vez por outra a rapariga pode engravidar, então eles casam-se; de outro modo, não há problema.

Nestas tribos não há divórcios porque, claro, uma vez que você olhou para todas as mulheres, esteve com todas as mulheres da tribo e pode escolher uma, então o que é que pode mudar? Você escolheu baseando-se na sua experiência, e portanto nessas sociedades não há necessidade, não há motivo para divórcio. A questão não se colocou. Não é que o divórcio não seja permitido, só que não se coloca nessas tribos. Elas não foram ensinadas acerca dele, nunca constituiu um problema. Nunca ninguém disse que se queria separar.

Todas as sociedades civilizadas sofrem de problemas matrimoniais, porque o marido e a mulher são quase inimigos. Você pode defini-los como "inimigos íntimos", mas isso não faz qualquer diferença - é melhor que os inimigos estejam

distantes e não sejam muito íntimos! Se eles são íntimos, isso significa que é uma guerra de vinte e quatro horas diárias, continuamente - dia após dia. E o motivo é simplesmente a ideia estúpida destes professores religiosos: “Cuidado com o sexo antes do casamento.”

Se você quiser ter cuidado, tenha cuidado com o sexo no casamento, porque é aí que o problema reside. O sexo antes do casamento não é um problema, particularmente agora com tantos métodos anticoncecionais disponíveis.

Cada faculdade, cada universidade, cada escola deveria fazê-lo. É importante que cada criança, rapaz ou rapariga, passe por todo o tipo de experiências, todo o tipo de pessoas, e que finalmente escolha. Esta escolha será baseada e enraizada no conhecimento, na compreensão.

Mas o problema para o Papa não é que toda a humanidade sofra no casamento, que tantos casais sofram com um casamento e que por causa do seu sofrimento os seus filhos comecem a conhecer os caminhos do sofrimento - isso não o preocupa. Toda a sua preocupação é que os métodos anticoncecionais não devem ser usados. De facto, o Papa não está a dizer “Cuidado com o diabo”, ele esta a dizer: “Cuidado com os métodos anticoncecionais.”

Não se está a lidar com os verdadeiros problemas, só com os falsos, fictícios. E ele continua a aconselhar o mundo inteiro…

Capítulo 12

Existe Vida Depois do Sexo?

A partir de um certa idade, o sexo torna-se importante - não que você o torne importante, não é algo que você faça acontecer; acontece. Aos catorze anos, ou algures por aí perto, subitamente a energia é inundada de sexo. Acontece como se as comportas se abrissem para si. Fontes de energia subtis, que ainda não se encontravam abertas, abriram-se, e toda a sua energia torna-se sexual, colorida com sexo. Você pensa em sexo, você canta o sexo, você caminha com sexo - tudo se torna sexual. Cada ato é colorido. Isto acontece: você não fez nada para que isso acontecesse. É natural.

A transcendência também é natural. Se o sexo é vivido totalmente, sem condenações, sem qualquer ideia de se livrar dele, então aos quarenta e dois anos - tal como aos catorze, o sexo aflorou e toda a energia se tornou sexual-, ou próximo dessa idade, essas comportas fecham-se novamente. E isso também é tão natural como o sexo tornar-se vivo; começa a desaparecer.

O sexo é transcendido sem qualquer esforço da sua parte. Se você faz algum esforço, isso será repressivo, porque não tem nada a ver consigo. Está em construção no seu corpo, na sua biologia. Vocês nasceram como seres sexuais; não há nada de mal nisso. Essa é a única via para se nascer. O ser humano é um ser sexual. Quando você foi concebido, a sua mãe e o seu pai não estavam a rezar, não estavam a ouvir o sermão de um padre. Não estavam na igreja, estavam a fazer amor. Mesmo pensar que a sua mãe e o seu pai estavam a fazer amor quando você foi concebido parece ser difícil. Eles estavam a fazer amor; as suas energias sexuais encontravam-se e fundiam-se entre si. Então você foi concebido; num ato sexual profundo, você foi concebido. A primeira célula era uma célula sexual, e fora dessa célula surgiram outras células. Mas cada célula permanece basicamente sexual. Todo o seu corpo é sexual, feito de células sexuais. Agora são milhões.

Lembre-se: você existe como um ser sexual. Quando aceitar este facto, o conflito que foi criado há séculos dissolve-se. Quando o aceitar profundamente, sem ideias preconcebidas, e quando se encarar o sexo como uma coisa simples e natural, você viverá nele. Você não me pergunta como transcender a respiração - porque nenhuma religião ensina a transcender a respiração, é esse o motivo. De qualquer forma você perguntaria: “Como transcender a respiração?” Você respira! Você é um animal que respira; você também é um animal sexual. Mas existe uma diferença. Catorze anos da sua vida, em princípio, são quase não sexuais, ou quando muito há algumas brincadeiras sexuais rudimentares, que não são realmente sexuais - são só preliminares, simples ensaios. Aos catorze anos, subitamente a energia está desenvolvida.

Observe … a criança nasce - imediatamente, em três segundos, a criança tem de respirar, senão morre. Então respirar permanece para toda a sua vida, porque constituiu o primeiro passo da sua vida. Não pode ser transcendido. Talvez você morra então, somente três segundos antes, parará, mas não antes disso. Lembre-se sempre: ambos os extremos da vida, o princípio e o fim, são exatamente semelhantes, simétricos. A criança nasce e começa a respirar em três segundos. Quando a criança é velha e está a morrer, o momento em que ela pára de respirar, em três segundos está morta.

O sexo entra num estádio muito tardio: durante catorze anos, a criança viveu sem sexo. E se a sociedade não é muito repressiva e particularmente obcecada com sexo, a criança pode viver completamente esquecida do facto de que o sexo, ou qualquer outra coisa relacionada com o sexo, existe. A criança pode permanecer absolutamente inocente. Essa inocência não é igualmente possível porque as pessoas estão reprimidas. Quando as repressões acontecem, então, as obsessões ocorrem.

Os sacerdotes continuam a reprimir: e há os anti-sacerdotes, Hugh Hefners e outros, que continuam a criar cada vez mais pornografia. Assim, de um lado estão os sacerdotes, que continuam a reprimir, e de outro estão os anti-sacerdotes, que vão tornando a sexualidade cada vez mais fascinante. Ambos coexistem: são aspetos de uma mesma moeda. Quando as Igrejas desaparecerem, só então as revistas *Playboy* desaparecerão, não antes. São sócios no negócio. Parecem inimigos, mas não se deixe iludir. Falam uns contra os outros, mas é assim que as coisas funcionam.

> Falaram-me de dois homens cujo negócio tinha falido e então decidiram criar um negócio novo muito simples. Eles começaram a viajar, deslocando-se de uma cidade para a outra. Primeiro um entrava e à noite atirava alcatrão às portas e janelas. Dois ou três dias depois, vinha o outro e limpava tudo. Ele avisava que conseguia limpar até mesmo o alcatrão das suas casas, e limpava as janelas. Nesse momento, o outro estava a fazer a sua parte do negócio na cidade mais próxima. Deste modo, começaram a ganhar muito dinheiro.

Isto é o que está a acontecer entre a Igreja e os Hugh Hefners e outras pessoas que criam a pornografia. Eles estão juntos; são sócios numa conspiração. Sempre que você está muito reprimido, começa a descobrir interesses perversos. O interesse perverso é o problema, não o sexo.

Assim, não tenha nenhuma ideia preconceituosa contra o sexo na sua cabeça, de outro modo não será capaz de o transcender. As pessoas que transcendem o sexo são pessoas que o aceitam com muita naturalidade. É difícil, eu sei, porque você nasceu numa sociedade que é muito neurótica a propósito do sexo. Desta ou daquela maneira, mas é neurótica de qualquer modo. É muito difícil sair desta neurose, mas se você estiver um pouco alerta, poderá escapar dela. Assim o aspeto mais importante não é como transcender o sexo, mas como

transcender esta ideologia pervertida da sociedade, este medo do sexo, esta repressão do sexo, esta obsessão pelo sexo.

O sexo é belo. O sexo em si é natural, é um fenómeno rítmico. Acontece quando a criança está pronta a ser concebida, e é bom que aconteça - de outro modo a vida não existiria. A vida existe através do sexo, o sexo é o meio. Se você compreende a vida, se você ama a vida, saberá que o sexo é sagrado, santo. Então você vive-o, deleita-se nele, e tão naturalmente quanto veio desaparece por seu próprio acordo. Por volta dos quarenta e dois anos, ou próximo dessa idade, o sexo começa a desaparecer tão naturalmente como quando surgira em si. Mas não acontece desse modo.

Deve ter ficado surpreendido quando eu digo por volta dos quarenta e dois anos. Você conhece gente com setenta e oitenta anos e que no entanto ainda não foram ultrapassados. Você conhece “velhos sujos”. Eles são vítimas da sociedade. Porque eles não podem ser naturais, é uma ressaca - porque eles foram reprimidos quando deveriam apreciar o sexo e satisfazer-se. Nesses momentos de prazer, eles não estavam totalmente neles. Eles não eram orgásmicos, eles eram indiferentes.

Assim, sempre que você é indiferente em alguma coisa, ela demora mais a surgir. Se estiver sentado à sua mesa a comer, e comer com indiferença e a sua fome se mantiver, então você continuará a pensar em comida todo o dia. Tente jejuar e verá: pensará continuamente em comida. Mas se comeu bem - e quando eu digo comer bem, não pretendo dizer empanturrar-se -, então não é necessário porque você comeu bem; podia até ter-se empanturrado. Mas comer bem é uma arte, não é só empanturrar-se. É uma grande arte saborear a comida, cheirar a comida, tocar nos alimentos, mastigá-los, digerir a comida, e digerir é divinal. É divino; é uma dádiva de Deus.

Os Hindus dizem *Anam Brahma*, a comida é divina. Assim você come com um profundo respeito e enquanto se alimenta esquece tudo, porque é uma prece. É uma prece existencial. Você está a comer Deus, e Deus irá fornecer-lhe alimento. É uma dádiva ser aceite com amor profundo e gratidão. E não empanturre o seu corpo, porque empanturrar o corpo é ser anticorpo. É o outro pólo. Há pessoas que estão obcecadas pelo jejum e há pessoas que estão obcecadas por empanturrar-se. Ambas estão erradas, porque em qualquer das formas o corpo perde equilíbrio.

Um verdadeiro amante do corpo come só até ao ponto em que o corpo se sente bem, equilibrado, tranquilo; quando o corpo sente que não pende nem para a esquerda nem para a direita, mas se encontra no meio. É uma arte compreender a linguagem do corpo, compreender a linguagem do seu estômago, compreender o que é necessário, dar-lhe só o que é necessário e fornecê-lo de uma forma artística, de uma forma estética.

Os animais comem, o homem come. Qual a diferença? O homem transforma o ato de comer numa grande experiência estética. Qual o motivo por que se há-de ter uma bela mesa de jantar? Qual o motivo por que se hão-de ter velas acesas? Qual a razão para queimar incenso? Qual o motivo para convidar amigos? É para o transformar em arte, não só para empanturrar-se. Mas estes são sinais exteriores da arte; os sinais interiores são compreender a linguagem do seu corpo, ouvi-lo, ser sensível às suas necessidades. E então você come, e durante todo o dia não se lembrará da comida. Só quando o corpo tiver fome novamente, essa lembrança voltará. O que é natural.

Acontece o mesmo com o sexo. Se você não tiver nenhuma atitude "anti" acerca dele, é porque o encara naturalmente, como uma dádiva divina, com grande gratidão. Você aprecia-o; com a oração aprecia-o. O Tantra diz que antes de fazer amor com uma mulher ou com um homem, primeiro ore - porque vai ser um encontro divino de energias. Deus irá rodeá-los - onde quer que se encontrem dois amantes, Deus estará lá. Onde quer que as energias de dois amantes se encontrem e fundam, existe vida, vivacidade, no seu melhor; Deus rodeia-os. As igrejas estão vazias; os quartos dos amantes estão cheios de Deus. Se você provou o amor de acordo com o ensinamento do Tantra, se conhece o amor de acordo com o ensinamento do Tao, então, quando chegar aos quarenta e dois anos, o sexo começa a desaparecer por si mesmo. E você despede-se dele com grande gratidão, porque já se sente preenchido. Foi magnífico, foi uma bênção e portanto pode despedir-se dele.

E os quarenta e dois anos são a idade para meditar, a idade certa. O sexo desaparece; essa energia transbordante já não se encontra lá. A pessoa torna-se mais tranquila. A paixão foi-se, a compaixão desperta. Agora não há mais febre; a pessoa deixa de se interessar pelo outro. Com o desaparecimento do sexo, o outro deixa de ser o foco. Você começa a voltar-se para a sua própria origem - a viagem de regresso começa.

O sexo não é transcendido pelo seu esforço. Acontece se você o viveu na totalidade. Assim, a minha sugestão é: livre-se de todas as atitudes "anti", atitudes anti-vida, e aceite a realidade; o sexo *é*, então quem é você para o deixar? E quem é que o está a deixar? É só o ego. Lembre-se: o sexo cria um grande problema ao ego.

Existem dois tipos de pessoas: as pessoas muito egoístas, que estão sempre contra o sexo e as pessoas humildes, que nunca estão contra o sexo. Mas quem escuta a gente humilde? De facto, as pessoas humildes não fazem sermões, só as egoístas.

Por que é que existe um conflito entre sexo e ego? Porque o sexo é uma coisa em que não se pode ser egoísta, em que o outro se torna mais importante. A sua mulher, o seu marido, torna-se mais importante. Em qualquer outro aspeto, você mantém-se o mais importante. Você torna-se o satélite e o outro torna-se o núcleo, e o mesmo ocorre com o outro; você torna-se o núcleo e o

outro torna-se o satélite. É uma rendição recíproca. Ambos estão rendidos ao deus do amor e ambos se tornam humildes.

O sexo é a única energia que lhe dá pistas de que existe algo que você não pode controlar. Você pode controlar o dinheiro, pode controlar a política, pode controlar o mercado, pode controlar o conhecimento, pode controlar a ciência, pode controlar a moral. O sexo traz, algures, um mundo completamente diferente: você não pode controlá-lo. E o ego é o grande controlador. Fica feliz se pode controlar; fica infeliz se não pode controlar. Assim começa um conflito entre o ego e o sexo. Lembre-se, é uma batalha perdida. O ego não pode vencer porque o ego é superficial. O sexo tem raízes muito profundas. O sexo é a sua vida; o ego é só a sua mente, a sua cabeça. O sexo tem raízes em si; o ego tem raízes somente nas suas ideias - muito superficialmente, só na sua cabeça.

Então quem tentará transcender o sexo? A cabeça tentará transcender o sexo. Se você está demasiado envolvido com a cabeça, então quer transcender o sexo, porque o sexo arrasta-o para as tripas. Não lhe permite manter-se a um nível cerebral. Tudo o resto pode ser resolvido a esse nível, exceto o sexo. Você não pode fazer amor com a sua cabeça.

Você tem de descer, tem de abandonar as alturas, tem de se aproximar da Terra.

O sexo é humilhante para o ego, e por isso as pessoas egoístas estão sempre contra o sexo. Estão sempre a encontrar formas e meios para o transcender - mas nunca poderão transcendê-lo. Poderão, no máximo, tornar-se pervertidos. Todo o seu esforço está condenado ao fracasso desde o início. Você pode achar que conseguiu dominar o sexo, mas uma corrente subterrânea… Você pode racionalizar, pode encontrar motivos, pode fingir, pode criar uma concha muito espessa à sua volta, mas, lá no fundo, o verdadeiro motivo, a realidade, permanecerá intocado. E a verdadeira causa explodirá: você não pode escondê-la, não é possível.

Assim, você pode tentar controlar o sexo, mas uma corrente subterrânea de sexualidade continuará a acontecer e surgirá de diversas formas. Fora de todas as suas racionalizações, continuará sempre a erguer a sua cabeça.

Não estou a sugerir-lhe que faça qualquer esforço para a transcender. O que sugiro é precisamente o contrário: esqueça-se dessa transcendência. Avance na sua direção o mais profundamente que puder. Enquanto a energia perdurar, avance tão profundamente quanto conseguir, ame tão profundamente quanto puder, e faça disso uma arte. Não é só ser “feito” - esse é o sentido global de transformar o fazer amor numa arte. Existem aspetos subtis, e que somente pessoas que nele entram com grande sentido estético serão capazes de conhecer. De outro modo, você pode fazer amor durante toda a sua vida e continuar insatisfeito, porque não conhece essa satisfação do ponto de vista estético. É como uma música subtil erguendo-se da sua alma.

Se através do sexo alcança a harmonia, se através do amor consegue aliviar a tensão e relaxa - se o amor não é só projetar energia que não sabe como utilizar, se não é só um alívio mas relaxação, se relaxa com a sua mulher e a sua mulher relaxa consigo - se por segundos, por alguns momentos ou algumas horas, esquece quem é e fica completamente perdido no esquecimento, você sairá mais puro, mais inocente e mais virginal deste processo. E sentir-se-á à vontade, centrado, enraizado.

Se este facto ocorrer, um dia, subitamente, você verá que a corrente se foi e o deixou muito, muito rico. E não terá pena que tenha terminado. Você ficará grato, porque agora mundos mais ricos se abrem. Quando o sexo o deixa, então você não está a tentar perder-se no outro. Passa a ser capaz de se perder a si mesmo. Agora um outro mundo de orgasmos, o orgasmo interno do ser consigo mesmo, surge. Mas isso só acontece quando se está com o outro.

A pessoa cresce, amadurece através do outro; e chega o momento em que você pode estar só e simultaneamente feliz. Não há qualquer necessidade de outro, a necessidade desapareceu, mas você aprendeu muito através dela - aprendeu muito sobre si mesmo. O outro tornou-se o espelho. E você não partiu o espelho porque aprendeu muito sobre si mesmo, não há necessidade de olhar para o espelho. Você pode fechar os olhos e ver a sua face aí. Mas você não conseguiria ver a sua face se não existisse um espelho desde o início.

Deixe a sua mulher ser o seu espelho, deixe o seu marido ser o seu espelho. Olhe nos seus olhos e veja o seu rosto, para se conhecer a si mesmo. E um dia o espelho não será necessário. Mas você não estará contra o espelho - estar-lhe-á sim grato; como é que poderia estar contra ele? Então, é a transcendência.

A transcendência não é repressão. A transcendência é o crescimento natural- você cresce para cima, vai através, tal como uma semente rompe e um rebento começa a erguer-se do solo. Quando o sexo desaparece, toda a energia se encontra no nascimento de *si*. Isto é o que os Hindus denominam *dwija*, nascido duas vezes. Um nascimento foi-lhe dado pelos seus pais, o outro nascimento aguarda. Você tem de ser mãe e pai de si mesmo.

Então toda a sua energia está a preenchê-lo - torna-se um circulo interno. Neste momento ser-lhe-á difícil fazer um círculo interno. Será mais fácil ligar-se ao outro pólo - uma mulher ou um homem - e então o círculo fica completo. Nessa altura pode apreciar as bênçãos do círculo. Mas, a pouco e pouco, você será capaz de fazer sozinho o círculo, porque dentro de si você é um homem e uma mulher, uma mulher e um homem.

Ninguém é só um homem e ninguém é só uma mulher - porque você veio da comunhão entre um homem e uma mulher. Ambos participaram; a sua mãe deu-lhe algo, o seu pai deu-lhe algo. Metade por metade, eles contribuíram para si; ambos estão lá. Existe a possibilidade de que ambos se encontrem dentro de si; então, os seus pai e mãe podem amar-se outra vez - dentro de si. E a sua

realidade terá nascido. Uma vez que se conheçam, o seu corpo nascerá; agora. Se eles se podem encontrar em si, a sua alma nascerá. É isto a transcendência do sexo; é o sexo elevado.

Quando você transcende o sexo, tem de atingir um sexo elevado. O sexo comum é grosseiro, o sexo elevado não é grosseiro, em absoluto.

O sexo comum é um movimento externo. No sexo comum, dois corpos encontram-se e o encontro ocorre no exterior. No sexo elevado, as suas próprias energias internas encontram-se: não é físico, é espiritual - é a transcendência.

Capítulo 13

É Necessário uma Cidade...

O homem libertou-se da família. A utilidade da família está terminada; viveu demasiado. É uma das instituições mais antigas e somente um pequeno número de pessoas pode ver que já está morta. Demorará algum tempo até que outros reconheçam o facto de que a família está morta.

Ela cumpriu a sua função. Deixou de ser relevante no novo contexto dos acontecimentos; já não é relevante para a nova humanidade que acabou de nascer.

A família foi boa e má. Foi um auxílio - o homem sobreviveu graças a ela - e foi muito prejudicial, porque corrompeu a mente humana. Mas não havia alternativa no passado, não havia nenhuma outra opção. Era um mal necessário. Mas isso não precisa de ser assim no futuro. O futuro pode ter estilos alternativos.

A minha ideia é que o futuro não vai ter um padrão fixo; terá muitos, muitos estilos alternativos. Se algumas pessoas ainda escolherem ter uma família, deverão ter a liberdade de a possuir. Será uma pequena percentagem: há famílias na Terra - muito raras, não mais do que um por cento - que são verdadeiramente belas, que são verdadeiramente benéficas, em que o crescimento ocorre; nas quais não há autoridade, nenhum deslize de poder, nenhuma possessão; nas quais as crianças não são destruídas; nas quais a mulher não está a tentar destruir o marido e o marido não está a tentar destruir a mulher; onde há amor, onde há liberdade; onde as pessoas se uniram por puro prazer - não por outros motivos; onde não existe política. Sim, este tipo de famílias existiu na Terra; ainda existe. Para estas pessoas não há qualquer necessidade de mudança. No futuro podem continuar a viver em famílias.

Mas, para a grande maioria, a família é uma coisa feia. Pode perguntar aos psicanalistas e eles dir-lhe-ão que todo o tipo de doenças mentais surge no seio da família. Todo o tipo de psicoses, neuroses tem origem na família. A família cria um ser humano doente, muito doente.

Não há necessidade; estilos alternativos deveriam ser possíveis. Para mim, um estilo alternativo é a comuna - é o melhor.

A comuna significa que as pessoas vivem numa família líquida. As crianças pertencem à comuna - pertencem a todos. Não existe propriedade pessoal, nem ego pessoal. Um homem vive com uma mulher, eles têm vontade de viver juntos, porque partilham, porque se estimam. No momento em que sentem que o amor já não está a acontecer, eles não estão ligados um ao outro. Eles dizem

adeus com toda a gratidão, com toda a amizade. Eles começam a andar com outras pessoas.

O único problema no passado era o que fazer com as crianças. Numa comuna, as crianças podem pertencer à comuna e isso é o melhor. Terão mais oportunidades de crescer entre vários tipos de pessoas. De outro modo, uma criança cresce com a mãe - durante anos a mãe e o pai são as duas únicas imagens de seres humanos para ela. Naturalmente, começa a imitá-los. As crianças acabam por ser imitadores dos seus pais e perpetuam o mesmo tipo de doença no mundo, como os seus pais fizeram. Tornam-se fotocópias. É muito destrutivo. E não existe nenhum meio para as crianças fazerem outra coisa; elas não têm outra fonte de informação.

Se uma centena de pessoas viverem juntas numa comuna, existirão muitos membros masculinos, muitos membros femininos; a criança não precisa de se fixar obsessivamente num padrão de vida. Ela pode aprender com todos os homens da comunidade. Ela terá uma alma maior.

As famílias esmagam as pessoas dotando-as de almas pequenas. Na comunidade, a criança terá uma alma maior; ela terá mais possibilidades, ela será mais enriquecida. Ela verá muitas mulheres; ela não terá uma ideia única acerca da mulher. É muito destrutivo ter uma ideia única de mulher - porque durante toda a sua vida você andará à procura da sua mãe. Sempre que se apaixonar por uma mulher, observe! Há todas as possibilidades de que você tenha encontrado alguém semelhante à sua mãe, e isso deveria ter sido evitado.

Cada criança está zangada com a sua mãe. A mãe teve de proibir numerosas coisas, a mãe teve de dizer não - não pode ser evitado. Mesmo uma boa mãe, por vezes tem de dizer não, restringir e negar. A criança sente raiva, fúria. Ela odeia e ama a mãe, porque ela é a sua sobrevivência, a sua fonte de vida e energia. Assim, ela odeia e ama igualmente a mãe. E isso torna-se um padrão. Você amará a mulher e odiará a mesma mulher. E não tem outro tipo de escolha. Você continuará a procurar, inconscientemente, a sua mãe. O mesmo acontece com as mulheres, elas continuam à procura dos seus pais. Toda a sua vida é uma busca para encontrar o pai como marido.

Mas o seu pai não é a única pessoa do mundo; o mundo é muito mais rico. De facto, se você encontrar o seu pai não será feliz. Você pode ser feliz com um amado, com um amante, não com o seu pai. Se você encontrar a sua mãe não será feliz com ela. Você já a conhece, não há nada mais a explorar. Já é familiar e a familiaridade gera menosprezo. Você deve pesquisar algo novo, mas não tem qualquer imagem.

Numa comuna, uma criança terá uma alma mais rica. Ela conhecerá muitas mulheres, ela conhecerá muitos homens; não ficará dependente de uma ou duas pessoas.

A família cria uma obsessão em si, e a obsessão é contra a humanidade. Se o seu pai luta com alguém e você acha que está errado, isso não tem importância pois você tem de estar do lado do seu pai. Tal como as pessoas dizem “Mal ou bem, o meu país é o meu país!”, também dizem “O meu pai é o meu pai, para o melhor e para o pior. A minha mãe é a minha mãe, tenho de estar com ela.” De outro modo, será uma traição. Ensina-o a ser injusto. Numa discussão entre a sua mãe e um vizinho, você pode achar que a sua mãe está errada e que o vizinho tem razão - mas você tem de estar de acordo com a sua mãe. Esta é a lição de uma vida injusta.

Numa comuna, você não estará demasiado ligado a uma família - não haverá família a quem se ligar. Será mais livre, menos obcecado. Será mais justo. E terá amor de muitas fontes, o que o fará sentir que a vida é amor.

A família ensina-lhe um novo tipo de conflito com a sociedade, com outras famílias. A família exige monopólio - pede-lhe que seja por ela contra todos os outros. Você tem de estar ao serviço da família, tem de continuar a lutar pelo nome e pela reputação da família. A família ensina-lhe ambição, conflito, agressão. Numa comuna você será menos agressivo, estará mais à vontade com o mundo, porque conheceu muita gente.

Assim, em vez da família, eu preferiria uma comuna, em que todos fossem amigos. Mesmo os maridos e as mulheres não deverão ser mais do que amigos. O seu casamento deve ser só um acordo entre os dois - eles decidiram ficar juntos porque são felizes juntos. No momento em que um deles decide que a infelicidade se está a instalar, então eles separam-se. Não há necessidade de divórcio - porque não há casamento, não há divórcio. A pessoa vive espontaneamente.

Quando vive infeliz, a pouco e pouco vai-se habituando à infelicidade. Nunca, por um único momento, uma pessoa deveria tolerar qualquer infelicidade. Poderá ter sido bom e agradável viver com um homem no passado, mas, se já não é agradável, você tem de partir. E não há necessidade de se zangar e ficar destrutivo, e não há necessidade de carregar um ressentimento - porque nada pode ser feito acerca do amor. O amor é como a brisa. Você vê… ela vem simplesmente. Se existe, está lá. Então desaparece. E quando desaparece, desaparece. O amor é um mistério, não pode ser manipulado. O amor não deve ser manipulado, o amor não pode ser legalizado, o amor não pode ser forçado - por nenhum motivo.

Numa comuna, as pessoas vivem juntas pelo prazer absoluto de estarem juntas e por nenhuma outra razão. E quando a alegria desaparece, elas partem. Talvez se sintam tristes, mas elas têm de partir. Talvez a nostalgia do passado ainda se mantenha na mente, mas elas têm de partir. Elas devem umas às outras não viver infelizes; porque senão a infelicidade torna-se um hábito. Elas partem com os corações destroçados, mas sem ressentimentos. Elas irão procurar outros parceiros.

No futuro, não haverá nenhum casamento, tal como aconteceu no passado, e nenhum divórcio, tal como aconteceu no passado. A vida será mais fluída, mais confiante. Haverá maior confiança nos mistérios da vida do que na compreensão da lei, mais confiança na própria vida do que em qualquer outra coisa - o tribunal, a polícia, o sacerdote, a Igreja. E as crianças pertencerão a todos - elas não transportarão as divisas da sua família. Elas pertencerão à comunidade; a comunidade cuidará delas.

Este será o passo mais revolucionário da história humana - as pessoas começam a viver em comunas e a ser verdadeiras, honestas, confiantes, e cada vez mais abandonam a lei.

Numa família, o amor desaparece mais cedo ou mais tarde. Em primeiro lugar poderá nunca ter existido, mesmo no início. Poderá ter sido um casamento arranjado - por outros motivos, por dinheiro, poder, prestígio. Poderá não ter existido qualquer amor desde o início. Portanto as crianças nascem de um matrimónio que é mais beco sem saída[24] - as crianças nascem sem amor. Desde o início, elas tornam-se desertos. E este estado de ausência de amor em casa torna-as maçadoras, pouco carinhosas. Elas aprendem com os pais a primeira lição da vida, os pais não se amam, existe um ciúme constante, luta e raiva. E as crianças continuam a ver os rostos feios dos seus pais. A sua própria esperança é destruída. Elas não podem acreditar que o amor aconteça na sua vida se não aconteceu na vida dos seus pais. E elas veem outros pais e também outras famílias. As crianças são muito perspicazes; elas vão olhando à sua volta e observam. Quando veem que não há possibilidade de amor, começam a achar que o amor só existe na poesia - só existe para os poetas, visionários, não é uma realidade. E quando se cresce com a ideia de que o amor é só poesia, então ele nunca acontecerá porque você se fechou a ele.

———————————————————————————

24. Beco sem saída. O autor faz um trocadilho entre as palavras *wedlok* - matrimónio - e *deadlok* - ponto morto, beco sem saída. (N.doT.)

Vê-lo acontecer é a única maneira de o fazer acontecer mais tarde na sua vida. Se você vê o seu pai e a sua mãe amarem-se profundamente, num grande amor, preocupados um com o outro, com compaixão um pelo outro, com respeito um pelo outro - então viu o amor acontecer. A esperança nasce. Uma semente cai no seu coração e começa a desenvolver-se. Percebe que irá acontecer consigo, também.

Se você não viu, como pode acreditar que vá acontecer consigo? Se não aconteceu com os seus pais, como pode acontecer consigo? De facto, irá fazer tudo para impedir que aconteça consigo - de outro modo parecerá uma traição aos seus pais.

Esta é a minha observação das pessoas: as mulheres vão dizendo no seu inconsciente profundo: “Mãe, vê, eu estou a sofrer tanto quanto tu sofreste.” Os rapazes vão dizendo para si: “Pai, não te preocupes, a minha vida é tão infeliz como a tua. Não fui além de ti, eu não te atraiçoei. Eu continuo a ser a pessoa infeliz que tu foste. Eu prossigo a corrente, a tradição. Pai, eu sou o teu representante, eu não te traí. Olha, estou a fazer o mesmo que tu fazias à minha mãe - estou a fazê-lo à mãe dos meus filhos. Estou a educá-los da mesma maneira que tu me educaste.”

A própria ideia de educar os filhos é um disparate. Você pode auxiliá-los, mas não os pode educar. A própria ideia de “construir” as crianças é absurda - não somente absurda, mas prejudicial, muito prejudicial. Você não pode construir… Uma criança não é um objeto, não é um edifício. Uma criança é como uma árvore. Sim, você pode ajudar. Pode preparar o solo, pode colocar fertilizantes, pode regar, pode observar se o solo chega à planta ou não - mas é tudo. Não é como se estivesse a construir a planta, ela desenvolve-se por si. Você pode ajudar, mas não pode fazer com que cresça, tal como não pode construí-la.

As crianças são grandes mistérios. No momento em que começa a estruturá-las, no momento em que começa a criar padrões e personalidades à sua volta, começa a aprisioná-las. Elas nunca serão capazes de lhe perdoar. Mas esta é a única forma de aprendizagem, e elas farão a mesma coisa aos seus filhos, e assim por diante. Cada geração continua a fornecer a sua neurose aos jovens que vão chegando à Terra. E a sociedade prossegue com a sua loucura e infelicidade.

Não é necessário um tipo diferente de abordagem, agora. O homem está a desligar-se do passado e a família é uma coisa do passado; não tem realmente qualquer futuro. A comuna será a única forma de substituir a família e será muito mais benéfica.

Mas numa comuna, só as pessoas meditativas podem estar juntas. Só quando sabem como celebrar a vida podem ficar juntas; só quando conhecem esse espaço a que eu chamo meditação é que podem ficar juntas, podem ser amantes. O antigo absurdo do amor monopolizador tem de ser abandonado, só então se poderá viver numa comuna. Se continua a transportar as suas velhas ideias de monopólio - que a sua mulher não deve dar a mão a outra pessoa e que o seu marido não pode rir-se com mais ninguém -, se continuar a ter estas atitudes sem sentido na sua mente, então não poderá fazer parte de uma comuna.

Se o seu marido está a rir com outra pessoa, é bom. O seu marido está a rir - o riso é sempre bom. Com quem ri não importa - o riso é bom, o riso é um valor. Se a sua mulher estiver a dar a mão a outra pessoa, ótimo! O calor está a fluir - um fluxo de calor é bom, é um valor. Com quem flui é irrelevante.

E se está a acontecer com a sua mulher e com muita gente, irá acontecer consigo também. Se deixar de acontecer com todos os outros, então deixará de acontecer consigo igualmente. Toda a antiga ideia é estúpida! É como se no momento em que o seu marido se vai embora, você lhe dissesse: "Não respires em mais lado nenhum. Quando vieres para casa podes respirar tanto quanto quiseres, mas só quando estiveres comigo é que podes respirar. Lá fora sustém a respiração, torna-te *yogi*. Não quero que tu respires em mais lado nenhum." Isto parece absurdo - mas então por que não deverá o amor ser como a respiração?

O amor é respiração. A respiração é a vida do corpo e o amor é a vida da alma. É muito mais importante que a respiração. Mas, quando o seu marido sai, você faz-lhe notar que ele não deve rir com mais ninguém, pelo menos com nenhuma outra mulher. Ele não deve ser afetivo com mais ninguém. Assim, durante vinte e três horas ele deve ser desagradável, mas durante uma hora, enquanto estiver na cama consigo, ele deve fingir amá-la? Você matou o seu amor, ele já não flui. Se durante vinte e três horas ele tem de se manter um *yogi* controlando o seu amor, receoso, você acha que ele pode relaxar subitamente durante uma hora? É impossível. Você destruiu o homem, você destruiu a mulher, e portanto sente-se farto, aborrecido, começando a sentir "Ele não me ama!", mas foi você que criou todo o processo. Então ele começa a sentir que você não o ama e você deixa de se sentir tão feliz como se sentia anteriormente.

Quando as pessoas se conhecem na praia, quando as pessoas se conhecem num jardim, quando vão a um encontro, nada está definido, tudo é fluído; ambos estão felizes. Porquê? Porque ambos são livres. A ave a voar é uma coisa, mas a mesma ave numa gaiola é outra coisa. Eles estão felizes porque estão livres.

O homem não pode ser feliz sem liberdade, e toda a velha estrutura familiar destruiu a liberdade. E porque destruiu a liberdade destruiu a felicidade, destruiu o amor.

É como uma espécie de medida de sobrevivência. Sim, de algum modo protegeu o corpo, mas destruiu a alma. Agora não existe necessidade dela. Nós temos de proteger a alma, igualmente. Isso é muito mais essencial e muito mais importante.

Não há qualquer futuro para a família, não no sentido como ela tem sido entendida até agora. Há um futuro para o amor e para as relações amorosas. "Marido" e "mulher" irão tornar-se palavras feias e sujas.

E sempre que você monopoliza a mulher ou o homem, naturalmente monopoliza as crianças. Eu concordo totalmente com o Dr. Thomas Gordon, que diz: "Penso que todos os pais são potencialmente molestadores dos seus filhos, porque a forma básica de educar os filhos é através do poder e da autoridade. Penso que é destrutivo visto que muitos pais pensam do seguinte modo: 'É o

meu filho, posso fazer o que quiser com ele porque é meu filho.' É violento, é destrutivo." A criança não é uma coisa, não é uma cadeira, não é um carro. Você não pode fazer o que quer que seja com ele. Ele provém de si, mas não lhe pertence. Ele pertence à existência. Você é, na melhor das hipóteses, um encarregado; não se torne possessivo.

Mas todo o conceito de família é baseado na posse - possuir objetos, possuir a mulher, possuir o homem, possuir as crianças. E a possessão é venenosa: daí que eu esteja contra a família. Mas não estou a dizer que todos aqueles que são de facto felizes nas suas famílias - fluem, vivem, amam - têm de a destruir. Não, não há qualquer necessidade. A sua família já é uma comuna, uma pequena comuna.

Claro que uma comuna alargada seria muito melhor, com maiores possibilidades, mais gente. Pessoas diferentes trazem canções diferentes, pessoas diferentes trazem formas de vida diferentes, pessoas diferentes trazem brisas diferentes, pessoas diferentes trazem raios de luz diferentes - e as crianças deverão ser aspergidas com tantas possibilidades de vida quanto possível, para que possam escolher, para que tenham liberdade de escolha.

E elas devem ser enriquecidas pelo conhecimento de muitas mulheres para que não fiquem obcecadas pelo rosto da mãe ou pelo estilo da mãe. Então elas serão capazes de amar muitas mais mulheres, muitos mais homens. A vida será mais aventurosa.

Contaram-me….

> Uma mãe, ao visitar uma loja, levou o seu filho ao setor dos brinquedos. Observando um enorme cavalo de baloiço, ele montou-o e andou para a frente e para trás durante quase uma hora.
>
> "Vamos, filho", pediu a mãe. "Tenho de ir para casa para preparar o jantar para o teu pai." O pequeno recusou mover-se, e todos os seus esforços foram infrutíferos. O gerente da loja também tentou adular o miúdo, sem qualquer sucesso. Então, em desespero, chamaram o psicólogo da loja.
>
> Suavemente, ele aproximou-se e sussurrou algumas palavras ao ouvido do rapaz. Imediatamente, o pequeno saltou do cavalo e correu para a mãe.
>
> "Como conseguiu?", perguntou a mãe incrédula. "O que foi que lhe disse?"
> O psicólogo hesitou um pouco e depois respondeu: "Tudo o que eu disse foi: 'Filho, se não saltas já desse cavalo de baloiço, chego-te a roupa ao pêlo!'"

As pessoas aprendem, mais cedo ou mais tarde, que o medo é eficaz, que a autoridade funciona, que o poder resulta. E as crianças são tão impotentes e tão dependentes dos pais que você pode provocar-lhes medo. Torna-se a sua técnica para as explorar e oprimir, e elas não têm outro sítio para onde ir.

Numa comuna, elas terão muitos sítios para onde ir. Elas terão muitos tios e muitas tias e muita gente - elas não estarão tão indefesas. Não estarão nas suas mãos do modo que estão hoje. Terão mais independência, estarão menos desamparadas. Você não poderá coagi-las tão facilmente.

E tudo o que elas veem no seu lar é infelicidade. Por vezes, eu sei, por vezes o marido e a mulher são carinhosos, mas demonstram esse carinho sempre em privado. As crianças não o sabem. As crianças só veem caras feias, o lado feio das coisas. Quando a mãe e o pai se amam, fazem-no à porta fechada. Não fazem barulho e nunca permitem que as crianças saibam o que é o amor. As crianças só veem os seus conflitos - resmungos, querelas, agressões mútuas de forma grosseira ou subtil, insultando-se mutuamente, humilhando-se mutuamente. As crianças vão observando o que se passa.

> Um homem sentado na sua sala de estar lê o jornal, de repente a sua mulher entra e esbofeteia-o.
>
> "A que propósito foi isso?", pergunta o marido indignado.
>
> "Isto é por seres um péssimo amante."
>
> Pouco depois ele dirige-se à mulher, que está sentada a ver televisão, e dá-lhe uma palmada sonora.
>
> "Porque é que foi isso?", gritou-lhe a mulher.
>
> Ao que ele lhe respondeu: "Por saberes a diferença."

Isto segue e prossegue, e as crianças vão vendo o que vai acontecendo. É isto a vida? É para isto que se vive? É isto tudo o que existe? Eles começam a perder esperança. Antes de entrarem na vida já estão derrotados; eles aceitaram a derrota. Se os seus pais, que são tão sábios e poderosos, falharam - que esperança existe para eles? É impossível.

E elas aprendem os truques - estratagemas para serem infelizes, estratagemas para serem agressivas. As crianças nunca veem o amor acontecer. Numa comuna existirão mais possibilidades. O amor deverá ser mais assumido. As pessoas saberão que o amor acontece. As crianças pequenas deverão saber o que é o amor. Deverão ver as pessoas a preocuparem-se umas com as outras.

Mas é uma ideia antiga, um velho conceito - que se pode discutir em público, mas não se pode ser afetuoso em público. Discutir está certo. Você pode matar, isso é permitido. De facto, quando duas pessoas estão a lutar, uma multidão fica parada a assistir ao que está a acontecer e toda a gente se diverte! Por isso as pessoas continuam a ler e a divertir-se com histórias de crime, histórias de suspense, histórias de detetives.

O crime é permitido, o amor não é autorizado. Se você ama em público é visto como obsceno. Ora isto é absurdo - o amor é obsceno e o crime não é obsceno? Os amantes não podem ser carinhosos em público e os generais podem caminhar publicamente mostrando as suas medalhas? Eles são assassinos e as medalhas representam os crimes! Estas medalhas demonstram quantas pessoas eles assassinaram. Isto não é obsceno?

Esse é que devia ser o aspeto obsceno. Lutar em público devia ser proibido. É obsceno; a violência é obscena. Como pode o amor ser obsceno? Mas o amor é encarado como sendo obsceno. Você tem de o esconder na escuridão. Tem de fazer amor sem que ninguém saiba. Tem de o fazer tão silenciosamente e furtivamente... naturalmente não o irá apreciar muito. E as pessoas não se apercebem do que é o amor. As crianças, em especial, não têm forma de conhecer o amor.

Num mundo melhor, com maior compreensão, o amor estará em todo o lado. As crianças verão o que é o carinho. As crianças verão que a alegria pode surgir quando uma pessoa se preocupa com outra. O amor deve ser mais bem aceite, a violência deve ser cada vez mais rejeitada. O amor deve estar mais disponível. Duas pessoas a fazer amor não se devem preocupar com que os outros não saibam. Elas devem rir-se, elas devem cantar, elas devem gritar de alegria, assim também toda a vizinhança saberá que alguém está a amar alguém - alguém está a fazer amor.

O amor deve ser uma dádiva. O amor devia ser divino. É sagrado.

Pode publicar-se um livro sobre um homem que é morto, isso está certo, isso não é pornografia - para mim, isso é considerado pornografia. Mas não se pode publicar um livro sobre um homem a abraçar com amor uma mulher, num abraço nu e profundo - isso é pornografia. Este mundo viveu até agora contra o amor. A sua família é contra o amor, a sua sociedade é contra o amor, o seu Estado é contra o amor. É um milagre que o amor ainda subsista, é inacreditável que o amor ainda exista - não como deveria ser, é uma pequena gota no oceano. Mas o ter sobrevivido a tantos inimigos é um milagre. Não foi completamente destruído - é um milagre.

A minha visão de uma comuna é a de pessoas carinhosas vivendo juntas sem antagonismos mútuos, sem competições mútuas, com um amor fluído, mais disponível, sem ciúme e sem possessão. E as crianças pertencerão a todos, porque elas pertencem à existência - toda a gente cuida delas. E elas são pessoas tão belas, estas crianças, quem não desejará cuidar delas? E têm tantas possibilidades de ver gente a amar-se, pois cada pessoa vive de seu modo. Elas tornam-se mais ricas. E eu digo-lhe que, se estas crianças existem no mundo, nenhuma delas lê a *Playboy*, não haverá necessidade. E nenhuma delas lerá o *Kama Sutra* de Varasayana, não haverá necessidade. A nudez e as fotografias de nus desaparecerão. Elas mostram simplesmente o sexo esfomeado, o amor faminto. O mundo tornar-se-á quase não sexual, será todo carinho.

O seu padre e o seu polícia criaram quase todo o tipo de obscenidades no mundo. Eles são a fonte de tudo o que é feio. E a sua família desempenhou um papel importante. A família tem de desaparecer. Tem de desaparecer no quadro mais alargado da comuna, de uma vida que não é baseada em pequenas identidades, mais fluída.

Numa comuna, uma pessoa será budista, outra será hindu, outra será jainista, outra será cristã e outra será judia. Se as famílias desaparecerem, as Igrejas desaparecerão automaticamente, porque as famílias pertencem às Igrejas. Numa comuna existirão todo o tipo de pessoas, todo o tipo de religiões, todo o tipo de filosofias, fluindo, e a criança terá oportunidade para aprender. Um dia irá com um tio à igreja, outro dia irá com outro tio a um templo, e conhecerá tudo o que aí existe e poderá escolher. Ele poderá escolher e decidir a que religião gostaria de pertencer. Nada lhe é imposto.

A vida poderá tornar-se um paraíso aqui e agora. As barreiras têm de ser removidas. A família é uma das grandes barreiras.

QUESTÕES

Amor e Apego

- ***Afirmou que o amor pode libertar. Mas o mais comum é vermos o amor tornar-se apego e, em vez de nos libertar, aprisiona-nos. Fale-nos um pouco acerca de apego e liberdade.***

O amor torna-se apego porque não há amor. Você estava só a brincar, a enganar-se a si mesmo. O apego é a realidade; o amor era só uma brincadeira. Assim, sempre que ama, mais tarde ou mais cedo descobre que se tornou um instrumento - e então começa a sentir-se infeliz. Qual é o mecanismo? Por que é que acontece?

Há alguns dias atrás, um homem veio ter comigo. Sentia-se muito culpado. Disse-me: “Amei uma mulher. Amei-a muito. No dia em que ela morreu eu estava em pranto e chorei muito, mas subitamente senti uma sensação de grande liberdade, como se me tivesse libertado de um fardo. Senti uma inspiração, como se me tivesse tornado livre.”

Nesse momento começou a consciencializar-se de uma segunda camada dos seus sentimentos. Exteriormente, ele estava em pranto, a chorar e a dizer: “Não posso viver sem ela. Agora será impossível, ou a vida será como a morte.”

Mas, bem no fundo, pensou: “Apercebi-me de que me sinto muito bem, agora estou livre.”

Uma terceira camada começou a sentir-se culpada. Disse-lhe: “O que estás a fazer?” E o corpo da morta estava ali, defronte dele, e começou a sentir-se profundamente culpado. Disse-me: “Ajude-me. O que está a acontecer na minha cabeça? Tê-la-ei traído tão cedo?”

Nada acontecera, ninguém fora atraiçoado. Quando o amor se torna apego, torna-se um fardo, uma prisão. Mas por que é que o amor se torna apego? A primeira coisa a entender é que, se o amor se torna apego, você estava a iludir-se, a enganar-se ao pensar que era amor. Realmente. Precisava de uma ligação. E se for ainda mais longe, descobrirá que estava com necessidade de se tornar um escravo.

Existe um medo subtil da liberdade, e toda a gente quer ser escrava. Toda a gente, claro, fala sobre liberdade, mas ninguém tem coragem de ser realmente livre, porque, quando é realmente livre, está-se só. Se tem a coragem de estar só, só então pode ser livre.

Mas ninguém é suficientemente corajoso para estar só. Você precisa de alguém. Por que precisa de alguém? Porque tem medo da sua solidão. Você cansa-se de si mesmo. E realmente, quando está só, nada lhe parece significativo. Com alguém você está ocupado e cria um significado artificial à sua volta.

Como não pode viver para si mesmo, começa a viver para outra pessoa. E o mesmo se passa com a outra pessoa - ele ou ela não conseguem viver sozinhos, por isso procuram alguém. Duas pessoas que receiam a sua própria solidão juntam-se e começam um teatro - um teatro de amor. Mas lá bem no fundo buscam apego, compromisso, dependência.

Mais cedo ou mais tarde, o que se deseja acontece. Este é um dos aspetos mais infortunados deste mundo. O que quer que deseje acontece. Você tê-lo-á, mais cedo ou mais tarde, e o divertimento desaparecerá. Quando a sua função estiver concluída, desaparecerá. Quando se tiver tornado mulher ou marido, escravos um do outro, quando o casamento ocorrer, o amor desaparecerá, porque o amor era só uma ilusão na qual duas pessoas podiam tornar-se escravas uma da outra.

Você não pode objetivamente pedir a escravatura; é muito humilhante. E não pode dizer frontalmente a alguém: “Sê meu escravo.” Ele ficará revoltado! Nem poderá dizer: “Quero ser tua escrava.” Mas poderá dizer: “Não posso viver sem ti.” Mas o significado está lá; é o mesmo. E quando o verdadeiro desejo é preenchido, o amor desaparece. Então a servidão, a escravatura, instala-se e você começa a lutar para se libertar.

Lembre-se disto. É um dos paradoxos da sua mente; o que quer que possua irá cansá-lo, e o que quer que deseje e não consiga obter irá sempre desejar. Quando está só, desejará alguma escravidão, alguma servidão. Quando se encontra numa situação de servidão, começará a desejar ser livre. Só os escravos desejam a liberdade e só as pessoas livres tentam de novo ser escravas. A mente funciona como um pêndulo, movendo-se de um extremo para o outro.

O amor não se torna apego. O apego era a necessidade; o amor era só o isco. Você andava em busca de um peixe chamado apego; o amor era só o isco para apanhar o peixe. Quando o peixe foi apanhado, deitou-se fora o isco. Lembre-se disto e, sempre que estiver a fazer algo, procure no fundo de si e descubra a causa básica.

Se existe amor verdadeiro, nunca se tornará apego. Qual é o mecanismo para o amor se tornar apego? No momento em que você diz ao seu amado ou ao seu amante “Ama-me só a mim”, começou a possessão. No momento em que se possui alguém, insulta-se essa pessoa profundamente, porque ela se transformou numa coisa.

Quando eu o possuo, você deixa de ser uma pessoa, passa a ser um dos elementos da minha mobília - um objeto. Então eu uso-o e você é uma coisa minha, torna-se minha propriedade, não permitindo a mais ninguém que o use. É um negócio em que eu sou possuído por si e você faz de mim uma coisa. É o negócio em que agora mais ninguém o pode usar. Ambos os parceiros estão ligados e escravizados. Eu faço de si meu escravo e você, em troca, faz de mim seu escravo.

E então começa a luta. Eu quero ser livre, mas quero possuí-lo; você quer manter a sua liberdade, mas quer possuir-me - e esta é a luta. Se eu o possuo, eu serei possuído por si. Se eu não quero ser possuído por si, não o posso possuir. A posse não deve estar entre nós. Devemos manter-nos indivíduos e devemos permanecer independentes, com as consciências livres. Podemos estar juntos, podemos fundir-nos um no outro, mas ninguém é possuído. Daí que não haja servidão nem apego.

O apego é uma das coisas mais feias. E quando eu digo feias, não o faço só do ponto de vista religioso, mas também do ponto de vista estético. Quando se está apegado, perde-se a solidão, ou seja, perde-se tudo. Quando se sente bem porque alguém o ama e está consigo, perde a pessoa tudo - perde-se a si mesma.

Mas o problema é que você tenta ser independente mas faz do outro sua posse - e o outro faz o mesmo consigo.

Portanto, não possua se não quer ser possuído. Jesus disse algures: “Não julgueis se não quereis ser julgados.” É o mesmo: “Não possuas se não quereis

ser possuídos.” Não faça de ninguém seu escravo; de outro modo tornar-se-á também um escravo.

Esses ditos Senhores são sempre escravos dos seus escravos. Você não pode ser senhor de ninguém sem se tornar seu escravo - isso é impossível. Você só se pode tornar senhor quando ninguém for seu escravo.

Isto parece paradoxal, porque quando eu digo que você só se pode tornar senhor quando não tiver nenhum escravo, você retorquirá: “Então qual é a senhoria? Como vou eu ser senhor se ninguém é meu escravo?” Mas eu digo-lhe, só então você é senhor. Então ninguém é seu escravo e ninguém tentará fazer de si seu escravo.

Amar a liberdade, tentar ser livre, significa basicamente que você chegou a um entendimento profundo de si mesmo. Agora você sabe que é autossuficiente. Você pode partilhar com alguém, mas você não é dependente. Eu posso partilhar-me com alguém. Posso partilhar o meu amor, posso partilhar a minha felicidade, posso partilhar a minha bem-aventurança, o meu silêncio com alguém. Mas isso é uma partilha, não uma dependência. Se ninguém estiver disponível, eu continuarei feliz, igualmente pleno. Se alguém estiver disponível, também será bom e poderei partilhar outras coisas.

Quando você se apercebe da sua consciência interior, do seu centro, só então o amor deixará de ser apego. Se você não conhece o seu centro interior, o amor tornar-se-á apego. Se conhece o seu centro interior, o amor tornar-se-á devoção. Mas primeiro deve estar disponível para amar, e você ainda não está.

Neste momento, você não está. Quando diz: “Quando amo alguém o amor torna-se apego”, está a dizer que o amor não existe. Assim, o que quer que você faça, faz mal, porque aquele que o faz está ausente. O ponto interior de perceção não existe, por isso o que quer que você faça, faz mal. Primeiro esteja disponível e, então, poderá partilhar o seu ser. E essa partilha será amor. Antes disso, o que quer que faça tornar-se-á apego.

Por último: quando luta contra o apego, faz o desvio errado. Você pode lutar - inúmeros monges, reclusos, *sannyasins* o fazem. Eles sentem que estão presos às suas casas, às suas propriedades, às suas mulheres, aos seus filhos, e sentem-se enjaulados, aprisionados. Eles escapam, deixam as casas, deixam as mulheres, deixam os filhos e as suas posses, tornam-se pedintes e fogem para uma floresta, para a solidão. Mas vá e observe-os. Eles estão apegados ao novo meio.

Visitei um amigo que era um eremita e vivia à sombra de uma árvore, numa floresta densa, mas havia lá outros ascetas. Aconteceu que um dia, estava eu com este eremita sob a sua árvore, e surgiu um novo observador, enquanto o meu amigo estava ausente. Ele tinha ido ao rio tomar banho. O novo *sannyasin* começou a meditar sob a árvore.

O homem voltou do rio e empurrou o novo homem para longe da árvore dizendo: “Esta é a minha árvore. Vai e procura outra, noutro lugar. Ninguém se senta sob a minha árvore.” Este homem tinha deixado a sua casa, a sua mulher, os seus filhos - agora a árvore tinha-se tornado uma posse: “Não podes meditar sob a minha árvore.”

Não se consegue escapar tão facilmente ao apego. Ele tomará novas formas, novas configurações. Você será enganado, mas ele estará lá. Por isso, não lute contra o apego, tente somente perceber por que é que ele existe. E então conheça a sua causa profunda: porque você *não é*, o apego está lá.

Dentro de si, o seu próprio ser está tão ausente que você tenta manter-se fiel a qualquer coisa para se sentir seguro. Como não está enraizado, tenta fazer as suas raízes de qualquer coisa. Quando você está enraizado em si, quando sabe quem é, quem é este ser que está em si e que consciência é esta que está em si, então não se apega a ninguém.

O Amor Pode Florescer sem Sexo

- ***O meu namorado tem cada vez menos vontade de fazer amor, facto que me perturba e me deixa frustrada, a ponto de me tornar agressiva com ele. O que posso fazer?***

Primeiro: chega um momento na vida em que um dos parceiros deixa de ter vontade de fazer sexo. Acontece mais ou menos a todos os casais. Quando uma pessoa deixa de ter vontade de sexo, a outra agarra-se ainda mais. A outra começa a sentir que, se deixar de haver sexo, a relação terminará.

Quanto mais você pedir, mais medo ele terá. A relação desaparecerá, não porque o sexo desapareceu, mas porque você começa a pedi-lo e ele começa a sentir-se continuamente censurado. E não lhe apetece fazer amor - ele pode forçar-se e então sentir-se-á mal, ou, se segue o seu caminho, sente-se mal porque a está a fazer infeliz; sente-se culpado.

Uma coisa tem de ser entendida - o sexo não tem nada a ver com o amor. Quando muito, é um início. O amor é mais grandioso que o sexo, maior que o sexo. O amor pode florescer sem sexo.

(A interlocutora interrompe: “Mas ele nunca diz que me ama.”)

Não, você está a causar-lhe medo, porque, se ele lhe disser que a ama, você estará pronta a pedir-lhe sexo. Na sua mente, o amor é quase sinónimo de sexo; isso consigo perceber. Por isso ele começou a recear tocar-lhe, abraçá-la. Se ele a abraçar e lhe tocar, você desejará fazer amor.

Você está a fazer com que ele a receie e está a afastar-se do essencial. Você está a afastá-lo, sem o saber. Ele receará mesmo falar consigo, porque quando fala, toda a situação vem ao de cima e discutem.

Não se pode discutir acerca do amor. Não se pode convencer ninguém acerca do amor. Se ele não sente, não sente. Ele ama-a; de outro modo já a teria deixado. E você ama-o, mas tem uma compreensão incorreta acerca de sexo.

O meu entendimento é este: o amor começa a crescer pela primeira vez quando o sexo agitado e febril desapareceu, quando, a pouco e pouco, foi abrandando. Então o amor vai-se progressivamente instalando, torna-se melhor, superior. Então, delicadamente, alguma coisa começa a acontecer. Mas você não está a permitir que isso aconteça. Ele está pronto para a amar, mas você está presa ao sexo. Está a rebaixá-lo e esse facto pode destruir toda a relação.

Eu compreendo, porque a mente feminina agarra-se ao sexo somente quando o homem não está interessado. Vejo-o diariamente. Se o homem anda atrás de si, você faz o jogo do desinteresse. Quando o homem não está interessado, você fica receosa e, então, todo o jogo muda. Então você diz-lhe que sem ele vai enlouquecer, que não pode viver sem ele. E isso é tudo um disparate! Nunca ninguém enlouqueceu de amor.

Se você ama a pessoa, a sua energia será transformada. Se não ama a pessoa, então largue-a. Se você ama a pessoa, a energia tem hipótese de se transformar numa realidade superior. Use essa oportunidade. E resmungar não vai ajudar em nada. Tornará tudo muito mais feio e trará o oposto do que você quer.

O Sexo tem de Desaparecer num Júbilo Calmo e Brincalhão

- ***A minha vida sexual tornou-se muito parada ultimamente - não que eu não queira sexo ou não tenha coragem para me aproximar de mulheres, mas simplesmente não acontece. Posso ter prazer em estar com uma mulher, mas, no que diz respeito ao sexo, a energia muda - parece que adormeço. O que estou a fazer de errado?***

O que lhe está a acontecer não é uma maldição, é uma bênção. É só a sua velha mente que acha que as coisas estão a correr mal. Tudo está a correr bem, do modo como deve ser. O sexo tem de desaparecer num júbilo calmo e brincalhão. Na harmonia de dois seres silenciosos - não se conhecendo através dos corpos, mas conhecendo-se através das suas próprias almas. Irá acontecer a qualquer indivíduo contemplativo. Não se force a fazer algo contra o que lhe

está a acontecer por seu próprio consentimento. Qualquer constrangimento da sua parte criará um obstáculo ao seu crescimento espiritual.

É muito importante recordar este facto, pois explicar-lhe-á por que todas as religiões se voltaram contra o sexo. Foi um mal-entendido - mas um mal-entendido muito natural. Qualquer pessoa que tenha feito meditação passa pela transformação de energias - as energias que seguem um movimento descendente começam a ascender, abrindo os seus centros superiores de consciência, trazendo novos céus ao seu ser. Mas você não está familiarizado com eles, eles são-lhe desconhecidos e por isso a pessoa pode sentir-se assustada. E se está a acontecer unicamente ao seu parceiro, então vai haver sarilhos. Ambos os parceiros em meditação têm de se transformar simultaneamente - só assim podem regular o caminho entre si. De outro modo, vão desintegrar-se.

Isto criou a ideia de celibato. Porque se pensou que o casamento estava em perigo se um parceiro estivesse interessado em meditação. Era melhor não se envolver, não ferir os sentimentos do outro e ficar sozinho. Mas esta decisão é errada.

A decisão correta seria: se um parceiro no casamento ou na amizade estiver a crescer, ele deve apoiar o outro na busca de novos espaços. Não deve deixar o outro parceiro para trás. Isto teria sido uma importantíssima revolução na consciência humana, mas como as religiões escolheram o celibato, o mundo inteiro permaneceu sem meditação.

E todos aqueles que escolheram o celibato - foi uma escolha, não lhes aconteceu - tornaram-se uma perversão sexual. Eles não estavam para lá do sexo, daí o celibato. Eles tentaram outra via: primeiro o celibato, pensando que se seguiria a transformação. Mas não funciona desse modo. A transformação tem de acontecer primeiro. Então, sem qualquer inibição, sem lutar contra o sexo, sem condenar o sexo, a transformação vem por si. Mas não ocorre pelo celibato, ocorre pela meditação. E não acontece pela repressão, acontece numa atmosfera afetiva. O celibato vive numa atmosfera de repressão, inibição, perversão; toda a atmosfera que o envolve é psicologicamente doentia. Foi neste ponto fundamental que todas as religiões erraram.

Em segundo lugar, todos os que meditam se aperceberam de que o sexo começa a transformar-se em algo muitíssimo diferente - qualquer coisa espiritual. Mais do que criar uma prisão, uma possessão, abre-lhe portas para a liberdade. Todas as relações desaparecem e uma pessoa sente, na sua solidão, um contentamento absoluto; uma satisfação inimaginável.

Mas como os que meditam viram isto acontecer, sem exceções, as pessoas que queriam meditar pensaram, incorretamente, que reprimir o sexo conseguiria auxiliá-los a transformar as suas energias. Assim, todas as organizações

religiosas começaram a ensinar uma vida de condenação e renúncia; uma vida que é basicamente negativa. Criou-se um mal-entendido.

Pela repressão do sexo consegue-se perverter a energia, mas não convertê-la. A conversão vem à medida que você vai ficando cada vez mais silencioso, à medida que o seu coração começa a sentir-se mais harmonioso, à medida que a sua mente começa a ficar cada vez mais em paz. À medida que se vai aproximando do seu ser, do seu verdadeiro centro, a transformação ocorrida não é controlada por si, acontece apenas. A energia sexual torna-o muito espiritual. É a mesma energia, só que mudou a direção. Já não desce, sobe.

O que lhe vai acontecer, acontece com todos os que buscam, sem exceção. Assim, a sua dúvida será a de toda a gente, mais cedo ou mais tarde. E onde quer que ocorra, o parceiro que é deixado para trás não se deve sentir ofendido, antes pelo contrário, deve sentir-se bem-aventurado e feliz porque, ao menos para o seu amado, para o seu amigo, uma bela experiência está a acontecer e espera juntar-se a ele ou a ela o mais depressa possível. O seu esforço deve concentrar-se em ir mais longe na meditação para que possa acompanhar o seu parceiro e para que possam continuar a dançar juntos até à última meta da vida.

Mas lembre-se, à medida que for crescendo na espiritualidade, a sua sexualidade começará a desaparecer. Haverá um novo tipo de amor - uma pureza, uma inocência profunda, sem possessão, sem ciúme; mas com toda a compaixão do mundo, para se ajudarem mutuamente no vosso crescimento interior.

Deste modo, não deve sentir que alguma coisa correu mal consigo; alguma coisa começou subitamente a correr bem consigo. Você não foi avisado; foi apanhado desprevenido.

> O pequeno Hymie ia na rua com a pequena Betty, de quatro anos. Quando iam a atravessar uma rua, o pequeno Hymie lembrou-se das recomendações da sua mãe.
> "Deixa-me pegar na tua mão", ofereceu-se ele galantemente.
> "Está bem", disse Betty. "Mas quero avisar-te que estás a brincar com o fogo."

Qualquer relação entre homem e mulher é brincar com o fogo - e particularmente se você começar a meditar. Então fica rodeado de um incêndio, porque muitas mudanças vão ocorrer para as quais você não está preparado. Irá viajar para território desconhecido a cada momento, em cada dia. E muitas vezes você é deixado para trás, ou o seu parceiro é deixado para trás - o que causará uma profunda angústia em ambos.

No início, quando começa, a interpretação natural é que a relação está no fim, que já não estão apaixonados. Certamente, vocês já não sentem o amor que sentiram anteriormente - esse velho amor já não é possível. Era amor primário e é bom que tenha desaparecido. Agora uma qualidade mais elevada, algo mais divino irá tomar o seu lugar. Mas têm de se ajudar mutuamente.

Estes são os tempos realmente difíceis - quando começa a questionar-se sobre se ama ou não o seu parceiro, ou se o seu parceiro o ama, quando grandes distâncias surgem entre vós e sente que se estão a afastar cada vez mais um do outro. São momentos cruciais, um teste de fogo, quando deve tentar trazer a pessoa que ficou para trás para mais perto de si. Você deve ajudar o outro a ser mais meditativo.

A ideia principal será descer até ao outro para que ele não se sinta ofendido. Esta atitude é absolutamente errada, pois não irá ajudá-lo e apenas se irá magoar. Vai perder uma boa oportunidade. Em vez de ter empurrado o outro para as alturas, você desceu até ele.

Não se preocupe que o outro se sinta ofendido. Você fez tanto esforço para trazer o outro para o mesmo espaço, para a mesma mente meditativa, que o outro ficará grato, não ofendido. Mas estes não deverão ser os momentos em que vocês se devem separar. Estes são os momentos em que vocês devem fazer todos os esforços para se manterem em contato, com o máximo de compaixão possível. Porque se o amor não pode ajudar o outro a transformar as suas energias básicas em energias espirituais mais elevadas, então o vosso amor não é amor - não merece a designação de amor.

E o mesmo problema surgirá a toda a gente - por isso, quando surge um problema, nunca pense duas vezes. Faça a pergunta sem medo, por muito estúpido que possa parecer. Porque irá ajudar-se não só a si; irá ajudar muitos outros que estão a lutar na mesma situação, mas que não foram suficientemente corajosos para levantar essa questão. Estão a tentar, de alguma maneira, resolver a situação por si.

Não é uma questão de resolução. É bom que se tenha perdido o seu velho e instalado estado. É bom que não esteja resolvido, que surjam problemas. Depende de si e da sua inteligência a forma como vai usar esta oportunidade - a favor do seu crescimento ou contra ele. Colocar as questões poderá ajudá-lo.

Primeiro, lembre-se de que é bom que o sexo pareça estar a afastar-se da sua vida. Segundo, não pense que a outra pessoa se está a sentir ofendida. Exponha o seu coração à outra pessoa. Não tente pôr-se na posição do outro, mas tente, de todas as formas possíveis, segurar a mão do outro e conduzi-lo a um estádio superior, onde você está subitamente a encontrar-se a si mesmo.

Somente no início será difícil; rapidamente tornar-se-á mais fácil. Quando existem duas pessoas em crescimento simultâneo, muitas vezes surgem brechas, porque as pessoas não conseguem manter o mesmo andamento; cada pessoa tem o seu próprio ritmo, cada pessoa tem o seu padrão único de crescimento. Mas se você ama, pode esperar um pouco mais até que o outro chegue e, então, mão na mão, pode mover-se para a frente.

Eu não quero que as pessoas não estejam a pensar particularmente em celibato. Se o celibato vier por si, isso é outra conversa; você não é responsável por isso. E então não trará nenhuma perversão, trará apenas uma grande conversão de energias.

Distanciamento e Indiferença

- ***Como posso perceber se estou a cultivar o distanciamento ou a indiferença?***

Não é difícil saber. Como é que você percebe que tem uma dor de cabeça, ou como é que você sabe que não tem uma dor de cabeça? É simplesmente claro. À medida que você vai crescendo em distanciamento, irá ficando mais saudável, mais feliz; a sua vida tornar-se-á uma vida de alegria. Esse é o critério de tudo o que é bom.

A alegria é o critério. Você está a crescer em alegria, está a crescer e está a dirigir-se para casa. Com indiferença, não há qualquer possibilidade de a alegria poder crescer. De facto, se você tiver alegria, isso desaparecerá.

A felicidade é saúde e, para mim, a religiosidade é basicamente hedonista. O hedonismo é a própria essência da religião. Ser feliz é tudo. Lembre-se: se as coisas estiverem a correr bem e se você estiver a ir na direção certa, cada momento irá trazer mais alegria - como se se estivesse a dirigir para um belo jardim. Quanto mais próximo está, mais limpo, fresco, mais fragrante o ar se torna. Este será o indício de que está a mover-se na direção certa. Se o ar se torna menos limpo, menos fragrante, então está a caminhar na direção errada.

A existência é feita a partir da alegria. É a sua própria matéria. A alegria é o material de que a existência é constituída. Assim, se se estiver a mover para se tornar mais existencial, você encher-se-á mais e mais de alegria, de prazer, sem motivo aparente. Se estiver a mover-se no sentido do distanciamento, o amor irá crescer, a alegria irá crescer, só os apegos desaparecerão - porque os apegos trazem infelicidade, porque os apegos trazem grilhetas, porque os apegos destroem a sua liberdade.

Mas se se estiver a tornar indiferente... A indiferença é uma moeda falsa; lembra distanciamento. Nada irá crescer nela. Você simplesmente irá encolher-se e morrerá. Vá e veja: há tantos monges no mundo - católicos, hindus, jainistas, budistas - observe-os. Eles não dão uma ideia de brilho, não têm uma aura de fragrância, não parecem mais vivos do que você está; de facto, eles parecem menos vivos, aleijados, paralisados. Controlados, é certo, mas não por uma profunda disciplina interior; controlados, mas não conscientes. Seguindo uma certa consciência que a sociedade lhes deu, mas ainda não conscientes, ainda não livres, ainda não individuais. Eles ainda vivem como se estivessem

nas suas sepulturas, esperando somente a morte. A sua vida torna-se morosa, monótona, triste - é uma forma de desespero.

Acautele-se. Sempre que alguma coisa está a correr mal, há indícios no seu ser. A tristeza é um indício, a depressão é um indício. A alegria e a celebração são também indicadores. Mais cantigas acontecerão consigo se caminhar para o distanciamento. Dançará mais e tornar-se-á mais afetivo.

Lembre-se: o amor não é apego. O amor não conhece apegos e aquilo que conhece apegos não é amor. É possessão, domínio, fixação, medo, ganância - poderá ser mil e uma coisas, mas não é amor. Em nome do amor, outras coisas são exibidas, em nome do amor, outras coisas se escondem, mas a marca Amor está presa ao recipiente. No seu interior estarão muitos tipos de coisas, mas amor não.

Observe. Se está ligado a alguém, quer dizer que ama essa pessoa? Ou tem medo da sua solidão? Porque você não pode estar só, e por isso usa esta pessoa para não estar só. Então você tem medo. Se essa pessoa vai para outro lado ou se apaixona por outra pessoa, então você mata essa pessoa e diz: “Eu estava tão preso a ela que não podia viver sem ela, ou ele.”

É pura loucura. Não é amor, é outra coisa. Você tem medo da sua solidão, não é capaz de estar consigo, precisa de alguém que o distraia. E você quer possuir a outra pessoa, quer usar a outra pessoa como um meio para atingir os seus próprios fins. Usar uma pessoa como um meio é uma violência.

Immanuel Kant fez disso um dos fundamentos da sua vida moral. Ele costumava dizer que tratar alguém como um meio é o ato mais imoral que existe. Porque quando você trata outra pessoa como um meio - para sua gratificação, para satisfazer o seu desejo sexual, porque tem medo, ou por qualquer outro motivo -, quando você usa outra pessoa como um meio, está a reduzi-la a uma coisa. Está a destruir a liberdade dela ou dele, está a matar-lhe a alma.

A alma só pode crescer em liberdade - o amor dá liberdade. E quando você dá liberdade, você é livre; isso é o que significa distanciamento. Se você coloca grilhetas no outro, estará igualmente a aprisionar-se. Se você se prende ao outro, o outro prende-se a si; se você define o outro, o outro irá defini-lo a si; se você estiver a tentar possuir o outro, o outro possui-lo-á a si.

É assim que os casais passam a vida a lutar para dominar o outro. Ambos lutam, cada um à sua maneira. É uma implicação constante, uma luta constante. E o homem pensa que controla a mulher e a mulher pensa que controla o homem. Mas o controlo não é amor.

Nunca trate uma pessoa como um meio. Trate toda a gente como um fim em si - você não se fixa, deste modo não está apegado. Você ama, mas o seu

amor dá liberdade - e quando dá liberdade ao outro, você é livre. Só em liberdade a sua alma pode crescer e assim sentir-se-á muito, muito feliz.

O mundo tornou-se um lugar de grande infelicidade - não porque o mundo seja um lugar infeliz, mas porque fizemos algo de errado com ele. O mesmo mundo pode tornar-se uma celebração.

Você pergunta: *Como posso perceber se estou a cultivar o distanciamento ou a indiferença?* Se você está a sentir-se feliz, se você se sente feliz com o que quer que esteja a crescer, mais centrado, mais ligado à terra, mais vivo do que antes, então vá, precipite-se. Então não existe medo. Deixe a felicidade ser a pedra de toque, o critério - nada mais pode ser o critério.

O que quer que as Escrituras digam não é um critério, a menos que o seu coração esteja palpitante de felicidade. O que quer que eu diga não pode ser um critério para si, a menos que o seu coração esteja palpitante de felicidade. No momento em que você nasceu, foi-lhe dado um indicador subtil. Faz parte da vida que você possa sempre conhecer o que está a acontecer, que você possa sentir sempre que está feliz ou infeliz. Ninguém pergunta se você se sente feliz ou infeliz. Nunca ninguém perguntou. Quando você está infeliz, você sabe; quando você está feliz, você sabe. É um valor intrínseco. Você conhece-o, nasceu com ele, deixe essa indicação intrínseca ser usada e nunca falsifique a sua vida.

Interdependência

- ***Na sua visão de uma sociedade modelo, existirá uma só comuna ou uma série de comunas? Se existir mais do que uma, qual a relação que estabelecerão entre si? Imagina pessoas de diferentes comunas a serem capazes de ser interdependentes, partilhando ideias e competências?***

A pergunta levanta uma questão muito importante, o conceito de interdependência. O homem viveu em dependência, o homem desejou e lutou por independência, mas ninguém olha para a realidade - que a dependência e a independência são ambas extremos.

A realidade encontra-se exatamente no meio; é interdependência. Tudo é interdependente. A folha de erva mais pequena e a maior das estrelas, ambas são interdependentes. Este é o fundamento básico da ecologia. O homem nunca compreendeu a realidade da interdependência e destruiu muita da unidade orgânica da vida. Cortou as suas próprias mãos, as suas próprias pernas, sem o saber.

As florestas desapareceram, milhões de árvores são cortadas todos os dias. Os cientistas têm avisado - mas ninguém está preparado para ouvir - que se

todas as árvores desaparecerem da Terra, o homem não sobreviverá. O homem respira oxigénio e expele dióxido de carbono; as árvores continuam a inalar o dióxido de carbono e a exalar oxigénio. Nem você pode existir sem as árvores, nem as árvores podem existir sem si.

Este é um simples exemplo; de outro modo a vida entrelaça-se de mil e uma maneiras. Porque muitas árvores desapareceram, muito dióxido de carbono se juntou na atmosfera, o que fez elevar a temperatura da Terra em quatro graus. Para si isto pode parecer insignificante - quatro graus -, mas não é insignificante. Esta subida de temperatura será o suficiente para derreter tanto gelo que os oceanos irão aumentar. As cidades nas orlas costeiras serão inundadas.

E a temperatura vai continuar a subir e as árvores continuam a ser cortadas por motivos sem sentido - para impressão de jornais de terceira categoria, e você está a destruir a vida. Há a possibilidade de o gelo eterno dos Himalaias começar a derreter, o que nunca aconteceu no passado, e portanto todos os oceanos irão aumentar seis metros em altura e irão submergir quase toda a Terra. Irão destruir todas as cidades - Bombaim e Calcutá, Nova Iorque, Londres e São Francisco. Talvez alguns povos primitivos, que vivem nas montanhas mais elevadas, consigam sobreviver.

A interdependência é tal que, quando os primeiros astronautas chegaram à Lua, tivemos consciência, pela primeira vez, de que toda a Terra está rodeada por uma fina camada de ozono, que é uma forma de oxigénio. Essa película de ozono rodeia a Terra como um véu. Foi por causa deste véu de ozono que a vida foi possível neste planeta, porque o ozono impede a entrada dos raios mortais que vêm do sol. Permite apenas a passagem dos raios de vida e impede a passagem dos raios mortais; devolve-os.

Mas na nossa ambição para alcançar a Lua, fizemos buracos nesse véu. E o esforço continua. Agora estamos a tentar atingir Marte! De cada vez que um foguetão atravessa a atmosfera terrestre, duzentas milhas acima, cria grandes buracos. Através desses buracos, raios mortais começaram a entrar nela. Agora os cientistas começaram a avisar que estes raios mortais aumentam a percentagem de cancro em quase trinta por cento.

Os estúpidos dos políticos não ouvem. E quem lhes chama estúpidos vai preso, é castigado; é vítima de acusações falsas. Mas não vejo o que mais lhes possa chamar. “Estúpidos” parece ser o termo mais suave e educado para eles. Eles não o merecem; merecem pior.

A vida é uma profunda interdependência.

A minha visão de uma comuna é que as nações desapareçam, as grandes cidades desapareçam, porque elas não oferecem espaço suficiente para cada ser humano viver - e cada ser humano tem uma certa necessidade psicológica de

imperativo territorial, tal como os outros animais. Nas grandes cidades, o homem continua a mover-se numa multidão, dando origem a urna grande ansiedade, tensão e agonia. Não lhe permite ter tempo para relaxar, nem tempo nem espaço para ser ele mesmo - para estar só, para estar com as árvores, que são fontes dadoras de vida, para estar com o oceano, que é uma fonte dadora de vida.

A minha visão de um novo mundo, o mundo das comunas, significa não haver nações, não haver grandes cidades, nem famílias, mas milhões de pequenas comunas espalhadas por toda a Terra em espessas florestas, florestas verdes luxuriantes, em montanhas, em ilhas. A mais pequena comuna viável, que já alguma vez tentámos, pode ser de cerca de quinhentos indivíduos, e a comuna maior pode ser de cinquenta mil indivíduos. De quinhentos para cinquenta mil- mais do que isso seria difícil de gerir, pois surgiria de novo a questão da lei e da ordem, a polícia, o tribunal e todas essas coisas teriam de ser recuperadas.

Pequenas comunas... quinhentas pessoas parece ser um número perfeito, porque nós já tentámos isso. Toda a gente se conhece, todos são amigos. Não há casamento - as crianças pertencem à comuna. A comuna tem hospitais, escolas, colégios. A comuna cuida das crianças; os pais podem visitá-las. É perfeitamente insignificante se os pais vivem juntos ou se estão separados. Para a criança estão ambos disponíveis; ela pode visitá-los, eles podem visitá-la.

Todas as comunas devem ser interdependentes, mas não trocarão dinheiro. O dinheiro deve ser eliminado. Ele prejudicou muito a humanidade. Está na altura de nos despedirmos dele! Estas comunas devem trocar objetos. Você tem mais produtos lácteos, pode dá-los a outra comuna, porque você precisa mais de roupa e essa comuna pode providenciar-lhe mais roupa- um sistema simples de troca de produtos, e assim nenhuma comuna enriquece.

O dinheiro é uma coisa estranha. Pode ser acumulado; esse é o estranho segredo do dinheiro. Você não pode acumular produtos lácteos nem vegetais. Se você tem muitos vegetais, tem de os partilhar com outra comuna que não tem vegetais em quantidade suficiente. Mas o dinheiro pode ser acumulado. E se uma comuna pode enriquecer mais do que outra, então pela porta das traseiras vem a pobreza, a riqueza e todo o pesadelo do capitalismo, as classes sociais e o desejo de dominar. Porque você é rico, pode escravizar outras comunas. O dinheiro é um dos inimigos do homem.

As comunas deverão fazer trocas. Elas deverão anunciar nas suas estações de rádio que este e aquele produto está disponível nelas. Quem quer que tenha outros produtos de que elas tenham necessidade pode contatá-las, e os produtos podem ser trocados de forma amigável; não há nenhuma discussão, não há nenhuma exploração. Mas a comuna não deverá ser muito grande, porque a dimensão também é perigosa. O critério de tamanho para uma comuna deverá ser que toda a gente se conheça; esse deve ser o limite. Uma vez ultrapassado

esse limite, a comuna deve dividir-se. Assim como dois irmãos se separam, quando a comuna se torna demasiado grande deve dividir-se em duas comunas, duas comunas irmãs.

E haverá uma grande interdependência, partilha de ideias e de capacidades, sem qualquer das atitudes que provêm da possessão, como o nacionalismo e o fanatismo. Não haverá nada sobre que ser fanático. Não haverá motivos para a construção de uma nação.

Um pequeno grupo de pessoas pode gozar a vida mais facilmente, porque ter amigos e conhecidos é uma alegria em si mesmo. Hoje, nas grandes cidades, você vive num prédio e não conhece os seus vizinhos. Num prédio podem viver cem pessoas que não se conhecem entre si. Viver numa multidão, mas no entanto estar só.

A minha ideia de uma comuna é a de viver em pequenos grupos, o que lhe dá espaço suficiente e, no entanto, viver numa relação próxima e afetiva. A comuna trata dos seus filhos, as suas necessidades são supridas pela comuna, a sua saúde é tratada pela comuna. A comuna torna-se uma autêntica família, sem qualquer das doenças que as famílias criaram no passado. É uma família livre e em movimento constante.

Não há casamento nem divórcio. Se duas pessoas querem estar juntas, podem estar juntas e, se um dia não quiserem estar juntas, isso está perfeitamente correto. A decisão de viverem juntos foi sua; agora podem escolher outros amigos. De facto, numa vida, por que não muitas vidas? Por que não enriquecê-las? Por que deverá um homem ligar-se a uma mulher ou uma mulher fixar-se num homem a menos que eles se apreciem tanto mutuamente que queiram estar juntos para sempre?

Mas, olhando para o mundo, a situação é clara. As pessoas gostariam de ser independentes das suas famílias; as crianças querem ser independentes das suas famílias. Num outro sentido, um pequeno rapaz da Califórnia fez algo único e especial. Ele queria sair e brincar, o que não é nada de especial. Todas as crianças devem ser autorizadas a sair e a brincar. Mas a mãe e o pai insistiram: “Não, não vais lá para fora; brinca dentro de casa.” E o rapaz matou ambos, a mãe e o pai. E brincou dentro de casa! Há um limite, sempre que se ouve “não, não, não…“.

Na América, a proporção média para que maridos e mulheres se separarem é de três anos. É a mesma proporção das pessoas que mudam de emprego; é a mesma proporção das que mudam de cidade. Parece haver alguma coisa especial nos três anos! Parece ser o limite que uma pessoa consegue tolerar. Para lá disso. Torna-se intolerável. Assim, as pessoas mudam de mulheres e maridos, as pessoas mudam de cidade, as pessoas mudam de emprego.

Mas, numa comuna, não há necessidade de qualquer agitação. Você pode despedir-se a qualquer momento e continuar a ser amigo das pessoas porque, quem sabe, dois anos depois você poderá ter esquecido todos os problemas e poderá querer experimentar outra vez; ou talvez tenha caído nas mãos de um homem pior ou de uma mulher pior, arrepende-se e quer voltar atrás! Mas será uma vida mais rica; você terá conhecido muitos homens e muitas mulheres. Cada homem tem a sua própria singularidade e cada mulher tem a sua própria singularidade.

As comunas podem igualmente trocar pessoas, se alguém quiser mudar para outra comuna e a outra comuna estiver disposta a aceitar essa pessoa. A outra comuna pode dizer: “Se alguém quiser ir para a vossa comuna, a mudança é possível - porque nós não queremos aumentar a nossa população.” As pessoas podem decidir. Você pode publicitar-se; pode dar-se o caso de uma mulher se apaixonar por si, ou de algumas pessoas ficarem amigas. Alguém pode ter-se aborrecido nessa comuna e querer mudar…

O mundo deve ser, todo, uma única humanidade, dividida somente em pequenas comunas com uma base prática: sem fanatismos, sem racismo, sem nacionalismo. E, pela primeira vez, podemos esquecer que a guerra existe. Podemos levar uma vida honesta, digna de ser vivida, digna de ser apreciada; divertida, meditativa, criativa, e dar a cada homem e a cada mulher oportunidades iguais para crescer e permitir o florescimento do seu potencial.

Parte 4

S O L I D Ã O

Qualquer esforço dirigido no sentido de evitar a solidão falhou e continuará a falhar, porque é contra os fundamentos da vida. O que necessita não é de algo que lhe permita esquecer a sua solidão. O que é necessário é que você se torne consciente da sua solidão, de que ela é uma realidade. E é tão bela de experimentar, de sentir, porque é a sua forma de se libertar da multidão, do outro. É a sua libertação do medo de estar só.

Capítulo 14

A Solidão é a Sua Natureza

A primeira coisa a perceber, quer queira ou não, é que está só. A solidão é a sua natureza. Pode tentar esquecê-lo, pode tentar não estar só fazendo amigos, tendo amantes, misturando-se com a multidão... Mas tudo isso é superficial. No seu interior, a sua solidão mantém-se distante, intocável.

Um estranho acidente acontece com todos os seres humanos: quando nasce, a própria situação do seu nascimento começa na família. E não há outro meio, porque a criança humana é a cria mais frágil de toda a existência. Outros animais nascem completos. Um cão irá permanecer um cão toda a sua vida, não irá evoluir, crescer. Sim, ele irá crescer e envelhecer, mas não se tornará mais inteligente, não ficará mais consciente, não ficará mais esclarecido. Nesse sentido todos os animais permanecem exatamente no ponto do seu nascimento; nada de essencial muda neles. A sua morte e o seu nascimento são horizontais - seguem uma linha.

Só o homem tem a possibilidade de evoluir na vertical, para cima, e não só na horizontal. A maioria da humanidade comporta-se como os outros animais: a vida é só amadurecimento e não crescimento. Crescer e amadurecer são experiências totalmente diferentes.

O homem nasce numa família e entre seres humanos. Desde o primeiro momento, ele não está só; daí que ele fique com a ideia de que permanecerá sempre entre pessoas. Quando está só, começa a sentir-se assustado... a recear o desconhecido. Ele não está totalmente consciente do que receia, mas, à medida que se afasta da multidão, algo dentro dele começa a sentir-se desconfortável. Estando com os outros, sente-se aconchegado, à vontade, confortável.

É por esse motivo que nunca chega a conhecer a beleza da solidão; o medo impede-o. Porque ele nasceu num grupo e permanece parte de um grupo; à medida que amadurece começa a fazer parte de novos grupos, novas associações, e a fazer novos amigos. As coletividades já existentes não o satisfazem - a nação, a religião, os partidos políticos -, e portanto cria novas associações; o Rotary Club, o Lyons Club, etc. Mas todas estas estratégias estão só ao serviço de uma coisa: nunca estar só.

Toda a experiência de vida passa por se estar com pessoas. A solidão parece-se quase com a morte. De certo modo é a morte; é a morte da personalidade que você criou na multidão. Essa é a dádiva dos outros para si. No momento em que se afasta da multidão, afasta-se igualmente da sua personalidade.

Entre a multidão, você sabe exatamente quem é. Sabe o seu nome, sabe que informação consta no seu grau de ensino, conhece a sua profissão; o seu passaporte e o seu bilhete de identidade. Mas no momento em que se afasta da multidão, qual é a sua identidade? Subitamente, apercebe-se de que não é o seu nome - o seu nome foi-lhe dado. Pertence a uma raça - que relação tem a raça com a sua consciência? O seu coração não é hindu ou islâmico; o seu ser não está confinado a quaisquer laços políticos de uma nação; a sua consciência não é parte de uma organização ou Igreja. Quem é você?

Subitamente, a sua personalidade começa a dispersar-se. Aqui é que surge o medo: a morte da personalidade. Agora você tem de se descobrir a partir do zero, você tem de se perguntar pela primeira vez quem é você. Tem de começar a meditar nessa questão. Quem sou eu? E surge o medo de que você não seja nada! Talvez você não seja senão uma associação de todas as opiniões da multidão, você seja só a sua personalidade.

Ninguém quer ser nada. Ninguém quer ser um zé-ninguém e de facto toda a gente *é* ninguém.

Há uma história muito bela...

> Alice chegou ao País das Maravilhas. Ela vai conhecer o rei e o rei perguntou-lhe: "Alice, encontraste um mensageiro que vinha ter comigo?"
> Ela respondeu: "Não encontrei ninguém."
> O rei disse: 'Se tu encontraste Ninguém, porque é que ele ainda não chegou?"
> Alice ficou muito intrigada e disse: "Não me está a compreender. Ninguém é ninguém."
> O rei disse: "É óbvio que Ninguém é Ninguém, mas onde é que ele está? Nesta altura ele já deveria ter chegado aqui. Isso simplesmente significa que Ninguém é mais lento do que tu."

Naturalmente Alice ficou muito aborrecida e esqueceu-se de que estava a falar com o rei. Disse: "Ninguém anda mais depressa do que eu."

E toda a conversa prossegue com esse "ninguém". Ela entende que ele está a dizer "Ninguém anda mais lentamente do que tu."

"...e eu sou uma caminhante veloz. Eu vim de outro mundo para o País das Maravilhas, um mundo pequeno - e ele está a insultar-me." Naturalmente ela riposta: "Ninguém anda mais depressa do que eu!"

O rei responde: "Mas se isso é verdade, por que é que ele ainda não chegou?"

E assim a discussão prossegue.

Toda a gente é ninguém.

O primeiro problema para o que busca é compreender a natureza exata da solidão. Significa ausência de alguém; significa perder a sua personalidade, que é uma dádiva para si da multidão. À medida que você se afasta da multidão,

não pode levar essa dádiva consigo para a sua solidão. Na sua solidão, tem de se descobrir de novo, limpo, e ninguém lhe pode garantir que encontrará alguém dentro de si.

Aqueles que atingiram a solidão não encontraram ninguém lá. Eu quero dizer *realmente* ninguém - nenhum nome, nenhuma forma, mas a presença pura, a vida pura, inominável, sem forma. Esta é exatamente a verdadeira ressurreição e, certamente, é preciso coragem. Somente pessoas muito corajosas foram capazes de aceitar com alegria a sua ausência de ser, a sua insignificância. A sua insignificância é o seu ser puro; é simultaneamente uma morte e uma ressurreição.

Ainda hoje a minha secretária me mostrou um pequeno e belo cartão: Cristo na cruz, olhando o céu, diz: "Teria sido melhor que para além de Deus, o Pai, eu tivesse Alá, o Tio. Teria sido melhor; porque se ao menos Deus não estivesse a ouvir, Alá poderia ter dado uma ajuda."

Não tendo senão Deus por companhia durante toda a sua vida, proclamou com felicidade: "Eu sou o único Filho gerado por Deus." E ele nunca falou acerca da família de Deus, do seu irmão, da sua mulher, dos seus outros filhos e filhas. Em toda a eternidade, o que é que Deus tem estado a fazer? Ele não tem televisão para perder tempo, para passar o tempo. Ele não tem qualquer possibilidade de ter um ecrã de cinema. O que é que este pobre sujeito continua a fazer?

É um facto bem conhecido que em países pobres a população continua a expandir-se, pelo simples motivo de que o homem pobre não tem outro entretenimento. O único entretenimento à borla é fazer filhos. Ainda que a longo prazo seja muito dispendioso, não tem de se comprar bilhetes, não tem problemas, não tem de se estar na fila…

O que está Deus a fazer na eternidade? Ele só fez um filho. Agora, na cruz, Jesus apercebe-se de que seria melhor se Deus tivesse alguns irmãos, irmãs, tios. "Eu poderia ter pedido apoio a outra pessoa se ele não me tivesse ouvido." Ele está a rezar e está zangado, dizendo: "Por que é que me esqueceu? Desistiu de mim?" Mas não há resposta. Ele espera um milagre. Toda a multidão espera o milagre. Toda a multidão está reunida para ver o milagre e, a pouco e pouco, começa a dispersar. Está muita quente e a multidão espera em vão. Não acontece nada; se alguma coisa devesse acontecer, já teria acontecido.

Seis horas depois, só ali estavam três mulheres, que ainda acreditavam que um milagre poderia acontecer. Uma era a mãe de Jesus - naturalmente, as mães continuam a acreditar na genialidade dos seus filhos. Cada mãe, sem exceção, acredita que deu origem a uma criança que é um gigante. A outra mulher, que amava Jesus, era uma prostituta, Maria Madalena. Essa mulher, ainda que fosse uma prostituta, deveria ter amado Jesus. Mesmo os discípulos, os ditos apóstolos, que depois de Jesus desempenharam um papel importante na história

do Cristianismo, fugiram com medo de serem capturados e reconhecidos - porque eles acompanhavam Jesus por todo o lado. Nunca se pode confiar na multidão: se eles fossem apanhados, poderiam ser crucificados, ou pelo menos espancados e apedrejados até à morte. Somente três mulheres permaneceram. A terceira era outra mulher que amava Jesus. Foi o amor que permaneceu nos últimos momentos, na forma destas três mulheres.

E todos aqueles discípulos deveriam ter estado com Jesus só para poderem entrar no paraíso. É sempre bom ter bons contatos, e você não pode encontrar melhor contato do que o único Filho gerado por Deus. Atrás dele, eles poderiam ser igualmente capazes de entrar pelos portais do paraíso. Os seus discípulos eram uma espécie de exploradores de Jesus; não tinham coragem. Era só astúcia e esperteza, mas não coragem.

Só o amor pode ser corajoso. Você ama-se? Ama a sua existência? Ama esta vida bela, que é uma dádiva? Foi-lhe dada sem que o seu ser estivesse preparado para ela, sem que o merecesse, sem que fosse digno dela. Se ama esta existência que lhe deu vida, que lhe proporciona cada momento de vida e que o alimenta, então encontrará coragem. E esta coragem auxiliá-lo-á a ficar só como o cedro-do-líbano - alto, atingindo as estrelas, mas só.

Na solidão, desaparecerá o seu ego e a sua personalidade e ver-se-á a si mesmo como a própria vida, imortal e eterna. A menos que você seja capaz de estar só, a sua busca da verdade continuará a ser um fracasso.

A sua solidão é a sua verdade. A sua solidão é a sua divindade.

A função de um mestre é ajudar o outro a estar só. A meditação é só uma estratégia para afastar a sua personalidade, os seus pensamentos, a sua mente, a sua identificação com o corpo, e deixá-lo absolutamente só dentro de si, como um fogo vivo. Quando encontrar o seu fogo vivo, conhecerá todas as alegrias e todos os êxtases de que a consciência humana é capaz.

> A mulher idosa observava o seu neto a comer a sopa com a colher errada, agarrar na faca pela extremidade errada, comer o prato principal com as mãos e deitar chá no pires e beber por ele.
> "Observar o teu pai e a tua mãe à mesa não te ensinou nada?", perguntou ela.
> "Sim", disse o rapaz, a mastigar com a boca aberta, "a nunca me casar."

Ele aprendeu uma grande lição! Permanecer só.

É de facto muito difícil estar com os outros, mas nós estamos habituados desde o nosso nascimento a estar com os outros. Poderá ser infeliz, poderá ser um sofrimento, poderá ser uma tortura, mas nós estamos habituados; pelo menos é território conhecido. A pessoa tem medo de caminhar na escuridão para lá deste território, mas tem de o fazer para poder encontrar.

Groucho Marx fez uma bela afirmação: “Eu considero a televisão muito educativa. Sempre que alguém liga a televisão, eu vou para a sala ao lado e leio um livro.”

> O professor de uma turma de alunos de dez anos é demasiadamente tímido para conduzir a educação sexual do grupo e portanto propõe-lhes que façam um projeto como trabalho de casa.
> O pequeno Hymie fez algumas perguntas ao seu pai, que murmurou algo acerca de uma cegonha.
> A sua avó disse-lhe que ele provinha de uma folha de couve e a sua bisavó corou e murmurou que as crianças vêm do grande oceano da existência.
> No dia seguinte, o pequeno Hymie é chamado pelo professor para descrever o seu projeto. Hymie diz ao professor: “Receio que haja qualquer coisa de errado na minha família. Aparentemente, ninguém faz amor há três gerações.”

De facto, muito poucas pessoas amaram. Elas fingiram-no, foram hipócritas enganando não só os outros, mas enganando-se a elas próprias. Só se pode amar autenticamente quando se é. Neste momento você é somente parte de uma multidão, um parafuso numa máquina. Como pode amar? Porque você não é. Primeiro seja; primeiro conheça-se a si mesmo.

Na sua solidão, você descobrirá o que é ser. E de dentro dessa consciência do seu ser o amor flui. A solidão deverá ser a sua única busca.

E isso não significa que tenha de ir até às montanhas. Pode estar só no mercado. É simplesmente uma questão de estar consciente, alerta, atento, lembre-se de que você é simplesmente a sua própria vigilância. Por entre a multidão você observa a multidão; nas montanhas você observa as montanhas. Com os olhos abertos, observa a existência; com os olhos fechados observa-se a si mesmo. Você é somente urna coisa: o observador.

E esse observador é a maior realização. Esta é a sua natureza de buda; este é o seu instrutor, o seu despertar. Esta deve ser a sua única disciplina. Somente isto faz de si um discípulo, nesta disciplina de conhecer a sua solidão. De outro modo, o que faz de si um discípulo? Você foi enganado em todos os outros pontos da vida. Foi-lhe dito que acreditar num mestre faz de si um discípulo - isso é absolutamente errado; de outro modo, toda a gente no mundo seria um discípulo. Alguém acredita em Jesus, alguém acredita em Buda, alguém acredita em Krishna, alguém acredita em Mahavira; alguém acredita em alguém, mas ninguém é um discípulo, porque ser um discípulo não significa acreditar num mestre. Ser um discípulo significa aprender a disciplina de ser você mesmo.

Nessa experiência está escondido o próprio segredo da vida. Nessa experiência você é pela primeira vez um imperador; de outro modo, continua a ser um pedinte na multidão. Há dois tipos de pedintes: os pedintes pobres e os pedintes ricos, mas todos são pedintes. Mesmo os vossos reis e rainhas são pedintes.

Somente essas pessoas, muito poucas pessoas que permaneceram sós no seu ser, na sua claridade, na sua luz, que encontraram a sua própria luz, que encontraram o seu próprio florescimento, que encontraram o seu próprio espaço a que podem chamar lar, o seu lar eterno - essas poucas pessoas são os imperadores. Todo este universo é o seu império. Eles não precisam de o conquistar, já está conquistado.

Por se conhecer a si mesmo, você conquistou-o.

Capítulo 15

Estranhos a Nós Mesmos

Nós nascemos sozinhos, vivemos sozinhos e morremos sozinhos. A solidão é a nossa verdadeira natureza, mas não estamos conscientes dela. Porque não estamos conscientes dela, permanecemos estranhos a nós mesmos e, ao invés de vermos a nossa solidão como uma enorme beleza e bem-aventurança, silêncio, paz e equilíbrio relativamente à existência, confundimo-la com isolamento.

O isolamento é confundido com a solidão. Logo que confunda a sua solidão com isolamento, todo o contexto muda. A solidão tem beleza e grandiosidade, é positiva; o isolamento é pobre, negativo, sombrio, triste.

O isolamento é um fosso. Algo esta em falta, algo é necessário para o preencher e nada o pode preencher, pois é um mal-entendido. À medida que você envelhece, o fosso aumenta. As pessoas têm tanto medo de estar sós que fazem todo o tipo de coisas estúpidas. Já vi pessoas a jogar às cartas sozinhas; o outro parceiro não está lá. Inventaram-se jogos em que a mesma pessoa joga às cartas dos dois lados.

Aqueles que conheceram a solidão dizem algo completamente diferente. Dizem que não há nada mais belo, mais sereno, mais alegre que estar só.

O homem comum vai tentando esquecer a sua solidão, e o que medita começa a ficar cada vez mais familiarizado com a sua solidão. Ele abandonou o mundo; ele foi aos subterrâneos, às montanhas, às florestas, só para poder estar só. Ele quer saber quem é. Na multidão, é difícil; há tantas perturbações. E aqueles que conheceram a sua solidão conheceram a maior felicidade possível aos seres humanos - porque o seu próprio ser é bem-aventurado.

Depois de estar sintonizado com a sua solidão, pode relacionar-se com os outros; então as suas relações podem trazer-lhe grandes alegrias, porque elas não provêm do medo. Encontrada a sua solidão, pode criar, pode envolver-se em tantas coisas quantas queira, porque esse envolvimento não será uma fuga de si mesmo. Agora será a sua expressão; agora será a manifestação de tudo o que é o seu potencial.

Mas a primeira coisa a fazer é conhecer a sua solidão em absoluto.

Eu recordo: não confunda solidão com isolamento. Isolamento é certamente doentio; solidão é a saúde perfeita. O seu primeiro e mais primário passo para encontrar o significado e o significante da vida é entrar na sua própria solidão. É o seu templo; é onde habita o seu Deus, e você não consegue encontrar esse templo noutro lugar.

Capítulo 16

Solitários e Eleitos

Jesus disse:

Abençoados os solitários e eleitos, pois vocês encontrarão o reino; e porque viestes dele, entrareis nele de novo.

Do Evangelho de São Tomás[25]

---

25. Evangelho de São Tomás - Um dos Evangelhos apócrifos, eliminados do cânone da Igreja Católica. (N. do T.)

O impulso mais profundo no homem é ser totalmente livre. A liberdade, *moksha*[26], é o seu objetivo. Jesus chama-lhe o "reino de Deus" - para ser como os reis, simbolicamente, para que não haja nenhuma grilheta na sua existência, nenhuma prisão, nenhuma limitação; você existe como infinito, em nenhum outro lugar você se choca com outra pessoa... é como se estivesse só. Liberdade e solidão são dois aspetos da mesma coisa. Por isso o místico jainista Mahavira designou o seu conceito de liberdade "*kaivalya*". *Kaivalya*[27] significa estar completamente só, como se não existisse mais ninguém. Quando está absolutamente só, quem poderá constituir uma prisão para si? Quando nada mais existe, quem será o outro?

---

26. Moksha - Uma das palavras mais empregues no Hinduísmo para se referir à libertação ou à salvação. Afirma-se tradicionalmente que é um dos quatro objetivos finais da vida. (N. do T.)

27. Kaivalya - Para os seguidores do ioga, é o conceito de libertação que se alcança através da purificação do processo psicológico individual. (N. do T.)

Aqueles que buscam a liberdade têm de encontrar a sua solidão; têm de encontrar uma via, um meio, um método para atingirem a sua solidão.

O homem nasceu como parte do mundo, como membro da sociedade, da família, como parte de outros. Ele é educado, não como um ser solitário, mas como um ser social. Toda a instrução, educação e cultura consiste em fazer a criança integrar-se na sociedade, integrá-la no meio onde os outros também estão inseridos. Isto é o que os psicólogos definem como "ajustamento". E sempre que alguém é um solitário, parece inadaptado.

A sociedade existe como uma rede, um padrão de muitas pessoas, uma multidão. Aí você pode ter alguma liberdade - a um alto preço. Se você segue a

sociedade e se você é obediente, eles concedem-lhe um pequeno mundo livre. Se se torna um escravo, a liberdade é-lhe concedida. Mas como é uma liberdade que lhe é concedida, também lhe pode ser retirada a qualquer momento. E é-lhe concedida com um grande custo: é um ajuste com os outros, por isso podem surgir limites.

Na sociedade, na existência social, ninguém pode ser absolutamente livre. A própria existência do outro criará problemas. Sartre disse: “O outro é o inferno”, e ele tem razão, porque o outro cria tensões em si; você está preocupado por causa do outro. Irá dar-se um choque, porque o outro anda em busca da liberdade absoluta e você também anda em busca da liberdade absoluta - toda a gente precisa da liberdade absoluta - e a liberdade absoluta só pode existir para um.

Mesmo os seus ditos reis não são absolutamente livres, não podem ser. Eles podem aparentar liberdade, mas ela é falsa: eles têm de ser protegidos, dependem de outros. A sua liberdade é só uma fachada. Mas, enfim, devido a esta ânsia de se ser absolutamente livre, qualquer pessoa pretende ser rei ou um imperador. O imperador dá a falsa impressão de que é livre.

Qualquer pessoa quer ser muito rica, porque os ricos dão igualmente a falsa impressão de que são livres. Como pode um homem pobre ser livre? As suas necessidades são uma prisão e ele não pode satisfazer as suas necessidades. Para onde quer que se mova, depara-se com um muro que não consegue transpor. Daí o desejo de riqueza. Bem no fundo está o desejo de ser absolutamente livre, e todos os desejos advêm daí. Mas se se desloca em direções falsas, pode continuar a mover-se, mas nunca atingirá o seu objetivo, porque desde o início que o objetivo era errado - você perdeu o primeiro passo.

Em hebraico antigo, a palavra pecado é muito bela. Significa aquele que perdeu o caminho. Não existe nenhum sentido de culpa, realmente; pecado significa aquele que perdeu o caminho, que se extraviou. E a religião existe como uma força antissocial. A sua própria natureza é antissocial, porque em sociedade a liberdade absoluta não é possível.

O objetivo é a liberdade absoluta; a religião é só um meio de a atingir. É por isso que se tem de compreender que a religião é uma força antissocial. A sua própria natureza é antissocial, porque, na sociedade, a liberdade absoluta é impossível.

A psicologia, por outro lado, está ao serviço da sociedade. O psiquiatra tenta por todos os meios ajustá-lo de novo à sociedade; ele está ao serviço da sociedade. A política, claro, está ao serviço da sociedade. Dá-lhe alguma liberdade para que seja transformado em escravo. Essa liberdade é só um suborno - pode ser-lhe retirada a qualquer momento. Se você pensa que é realmente livre, rapidamente pode ser atirado para a prisão.

Política, psicologia, cultura, educação, todas servem a sociedade. A religião só por si é rebelde. Mas a sociedade enganou-o, criou as suas próprias religiões: Cristianismo, Hinduísmo, Budismo, Islamismo - estas são artifícios sociais. Jesus é antissocial. Observem Jesus - ele não era um homem muito respeitável, não podia ser. Ele dava-se com os maus elementos, os elementos antissociais. Ele era um vagabundo, um extravagante - tinha de ser, porque ele não ouvia a sociedade e não se adaptaria a ela. Ele criou uma sociedade alternativa, um pequeno grupo de seguidores.

Os *Ashrams*[28] existiram como forças antissociais - mas não todos os *ashrams*, porque a sociedade tenta sempre enganá-lo. Se existem cerca de cem *ashrams*, então poderá existir somente um - e mesmo esse - que seja um verdadeiro *ashram*, porque funcionará como uma sociedade alternativa, contra a sociedade, contra a multidão inominável. Existiram escolas - por exemplo, os mosteiros de Buda em Bihar - que tentaram criar uma sociedade que não é uma verdadeira sociedade. Eles criam formas e meios para o fazer realmente e de uma forma completamente livre - sem nenhuma prisão, sem disciplina de qualquer tipo, sem cadeias. É-lhe permitido ser infinito, ser o todo.

---

28. Ashrams - Comunidade espiritual hindu que agrupa aqueles que possuem inquietações espirituais idênticas. (N. do T.)

Jesus é antissocial, Buda é antissocial - mas o Cristianismo não é antissocial, o Budismo não é antissocial. A sociedade é muito astuta; absorve de imediato os fenómenos antissociais para o social. Cria uma fachada, dá-lhe um nome falso e as pessoas ficam felizes, tal como as crianças muito pequenas a quem é dado um seio falso, de plástico, como forma de as sossegar. Elas continuam a chuchar e sentem que estão a ser alimentadas. Acalma-as e é claro que elas adormecem. Sempre que uma criança está inquieta, isto tem de ser feito: tem de se lhe dar um seio falso. Ela chucha acreditando que se está a alimentar. E continua a chuchar e o chuchar torna-se um processo monótono; nada é absorvido, só o chuchar e torna-se como que um mantra! E então volta a adormecer. Aborrecida, sonolenta, ela adormece.

O Budismo, o Cristianismo, o Hinduísmo e todos os outros “ismos” que se tornaram religiões estabelecidas, são só pacificadores. Elas dão-lhe consolo e um bom sono, permitem-lhe uma existência suave em toda esta escravidão que o rodeia; dão-lhe a sensação de que está tudo bem, de que nada está mal. Elas são uma espécie de calmantes. Elas são drogas.

Não é só o LSD que é uma droga. O Cristianismo também o é - é uma droga muito complexa e subtil, que lhe dá uma espécie de cegueira. Você não pode ver o que está a acontecer. Você não consegue sentir como está a desperdiçar a sua vida, você não consegue aperceber-se da doença que foi acumulando

através de tantas existências. Você está sentado num vulcão e continuam a dizer-lhe que está tudo bem: “Deus no céu e o governo na Terra - está tudo bem.” E os sacerdotes continuam a dizer-lhe: “Você não precisa de se preocupar, nós estamos aqui. Deixe tudo nas nossas mãos que nós tratamos de si neste mundo e também no outro.” E você deixou que eles o fizessem, e é por isso que se sente infeliz.

A sociedade não lhe pode dar a liberdade. É impossível, porque a sociedade não pode fazer toda a gente absolutamente livre. Então, o que fazer? Como ir para lá da sociedade? Essa é a questão que se deve colocar a uma pessoa religiosa. Mas parece impossível: para onde quer que você se vire, a sociedade está lá. Você pode ir de uma sociedade para outra, mas a sociedade continua a existir. Você até pode ir para os Himalaias e criar uma sociedade lá. Você começará a falar com as árvores, porque é muito difícil estar só, Começará a fazer amizade com as aves e com os animais e, mais tarde ou mais cedo, nascerá uma família. E esperará todos os dias pela ave que vem de manhã e canta.

E lentamente começa a tornar-se dependente, o outro entra na sua vida. Se a ave não vier, você sentirá uma certa ansiedade: o que é que terá acontecido ao pássaro? Por que é que ele ainda não veio? Surge a tensão, e isto não é muito diferente de quando você estava preocupado com a sua mulher ou com o seu filho. Esta forma não é muito diferente, é o mesmo padrão - o outro. Mesmo que se mude para os Himalaias, você acaba de criar uma sociedade.

Convém perceber que a sociedade não é exterior a si, é algo que existe dentro de si. E a menos que a raiz das causas que existe dentro de si desapareça, onde quer que você vá, a sociedade irá de novo existir, uma vez mais e outra e outra.

Mesmo que você vá para uma comunidade hippie, a sociedade irá consigo; tornar-se-á uma força social. Se você for para um *ashram*, a sociedade acompanhá-lo-á. Não é a sociedade que o segue, ela está em si. Você acaba sempre por criar uma sociedade à sua volta - você é um criador. Existe alguma coisa em si, tal como uma semente, que cria a sociedade. Isto mostra que, a menos que você se transforme completamente, nunca poderá ir para além da sociedade, pois criará a sua própria sociedade. E todas as sociedades são o mesmo; as formas podem mudar, mas o padrão básico mantém-se o mesmo.

Por que não pode você viver sem ser em sociedade? Existe atrito! Mesmo nos Himalaias, você estará à espera de alguém. Poderá estar sentado debaixo de uma árvore, mas esperará alguém, um viajante, um caçador, que passe pela estrada. E se alguém se aproxima, sentirá alguma felicidade. Só, sente-se triste, mas se vier um caçador, podem trocar futilidades. Você perguntará: “O que está a acontecer no mundo? Tem o último jornal?” Ou, por exemplo, “conte-me as novidades! Estou faminto, sedento delas.”

Porquê? As raízes têm de ser trazidas à luz para que você as entenda.

Você tem necessidade de se sentir útil, tem uma necessidade profunda de se sentir útil. Se ninguém precisa de si, você sente-se insignificante, sem sentido. Se alguém precisa de si, dá-lhe significado: fá-lo sentir importante. E continua a dizer: “Tenho de tomar conta da minha mulher e dos meus filhos”, como se os transportasse como um fardo - você está errado. Fala como se fosse uma grande responsabilidade e como se estivesse a cumprir um dever. Você está errado! Pense: se a sua mulher o tivesse deixado e os seus filhos desaparecessem, o que faria? Subitamente acharia que a sua vida tinha perdido o sentido, porque eles precisavam de si. Crianças pequenas, elas esperavam por si, davam-lhe sentido, você era importante para elas. Agora que ninguém precisa de si, você encolhe-se. Porque quando ninguém precisa de si. Ninguém lhe presta atenção; quer esteja ou não, não há qualquer diferença.

A psicanálise e os seus negócios dependem simplesmente do ato de ouvir. Não há nada de especial na psicanálise e tudo o que a rodeia é quase um completo abracadabra. Mas, então, por que continua a ir às consultas? Um homem lhe presta muita atenção - e não é um homem comum, é um psiquiatra famoso, conhecido, que escreveu numerosos livros. Ele tratou muita gente conhecida, o que o faz sentir bem. Mais ninguém o ouve, mais ninguém lhe presta atenção; você desloca-se pelo mundo como uma não entidade, um zé-ninguém - e você paga tanto ao psiquiatra. É um luxo, só gente muito rica o pode fazer.

Mas por que é que eles fazem o que fazem? Eles simplesmente deitam-se no sofá e falam, e o psicanalista ouve - mas ele ouve-o, ele presta-lhe atenção. É claro que você tem de lhe pagar, mas você sente-se bem. Simplesmente porque o outro lhe está a prestar atenção, você sente-se bem e caminha de modo diferente quando sai do consultório, a sua qualidade mudou. Você sente uma dança nos seus pés, sente vontade de cantarolar, de cantar. Poderá não ser para sempre - na próxima semana terá de voltar ao consultório - mas quando alguém o ouve e lhe presta atenção, está a dizer: “Você é alguém, vale a pena ouvi-lo.” Ele não parece aborrecido. Ele poderá não dizer nada, mas mesmo assim é muito bom.

Você tem uma forte necessidade de que os outros precisem de si. Alguém tem de precisar de si, de outro modo parece que o chão lhe foge dos pés - a sociedade é a sua necessidade. Mesmo que alguém discuta consigo, não faz mal, é melhor do que estar só, porque pelo menos ele está a prestar-lhe atenção - o inimigo, você pode pensar nele.

Sempre que você ama, observe essa necessidade. Repare nos amantes, observe-os, o que será difícil se você também amar. Então observar é difícil, porque você está quase louco, não está em si. Mas observe os amantes; eles dizem-se mutuamente “Amo-te”, mas bem no fundo dos seus corações eles querem é ser amados. Amar não é o cerne, ser amado é que é - e eles amam só para serem amados. O aspeto básico não é amar, mas ser amado.

Daí que os amantes continuem a queixar-se mutuamente: “Não me amas o suficiente,” Nada é suficiente, nada pode ser suficiente, porque a necessidade é infinita. E a dependência é infinita. O que quer que o amante faça, você achará sempre que era possível um pouco mais; pode esperar sempre mais, pode imaginar sempre mais. E então acha que falta alguma coisa, sente-se frustrado. Cada amante pensa: “Eu amo-o, mas o outro não está a reagir bem”, e o outro pensa nos mesmos termos. O que se passa?

Ninguém ama. E a menos que se torne um Jesus ou um Buda, você não pode amar, porque somente alguém cuja grande necessidade de ser necessário tenha desaparecido poderá amar.

No livro de Kahlil Gibran, *Jesus*, *o Filho do Homem*, ele criou uma história fictícia mas bela - e por vezes as ficções são mais factuais do que a realidade. Maria Madalena olha pela janela e vê Cristo sentado no seu jardim debaixo de uma árvore. O homem é belo. Ela conheceu muitos homens, pois foi uma prostituta famosa - mesmo os reis batiam à sua porta, ela era uma das flores mais belas. Mas ela nunca conheceu um homem assim - porque uma pessoa como Jesus traz consigo uma aura invisível que o rodeia e que lhe dá uma beleza transcendente; ele não pertence a este mundo. Havia uma luz a rodeá-lo, uma graça na forma como ele caminhava, no modo como se sentava, como se fosse um imperador vestido de pedinte. Ele parecia vindo do outro mundo e Madalena disse aos seus servidores que se dirigissem a ele e o convidassem a entrar, mas Jesus recusou, dizendo: “Estou bem aqui. A árvore é bonita e dá-me sombra.”

Então Madalena dirigiu-se a Jesus e convidou-o a entrar - ela não podia que alguém recusasse o seu pedido. Ela disse: “Vem a minha casa e sê meu convidado.”

Jesus respondeu: “Já estive em tua casa. Já fui teu convidado. Agora não existe outra necessidade.”

Ela não conseguia entender e disse: “Não, vem e não te recuses - nunca ninguém me recusou. Não podes fazer algo tão simples? Torna-te meu hóspede. Come comigo hoje, fica comigo esta noite.”

Jesus respondeu: “Eu aceito. E lembra-te: aqueles que dizem que te aceitam, nunca te aceitaram; e aqueles que disseram que te amavam, nenhum deles alguma vez te amou. E eu digo-te, eu amo-te e só eu te posso amar.” Mas não entrava em casa; após descansar, ia-se embora.

O que é que ele disse? Ele disse: “Só eu te posso amar. Aqueles que estão sempre a dizer que te amam, não te podem amar, porque o amor não é nada que se possa fazer - é uma qualidade do seu ser.”

O amor acontece quando se atingiu uma alma cristalizada, um eu. Com o ego nunca acontece; o ego quer ser amado, porque esse é o alimento de que precisa. Você ama para ser considerada uma pessoa necessária. Você dá à luz

crianças, não porque ame as crianças, mas só porque você é necessária, só para que possa dizer: “Vejam tantas responsabilidades que eu tenho a meu cargo, tantos trabalhos que eu tenho de levar a cabo! Eu sou um pai, eu sou uma mãe…“ Isto só serve para glorificar o seu ego.

A menos que esta necessidade de ser necessário desapareça, você não pode ser um solitário. Vá aos Himalaias - e você criará uma sociedade. E se esta necessidade de ser necessário desaparecer, onde quer que você esteja, quer seja num mercado, no próprio centro da cidade, você estará só.

Agora tente entender as palavras de Jesus: *Abençoados os solitários e eleitos, pois vós encontrareis o reino; e porque vós vindes dele, entrareis de novo aí.*

Tente penetrar em cada palavra. *Abençoados os solitários*… Quem é o solitário? Aquele cuja necessidade de ser necessário desapareceu; aquele que está perfeitamente satisfeito consigo mesmo tal como é. Aquele que não precisa que alguém lhe diga: “Você é muito significativo.” O seu significado está dentro dele; portanto, o seu significado não provém de outros. Ele não suplica por ele, ele não pede por ele - o seu significado provém do seu próprio ser. Ele não é um pedinte e pode viver consigo próprio.

Você não pode viver consigo mesmo. Sempre que está só, sente-se desconfortável; sente imediatamente incómodo, desconforto, uma ansiedade profunda. O que fazer? Para onde ir? Vá até ao clube, vá à igreja ou ao teatro - mas vá a qualquer lado, conheça o outro. Ou simplesmente vá às compras. Para os ricos, comprar é o único jogo, o único desporto; eles vão às compras. Se você é pobre não precisa de entrar na loja, pode andar pelas ruas simplesmente a ver as montras. Mas vá!

Estar só é muito difícil, muito invulgar, extraordinário. Porquê esta ânsia? Porque sempre que você está só, todo o seu significado desaparece. Vá a uma loja e compre algo; pelo menos o vendedor dar-lhe-á significado… não o objeto, porque você só compra coisas inúteis. Você compra só pelo prazer de comprar. Mas o vendedor ou o dono da loja olham para si como se fosse um rei. Comportam-se como se dependessem de si - e você bem sabe que isso é só uma máscara. É como os empregados de balcão se comportam. O vendedor não está nada preocupado consigo; o seu sorriso é só um sorriso pintado. Ele sorri a toda a gente, não é nada de particular em relação a si. Mas você não vê estas coisas. Ele sorri e cumprimenta-o e recebe-o como a um convidado desejado. Você sente-se confortável, sente-se alguém, há gente que depende de si; este empregado de balcão estava à sua espera.

Você anda por todo o lado em busca de olhares que lhe deem um certo significado. Sempre que uma mulher olha para si, ela dá-lhe significado. Os psicólogos descobriram que sempre que você entra numa sala - numa sala de espera de um aeroporto, numa estação ou num hotel - se uma mulher olhar

duas vezes para si, ela está disponível para ser seduzida. Mas se uma mulher olhar só uma vez, não vale a pena, esqueça-a. Fizeram-se filmes e observou-se que isto é um facto, porque uma mulher olha duas vezes se quer ser apreciada e observada.

Um homem entra num restaurante - a mulher pode olhar uma vez, mas se ele não valer a pena, ela não olhará a segunda vez. E os caçadores de mulheres sabem-no, sabem isto há séculos! Os psicólogos só agora é que se aperceberam. Eles observam os olhos - se a mulher olha a segunda vez, está interessada. Agora muita coisa é possível, ela fez a alusão; ela está pronta para mudar consigo ou jogar o jogo do amor. Mas se ela não olhar a segunda vez para si, então a porta está fechada; é melhor ir bater a outra porta, esta porta está fechada para si.

Sempre que uma mulher olha para si, você torna-se importante, muito significativo; nesse momento você é único. Por isso o amor dá-lhe tanto brilho; o amor dá-lhe tanta vida e vitalidade.

Mas isto é um problema, porque a mesma mulher a olhar para si todos os dias não será uma grande ajuda. Por isso, os maridos fartam-se das suas mulheres, as mulheres fartam-se dos seus maridos - porque como é que você ganha o mesmo significado a partir dos mesmos olhos uma e outra vez? Você acostuma-se: ela é a sua mulher, não há nada a conquistar. Daí a necessidade de se tornar um Byron, daí a necessidade de se tornar um D. Juan e mudar de uma mulher para outra.

Lembre-se: isto não é urna necessidade sexual, não tem nada a ver com sexo - porque o sexo vai mais longe com uma mulher, em intimidade profunda. Isto não é sexo. Não é amor, claro que não, porque o amor quer permanecer com uma pessoa, sempre e para sempre, numa forma cada vez mais profunda; o amor move-se em profundidade. Isto não é amor nem sexo, é outra coisa: uma necessidade do ego. Se você consegue conquistar uma nova mulher todos os dias, sente-se muito, muito cheio de significado, sente-se um conquistador.

Mas se você se prende a uma mulher e mais ninguém olha para si, nenhuma outra mulher ou homem lhe dá significado, você sente-se ultrapassado. Por isso os maridos e as mulheres parecem tão sem vida, sem desejo. Você pode olhar e pode afirmar, mesmo de longe, se um casal é marido e mulher ou não. Se não são, você sente a diferença; eles estarão felizes a rir, conversar, apreciando-se mutuamente. Se são marido e mulher, então toleram-se um ao outro.

> O presente de vinte e cinco anos de casados do Mullah Nasruddin chegou, e ele estava a preparar-se para sair de casa nesse dia. A sua mulher sentiu-se um pouco irritada, porque esperava que ele fizesse algo diferente. Mas ele comportava-se de forma rotineira. Então perguntou: “Nasruddin, terás esquecido que dia é hoje?”
>
> Nasruddin respondeu: “Eu sei.”

Então ela perguntou: “Então faz qualquer coisa invulgar!”

Nasruddin pensou e disse: “Que tal dois minutos de silêncio?”

Sempre que sente que a vida está bloqueada, mostra que você pode ter pensado que era amor mas não era amor, era uma necessidade do ego - uma necessidade de conquista, de estar cada dia com um novo homem, uma nova mulher, novas pessoas. Se você conseguiu, então sente-se feliz durante algum tempo, porque não é uma pessoa comum. Este é o desejo do político - ser necessário em todo o país. O que é que Hitler tentou fazer? Ser necessário em todo o mundo.

Mas esta necessidade não lhe permite tornar-se solitário. Um político não se pode tornar religioso - ele move-se em direções opostas. Por isso Jesus disse: “É muito difícil para um homem rico entrar no reino de Deus. Um camelo pode passar pelo buraco de uma agulha, mas um homem rico dificilmente entrará no reino de Deus.” Porquê? - Porque um homem que acumula riquezas tenta tornar-se significativo pela sua prosperidade. Ele quer ser alguém e para essas pessoas a porta do reino está fechada.

Só os ninguéns entram lá, e apenas aqueles que tiveram consciência da sua insignificância, aqueles cujas naus estão vazias; que entenderam que as necessidades do ego são fúteis e neuróticas; que conseguiram penetrar nas necessidades do ego e as descobriram sem préstimo - não só inúteis, mas perigosas. As necessidades do ego podem enlouquecê-lo, mas nunca conseguirão satisfazê-lo.

Quem é um solitário? Aquele cuja necessidade de ser necessário desapareceu, que não procura nenhum significado nos seus olhos, nas suas respostas. Não! Se você lhe der o seu amor ele ficará grato, mas se não lho der não haverá qualquer razão de queixa. Se você não lho der, ele continuará como sempre. Se você o visitar ele ficará feliz, mas se não o fizer ele continuará feliz como antes. Se ele se move numa multidão, ele apreciá-lo-á, mas se viver num eremitério, ele também o apreciará.

Você não pode fazer infeliz um homem solitário, porque ele aprendeu a viver consigo mesmo e a ser feliz consigo próprio. Sozinho, ele é autossuficiente. Por isso, pessoas que se relacionam entre si nunca gostam que o outro se torne religioso - se o marido começa a interessar-se por meditação, a mulher sente-se perturbada. Porquê? Ele poderá nem ter consciência do que está a suceder ou por que é que ela se sente perturbada. Se a mulher começa a aproximar-se da religião, o marido sente-se perturbado. Porquê?

Um medo inconsciente surge conscientemente. O medo é que ela ou ele se estejam a tornar autossuficientes; esse é o medo. Assim, se perguntarem à mulher: “Você preferiria que o seu marido se tornasse um meditador ou um bêbado?”, e ela escolherá um bêbado, ao invés de um meditador. E se

perguntarem ao marido: “Você gostaria que a sua mulher se tornasse uma *sannyasin* ou se começasse a comportar de modo incorreto?”, ele escolheria a última hipótese.

Sannyasin significa alguém que é autossuficiente, que não precisa de ninguém, que não é de modo algum dependente. E isso provoca medo - e então você torna-se inútil. Toda a sua existência tem girado à volta dessa necessidade, que ele precisasse de si. Sem você ele não era nada, sem você a sua vida era fútil, um deserto; só com você ele florescia. Mas se você soubesse que ele podia florescer na sua solidão, então haveria perturbações, porque o seu ego ficaria perturbado.

Quem é o solitário? Jesus disse *abençoados os solitários*... Pessoas que podem viver sozinhas tão facilmente como se o mundo inteiro as acompanhasse, que se divertem consigo próprias como crianças pequenas.

As crianças muito pequenas podem divertir-se sozinhas. Freud tem uma denominação particular em relação a elas: polimorfas. Uma criança pequena diverte-se consigo, brinca com o seu próprio corpo, é autoerótica, chucha o seu próprio polegar. Se ela precisa de outra pessoa, essa necessidade é simplesmente física. Você dá-lhe o leite, vira-o, muda-lhe a roupa - são necessidades físicas. Ele ainda não tem quaisquer necessidades psicológicas. Ainda não se preocupa com o que as outras pessoas possam pensar dela, se a acham bonita ou não. Por isso todas as crianças são bonitas - porque elas não se preocupam com a sua opinião.

Nunca nasceu nenhuma criança feia, e todas as crianças se tornam, a pouco e pouco, feias. É muito difícil encontrar um homem velho bonito - é raro. É muito difícil encontrar uma criança feia - é raro. Todas as crianças são bonitas, todos os velhos são feios. O que se passa? Se todas as crianças nascem bonitas, elas deveriam morrer bonitas! Mas a vida faz algo...

Todas as crianças são autossuficientes - essa é a sua beleza; elas existem como uma luz em si mesmas. Todos os velhos são inúteis, aperceberam-se de que não são necessários. E quanto mais velhos ficam, mais o sentimento de que são desnecessários aumenta. Aqueles que precisaram deles desapareceram; as crianças cresceram, mudaram-se para criar as suas próprias famílias. A mulher morreu, ou o marido morreu. Agora o mundo já não precisa deles; ninguém os visita, ninguém os cumprimenta. Mesmo que eles deem um passeio, já ninguém sabe quem são. Eles poderão ter sido grandes executivos, diretores de empresas, presidentes de bancos, mas agora já ninguém os reconhece. Ninguém sente a sua falta. Sendo desnecessários, sentem-se fúteis; eles simplesmente aguardam a morte. E ninguém se preocupa... mesmo que eles morram, ninguém se vai preocupar. Mesmo a morte se torna feia.

Mesmo que você possa pensar que um milhão de pessoas irá chorar por si quando morrer, você irá sentir-se feliz - centenas e centenas irão prestar-lhe homenagem quando morrer.

Aconteceu uma vez. Um homem na América planeou a sua morte - ele é o único homem em toda a história do mundo que o fez. Ele queria saber como iriam as pessoas reagir quando ele morresse. Assim, antes de morrer, os médicos disseram-lhe que iria morrer dentro de doze horas, declarou a sua morte. E ele era um homem que possuía muitos circos, exposições, agências de publicidade e, portanto, sabia muito bem como publicitar o facto. De manhã, o seu agente declarou a toda a imprensa, à rádio, à televisão, que ele estava morto. Assim escreveram-se artigos e editoriais, começaram a "chover" chamadas telefónicas e houve muita comoção. E ele leu tudo e divertiu-se muito!

As pessoas são sempre boas quando morrem; você torna-se imediatamente um anjo, porque ninguém pensa que vale a pena dizer algo contra si agora que você morreu. Quando você está vivo, ninguém dirá nada acerca de si. Lembre-se: quando você morrer as pessoas ficarão muito felizes - pelo menos você fez uma coisa boa: morreu!

Toda a gente prestava homenagem a este homem, e isto e aquilo, e os fotógrafos começaram a chegar enviados pelos jornais - ele gozou tudo na perfeição. E então morreu, completamente em paz por tudo estar a correr tão bem.

Você precisa dos outros não somente enquanto está vivo - mas mesmo na sua morte… Pense sobre a sua morte: somente duas ou três pessoas, os seus empregados e um cão seguindo-o no último adeus. Mais ninguém, nem jornalistas, nem fotógrafos, nada - até os seus amigos faltaram. E toda a gente se sente muito feliz que esse fardo tenha terminado. Pense nisso, você fica triste. Mesmo na morte, a necessidade de ser necessário permanece. Que modo de vida é este? Só a opinião dos outros é que é importante, e não a sua? A sua existência não tem significado?

Quando Jesus disse *abençoados os solitários*, ele queria dizer isto: o homem que tenha conseguido ficar absolutamente feliz consigo mesmo, que consegue estar só nesta Terra e sem nenhuma mudança de humor, o clima interno não mudará. Se toda a gente desaparecesse na Terceira Guerra Mundial - o que pode acontecer a qualquer momento - e você ficasse só, o que faria? Exceto cometer suicídio, o que faria? Um solitário poderia sentar-se debaixo de uma árvore e tornar-se buda. O solitário seria feliz e cantaria e dançaria e deslocar-se-ia - o seu humor nunca mudaria. Você não pode mudar o humor de um solitário, não pode mudar o seu clima interno.

Jesus disse *Abençoados os solitários e os eleitos*… E estes são o povo eleito, porque aqueles que precisam de uma multidão serão atirados de novo e sempre para a multidão - essa é a sua necessidade, essa é a sua busca, esse é o seu

desejo. A existência realiza aquilo que você pede, e você é simplesmente a realização dos seus desejos passados. Não culpe os outros - você é aquilo por que rezou. E, lembre-se, este é um dos aspetos mais perigosos do mundo - o que quer que você deseje, será realizado.

Pense antes de desejar algo. Há toda a possibilidade de que seja realizado, e então você sofrerá. Isso é o que acontece ao homem rico. Ele era pobre, e então desejou riquezas, e desejou, e desejou, e agora o seu desejo realizou-se. Agora é infeliz, agora ele chora, soluça e diz: “Toda a minha vida se resumiu a acumular objetos inúteis, e sinto-me infeliz!” Mas esse foi o seu desejo. Se você deseja conhecimento, será realizado. A sua cabeça tornar-se-á uma imensa biblioteca, muitos escritos. Mas então, no fim, você chora e soluça e grita: “Só palavras e palavras e palavras e nada de substancial. Eu desperdicei toda a minha vida.”

O desejo deve ter total consciência, porque qualquer desejo está destinado a cumprir-se de um momento para o outro. Poderá levar algum tempo, porque você encontra-se sempre numa fila; muitos outros manifestaram desejos antes de si, por isso pode levar algum tempo. Por vezes, o desejo que teve nesta vida poderá ser satisfeito numa vida futura, mas os desejos são sempre satisfeitos; esta é uma das leis mais perigosas. Assim, antes de desejar, pense! Antes de pedir, pense! Lembre-se sempre de que se irá realizar um dia - e então você poderá sofrer.

Um solitário torna-se um eleito; ele é o escolhido, o primeiro escolhido da existência. Porquê? Porque um solitário nunca deseja nada deste mundo. Ele de nada precisa. Ele aprendeu tudo o que tinha de ser aprendido neste mundo; esta escola está terminada, ele já passou, transcendeu-a. Ele tornou-se um pico elevado, que permanece só no céu - ele tornou-se o eleito, o Gourishankar, o Evereste. Buda, Jesus, são picos elevados, picos solitários. Essa é a sua beleza; eles vivem sós.

O solitário é o eleito. O que é que o solitário escolheu? Só escolheu o seu próprio ser. E quando você escolhe o seu próprio ser, você escolhe o ser de todo o universo - porque o seu ser e o ser universal não são duas coisas. Quando você se escolheu a si mesmo, você escolheu Deus, e quando você escolheu Deus, Deus escolheu-o a si - e você tornou-se o eleito.

Abençoados os solitários e os eleitos, pois vós encontrareis o reino; e porque vós vindes dele, ele será vosso novamente.

Um solitário, um *sannyasin* - isso é o que *sannyasin* significa, um ser solitário, um ser errante, absolutamente feliz na sua solidão. Se alguém caminha a seu lado está bem, é bom. Se alguém o deixa está bem, é bom. Ele nunca espera por ninguém e nunca olha para trás. Só, ele é tudo. O ser, o todo, faz de si um círculo. E o princípio e o fim encontram-se, o alfa e o ómega encontram-se.

Um solitário não é uma linha. Você é como uma linha - o seu princípio e o seu fim nunca se encontrarão. Um solitário é um círculo, o seu princípio e o seu fim encontram-se. Isso é o que Jesus refere… *vós vindes dele, ele será vosso novamente* - você tornar-se-á uno com a fonte, você tornar-se-á um círculo.

Esta é outra das frases de Jesus: “Quando o princípio e o fim se tornarem unos, você tornar-se-á Deus.” Você poderá ter visto uma imagem - é um dos símbolos mais antigos das sociedades secretas do Egipto - uma serpente a devorar a própria cauda. É isso que significa o encontro do princípio e do fim, é isso que o renascimento significa, é isso que significa tornar-se uma criança: mover-se num círculo, de volta à fonte; chegar ao lugar de onde você veio.

Capítulo 17

O Leão e a Ovelha

A derradeira realidade é a solidão. Nós chegamos sós, nós partimos sós; e entre estas duas solidões criamos todo o tipo de relações e lutas, só para nos enganarmos - porque mesmo na vida, nós permanecemos sós. Mas a solidão não deve provocar tristeza; deve alegrar-nos. Existem duas palavras - o dicionário dirá que significam o mesmo, mas a existência dá-lhes significados totalmente opostos. Uma palavra é solidão e a outra palavra é isolamento. Elas não são sinónimos.

O isolamento é um estado negativo, como a escuridão. Isolamento significa que você sente a falta de alguém; que está vazio e tem medo neste vasto universo. Solidão tem um significado totalmente oposto: não significa que você sente a falta de alguém, significa que se encontrou a si mesmo. É absolutamente positivo.

Encontrar-se a si mesmo, encontrar o sentido da vida, o significado da vida, a alegria da vida, o esplendor da vida. Encontrar-se a si mesmo é a maior descoberta na vida do homem e este encontro só é possível quando você está só. Quando a sua consciência não está ocupada por nada, por ninguém, quando a sua consciência está completamente vazia - nesse vazio, nesse nada, acontece um milagre. E esse milagre é fundamento de toda a religiosidade.

O milagre é que, quando não existe mais nada para a sua consciência estar consciente, a consciência vira-se para si mesma. Torna-se um círculo. Não encontra obstáculos, não encontra objetos, volta à fonte. E no momento em que o círculo fica completo, você já não é um ser humano comum; você tornou-se parte da divinização que rodeia a existência. Você já não é você mesmo; tornou-se parte de todo o universo - o seu ritmo cardíaco é ele próprio o ritmo do coração universal.

Esta é a experiência que os místicos têm vindo a procurar durante toda a sua vida e através dos tempos. Não existe outra experiência mais extasiante, mais bem-aventurada. Esta experiência transforma toda a sua perspetiva: onde até agora havia escuridão, há luz; onde havia infelicidade, agora há felicidade; onde até agora havia raiva, ódio, possessão, ciúme, existe só a bela flor do amor. Toda a energia que foi desperdiçada em emoções negativas já não é desperdiçada; assume uma mudança positiva e criativa.

Por um lado, você já não é o seu velho eu; por outro lado, você é, pela primeira vez, o seu eu autêntico. O velho eu foi-se, o novo chegou. O velho morreu; o novo pertence à eternidade, o novo pertence à imortalidade.

É devido a esta experiência que os videntes dos Upanishads declararam que o homem é o *amritasya putrah* - “filhos e filhas da imortalidade”.

A menos que vocês se conheçam a si mesmos como seres eternos, parte de um todo, continuarão a recear a morte. O medo da morte acontece simplesmente porque você não está consciente da sua fonte de vida eterna. Uma vez que se apercebe da eternidade do seu ser, a morte torna-se a maior mentira da existência. A morte nunca aconteceu, nunca acontece, nunca acontecerá, porque aquilo que é permanece sempre - de formas diferentes, em níveis diferentes, mas não existe descontinuidade. A eternidade no passado e a eternidade no futuro, ambas lhe pertencem. E o momento presente torna-se um ponto de encontro de duas eternidades: uma que conduz ao passado, outra que leva ao futuro.

A recordação da sua solidão pode não estar só na sua mente; cada fibra do seu ser, cada célula do seu corpo deve lembrar-se dela - não como uma palavra, mas como um sentimento profundo. Esquecer-se de si mesmo é o único pecado que existe, e lembrar-se de si mesmo é a única virtude.

Gautama Buda enfatizou continuamente ao longo de quarenta e dois anos, de manhã à noite, uma única palavra, *sammasati*, que significa “recordação correta”. Você lembra-se de muitas coisas, você podendo tornar-se uma Enciclopédia Britânica; a sua mente é capaz de se lembrar de todas as bibliotecas do mundo - mas esta não é a recordação certa. Só existe uma recordação certa - o momento em que você se lembra de si mesmo.

Gautama Buda costumava ilustrar a sua opinião com a antiga história da leoa que ia saltando de um outeiro para outro outeiro, e entre dois outeiros deslocava-se um grande rebanho de ovelhas. A leoa estava prenhe e deu à luz enquanto ia saltando. O seu filhote caiu entre as ovelhas, foi criado entre as ovelhas e, naturalmente, acreditava ser igualmente uma ovelha. Era um pouco estranho, porque ele era grande e muito diferente - mas talvez fosse uma das bizarrias da natureza. E foi criado como vegetariano.

Ele cresceu e, um dia, um velho leão que andava em busca de comida aproximou-se do rebanho de ovelhas - e não podia acreditar nos seus olhos. No meio das ovelhas encontrava-se um jovem leão em toda a sua glória, e as ovelhas não o receavam. Ele esqueceu-se da comida e começou a correr atrás do rebanho de ovelhas... e ia ficando cada vez mais intrigado, porque o jovem leão também fugia como as ovelhas. Finalmente apanhou o jovem leão. Ele chorava e soluçava e dizia ao velho leão: “Por favor, deixa-me ir com o meu povo!”

Mas o velho leão arrastou-o para um lago próximo - um lago calmo, sem ondulação, que era como um espelho puro - e o velho leão forçou-o a ver o seu reflexo no lago e também o reflexo do velho leão. Houve uma transformação súbita. No momento em que o jovem leão viu quem era, soltou um grande rugido

- todo o vale ecoou com o rugido do jovem leão. Ele nunca rugira antes, porque nunca pensara que era outra coisa senão uma ovelha.

O velho leão disse-lhe: “O meu trabalho terminou; agora é contigo. Queres voltar para o teu rebanho?”

O jovem leão riu-se. Disse: “Perdoa-me, eu esqueci-me completamente de quem sou. E estou-te imensamente grato por me teres ajudado a lembrar.”

Gautama Buda costumava dizer: “A função do mestre é ajudá-lo a lembrar-se de quem você é.” Você não faz parte deste mundo mundano; a sua casa é a casa do divino. Você está perdido no esquecimento; você esqueceu-se de que dentro de si esconde-se Deus. Você nunca olha para dentro - porque toda a gente olha para o exterior, você olha igualmente para o exterior.

Estar só é uma grande oportunidade, uma bênção, porque na sua solidão você está destinado a tropeçar em si mesmo e a lembrar-se, pela primeira vez, de quem você é. Saber que você é uma parte da existência divina é estar livre da morte, livre da tristeza, livre de ansiedades; livre de tudo aquilo que foi um pesadelo para si por muitas e muitas vidas.

Centre-se mais profundamente na sua solidão. Isso é que é a meditação; tornar-se mais centrado na sua própria solidão. A solidão tem de ser tão pura que nem mesmo um pensamento, nem mesmo um sentimento a perturbe. No momento em que a sua solidão fica completa, a sua experiência nela torna-se o seu saber. O conhecimento não é algo que vem do exterior; é algo que cresce dentro de si.

Esquecer-se de si próprio é o único pecado. E lembrar-se de si é a sua suprema beleza, a sua única virtude, a sua única religião. Você não precisa de ser hindu, não precisa de ser islâmico, não precisa de ser cristão - tudo o que precisa para ser religioso é ser você mesmo.

De facto, nós não estamos separados, mesmo agora - ninguém está separado; toda a existência é uma unidade orgânica. A ideia de separação é devida ao nosso esquecimento. É como se cada folha da árvore começasse a pensar por si, separada das outras folhas… mas bem no fundo elas são alimentadas pelas mesmas raízes. É uma só árvore; as folhas podem ser muitas. É uma só existência; as manifestações podem ser muitas.

Ao conhecer-se a si mesmo, uma coisa fica imediatamente clara: nenhum homem é uma ilha - nós somos um continente, um vasto continente, uma existência infinita sem quaisquer prisões. A mesma vida corre entre todos, o mesmo amor enche cada coração, a mesma alegria dança em cada ser. Só devido aos nossos mal-entendidos pensamos estar separados.

A ideia de separação é uma ilusão nossa. A ideia de unicidade será a nossa experiência última de verdade. Só é necessário um pouco mais de inteligência e

você liberta-se do pessimismo, da tristeza, do inferno em que toda a humanidade vive. O segredo de sair deste inferno é lembrar-se de si mesmo. E esta memória será possível se você entender a ideia de que está só.

Você poderá ter vivido com a sua mulher ou com o seu marido cinquenta anos; mas ainda assim serem dois. A sua mulher está só, você está só. Você tem tentado criar uma fachada: “Não estamos sós”, “Nós somos uma família”, “Nós somos uma sociedade”, “Nós somos uma civilização”, “Nós somos uma cultura”, “Nós somos uma religião organizada”, “Nós somos uma força política organizada”. Mas estas ilusões não irão ajudar em nada.

Você tem de reconhecer, por muito doloroso que parece ser inicialmente, que “Eu estou só numa terra estranha”. Este reconhecimento é doloroso, no início. Leva consigo todas as suas ilusões - que eram um grande consolo. Mas logo que tenha ousado aceitar a realidade, a dor desaparece. E escondida sob a dor está a maior de todas as bênçãos do mundo: você conhece-se a si mesmo.

Você é a inteligência da existência; você é a consciência da existência; você é a alma da existência. Você é uma parte desta imensa divinização que se manifesta em centenas de aspetos: nas árvores, nas aves, nos animais, nos seres humanos... mas são diferentes estádios de evolução da mesma consciência. E o homem que se reconhece a si mesmo e sente que o Deus que ele buscava e procurava por todo o mundo habita no seu próprio coração chega ao ponto mais elevado de evolução. Não existe nada mais elevado do que isto.

Faz a sua vida ter sentido pela primeira vez, tornando-se significativa, religiosa. Mas você não será um hindu, não será um cristão, não será um judeu; você será simplesmente religioso. Ao ser hindu ou islâmico ou cristão ou jainista ou budista, você está a destruir a pureza da religiosidade - não são necessários adjetivos.

O amor é o amor - já alguma vez ouviu falar de amor hindu? Amor islâmico? A consciência é a consciência - alguma vez se debruçou sobre a consciência indiana ou sobre a consciência chinesa? A iluminação é a iluminação: quer ocorra num corpo branco ou num corpo negro, quer ocorra num jovem ou num velho, quer ocorra num homem ou numa mulher, não faz qualquer diferença. É a mesma experiência, o mesmo gosto, a mesma doçura, a mesma fragrância.

A única pessoa que não é inteligente é aquela que corre todo o mundo em busca de algo, sem saber exatamente o quê. Por vezes pensa que talvez seja dinheiro, por vezes acredita que será poder, algumas vezes supõe que será prestígio, por vezes crê que talvez seja respeitabilidade.

O homem inteligente procura primeiro o seu próprio ser, antes de iniciar uma viagem ao mundo exterior. Isto parece simples e lógico - pelo menos dê primeiro uma olhadela ao interior da sua própria casa antes de ir em busca por

todo o mundo. E aqueles que olharam para dentro de si mesmos encontraram-no, sem exceções.

Gautama Buda não é um budista. A palavra buda significa simplesmente o desperto, aquele que saiu do sono. Mahavira, o Jaina, não é jainista. A palavra jaina significa simplesmente aquele que conquistou - que se conquistou a si mesmo. O mundo precisa de uma grande revolução em que cada indivíduo encontre dentro de si mesmo a sua religião. A partir do momento em que as religiões se tornam organizadas, elas tornam-se perigosas; tornam-se políticas com uma falsa face religiosa. Por isso todas as religiões do mundo procuram converter cada vez mais pessoas à sua própria religião. É a política dos números; quem tem mais números será mais poderoso. Mas ninguém parece interessado em trazer milhões de indivíduos ao seu próprio eu.

O meu trabalho aqui consiste em levá-lo para fora de qualquer tipo de esforço organizado - porque a verdade nunca pode ser organizada. Você tem de caminhar só na sua peregrinação, porque a peregrinação será interna. Você não pode levar ninguém consigo. E terá de esquecer tudo o que aprendeu com os outros, porque todos esses preconceitos distorcem a sua visão - você não será capaz de ver a realidade nua do seu ser. A realidade nua do seu ser é a única esperança de encontrar Deus.

Deus é a sua realidade nua - sem decorações, sem quaisquer adjetivos. Não está limitada pelo seu corpo, não está limitada pelo seu nascimento, não está limitada pela sua cor, não está limitada pelo seu sexo, não está limitada pelo seu país. Não está limitada por nada. E está disponível e tão próxima.

Só precisa de dar um passo para dentro e você chegou ao seu destino.

Durante centenas de anos foi-lhe dito que o caminho até Deus é muito longo. O caminho não é longo, Deus não está longe. Deus está na sua respiração, Deus está no bater do seu coração, Deus está no seu sangue, nos seus ossos, no seu tutano - resume-se ao simples passo de fechar os olhos e entrar em si mesmo.

Poderá levar algum tempo, porque os velhos hábitos demoram a morrer: mesmo que você feche os olhos, os pensamentos começam a preenchê-lo. Esses pensamentos são do exterior e o método simples, seguido por todos os grandes videntes do mundo, é unicamente observar os seus pensamentos - seja unicamente uma testemunha. Não os condene, não os justifique, não os racionalize. Mantenha-se distante, mantenha-se indiferente, deixe-os passar - eles ir-se-ão embora.

E no dia em que a sua mente estiver absolutamente silenciosa, sem qualquer perturbação, você terá dado o primeiro passo que o levará ao templo de Deus.

O templo de Deus é feito da sua própria consciência, você não pode ir lá com os seus amigos, com os seus filhos, com a sua mulher, com os seus pais.

Todos têm de lá ir sozinhos.

QUESTÕES

Não Pertencer é a Grande Experiência da Transcendência

- ***Nunca me integrei, nunca estive "por dentro", nunca me senti "em sintonia" com ninguém. Por que razão estive isolada toda a vida?***

A vida é um mistério, mas você não pode reduzi-la a um problema. E se fizer de um mistério um problema, então ficará em dificuldades, porque não encontrará soluções para ele. Um mistério permanece um mistério; é insolúvel - por isso é que se chama mistério.

A vida não é um problema. E esse é um dos erros mais básicos que todos nós temos vindo a cometer: colocamos-lhe logo um ponto de interrogação. E se coloca um ponto de interrogação num mistério, procurará a resposta toda a sua vida e nunca a encontrará, e isso naturalmente traz grande frustração.

A minha observação sobre si é que você é uma meditadora nata. Mais do que fazer disso um problema, rejubile! Não pertencer é uma das experiências mais grandiosas da vida. Ser totalmente à margem, nunca sentir que se pertence a qualquer lugar, é a grande experiência da transcendência.

Um dia, um turista americano foi visitar um mestre sufi. Durante muitos anos ele ouvira falar acerca dele, amara profundamente as suas palavras, a sua mensagem. Finalmente decidira-se a ir vê-lo. Quando entrou no quarto ficou surpreendido - era um quarto totalmente vazio. O Mestre estava sentado; não existia qualquer mobília! O americano não conseguia conceber nenhum espaço de habitação sem mobília. Perguntou imediatamente: "Onde está a sua mobília, senhor?"

E o velho sufi riu-se e disse: "E onde está a sua?"

E o americano disse: "É óbvio que eu aqui sou um turista. Não podia andar a carregar a minha mobília!"

E o velho homem disse: "Eu também sou um turista por alguns dias, e então ir-me-ei embora, tal como você se irá embora."

Este mundo é só uma peregrinação - de grande significado, mas não é um sítio para se pertencer, não é um sítio para se fazer parte. Seja como uma folha de lótus.

Esta é uma das maiores calamidades que aconteceram à mente humana: nós fazemos de tudo um problema. Isto deveria constituir uma imensa alegria para si. Não se defina a si mesma como "isolada". Você está a usar a palavra errada, porque a própria palavra comporta em si alguma condenação. Você está só, e a palavra "solitária" tem grande beleza. Você não está sequer sozinha. Estar sozinha significa que você tem necessidade do outro; ser solitária significa que você está totalmente enraizada em si mesma, centrada em si mesma. Você é autossuficiente.

Você ainda não aceitou esta dádiva da existência, daí que esteja a sofrer desnecessariamente. E esta é a minha observação: milhões de pessoas continuam a sofrer desnecessariamente.

Veja-o de outra perspetiva. Eu não lhe estou a dar uma resposta, eu nunca dou respostas. Eu simplesmente proponho novas perspetivas, novos ângulos de interpretação.

Pense em si mesma como uma meditadora nata que é capaz de estar só, que é suficientemente forte para estar só, que está tão centrada e enraizada que o outro lhe é completamente desnecessário. Sim, nós relacionamo-nos com o outro, mas nunca encetamos uma relação. Relacionar-se é perfeitamente bom. Duas pessoas que estão sós podem relacionar-se, duas pessoas que estão sós não podem ter uma relação.

A relação é a necessidade daqueles que não podem estar sós. Duas pessoas sozinhas caem numa relação. Duas pessoas sós relacionam-se, comunicam, comungam e, no entanto, permanecem sós. A sua solidão permanece incontaminada; a sua solidão permanece virgem, pura. Eles são como cumes. Cumes dos Himalaias, alto no céu, acima das nuvens. Dois cumes nunca se encontram, no entanto existe um tipo de comunhão através do vento e através da chuva e através dos rios e através do sol e através das estrelas. Sim, existe uma comunhão; muito diálogo ocorre. Eles murmuram entre si, mas a sua solidão permanece absoluta, eles nunca se comprometem.

Seja como um cume elevado ao céu. Por que é que você há-de ansiar por pertencer? Você não é um objeto! As coisas é que pertencem!

Você diz: *"Nunca me integrei, nunca estive por dentro."*

Não havia necessidade! Estar integrado neste mundo é estar perdido. O integrado é o mundano; Buda está destinado a ser um indivíduo à margem. Todos os Budas estão à margem. Mesmo que eles estejam na multidão, eles estão sós. Mesmo que estejam num mercado, não estão lá. Mesmo que se relacionem, permanecem separados. Existe sempre uma espécie de distância subtil.

E essa distância é a liberdade, essa distância é uma grande alegria, essa distância é o seu próprio espaço. E diz você que vive isolada? Deve estranhar

quando se compara com os outros: “Eles têm tantos conhecimentos, eles têm tantas relações amorosas. Eles pertencem uns aos outros, eles estão integrados - e eu estou isolada. Porquê?” Você está a angustiar-se desnecessariamente.

A minha abordagem é sempre esta, qualquer que seja a existência que lhe foi facultada, ela deverá corresponder a uma necessidade subtil da sua alma, de outro modo não lhe teria sido dada em primeiro lugar.

Pense mais em solidão. Celebre a solidão, celebre o seu espaço puro, e uma grande melodia subirá ao seu coração. E será uma canção de consciência, será uma canção de meditação. Será uma canção de uma só ave piando à distância - não chamando ninguém em particular, mas simplesmente chamando porque o seu coração está pleno e quer chamar, porque a nuvem está cheia e quer chover, porque a flor está cheia e as pétalas abrem-se e a fragrância é libertada… sem destinatário. Deixe a sua solidão tornar-se uma dança.

Eu estou profundamente feliz por si. Se você deixar de criar problemas a si mesma… Eu não vejo que haja verdadeiros problemas. O único problema é que as pessoas vão criando problemas! Os problemas nunca são resolvidos, eles são dissolvidos. Eu procuro dar-lhe uma perspetiva, uma visão. Dissolva o seu problema! Aceite-o como uma dádiva de Deus, com profunda gratidão, e viva-o. E ficará surpreendida: que oferta preciosa e você ainda não a apreciou. Que oferta preciosa e está aí, no seu coração, desvalorizada.

Dance com a sua solidão, cante a sua solidão, viva a sua solidão!

E eu não estou a dizer que não ame. De facto, só uma pessoa que é capaz de estar só é capaz de amar. Pessoas isoladas não podem amar. A sua necessidade é tal que elas se associam. Como podem amar? Pessoas isoladas não podem amar, só podem explorar. Pessoas isoladas fingem amar; mas bem no fundo elas querem obter amor. Elas não têm de o dar, elas não têm nada para dar. Só uma pessoa que sabe estar só e alegre está tão cheia de amor que o pode partilhar. Pode partilhá-lo com estranhos.

E todos são estranhos, lembre-se. O seu marido, a sua mulher, os seus filhos, todos são estranhos. Nunca se esqueça! Você não conhece o seu marido, você não conhece a sua mulher. Você nem o seu filho conhece; o filho que você carregou no seu ventre durante nove meses é um desconhecido para si.

Toda esta vida é uma terra estranha; nós provimos de uma fonte desconhecida. Subitamente estamos aqui e, um dia, subitamente deixamos de estar, voltamos à fonte original. É uma viagem que dura poucos dias; torne-a tão alegre quanto possível. Mas nós fazemos precisamente o oposto - nós tornamo-la tão infeliz quanto possível. As nossas energias concentram-se em torná-la cada vez mais triste.

Tristeza Profunda e Felicidade Superficial

- ***Por que sinto a minha tristeza mais real do que a minha felicidade? Quero tanto sentir-me verdadeiro e autêntico, sem usar quaisquer máscaras, mas isso parece acarretar tanta rejeição por parte dos outros. É possível estar tão só?***

É importante compreender. É o que acontece com muita gente. A sua tristeza é, certamente, muito mais real porque é sua, é autêntica. A sua felicidade é superficial; não é sua, depende de algo, de alguém. E nada que o faça estar dependente, por muito feliz que você esteja, momentaneamente, a lua-de-mel em breve acaba - mais cedo do que você esperava.

Você é feliz por causa da sua namorada, do seu namorado. Mas eles são seres individuais; eles podem não concordar consigo em todos os pontos. De facto, a maior parte das vezes, o que acontece é que o que o marido gosta, a mulher detesta; o que a mulher gosta, o marido detesta. Estranho… porque é quase universal. Há uma qualquer razão nisso. Bem lá no fundo eles detestam-se mutuamente, pelo simples motivo que se encontram dependentes um do outro para atingir a felicidade, e ninguém gosta da dependência. A escravidão não é um desejo intrínseco dos seres humanos. Se uma mulher ou um homem lhe dão alegria e você se torna dependente, você está, simultaneamente, a criar um ódio profundo - devido à dependência. Você não pode deixar a sua mulher porque ela o faz feliz, e você não pode deixar o seu ódio pela sua mulher porque ela o torna dependente.

Assim, todas as relações ditas de amor são fenómenos estranhos e complicados. Elas são relações de amor-ódio. O ódio tem de ser expresso de uma forma ou de outra. Por isso você não gosta do que a sua mulher gosta. Em cada pequena coisa os maridos e as mulheres estão em luta. Que filme irão ver? E verifica-se uma luta imensa. A que restaurante hão-de ir? E imediatamente há uma luta. Este é o ódio que se move sob uma capa de felicidade. A felicidade permanece superficial, muito fina; arranhe-a um pouco e descobrirá que é o oposto.

Mas a tristeza é mais autêntica, porque não depende de ninguém. É sua, totalmente sua - e isto deverá dar-lhe um grande discernimento, a sua tristeza pode ajudá-lo mais do que a sua felicidade. Você nunca olhou a tristeza atentamente. Você evita olhá-la, de muitos modos. Se você se sente triste, vai ao cinema; se você se sente triste, liga a televisão. Se você se sente triste, vai divertir-se com os seus amigos, vai a um bar. Você começa a fazer coisas para evitar ver a sua tristeza. Esta não é a abordagem certa.

Estar triste é um fenómeno importante, muito sagrado, algo de si mesmo. Familiarize-se com ele, aprofunde-o e ficará surpreendido. Sente-se silenciosamente e fique triste. A tristeza tem a sua própria beleza.

A tristeza é silenciosa, é sua. Vem porque você está só. Procura dar-lhe uma hipótese de aprofundar a sua solidão. Em vez de saltar de uma felicidade oca para uma felicidade vazia e desperdiçar a sua vida, é melhor usar a sua tristeza como forma de meditação. Testemunhe-a. É sua amiga! Abre a porta da sua solidão eterna.

Não existe forma de não estar só. Você pode iludir-se a si mesmo, mas não pode vencer. E estamos a iludir-nos a nós próprios em todos os sentidos - nas relações, na ambição, em nos tornarmos famosos, em fazer isto, em fazer aquilo. Estamos a tentar convencer-nos de que não estamos sós, de que não estamos tristes. Mas, mais cedo ou mais tarde, a sua máscara cai - ela é falsa, não se pode manter para sempre -, e então você tem de usar outra máscara. Numa única vida, quantas máscaras pode você usar? E quantas mais desapareceram e se modificaram? Mas você continua a manter o velho hábito.

Se você pretende ser um indivíduo autêntico, use a sua tristeza; não fuja dela. É uma grande bênção. Sente-se silenciosamente nela, rejubile com ela. Não há nada de mal em estar triste. E quanto mais familiarizado estiver com ela, com as suas gradações subtis, mais ficará surpreendido - é uma grande tranquilidade, um grande descanso, e você sairá dela rejuvenescido, refrescado, mais jovem, mais vivo. E uma vez que você a tenha provado, você irá procurar esses belos momentos de tristeza de novo e uma vez mais. Você esperará por eles, você irá recebê-los e eles abrirão novas portas à sua solidão…

Você nasce só e irá morrer só. Entre estas duas solidões, você pode-se enganar crendo não estar só, porque tem uma mulher, um marido, crianças, dinheiro, poder. Mas entre estas duas solidões você *está* só. Tudo o resto é só para o manter ocupado numa coisa ou noutra, para que você não tenha consciência dela.

Desde a minha infância, nunca me associei a pessoas. A minha família estava muito preocupada: eu não brincava com crianças e nunca brinquei com elas. Os meus professores estavam preocupados: “O que é que tu fazes enquanto todas as crianças brincam? Tu ficas sentado debaixo de uma árvore, sozinho.” Eles achavam que havia algo de errado comigo.

E eu disse-lhes: “Não precisam de se preocupar. Na verdade, se algo está mal é convosco, e está mal com todas as crianças. Eu estou perfeitamente feliz por estar só.”

Lentamente, muito lentamente, começaram a aceitar que eu era assim; nada podia ser feito acerca disso. Eles tentaram por todos os meios ajudar-me a misturar-me com outras crianças da minha idade. Mas eu gostava tanto de estar só que me parecia quase neurótico jogar futebol.

E então disse ao meu professor: “Não vejo qualquer sentido nisso. Por que é que temos de levar uma bola daqui para ali? Não faz sentido. E mesmo que

marque um golo, e então? O que é que se conseguiu com isso? E se todas estas pessoas gostam tanto de marcar golos, então em vez de haver uma bola, arranje dezoito bolas. Deem bolas a todos e todos farão tantos golos quantos quiserem, ninguém irá impedi-los. Deixem-nos marcar golos até satisfazerem o seu desejo! Deste modo é muito difícil - por que é que se há-de criar dificuldades desnecessárias?"

E o meu professor respondeu: "Tu não entendes nada, assim não seria um jogo se dezoito bolas fossem dadas às crianças e todos fizessem tantos golos quantos quisessem. Isso não adiantava nada."

Eu disse: "Não entendo o porquê de criar obstáculos e impedir as pessoas… Elas caem e têm fraturas e todo o tipo de disparates. E não só isso: quando há desafios, centenas de pessoas juntam-se para os ver. Parece que essas pessoas não veem que a vida é tão curta - e que elas estão a ver um desafio de futebol! E estão tão excitadas, saltam e gritam - para mim, é absolutamente neurótico. Prefiro sentar-me debaixo da minha árvore."

Eu tive uma árvore, uma árvore muito bela, atrás do edifício da minha escola. Ficou convencionado de que era a minha árvore, e assim ninguém ia para lá. Eu costumava sentar-me aí sempre que havia tempo para jogar, ou tempo para qualquer outra atividade neurótica - atividades "extracurriculares". E encontrei tanto debaixo daquela árvore que, sempre que voltava à minha cidade, nunca ia ver o diretor - o seu gabinete era junto à árvore; mesmo atrás do seu gabinete estava a árvore -, mas eu costumava ir até à árvore só para lhe agradecer, para lhe mostrar a minha gratidão. Uma vez, o diretor veio cá fora e disse: "Isto é estranho. Tu vens à cidade - nunca me vens ver, nunca vens à escola, mas vens sempre ver esta árvore."

Eu respondi: "Eu senti muito mais debaixo desta árvore do que sob a sua orientação e sob a de todos os loucos que você aqui teve como professores. Eles nunca me deram nada - de facto, tive de me livrar de tudo o que eles me deram. Mas o que esta árvore me deu está ainda comigo."

E você ficará surpreendido - aconteceu duas vezes, portanto não pode ser uma coincidência… Em 1970 deixei de ir à cidade, porque fiz uma promessa à minha avó: "Eu só continuarei a vir enquanto a avó for viva. Quando tiver partido, já não tenho razão para vir aqui." Informaram-me que quando eu deixei de ir à cidade a árvore morreu. Pensei ter sido uma coincidência, uma mera coincidência; não podia estar relacionado comigo. Mas aconteceu duas vezes…

Quando me tornei professor universitário, existia urna alameda de belas árvores ao pé da Universidade. E eu costumava estacionar o meu carro debaixo de uma das árvores. E sempre considerei ser um privilégio meu - não sei porquê - mas sempre que me sentava na sala dos professores, ninguém se sentava na cadeira onde eu me sentava, ninguém se sentava ao lado da cadeira onde eu me sentava. Eles consideravam-me um pouco perigoso.

Um homem que não tem amigos, um homem que tem pensamentos estranhos, um homem que está contra todas as religiões, contra todas as tradições: um homem que se opõe sozinho a gente como Mahatma Gandhi, que é venerado por todo o país. Eles pensavam: “É melhor mantermo-nos afastados deste homem. Ele pode colocar-nos alguma ideia na cabeça e podemos vir a ter dificuldades.”

Eu costumava estacionar o meu carro sempre debaixo da mesma árvore. Mais ninguém estacionava os seus carros naquele lugar; mesmo quando eu não ia, o lugar permanecia vazio. Todas as outras árvores morreram, só a minha árvore - tinha ficado conhecida como a minha árvore - se manteve saudável.

Um ano depois de eu me ter demitido da Universidade, o vice-reitor disse-me: “É estranho, aquela árvore morreu. Desde que você deixou de vir à universidade algo aconteceu.”

Eu compreendo que existe alguma sincronicidade. Se você se senta silenciosamente junto a uma árvore... a árvore está silenciosa, você está silencioso... e dois silêncios não podem permanecer separados, não há forma de os dividir.

Vocês estão ambos ali. Se estão ambos a pensar, vocês estão separados. Mas se vocês estão silenciosos, então, subitamente, há algo como que uma alma coletiva.

Talvez aquelas duas árvores sentissem a minha falta. Ninguém se aproximou delas novamente, ninguém com quem elas pudessem comunicar. Elas morreram porque mais ninguém lhes deu calor. Eu tinha um grande amor e respeito por aquelas duas árvores.

Sempre que você se sinta triste, sente-se junto a uma árvore, próximo da margem de um rio, junto de uma rocha, e descanse na sua tristeza, sem medo. Quanto mais repousado estiver, mais familiarizado ficará com as belezas da tristeza. Então a tristeza começará a mudar de forma; tornar-se-á uma alegria silenciosa, sem o apoio de alguém exterior a si. E não será uma felicidade oca.

Entrando profundamente na sua solidão, um dia encontrará não somente alegria - alegria é só metade do caminho. A alegria é muito superficial, depende de outros; a felicidade está no centro, não depende de nada, nem de ninguém. Mas indo ao fundo você alcançará um estado de alegria - isso é o que eu designo por iluminação.

Faça algo e encontrará a iluminação - mas faça algo autêntico, que seja seu. E então atingirá uma felicidade que será sua vinte e quatro horas por dia. Está simplesmente a irradiar de si. Pode partilhá-la, agora pode dá-la a quem quer que você ame. Mas é uma oferta incondicional. E ninguém conseguirá torná-lo infeliz.

Este é o meu esforço, fazê-lo bem-aventurado, independente. Isso não significa que você tenha de renunciar ao mundo. Isso não significa que você tenha de deixar a sua mulher, a sua namorada, o seu amor pela comida - mesmo por gelados; não tem nada a ver com isso. A sua felicidade estará consigo, faça você o que fizer. Ela fortalecerá qualquer das suas atividades, enriquecerá qualquer ato seu. O seu amor terá um sabor completamente diferente. Não existirá nenhum ódio subjacente a ele; será simplesmente amor. Nem sequer haverá a expectativa de que algo lhe deverá ser devolvido. Você não precisa de nada. Dar é uma bênção tal que não pressupõe qualquer necessidade. Você é tão rico interiormente que nada o pode tornar mais rico.

E você pode continuar a partilhar a felicidade. Quanto mais partilhar, mais possuirá, e nada o poderá fazer mais pobre. Este é o único milagre que eu conheço.

Tornar-se Um Imperador

- ***À medida que aprofundo a meditação e encaro o que sou realmente, tenho dificuldade em manter quaisquer relações. É algo previsível ou cometi algum erro algures?***

Quando você começa uma peregrinação interior, as energias viram-se para o seu interior, as mesmas energias que se deslocavam para o exterior, e subitamente você vê-se só, como se estivesse numa ilha. A dificuldade surge porque você não está realmente empenhado em ser você mesmo, e todas as relações surgem como uma dependência, uma prisão. Mas esta fase é passageira; não a torne uma atitude permanente. Mais cedo ou mais tarde, quando estiver instalado dentro de si novamente, estará transbordante de energia e quererá encontrar de novo uma relação.

Assim, na primeira vez em que a mente se torna meditativa, o amor parece surgir como uma prisão. E de certo modo isso é verdade, porque uma mente que não é meditativa não pode amar realmente. Esse amor é falso, ilusório - mais uma paixão, menos próximo do amor. Mas você não tem nada com que o comparar, a menos que o verdadeiro ocorra; assim, quando começa a meditação, o amor ilusório começa a, pouco e pouco a dissipar-se e desaparece. Primeiro, não se sinta desanimado. E segundo, não faça disso uma atitude permanente; elas são duas possibilidades.

Se você desanima porque a sua vida amorosa está a desaparecer e portanto agarra-se a ela com quantas forças tem, isso tornar-se-á uma barreira à sua viagem interior. Aceite-o - agora a energia busca um novo caminho e durante uns dias não estará disponível para movimentos externos, para atividades.

Se alguém é um criador e medita, toda a criatividade desaparecerá durante algum tempo. Se você é um pintor, não se encontrará na pintura. Pode continuar mas a, pouco e pouco deixará de ter energia e entusiasmo. Se você é um poeta, a poesia será interrompida. Se você é um homem que esteve apaixonado, essa energia desaparecerá. Se você se forçar a entrar numa relação, para poder recuperar o seu velho eu, essa obrigação será muito, muito perigosa. Estará a fazer algo contraditório: por um lado estará a tentar entrar, por outro lado estará a tentar sair. É como se você estivesse a guiar um carro, carregando no acelerador e ao mesmo tempo carregando no travão. Pode ser desastroso, porque está a fazer as duas coisas simultaneamente.

A meditação é simplesmente contra o falso amor. O falso desaparecerá, e essa é a condição básica para o verdadeiro surgir. O falso deverá desaparecer, o falso deverá deixá-lo completamente; só então você estará pronto para o verdadeiro. Por isso, durante alguns dias esqueça todas as suas relações.

O segundo aspeto, que é também muito perigoso, é que você pode transformá-lo num modo de vida. Aconteceu a muita gente. Eles estão em mosteiros - velhos monges, gente da religião ortodoxa que fez de uma vida sem relações amorosas um modo de vida. Eles acreditam que o amor é contrário à meditação - o que não é verdade. A meditação é contra o falso amor, mas está totalmente do lado do verdadeiro amor.

Uma vez instalado, quando você não puder ir mais longe, terá atingido o núcleo do seu ser, a pedra basilar, e então estará centrado. Subitamente, a energia está disponível, mas agora não há sítio para onde ir. A viagem exterior terminou quando começou a meditar, e agora a viagem interior está igualmente completa. Você está instalado. Você chegou a casa. Esta energia começará a transbordar. É uma forma completamente diferente de movimento, a sua qualidade é completamente diferente, porque não tem motivação. Anteriormente deslocava-se para os outros com uma motivação; agora não haverá nenhuma. Irá ao encontro dos outros porque tem muito para partilhar.

Anteriormente movia-se como um pedinte, agora irá mover-se como um imperador. Não que ande à procura de alguma felicidade em alguém - isso já você alcançou. Agora a felicidade é muita, a nuvem está tão cheia que gostaria de chover. A flor está tão plena que gostaria de se libertar aos ventos como um perfume e atingir os próprios confins do mundo. É uma partilha, um novo tipo de relação que surgiu na existência. Designá-lo como uma relação não é correto, porque já não é uma relação; é antes um estado de ser. Não é que você ame; você é amor.

Portanto, não desanime nem faça disso um modo de vida; é só uma fase passageira. A renúncia é uma fase passageira - o objetivo da vida é a celebração. A renúncia é só um meio. Há momentos em que apenas tem de renunciar, tal como quando adoece e o médico lhe diz para fazer jejum. Jejuar não será um estilo de vida. Renuncie à comida e logo que esteja recomposto goze-a de novo

- e será capaz de a gozar melhor do que antes. Não faça do jejum a sua vida - foi uma fase passageira, era necessário.

É só jejuar um pouco com o amor e as relações, e rapidamente será capaz de se mover de novo e de novo transbordar, comportar-se sem motivações. Então o amor será belo. E nunca é belo antes disso; é sempre feio. Por mais que tente, fica sempre um sabor amargo. Ambos poderão estar a tentar construir algo de bom, mas não é essa a natureza das coisas, resultando algo feio. A relação amorosa está sempre a desfazer-se. Aguarde…

Uma Chamada de Atenção

Duas Mulheres e Um Monge

Uma história zen:

> Havia na China uma mulher idosa que sustentara um monge durante cerca de vinte anos. Ela construíra-lhe uma cabana e alimentara-o enquanto ele meditava.
> Um dia, decidiu descobrir que progressos fizera ele durante todo esse tempo.
> Pediu auxílio a uma jovem muito sedutora e disse-lhe: "Vai e abraça-o, e depois pergunta-lhe subitamente: "E agora?"
> A rapariga foi até junto do monge e começou imediatamente a acariciá-lo e a perguntar-lhe o que é que ele queria fazer.
> "Uma velha árvore cresce numa rocha no Inverno", disse-lhe o monge algo poeticamente, "não existe aí qualquer calor."
> A jovem voltou e relatou o que o monge dissera à mulher.
> "E pensar que eu alimentei aquele homem durante vinte anos!", exclamou a velha mulher em fúria. "Ele não mostrou qualquer consideração pela tua necessidade, nenhuma disposição para explicar a tua condição. Ele não precisava de ter respondido à paixão, mas ao menos deveria ter sentido alguma compaixão."
> Ela dirigiu-se imediatamente à cabana do monge e pegou-lhe fogo.

Um provérbio antigo diz: *Semeia um pensamento, colhe uma ação. Semeia uma ação, colhe um hábito. Semeia um hábito, colhe uma personalidade. Semeia uma personalidade, colhe um destino.*

E eu digo-lhe: Semeia o nada e colhe meditação ou amor.

Nada semear - a meditação versa sobre isto. E a sua consequência natural é o amor. Se no fim da viagem de meditação o amor não floresceu, então toda a viagem foi em vão. Algures, algo correu mal. Você iniciou mas nunca o alcançou.

O amor é o teste. Para o caminho da meditação, o amor é o teste. Eles são dois lados de uma mesma moeda, dois aspetos de uma mesma energia. Quando uma está lá, a outra tem de estar igualmente. Se uma não está, então a primeira também não se encontra lá.

Meditação não é concentração. Um homem de concentração pode não alcançar o amor; de facto ele não o fará. O homem de concentração poderá tornar-se mais violento, porque a concentração é um treino para se manter tenso, concentração é um esforço para limitar a mente. É uma violência profunda para com a sua consciência. E quando você é violento com a sua própria consciência, não poderá ser pacífico com os outros. O que quer que você seja consigo mesmo, será com os outros.

Deixe que esta seja uma regra fundamental na sua vida, uma das mais fundamentais: o que quer que você seja em relação a si mesmo, você será em relação aos outros. Se você se ama a si mesmo, você amará os outros. Se você está a fluir dentro do seu ser, você estará a fluir igualmente nas relações. Se você estiver gelado dentro de si, será gelado exteriormente. O exterior tende a ser igual ao interior; o interior tende a manifestar-se no exterior.

Concentração não é meditação; concentração é um método da ciência. Uma metodologia científica. Um homem de ciência precisa da profundidade de disciplina da concentração, mas não se espera de um homem da ciência que tenha compaixão. Não há necessidade. De facto, um homem da ciência torna-se mais e mais violento com a natureza - todo o progresso científico é baseado na violência em relação à natureza. É destrutivo porque, em primeiro lugar, o cientista é destrutivo face à sua consciência em expansão. Em vez de expandir a sua consciência, ele estreita-a, torna-a reservada, unidirecionada. É uma coerção, uma violência.

Lembre-se: a meditação não é concentração - mas a meditação também não é contemplação. Não é pensamento. Talvez você esteja a pensar em Deus - mesmo assim é pensar. Se há um “acerca”, há pensamento. Você pode estar a pensar acerca de dinheiro, você pode estar a pensar acerca de Deus - basicamente não faz qualquer diferença. O pensamento prossegue, só os objetos mudam. Assim, se você está a pensar acerca do mundo, ou acerca de sexo, ninguém dirá que é contemplação. Se você está a pensar acerca de Deus, virtude, se você está a pensar acerca de Jesus, Krishna, Buda, então as pessoas dirão que é contemplação. Mas o Zen é muito rigoroso acerca disso - não é meditação, é ainda pensamento. Você ainda está preocupado com o outro.

Na contemplação o outro existe, ainda que evidentemente não exista tão exclusivamente como na concentração. A contemplação tem maior fluidez que a concentração. Na concentração a mente está unidirecionada; na contemplação a mente está orientada para um assunto, não para um ponto. Você pode pensar acerca dele, pode ir alterando ou fluindo o assunto, mas, ainda assim, no todo, o assunto mantém-se o mesmo.

Então o que é a meditação? Meditação é ter prazer na sua própria presença; meditação é ter prazer no seu próprio ser. É muito simples: é um estado de consciência totalmente relaxado onde você não faz nada. No momento em que entra o fazer, você torna-se tenso; a ansiedade é desencadeada imediatamente. Como fazê-lo? O que fazer? Como vencer? Como não falhar? Você já se deslocou para o futuro.

Se você está a contemplar, o que é que pode contemplar? Como pode contemplar o desconhecido? Como pode contemplar o inominável? Você só pode contemplar o conhecido. Pode mastigá-lo de novo e uma vez mais, mas só o conhecido. Se você conhece algo sobre Jesus, pode pensar de novo e uma vez mais; se você sabe algo sobre Krishna, pode pensar de novo e uma vez mais.

Você pode ir modificando-o, mudando-o, decorando-o - mas não irá conduzi-lo para o desconhecido. E Deus é o desconhecido.

A meditação é simplesmente ser, não fazer nada - nenhuma ação, nenhum pensamento, nenhuma emoção. Você simplesmente é, e isso é puro prazer. De onde vem este prazer quando você nada faz? Não vem de lado nenhum - ou vem de toda a parte. Não tem motivo, porque a existência é feita de uma matéria chamada felicidade. Não precisa de nenhuma causa, de nenhum motivo. Se você está infeliz tem um motivo para estar infeliz; se você está feliz você está simplesmente feliz - não existe motivo para isso. A sua mente tenta encontrar motivos, porque não pode acreditar no que não tem motivo, porque não pode controlar o que não tem motivo - com o que não tem motivo a mente torna-se simplesmente impotente. Assim, a mente procura encontrar uma ou outra razão. Mas eu gostaria de lhe dizer que sempre que você está feliz, você está feliz sem motivo; sempre que você está infeliz, você tem um motivo para estar infeliz - porque a felicidade é a matéria de que você é feito. É o seu verdadeiro ser, é o seu mais profundo núcleo. A felicidade é o seu núcleo mais profundo.

Observe as árvores, observe as aves, observe as nuvens, observe as estrelas… e se você tem olhos será capaz de ver que toda a existência é feliz. Tudo é simplesmente feliz. As árvores são felizes sem motivo; elas não se irão tornar primeiro-ministros ou presidentes e não irão ficar ricas e nunca terão um extrato bancário. Observe as flores - sem nenhum motivo. É simplesmente inacreditável como as flores são felizes.

Toda a existência é feita dessa matéria chamada felicidade. Os Hindus denominam-na *satchitanand, ananda*, felicidade. Por isso nenhum motivo e nenhuma causa são necessários. Se conseguir estar consigo mesmo, não fazer nada, apreciar-se a si mesmo, estar apenas consigo mesmo, estar feliz com o que é, estar feliz porque respira, estar feliz porque ouve as aves - sem qualquer motivo -, então você está em meditação. A meditação está aqui, agora. E quando alguém está feliz sem razão, essa felicidade não pode ser contida dentro de si. Continua a espalhar-se para outros, torna-se uma partilha. Você não a pode suster, é demasiado forte, é infinita. Você não a pode segurar nas suas mãos, tem de lhe permitir que se espalhe.

Isto é que é compaixão. A meditação é estar consigo mesmo e a compaixão é transbordar nesse estar. É a mesma energia que se transformava em paixão que se torna compaixão. É a mesma energia que foi reduzida ao seu corpo ou à sua mente. É a mesma energia que estava a verter de pequenos orifícios.

O que é o sexo? É apenas um verter de energia através de um pequeno orifício do corpo. Os Hindus chamam a isto - precisamente - orifícios. Quando você está a fluir, a transbordar, quando você não se move através dos orifícios, todas as paredes desaparecem. Você tornou-se o todo. Agora você espalha-se. Não pode fazer nada acerca disso.

Não é que você tenha de ser compassivo, não. Num estado de meditação você *é* compaixão. A compaixão é tão quente como a paixão - daí a palavra *compaixão*. É muito passional, mas a paixão não é dirigida e é uma paixão que não busca nenhuma gratificação. Todo o processo se tornou precisamente o oposto. Primeiro você busca alguma felicidade algures - agora encontrou-a e exprime-a. A paixão anda em busca da felicidade; a compaixão é uma expressão de felicidade. Mas é apaixonada, é quente e você tem de a entender, porque contém em si um paradoxo.

Quanto maior, mais paradoxal, e esta meditação e compaixão é um dos cumes mais elevados, o cume mais distante. Por isso, é de esperar que seja um paradoxo.

O paradoxo é que um homem de meditação é muito fresco, mas não frio; fresco mas quente, não ardente. A paixão é ardente, é quase febril. Tem temperatura. A compaixão é fresca, mas no entanto quente, acolhedora, recetiva, feliz por partilhar, pronta a partilhar, esperando partilhar. Se uma pessoa de meditação se torna fria, perdeu. É só um homem de repressão. Se reprime as suas paixões, tornar-se-á frio. Foi assim que toda a humanidade se tornou fria - a paixão foi reprimida em toda a gente.

Desde a sua própria infância, a paixão foi mutilada e reprimida. Sempre que começava a ficar apaixonado, havia alguém - a sua mãe, o seu pai, o seu professor, a polícia -, havia alguém que imediatamente o encarava com suspeita. A sua paixão foi refreada, reprimida: “Não faças isso!” Imediatamente você encolhia-se em si mesmo. E a, pouco e pouco aprendia que, para sobreviver, é melhor ouvir as pessoas que o rodeiam. É mais seguro.

O que é que se deve fazer? O que deve uma criança fazer quando se sente apaixonada, quando se sente cheia de energia e quer saltar e correr e dançar e o seu pai está a ler o jornal? É um disparate, mas ele está a ler o jornal e é um homem muito importante, é o senhor da casa. O que fazer então? A criança está a fazer algo que a alegra - nela é Deus que está pronto para dançar - mas o pai está a ler o jornal e portanto tem de haver silêncio. Ela não pode dançar, ela não pode correr, ela não pode gritar.

Ela reprime a sua energia; ela tentará ser fria, concentrada, controlada. O controlo tornou-se um valor supremo, e sem qualquer valor.

Uma pessoa controlada é uma pessoa morta. Uma pessoa controlada não é necessariamente uma pessoa disciplinada; a disciplina é completamente diferente. A disciplina provém da consciência; o controlo provém do medo. As pessoas que o rodeiam são mais poderosas do que você, elas podem castigá-lo, elas podem destruí-lo. Têm todo o poder para controlar, para corromper, para reprimir. E a criança tem de ser diplomata. Quando a energia sexual surge, a criança começa a ter problemas. A sociedade é contra; a sociedade diz que tem de ser canalizada - e ela percorre toda a criança -, tem de ser cortada.

Nas escolas, o que é que estamos a fazer? De facto, nas escolas os instrumentos não são usados para transmitir conhecimento, mas sim para exercer controlo. Durante seis, sete horas, as crianças estão ali sentadas. Isso serve para refrear a sua dança, para refrear o seu canto, para refrear a sua alegria; serve para as controlar. Sentar-se durante seis, sete horas, todos os dias, numa atmosfera quase prisional a, pouco e pouco a energia decai. A criança torna-se reprimida, gelada. Já não há qualquer fluxo, a energia não vem, vive no mínimo - é a isso que chamamos controlo. Nunca atinge o seu máximo.

Os psicólogos têm feito alguma pesquisa nesta área e chegaram à conclusão, no que se refere a fator importante na infelicidade humana, que as pessoas comuns vivem somente dez por cento. Elas vivem dez por cento, elas respiram dez por cento, elas amam dez por cento, elas gozam dez por cento - noventa por cento da sua vida não é autorizada. Isto é um absoluto desperdício! Cada um devia viver a cem por cento da sua capacidade, só assim o florescimento é possível.

A meditação não é controlo, não é repressão. Se por qualquer motivo você tivesse a ideia errada e se estivesse a reprimir, então ficaria muito controlado - e ficaria frio. Então você ficará cada vez mais indiferente e desligado. Indiferente, despreocupado, desatento - e quase cometerá suicídio. Você estará vivo no mínimo. Pode dizer-se que você está vivo assim-assim. Você não estará a arder em ambas as extremidades, a sua chama estará muito esbatida. Haverá muito fumo, mas quase não haverá chama.

Acontece às pessoas que estão no caminho da meditação - católicos, budistas, jainistas -, elas tornam-se frias, porque o controlo surge com facilidade. A consciência é muito árdua. O controlo é muito fácil, porque o controlo só precisa de cultivar hábitos. Você cultiva hábitos e esses hábitos possuem-no e você não precisa de se preocupar. Então prossegue com os seus hábitos, eles tornam-se mecânicos e você vive de forma mecânica. Você pode parecer Buda, mas não o é. Será simplesmente uma estátua de pedra, morta.

Se a compaixão não surgiu em si, então a apatia surgirá. Apatia significa ausência de paixão; compaixão significa transformação de paixão. Vá e observe os monges católicos, os monges jainistas, os monges budistas, e verá figuras muito apáticas - cansativas, estúpidas, sem brilho, fechadas, receosas, continuamente ansiosas.

As pessoas controladas estão sempre nervosas, porque lá bem no fundo esconde-se um turbilhão. Se você não tem controlo, flui, vive, e não é nervoso. Não há qualquer hipótese de se sentir nervoso - o que tem de acontecer, acontece. Você não tem expectativas para o futuro, você não está a representar. Então por que é que está nervoso? Se você for ter com monges católicos, jainistas, budistas, verá que eles estão muito nervosos - nos seus mosteiros não estão muito nervosos, mas, se você os trouxer para o mundo exterior, verá que ficam muito, muito nervosos, porque a cada passo há urna tentação.

Um homem de meditação chega a um ponto em que não existe tentação. Tente entendê-lo. A tentação nunca vem do exterior; é desejo reprimido, energia reprimida, fúria reprimida, sexo reprimido, ganância reprimida, e isto cria tentação. A tentação vem de dentro de si, nada tem a ver com a mente, que se torna diabólica e se quer vingar. Para controlar essa mente, a pessoa deve manter-se fria e gelada para que nenhuma energia vital passe para os seus membros, para o seu corpo. Se a energia conseguir passar, essas repressões virão à superfície.

Por isso as pessoas aprenderam a ser frias, aprendem a tocar nos outros sem tocar, sem ver os outros e sem os ver. As pessoas vivem com frases feitas do tipo: “Olá, como estás?”. Ninguém quer dizer nada com isto, estas palavras servem simplesmente para evitar o verdadeiro encontro entre duas pessoas. As pessoas não olham nos olhos umas das outras, não dão as mãos, não tentam sentir a energia uns dos outros. Não permitem uns aos outros revelar-se. Com muito medo, de certa forma só administram. Frias e mortas. Num colete-de-forças.

Um homem de meditação aprendeu como estar pleno de energia, no seu máximo - ótimo. Ele vive no seu cume, ele faz a sua casa no cume. Certamente que é caloroso, mas não é febril, simplesmente mostra vida. Ele não é quente, é fresco, porque não é transportado por desejos. Ele é tão feliz que já não procura qualquer felicidade. Ele está tão à vontade, sente-se em casa, ele não vai a lado nenhum, ele não está a correr, ele não está a caçar… ele é muito fresco.

Em latim, há um ditado: *agere sequitur esse* - o fazer segue o ser; a ação segue o ser. É lindíssimo. Não tente modificar as suas ações - tente encontrar o seu ser e a ação seguir-se-á. A ação é secundária; o ser é primário. A ação é algo que você faz; ser é algo que você é. A ação provém de si, mas a ação é só um fragmento. Mesmo que todas as suas ações sejam agrupadas, elas não são iguais ao seu ser, porque todas as ações agrupadas são iguais ao seu passado. E o seu futuro? O seu ser contém o seu passado, o seu futuro, o seu presente; o seu ser contém a sua eternidade. As suas ações, ainda que todas reunidas, serão simplesmente o passado. O passado é limitado, o futuro é ilimitado. Aquilo que aconteceu é limitado; pode ser definido, já aconteceu. Aquilo que não aconteceu é ilimitado, infindável. O seu ser contém a eternidade, as suas ações contêm simplesmente o seu passado.

Por isso é possível que um homem que tenha sido até ao momento um pecador possa, no momento seguinte, tornar-se um santo. Nunca julgue um homem pelos seus atos, julgue um homem pelo seu ser. Pecadores tornaram-se santos e santos caíram e tornaram-se pecadores. Cada santo tem um passado e cada pecador tem um futuro.

Nunca julgue um homem pelas suas ações. Mas não há outra forma, se você não conhece o seu próprio ser - como pode conhecer o ser de outros? Logo

que conheça o seu ser, conhecerá a linguagem, conhecerá a pista para olhar o ser do outro. Você pode ver os outros na medida em que se pode ver a si próprio. Se você olhou para dentro de si várias vezes, torna-se capaz de ver os outros, cada vez melhor.

Se pela sua meditação você se está a tornar frio - acautele-se. Se a sua meditação está a torná-lo mais quente, mais carinhoso, mais fluente - ótimo, você está no caminho certo. Se está a ficar menos carinhoso, se a sua compaixão está a desaparecer e a apatia começa a instalar-se dentro de si - então quanto mais cedo mudar de direção melhor. De outro modo você tornar-se-á uma parede.

Não se torne uma parede. Mantenha-se vivo, palpitante, fluente, fluído, enternecido.

Claro que isto também constitui um problema. Por que é que as pessoas se tornaram paredes? Porque as paredes podem ser definidas. Elas dão-lhe um limite, uma forma e um contorno definitivos - ao que os Hindus chamam *nam roop*, nome e forma. Se você está enternecido e fluído, você não tem limites; você não sabe onde está nem onde termina e onde o outro começa. Você continua junto de outras pessoas de tal modo que todos os limites a, pouco e pouco se tornam irreais. E um dia desaparecem.

É assim que a realidade é. A realidade é ilimitada. Onde é que você pensa parar? Na sua pele? É comum pensarmos: “Claro, estamos dentro das nossas peles e as peles são as nossas paredes, o nosso limite.” Mas a sua pele não podia estar viva se o ar não a rodeasse. Se a sua pele não estivesse constantemente a respirar oxigénio que lhe é fornecido pelo meio, a sua pele não poderia estar viva. Retire-lhe a atmosfera e você morrerá de imediato. Mesmo que a sua pele não tenha sido arranhada, você morrerá. Portanto esse não pode ser o seu limite.

Existem duzentas milhas de atmosfera a rodear a Terra - é esse o seu limite? Esse também não pode ser o seu limite. O oxigénio e esta atmosfera e o calor e a vida não podem existir sem o Sol. Se o Sol deixar de existir e morrer... Um dia acontecerá. Os cientistas dizem que um dia o Sol irá esfriar e morrer. Então, subitamente, esta atmosfera deixará de ter vida. O Sol é então o seu limite? Mas agora os físicos dizem que o Sol está ligado a uma fonte central de energia que ainda não foi encontrada, mas que se suspeita existir - porque nada existe sem relação.

Então onde é que decidimos que fica o limite? Você não é uma maçã na árvore. Mas quando a come, ela passa a ser você. Assim está só à espera de ser você. É você potencialmente, é o seu eu futuro. Então você defecou e eliminou muito desperdício para fora do seu corpo. Há um momento atrás era você. Então onde ficamos? Eu estou a respirar - o ar dentro de mim sou eu, mas no momento anterior poderia ter sido o seu ar. Pode acontecer visto estarmos a respirar uma

atmosfera comum. Estamos todos a respirar uns sobre os outros; somos membros uns dos outros. Você respira em mim, eu respiro em si.

E não acontece só com o ar, acontece o mesmo com a vida. Já observou? Com algumas pessoas você sente-se muito vivo, elas são fervilhantes de energia. E algo acontece em si, uma resposta, e você começa a fervilhar. E há também pessoas... basta o seu rosto, e uma pessoa sente que vai cair! Só a sua presença é um veneno poderoso. Elas devem derramar alguma coisa de si que é venenosa. E quando você encontra uma pessoa e se sente radiante e feliz e, de repente, algo começa a palpitar no seu coração, e o seu coração começa a bater mais rápido, essa pessoa deve ter derramado algo em si.

Nós derramamos uns nos outros. Por isso, no Oriente, *satsang* tornou-se muito, muito importante. Estar com uma pessoa que conheceu, só estar na sua presença, é suficiente - porque ela está constantemente a derramar o seu ser em si. Você pode conhecê-la ou pode não a conhecer. Pode reconhecê-lo hoje ou pode não o reconhecer hoje, mas qualquer dia as sementes florescerão.

Nós derramamo-nos mutuamente. Não somos ilhas. Uma pessoa fria toma-se uma ilha e é um infortúnio, é um grande infortúnio, porque você podia tornar-se um vasto continente e decidiu escolher tornar-se uma ilha. Você decidiu permanecer pobre, quando poderia ter-se tornado tão rico como gostaria de ser.

Não seja uma parede e nunca tente reprimir-se, de outro modo *tornar-se-á* uma parede. As pessoas reprimidas têm máscaras, fachadas. Elas fingem ser outras pessoas. Uma pessoa reprimida transporta o mesmo mundo que você - só é necessária uma oportunidade, uma provocação, e imediatamente o verdadeiro eu surge. Por isso os monges desaparecem do mundo - porque há muitas provocações, muitas tentações. É difícil para eles continuarem contidos, seguros. Por esta razão é que eles partem para os Himalaias ou para cavernas, eles retiram-se do mundo para que, mesmo que surjam ideias, tentações, ou desejos, eles não possam satisfazê-los.

Mas este não é o modo de transformação.

As pessoas que se tornam frias são as pessoas que eram muito quentes. As pessoas que tomam votos para permanecer celibatários são as pessoas que eram extremamente sexuais. A mente vai de um extremo ao outro com muita facilidade. Tenho observado que muita gente está demasiado obcecada com a comida num dia e no outro está obcecada com o jejum. Isto tem de acontecer porque você não pode ficar num extremo demasiado tempo. Você está a fazer isso demasiadamente, rapidamente fica farto, cansado. Então não há outro caminho, você tem de se mover para o outro extremo.

As pessoas que se tornaram monges são muito mundanas. O mercado era demasiado, elas moveram-se demasiado pelo mercado, então o pêndulo deslocou-se para o outro extremo. As pessoas gananciosas renunciam ao

mundo. Esta renúncia não é de compreensão - é só ganância invertida. Primeiro elas acumulavam, acumulavam... agora, subitamente, elas veem o despropósito disso, a futilidade, e começam a livrar-se do que acumularam. Primeiro tinham medo de perder até um cêntimo, agora receiam conservar um único cêntimo, mas o medo permanece. Primeiro elas eram muito gananciosas acerca deste mundo, agora são gananciosas acerca do próximo mundo, mas a ganância continua a existir. Estas pessoas, um destes dias, estão destinadas a entrar num mosteiro - então tornam-se grandes celibatários, grandes renunciadores. Mas isso não muda a sua natureza.

Com a exceção da consciência, nada modifica uma pessoa, absolutamente nada. Assim, não se tente iludir. Aquilo que não aconteceu, não aconteceu. Compreenda-o, não procure fingir e não tente fazer os outros acreditar que aconteceu, porque ninguém irá perder essa ilusão a não ser você.

As pessoas que tentam controlar-se escolheram um caminho muito disparatado. O controlo nunca acontece, mas elas irão tornar-se frias. Essa é a única forma de um homem se controlar a si mesmo - ficando gelado para que a energia não saia. Pessoas que tomam votos de celibato não irão comer muito; de facto, elas irão deixar os seus corpos com fome: se mais energia for criada no corpo, então haverá mais energia sexual e não saberão o que fazer com ela. É por isso que os monges budistas só comem uma vez por dia - e mesmo assim, não o suficiente. Eles comem só o suficiente para que as necessidades físicas sejam supridas, as necessidades mínimas, assim não sobra nenhuma energia. Este tipo de celibato não é celibato. Quando você está a fluir de energia e a energia começa a transformar-se em amor, então o celibato, o *Brahmacharya*, que é belo, acontece.

> Uma velha e simpática senhora entrou numa loja e comprou uma embalagem de bolas de naftalina. No dia seguinte voltou para comprar mais cinco embalagens. E no terceiro dia comprou mais doze.
> "Deve ter muitas traças", disse-lhe o vendedor.
> "Sim', replicou a senhora, "e ando-lhes a atirar com estas coisas há três dias e até agora só acertei numa!"

Através do controlo você não conseguirá atingir nem uma! Esse não é o caminho. Você está a lutar com folhas, ramos, a cortá-los aqui e ali. Esse não é o caminho para destruir a árvore do desejo. À superfície só existem ramos - ciúme, raiva, inveja, ódio, luxúria. Eles estão apenas à superfície. Quanto mais profundamente você caminha, mais irá entender; eles provêm todos de uma só raiz e essa raiz é a inconsciência.

A meditação significa consciência. Ela corta até à raiz. Então toda a árvore desaparece por si própria. Então a paixão torna-se compaixão.

Ouvi falar de um grande Mestre Zen que envelhecera e, quase cego, com noventa e seis anos, já não era capaz de ensinar ou trabalhar no mosteiro. O

velho homem decidiu então que era tempo de morrer, porque já não era útil a ninguém, já não podia ajudar ninguém e deixou de comer.

Quando inquirido pelos monges por que recusava alimentar-se, ele respondia que tinha vivido para lá da sua utilidade e que agora era apenas um fardo para todos.

Eles disseram-lhe: "Se morreres agora" - era Janeiro - "quando está tanto frio, toda a gente se sentirá desconfortável no teu funeral e será um aborrecimento ainda maior. Por isso, come."

Isto só pode acontecer num mosteiro Zen, porque os discípulos amam o Mestre tão profundamente, o seu respeito é tão profundo, que não há qualquer necessidade de formalidades. Ouça o que eles disseram. Eles disseram: "Se morreres, e agora é Janeiro, vê, está tanto frio, todos ficarão desconfortáveis no funeral e serás um aborrecimento ainda maior. Por isso, come."

Então ele voltou a comer. Mas quando se sentiu mais quente, parou, e não muito tempo depois, calmamente, vacilou e morreu.

Tanta compaixão! Uma pessoa vive então pela compaixão; uma pessoa morre então pela compaixão. Uma pessoa está pronta a escolher o momento certo para que ninguém seja incomodado e ninguém precisa de ser um estorvo.

Contaram-me outra história acerca de um Mestre Zen que estava a morrer.

> Ele disse: "Onde estão os meus sapatos? Tragam-mos."
> Alguém perguntou: "Onde vais? Os médicos dizem que estás a morrer."
> Ele respondeu: "Vou até ao cemitério."
> "Mas porquê?"
> Ele respondeu: "Não quero causar transtornos a ninguém. De outro modo terão de me transportar nos vossos ombros."
> Ele foi até ao cemitério e aí morreu.

Extraordinária compaixão! Que tipo de homem é este, que não quer dar o mínimo trabalho a ninguém? E esta gente ajudou centenas de pessoas. Centenas eram-lhes gratos, centenas ficaram plenos de luz e amor devido a eles. No entanto, eles não queriam incomodar ninguém. Se fossem úteis, eles gostariam de viver e ajudar, se não forem úteis é tempo de desistir e partir.

Agora a história.

Havia na China uma mulher idosa que sustentara um monge durante cerca de vinte anos. Ela tinha construído uma cabana para ele, e alimentara-o enquanto ele meditava.

Foi um milagre que aconteceu no Oriente - o Ocidente é ainda incapaz de o entender. Durante séculos, no Oriente, se alguém estava a meditar, a sociedade

alimentava-o. O facto de meditar era suficiente. Ninguém pensaria que ele era um fardo para a sociedade. “Por que havemos de trabalhar para ele?” Só porque meditava era o suficiente, porque o Oriente compreendeu que mesmo que um só homem seja iluminação, a sua energia é partilhada por todos; e se um só homem floresce na meditação, a sua fragrância é partilhada por toda a sociedade. E o ganho é tal que o Oriente nunca disse: “Não te sentes aí a meditar. Quem te vai alimentar, quem te vai vestir e quem te vai abrigar?” Centenas e centenas - Buda tinha dez mil *sannyasins* que se deslocavam com ele, mas as pessoas ficavam felizes por os alimentar, por os abrigar, por os vestir, por cuidar deles, porque eles estavam a meditar.

Agora, no Ocidente, é muito, muito difícil pensar assim. Mesmo no Oriente está a tornar-se difícil. Na China os mosteiros estão fechados, as salas de meditação foram convertidas em hospitais e salas de aulas. Os Grandes Mestres desapareceram. Foram forçados a trabalhar nos campos ou nas fábricas. A ninguém é permitido meditar, porque um grande entendimento perdeu-se - a mente está completamente cheia de materialismo, como se a matéria fosse tudo o que existe.

Se um homem numa cidade se torna iluminado, toda a cidade é beneficiada. Não é uma sobrecarga sustentá-lo. Você irá adquirir um enorme tesouro de graça! As pessoas ficavam felizes por ajudar.

Durante vinte anos esta mulher ajudou o monge que estava a meditar, a meditar, a meditar, sem fazer nada. Ele estava sentado em Zazen. Ela construiu uma cabana para ele, ela cuidou dele, ela teve todos os cuidados. Um dia, quando já estava muito velha e a morrer, quis saber se a meditação tinha florescido ou não, ou se este homem estivera ali sentado, sentado, sentado. Vinte anos é muito tempo, a mulher envelhecera e ia morrer, e portanto quis saber se estivera a servir um verdadeiro homem de meditação ou só um aldrabão.

Um dia decidiu descobri...

A mulher deveria ela própria ter grande compreensão porque o exame, o teste que ela planeou, era pleno de compreensão.

Um dia decidiu descobrir que desenvolvimento ele fizera durante todos esses anos.

Se a meditação está em progresso, então o único critério do seu progresso é o amor, o único critério do seu progresso é a compaixão.

Pediu auxílio a uma jovem muito sedutora e disse-lhe: “Vai e abraça-o, e então pergunta-lhe subitamente: ‘E agora?’”

Eram três as possibilidades. A primeira: se durante vinte anos ele não tocara numa bela mulher, a primeira possibilidade era que ele se sentiria

tentado, seria uma vítima, esqueceria toda a sua meditação e faria amor com esta jovem. A outra possibilidade era que ele se manteria frio, controlado e não mostraria qualquer compaixão face à rapariga. Ele simplesmente controlar-se-ia, endureceria, para não ser tentado. E a terceira possibilidade era que, se a meditação tivesse dado frutos, ele estaria cheio de amor, compreensão, compaixão e tentaria compreender a rapariga e tentaria ajudá-la. Ela era só um teste para estas três possibilidades.

Se fosse a primeira possibilidade, então toda a meditação teria sido um desperdício. Se fosse a segunda possibilidade, ele teria satisfeito o critério comum, tornara-se um monge, mas não satisfizera o requisito de se tornar um homem de meditação. Se o segundo fosse cumprido demonstraria simplesmente que ele era um comportamentalista, que ele criara um hábito, controlado pelo seu comportamento.

Já deve ter ouvido falar de Pavlov, o comportamentalista russo. Ele disse não existir nenhuma consciência no homem, nos animais, em lado nenhum - tudo funciona por mecanismos mentais. Você pode tentar os mecanismos mentais e então eles passam a funcionar desse modo - é tudo uma questão de condicionalismo. As funções mentais são um reflexo condicionado. Se colocar comida junto do seu cão, ele vem imediatamente a correr, com a língua de fora, a salivar. Ele começa a salivar. Pavlov experimentou. Sempre que dava de comer ao cão tocava uma campainha. A pouco e pouco, a campainha e a comida ficaram associadas. Um dia, ele simplesmente tocou a campainha e o cão veio a correr, de língua de fora, a salivar.

Ora isto é absurdo, nenhum cão é conhecido por reagir ao toque de uma campainha deste modo. A campainha não é comida. Mas agora a associação condicionara a sua mente. Pavlov referia que o homem podia ser modificado do mesmo modo. Sempre que o sexo desperta em si, puna-se. Faça um jejum de sete dias, castigue o seu corpo, esteja ao frio toda a noite, bata em si próprio e, a pouco e pouco, o corpo aprenderá o estratagema. Sempre que o sexo desperta, ele reprime-o automaticamente devido ao medo do castigo. Recompensa e castigo - este é o meio de condicionar a sua mente de acordo com Pavlov.

Este monge deve ter feito isso - muitos fazem isso. Quase noventa e nove por cento das pessoas nos mosteiros fazem-no, condicionam as suas mentes e os seus corpos. Mas a consciência não tem nada a ver com isso. A consciência não é um novo hábito; a consciência é viver a vida com consciência, sem estar confinado a um hábito, sem estar possuído por um mecanismo - está para lá do mecanismo.

E disse-lhe: "Vai e abraça-o, e então pergunta-lhe subitamente: 'E agora?'"

O *subitamente* é a chave de tudo. Se você der algum tempo, então a mente pode começar a trabalhar saindo do modo condicionado para o qual foi preparada. Por isso não lhe dê tempo: vá lá a meio da noite quando ele está só, a meditar. Vá à cabana - ele deve viver fora da cidade, sozinho -, entre dentro da cabana e comece a acariciá-lo, a abraçá-lo, beije-o. E então, imediatamente, pergunte-lhe: "E agora?" Observe a sua reação, o que se passa com ele, o que ele diz, que cores lhe passam pelo rosto, o que os seus olhos indicam, como ele reage e lhe responde.

A rapariga aproximou-se do monge e começou imediatamente a acariciá-lo e a perguntar-lhe o que é que ele queria fazer.

"Uma velha árvore cresce numa rocha no Inverno", disse-lhe o monge algo poeticamente, "não existe aí nenhum calor."

Ele condicionou o seu cão; ele condicionou o seu corpo-mente. Vinte anos é tempo suficiente para condicionar. Mesmo este ataque súbito não poderia quebrar o seu padrão habitual. Ele permaneceu controlado. Ele deveria ser um homem de enorme autocontrolo. Ele permaneceu frio, sem ao menos um tremeluzir de energia, e respondeu: "*Uma velha árvore cresce numa rocha no Inverno.*" Ele estava frio e controlado - ele estava tão controlado e permanecia tão frio que mesmo numa situação tão perigosa, provocante e sedutora, ele conseguia usar uma forma poética como resposta. O condicionalismo deve ter chegado muito fundo, até à raiz.

"Uma velha árvore cresce numa rocha no Inverno': disse-lhe o monge algo poeticamente, "não existe ai nenhum calor."

Isto foi tudo o que ele disse.

A jovem voltou e relatou o que o monge dissera à mulher.

"E pensar que eu alimentei aquele homem durante vinte anos!", exclamou a velha mulher em fúria.

A sua meditação não florescera. Ele tornara-se frio e morto, quase um cadáver; ele não se tornara iluminado ou buda.

"Ele não mostrou qualquer consideração pela tua necessidade..."

Um homem de compaixão pensa sempre no outro, na sua necessidade. Ele permaneceu friamente autocentrado. Ele disse simplesmente algo acerca de si próprio - "Uma velha árvore cresce numa rocha no Inverno, não existe aí nenhum calor." Ele não empregou uma única palavra acerca da mulher. Ele nem perguntou: "Por que vieste? Porquê? De que precisas? E por que me escolheste

a mim entre tanta gente? Senta-te." Ele deveria tê-la ouvido. Ela deveria ter uma grande necessidade. Ninguém vem a meio da noite ter com um monge que está sentado em meditação há vinte anos. Por que é que ela veio? Ele não lhe prestou qualquer atenção.

O amor pensa sempre no outro; o ego só pensa em si próprio. O amor é sempre atencioso; o ego é absolutamente irrefletido. O ego tem sempre uma linguagem e essa é a do ser. O ego usa sempre o outro; o amor está disposto a ser usado, o amor está pronto a servir.

"Ele não mostrou qualquer consideração pela tua necessidade, nem disposição para explicar a tua condição."

Quando você vai ter com um homem de compaixão, ele olha para si, ele olha profundamente o seu coração. Ele procura descobrir qual é o seu problema, por que é que você se encontra nessa situação, por que é que você está a fazer o que faz. Ele esquece-se de si mesmo. Ele simplesmente foca a pessoa que veio ter com ele - a necessidade dessa pessoa, o problema, a ansiedade, é consideração. Ele procura ajudar. O que quer que ele possa fazer, ele fará.

"Ele não precisava de ter respondido à paixão..."

Isto é verdade. Um homem de compaixão não pode responder de forma apaixonada. Ele não é frio, mas é fresco. Ele pode dar-lhe o seu calor, alimentá-lo calorosamente, mas não lhe pode dar febre. Ele não tem nenhuma. Lembre-se da diferença entre um corpo febril e um corpo quente. O corpo febril não é saudável, o corpo quente é simplesmente saudável. Na paixão, as pessoas tornam-se febris. Já se observou a si próprio em paixão profunda? Você fica quase maníaco, louco, selvagem, faz qualquer coisa e não sabe porquê - e sob uma grande febre, com todo o corpo trémulo, num ciclone sem centro.

Um homem quente é simplesmente saudável. Tal como a mãe leva o seu filho ao peito e a criança sente o calor - rodeado pelo calor, alimentado por ele, acolhido por ele. Quando você entra na aura de um homem de compaixão, você entra num calor quase maternal, num campo de energia muito nutritiva. De facto, se você se dirige a um homem de compaixão, a sua paixão simplesmente desaparece. A sua compaixão será tão poderosa, o seu calor será tão grande, o seu amor irá derramar-se de tal forma sobre si que você se sentirá fresco, você ficará centrado.

"Ele não precisava de ter respondido à paixão, mas ao menos deveria ter sentido alguma compaixão."

"Ela dirigiu-se imediatamente à cabana do monge e pegou-lhe fogo."

Foi um gesto simbólico pelos vinte anos que ele estivera ali a meditar - durante os quais ela esperara que ele tivesse progredido - tinha sido um desperdício.

Não é suficiente ser superficialmente um monge, ser um monge reprimido e frio - frieza é indício de repressão, uma repressão profunda.

Isso é o que eu lhe tenho vindo a dizer: se você caminha na meditação, a compaixão e o amor aparecerão automaticamente, por si próprias. Eles seguem a meditação como sombras. Assim, você não precisa de se preocupar com nenhuma síntese - a síntese virá. Virá por si, você não tem de a trazer. Você escolhe uma via. Ou você segue a via do amor, devoção, dança, dissolver-se completamente no seu amor pelo Divino. Essa via é a da dissolução, nenhuma consciência é necessária. Você precisa de se embriagar, embriagar-se completamente em Deus, você precisa de se tornar bêbado. Ou se escolhe a via da meditação. Aí você não precisa de se dissolver em nada. Precisa de se cristalizar, precisa de se tornar muito integrado, alerta, desperto.

Siga o caminho do amor e um dia, subitamente, verá que a meditação floresceu em si - centenas de lótus brancos. E você nada fez por eles, estava a fazer outra coisa e eles floresceram. Quando o amor e a devoção atingem um clímax, floresce a meditação. E o mesmo acontece na via da meditação. Esqueça tudo sobre amor e devoção. Fique simplesmente consciente, sente-se silenciosamente, goze o seu ser - é tudo. Esteja consigo, é tudo. Aprenda a estar só - é tudo. E lembre-se: uma pessoa que sabe estar só nunca está isolada. Só as pessoas que não sabem estar sós é que se sentem isoladas.

Na via da meditação, a solidão é procurada, desejada, esperada, implorada. Esteja só. De tal modo que nem a sua própria consciência se aperceba de uma réstia que seja do outro. Na via do amor, dissolva-se de tal forma que só o outro se torna real e você torna-se uma sombra e, a pouco e pouco, desaparece completamente. Na via do amor, Deus permanece, você desaparece; na via da meditação, Deus desaparece, você aparece. Mas o resultado final é o mesmo. Uma grande síntese acontece.

Nunca tente sintetizar estas duas vias no início. Elas encontram-se no final, elas encontram-se no cume, elas encontram-se no templo.

> Um dos discípulos do Rabi Moshe era muito pobre. Ele queixou-se a Zaddik que estas desgraçadas circunstâncias eram um obstáculo à aprendizagem e à oração.
> "Neste dia e idade", disse o Rabi Moshe, "a maior devoção, maior que aprender e orar, consiste em aceitar o mundo exatamente como ele é."

A pessoa que está a aprofundar-se na meditação, ou a percorrer a via do amor, será auxiliada se aceitar o mundo como ele é. As pessoas mundanas nunca aceitam o mundo como ele é - elas estão sempre a tentar modificá-lo. Estão sempre a tentar fazer dele outra coisa, estão sempre a tentar arranjar as

coisas de forma diferente, estão sempre a tentar fazer algo exterior. A pessoa religiosa aceita o que quer que esteja no exterior, tal como ele é. Ele não fica perturbado, ele não se distrai com o exterior. Todo o seu trabalho consiste em mover-se internamente. Uns deslocam-se pelo amor, outros deslocam-se pela meditação, mas ambos se movem internamente. O mundo religioso é o mundo interior. E o interior é o que está além.

Em latim, *pecado* tem dois significados: um é "falhar o alvo" e o outro, que é ainda mais belo, significa "fora de". Pecado significa estar fora de, estar fora de si mesmo. Virtude significa estar por dentro - dentro de si mesmo.

> Pouco depois da morte do Rabi Moshe, o Rabi Mendel de Kotyk perguntou a um dos seus discípulos: "O que foi mais importante para o vosso mestre?"
> O discípulo pensou e então replicou: "O que quer que ele estivesse a fazer no momento."

O momento é o aspeto mais importante.

Epílogo

Abarcar o Paradoxo

É belo estar só, é igualmente belo amar, estar com pessoas. E isto é complementar, não contraditório. Quando aprecia os outros, aprecie-os, e aprecie-os ao máximo; não há qualquer necessidade de se preocupar com a solidão. E quando você estiver cansado de estar com os outros, então procure a solidão e aprecie-a ao máximo.

Não procure escolher - se procurar escolher, então terá dificuldades. Cada escolha irá criar uma divisão em si, um pouco como se você se dividisse. Porquê escolher? Porquê ter um, quando pode ter ambos?

Todo o meu ensino consiste em duas palavras: “meditação” e “amor.” Medite para que possa sentir um imenso silêncio, e ame para que a sua vida se possa tornar música, dança, uma celebração. Você tem de se mover entre as duas e se puder mover-se facilmente, se conseguir mover-se sem esforço, aprendeu a maior lição da vida.

Um dos maiores problemas com que a humanidade se tem debatido ao longo dos tempos é o seguinte: meditação e amor, solidão e relações, sexo e silêncio. Mas só os nomes são diferentes; o problema é sempre único. E, através dos tempos, o homem sofreu muito porque o problema não foi corretamente entendido - as pessoas fizeram escolhas.

Aqueles que escolheram as relações designam-se por mundanos e os que escolheram a solidão são os monges, os que transcendem. Mas ambos sofrem, porque ficam a meio e ficar pela metade é ser infeliz. Ser uno é ser saudável, feliz; ser uno é ser perfeito. Permanecer a meio significa infelicidade, porque a outra metade vai sabotando, a outra metade vai-se preparando para a vingança. A outra metade nunca poderá ser destruída. Porque é a sua outra metade! É uma parte essencial de si; não é nada de que você se possa ver livre.

É como se uma montanha fizesse uma escolha, dizendo: “Eu não terei vales à minha volta.” Ora, sem vales não há montanhas. Os vales são parte do ser da montanha; a montanha não pode existir sem vales; eles são complementares entre si. Se a montanha escolhe não ter vales, não existirá mais montanha. Se o vale escolhe não ter montanha, não haverá vales, igualmente. Ou então você torna-se um simulador - a montanha finge que não há vales. Mas o vale está lá - você pode esconder o vale, você pode afogá-lo no seu inconsciente, mas ele permanece, ele persiste, ele existe, não há forma de o destruir. De facto, montanha/vale são uma só coisa, e assim são o amor e a meditação, são assim a relação e a solidão. A montanha da solidão só se ergue nos vales das relações.

De facto, você só pode apreciar a solidão se souber apreciar as relações. É a relação que cria a necessidade de solidão, é um ritmo. Quando aprofundou uma relação com alguém, surge urna grande necessidade de estar só. Começa a sentir-se gasto, exausto, cansado - alegremente cansado, felizmente cansado, mas cada excitação é cansativa. Foi muitíssimo belo relacionar-se, mas agora você gostaria de caminhar para a solidão, para que possa, uma vez mais, tornar-se transbordante, para que de novo se enraíze no seu próprio ser.

No amor você desloca-se para o ser do outro, você perde contato consigo mesmo. Afoga-se, embriaga-se. Agora você precisa de se encontrar novamente. Mas quando está só, está a criar de novo uma necessidade de amor. Rapidamente ficará tão pleno que gostará de partilhar, ficará tão transbordante que gostará de ter alguém sobre quem se derramar, a quem se dar.

O amor surge da solidão. A solidão torna-o pleno, o amor recebe as suas dádivas. O amor esvazia-o para que você se possa encher de novo. Sempre que você se esvazia por amor, a solidão está lá para o alimentar, para o integrar. E isto é o ritmo.

Pensar nestas duas coisas como estando separadas tem sido a maior estupidez que o homem fez. Algumas pessoas tornam-se mundanas - elas gastam-se, ficam simplesmente exaustas, vazias. Não têm espaço para si mesmas. Não sabem quem são e nunca tropeçam em si próprias. Elas vivem com os outros, elas vivem pelos outros. Elas são parte da multidão; não são indivíduos. E lembre-se: a sua vida de amor não será de realização - será meia, e nenhum meio poderá ser alguma vez uma realização. Só o todo é satisfeito.

E então há os monges que escolheram a outra metade. Eles vivem em mosteiros. A palavra *monge* significa o que vive só; a palavra *monge* tem a mesma raiz que as palavras *monogamia, monotonia, mosteiro, monopólio*. Significa: um, só.

O monge é um que escolheu estar só - mas rapidamente ele estará transbordante, maduro, e nada sabe de como derramar sobre si mesmo.

Onde se poderá derramar? Ele não pode permitir o amor, ele não pode permitir relações; ele não pode ir e conhecer e misturar-se com as pessoas. Agora a sua energia começa a ficar fermentada. Qualquer energia que deixa de fluir torna-se amarga. Mesmo o néctar, parado, torna-se venenoso - e vice-versa; mesmo o veneno fluindo, torna-se néctar.

Fluir é saber o que é o néctar e, deixá-lo estagnar é saber o que é o veneno. Veneno e néctar não são duas coisas, mas dois estádios da mesma energia. Fluindo é néctar; gelado é veneno. Não havendo escoamento, onde quer que haja energia, ela fermenta. Ela torna-se amarga, torna-se triste, torna-se feia. Em vez de lhe dar integridade e saúde, fá-lo doente. Todos os monges são doentes; todos os monges estão destinados a ser patológicos.

As pessoas mundanas são vazias, cansativas, exaustivas, arrastam-se de qualquer modo em nome do dever, em nome da família, em nome da nação - tudo vacas sagradas -, são de algum modo arrastadas até à morte, só esperando que a morte chegue e as recolha. Elas só conhecerão o repouso nos túmulos. Não conhecerão o descanso em vida - e uma vida que não conhece descanso não é, realmente, vida. É como música que não tem silêncio nela - então é só barulho, nauseante; fá-lo doente.

A grande música é uma síntese entre o som e o silêncio. E quanto maior for a síntese, mais profunda será a música. O som cria silêncio e o silêncio cria recetividade ao som, e assim sucessivamente. O som cria mais amor pela música, mais capacidade para se tornar silêncio. Ouça boa música e sentir-se-á sempre orante, uno. Algo integrá-lo-á. Você tornar-se-á centrado, enraizado. A terra e o céu encontrar-se-ão, já não estarão separados. O corpo e a alma encontrar-se-ão e fundir-se-ão, perdendo as suas definições.

E esse é o grande momento, o momento da união mística.

É uma batalha antiga, e louca, completamente louca, portanto acautele-se: não crie qualquer batalha entre o sexo e o silêncio. Se criar uma batalha, o seu sexo será feio, doentio, e o seu silêncio será cansativo e morto. Deixe o sexo e o silêncio encontrarem-se e fundirem-se. De facto, os maiores momentos de silêncio são aqueles que são seguidos de amor, grande amor, cumes de amor. E os cumes do amor são sempre seguidos por grandes momentos de silêncio e solidão. A meditação leva ao amor, o amor leva à meditação. Eles são parceiros. É impossível dividi-los. Não é uma questão de criar uma síntese - é impossível separá-los. É uma questão de os entender, ver que eles são indivisíveis. A síntese já lá se encontra, já está lá. Eles são unos! Dois aspetos da mesma moeda. Você não precisa de os sintetizar, eles nunca existiram separadamente. E o homem tentou, e tentou muito, mas falhou sempre.

A religiosidade ainda não se tornou global na Terra; a religiosidade não se tornou ainda uma força vital, uma maré no mundo. E qual a razão? Esta divisão. Ou você tem de ser mundano ou você tem de se transcender, escolha! E no momento em que você escolhe, você perde algo. Qualquer que seja a sua escolha, você será sempre derrotado.

Eu digo, não escolha. Eu digo, viva ambos na sua totalidade. É claro que precisa de arte para viver ambos. É mais simples escolher e permanecer ligado a um só. Qualquer idiota o consegue fazer - de facto, só os idiotas o fazem. Alguns idiotas escolheram ser mundanos e outros idiotas escolheram a transcendência. O homem inteligente gostará de ambos. E *Sannyas* versa sobre isto. Você pode ter o bolo e pode comê-lo - a isso chama-se inteligência.

Seja perspicaz, consciente, inteligente. Veja o ritmo e mova-se com o ritmo, sem qualquer escolha. Mantenha-se conscientemente sem escolha. Veja ambos os extremos. Superficialmente parecem opostos, contraditórios, mas não são.

Bem no fundo existe uma complementaridade. É o mesmo pêndulo que vai da esquerda para a direita. Não o tente fixar à esquerda ou à direita; se o fixar, destruirá todo o relógio. E isso é o que tem sido feito até agora.

Aceite a vida em todas as suas dimensões.

E eu entendo o problema; o problema é simples, bem conhecido. O problema é que quando você começa a relacionar-se, você não sabe como ficar só - isso simplesmente demonstra pouca inteligência. Não é a relação que está mal, demonstra que você ainda não é suficientemente inteligente, que a relação o preenche demasiado e que não consegue encontrar espaço para estar só e, portanto, sente-se exausto e cansado. Então um dia você decide que a relação é má, não tem sentido: “Eu quero ser um monge. Irei para uma caverna nos Himalaias e viverei sozinho aí.” E sonhará grandes sonhos de solidão. Que belo que vai ser - ninguém invade a sua liberdade, ninguém tenta manipulá-lo; você não tem de pensar no outro.

Jean-Paul Sartre afirmou: “O outro é o inferno.” Isto simplesmente demonstra que ele não foi capaz de compreender a complementaridade do amor e da meditação. “O outro é o inferno” - sim, o outro torna-se o inferno se você não souber, por vezes, estar só. Entre todo o tipo de relações, o outro torna-se o inferno. É entediante, fatigante, exaustivo, cansativo. O outro perde toda a beleza, porque se tornou conhecido. Você está bem familiarizado; agora já não há nenhuma surpresa. Você já conhece perfeitamente o território; já viajou pelo território durante tanto tempo que já não há surpresas. Você está simplesmente farto de tudo.

Mas você foi-se apegando e o outro foi ficando apegado a si. O outro também está infeliz, porque você é o inferno dele ou dela, tal como ele ou ela é o seu inferno. Ambos estão a criar um inferno e ambos estão a fixar-se um ao outro, com medo de perder porque… qualquer coisa é melhor que nada. Ao menos está lá alguma coisa a que se agarrar, e pode-se sempre esperar que amanhã as coisas melhorem. Hoje elas - não estão boas, mas amanhã as coisas hão-de ficar melhores. Pode-se ainda ter esperança e vai-se tendo esperança. Vive-se em desespero e continua-se com esperança.

E mais cedo ou mais tarde começa a sentir que se sente melhor sozinho. Mas se ficar sozinho, durante uns dias será excecional, tal como será ótimo para o outro - mas durante alguns dias. Tal como há uma lua-de-mel numa relação, há uma lua-de-mel também na meditação. Durante alguns dias você vai sentir-se tão livre, só para ser você mesmo, sem ninguém a fazer-lhe exigências, sem ninguém a esperar nada de si. Se quiser levantar-se de manhã cedo, pode fazê-lo; se não se quer levantar de manhã cedo, pode deixar-se ficar a dormir. Se quer fazer alguma coisa, ótimo; se não quer fazer, não existe ninguém a forçá-lo. Durante uns dias vai sentir-se imensamente feliz - mas só durante alguns dias. Pois vai cansar-se rapidamente. Você vai transbordar e ninguém vai poder receber o seu amor. Você vai ficar maduro e a energia precisa de ser partilhada.

Você vai tornar-se pesado, vai queimar-se na sua própria energia. Você quererá que alguém acolha a sua energia, receba a sua energia. Você não desejará queimar-se. Agora a solidão deixará de ser solidão e parecerá isolamento. Haverá uma mudança - a lua-de-mel acabou. A solidão irá transformar-se em isolamento. Você terá um grande desejo de encontrar o outro. O outro começará a surgir nos seus sonhos.

Vá e pergunte aos monges com o que é que eles sonham; eles só sonham com mulheres; eles não podem sonhar com outra coisa. Eles sonham com alguém que não os possa queimar. Pergunte às freiras; elas sonham unicamente com homens. E isso pode-se tornar patológico. Você tem de estar consciente da história do Cristianismo. Freiras e monges começaram a sonhar mesmo de olhos abertos. O sonho tornou-se uma realidade tão substancial que não precisavam de esperar pela noite. Mesmo de dia, a freira estava sentada e via o Diabo aproximar-se, e o Diabo tentava fazer amor com ela. Você ficará surpreendido, mas aconteceu muitas vezes na Idade Média, houve freiras que foram queimadas na fogueira porque confessaram que haviam feito amor com o Diabo. Elas mesmas confessavam, e não só tinham feito amor com o Diabo como haviam mesmo ficado grávidas do Diabo - uma falsa gravidez, só ar quente na barriga, mas as suas barrigas começavam a crescer, a crescer. Uma gravidez psicológica. E descreviam o Diabo com muitos pormenores - esse Diabo era a sua própria criação. E o Diabo seguia-as dia e noite... E o mesmo se passava com os monges.

Esta escolha de estar só criou uma humanidade muito doente. E as pessoas que vivem no mundo não estão felizes, e os monges não estão felizes - ninguém parece estar feliz. Todas as pessoas parecem viver numa infelicidade permanente, e você pode escolher - de uma infelicidade para outra, você pode escolher esta infelicidade mundana ou aquela infelicidade mundana, mas é tudo infelicidade. Durante alguns dias, você sentir-se-á bem.

Eu estou a trazer-lhe uma nova mensagem. A mensagem já não é sobre escolha - mantenha-se conscientemente sem escolhas na sua vida, e torne-se inteligente em vez de modificar as circunstâncias. Mude a sua psicologia, torne-se mais inteligente. É necessária mais inteligência para ser bem-aventurado! E então conseguirá associar solidão a relação.

Chame a atenção da sua mulher ou do seu marido para o seu ritmo. As pessoas devem ser ensinadas que ninguém ama vinte e quatro horas por dia; são necessários períodos de descanso. E ninguém pode amar sob ordens. O amor é um fenómeno espontâneo; sempre que acontece, acontece, e sempre que não acontece, não acontece. Nada pode ser feito acerca disso. Se você fizer algo, criará um pseudo fenómeno, uma representação.

Os verdadeiros amantes, os amantes inteligentes, alertar-se-ão mutuamente para o fenómeno: “Quando eu digo que quero estar só, isso não significa que te estou a rejeitar. De facto, é por causa do teu amor que me é

possível estar só." E se a sua mulher quer estar só por uma noite, por alguns dias, você não se sentirá ferido. Você não dirá que foi rejeitado, que o seu amor não foi recebido e acolhido. Você respeitará a decisão dela de estar só por alguns dias. De facto, você estará feliz! O seu amor era tanto que ela se sente vazia; agora ela precisa de descansar para ficar plena novamente.

Isto é inteligente.

Geralmente você pensa que foi rejeitado. Você dirige-se à sua mulher e se ela não estiver disposta a estar consigo, ou não estiver muito carinhosa consigo, você sente uma grande rejeição. O seu ego está magoado. Este ego não é muito inteligente - todos os egos são idiotas. A inteligência não conhece ego; a inteligência simplesmente vê o fenómeno, tenta entender por que é que a mulher não quer estar consigo. Não que ela esteja a rejeitá-lo - você sabe que ela o amou muito, ela ama-o muito, mas naquele momento ela quer ficar só. E se você a ama, deixá-la-á só; não a torturará, não a forçará a fazer amor consigo. E se o homem quer ficar só, a mulher não pensará: "Ele já não está interessado em mim, talvez esteja interessado noutra mulher." Uma mulher inteligente deixará o homem sozinho para que ele possa recompor o seu ser, para que ele tenha energia para partilhar de novo. E este ritmo é como o dia e a noite, Verão e Inverno; vai sempre mudando.

Se duas pessoas de facto se respeitam - e o amor é sempre respeitoso, venera o outro; é um estado de grande veneração, devoto -, então lentamente, muito lentamente vocês começarão a entender-se melhor e cada vez melhor e você terá consciência do ritmo do outro e do seu próprio ritmo. E rapidamente descobrirá que para lá do amor, para lá do respeito, os vossos ritmos se aproximam cada vez mais. Quando você se sente acarinhado, ela sente-se acarinhada e isto estabiliza-os. Isto estabiliza-os, é sincronicidade.

Alguma vez viu isto? Se passar por dois verdadeiros amantes, verá muitas coisas similares neles. Os verdadeiros amantes são como irmãos. Você ficará surpreendido - mesmo os irmãos não são tão parecidos. As suas expressões, a sua forma de andar, o seu modo de falar, os seus gestos - dois amantes tornam-se parecidos e no entanto são tão diferentes. Começa a acontecer naturalmente. Só por estarem juntos, lentamente, muito lentamente eles ficam sintonizados um com o outro. Os verdadeiros amantes não precisam de dizer nada ao outro - o outro compreende imediatamente, compreende intuitivamente.

Se a mulher está triste, ela pode não o dizer, mas o homem entende e deixa-a só. Se o homem está triste, a mulher entende e deixa-o só - encontra alguma desculpa para o deixar só. As pessoas estúpidas fazem precisamente o contrário. Nunca deixam o outro ficar só - estão constantemente com o outro, cansando-se e aborrecendo-se mutuamente, nunca deixando espaço para o outro estar.

O amor dá liberdade e o amor ajuda o outro a ser ele ou ela mesma. O amor é um fenómeno muito paradoxal. De certo modo, faz de vós uma alma em dois corpos; por outro lado dá-lhe a sua individualidade, a sua unicidade. Ajuda-o a perder os seus pequenos eus, mas simultaneamente ajuda-o a ligar-se ao seu eu supremo. Então não há nenhum problema: o amor e a meditação são duas asas e ambas se equilibram. E entre ambas você cresce, entre ambas você torna-se íntegro.

Digitalizado e Adaptado por Reptiliano Grey

Site Reptiliano Grey